A vida que a gente quer depende do que a gente faz

Propostas de sustentabilidade para o planeta

Da série Leituras do Brasil

A vida que a gente quer
depende do que a gente faz

INSTITUTO ECOFUTURO

Presidente
Daniel Feffer

Superintendente
Marcela de Macedo Porto Mello

Educação E Cultura
Christine Castilho Fontelles
Palmira Petrocelli Nascimento
Daniele Juaçaba
Vanessa de Jesus Espindola
Mariana Limeira

Meio Ambiente
Paulo Groke
Guilherme Rocha Dias
Camila Pessin Bonassio
Julia de Lima Krahenbuhl
Michele Cristina Martins
Alexandre Oliveira da Silva
Cléia Marcia Ribeiro de Araújo
Marcos José Rodrigues do Prado
Roberto Francisco Ventura Lau
David de Almeida Santos
Fernando de Faria
Marcelo Lemes de Siqueira
Marcelo Rogério de Santana
Maurício Rodrigues Prado
Ricardo Silva de Souza

Desenvolvimento Institucional
Rachel Barbosa Carneiro de Sousa

Conselho Diretor
Daniel Feffer
David Feffer
Jorge Feffer
Antonio dos Santos Maciel Neto
Murilo César Lemos dos Santos Passos
Jacques Marcovitch
Claudio Thomaz Lobo Sonder

A vida que a gente quer depende do que a gente faz

(É para a frente que se anda)

Estamos realizando mais um sonho:

a publicação do livro *A vida que a gente quer depende do que a gente faz*, com artigos escritos por pesquisadores e literatos brasileiros que apontam **caminhos da sustentabilidade**, para que cada um de nós possa conquistar *O melhor lugar do mundo* — tema da sexta edição do Concurso de Redação Ler é Preciso, que agora lançamos para estudantes e professores de todo o País.

Os Concursos de Redação Ler É Preciso têm como objetivo incentivar a leitura, a reflexão e a manifestação pela escrita, convidando a **olhar para a realidade presente e focalizar o futuro**. Essa atividade é uma evidente contribuição para o importante Projeto Todos pela Educação, que pode dar foco e ênfase aos maravilhosos esforços que tantos brasileiros estão fazendo pela melhoria da educação e pela consecução do desenvolvimento de que necessitamos.

Considero emblemático citar a abrangência desta iniciativa, embalada por uma estética editorial ao mesmo tempo arrojada e artesanal: foram impressos **30 mil exemplares**, o que supera, em muito, a média das edições regulares nacionais, e o conteúdo pode ser integralmente acessado no site do Ecofuturo (www.ecofuturo.org.br).

O título destaca a responsabilidade de cada um de nós em fazer deste País e **deste planeta um lugar onde as pessoas possam ter acesso à educação de qualidade e vivam com dignidade.**

A contribuição de cada um é decisiva para que o Brasil vença o círculo vicioso **que atravessa há séculos e se torne uma nação forte e solidária, que possa propiciar melhores condições de emprego, renda e vida para todos os seus habitantes, indiscriminadamente.**

Acreditamos fortemente que a leitura dos fatos, artigos, contos e poemas transcritos nestas páginas tenha o poder de proporcionar compreensão da realidade e dos melhores caminhos para melhores momentos, além de transformar os leitores em donos ou protagonistas dos próprios destinos. Este material pode servir de suporte para a estruturação das redações.

Espero que aproveitem e curtam este livro de textos e reflexões de brasileiros que revelam cuidados e soluções para trilharmos todos — governo, empresas e cidadãos — o caminho para o desenvolvimento sustentável do Brasil e a conquista das oito Metas do Milênio.

Daniel Feffer

Presidente do Instituto Ecofuturo

© 2007 Instituto ECOFUTURO.
Todos os direitos reservados.

Concepção e Realização
Instituto Ecofuturo

Concepção e Coordenação Editorial
Maria Betânia Ferreira e Dora Carrasse / Pingo é Letra
Wanderlei Falkenberg (colaboração)

Produção Editorial
Heloisa C. M. Vasconcellos / Tino Editorial

Direção de Arte e Arte-final
Andréa Vilela de Almeida / Pimenta Design

Revisão
Beatriz de Freitas Moreira

Ícones
Maíra G. Stephan

Ilustrações
Este livro é ilustrado por crianças atendidas pelo Centro Educacional Gracinha e Projeto Anchieta, instituições voltadas para arte-educação, a partir de reflexões sobre as metas do milênio. Créditos no final do livro.

Agradecemos a Márcia Dias pela contribuição na concepção deste projeto e à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil pela seleção e indicação dos livros de literatura aqui recomendados.

Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores, ficando o Instituto Ecofuturo isento de qualquer responsabilidade.

É verdade que a sociedade de hoje é resultado de tudo que fizemos no passado. Mas é verdade também que a sociedade de amanhã já começou a existir, **todo dia um pouquinho mais**, **a cada nascer de sol**.

Temos aprendido com a própria ciência que **tudo no universo coexiste no presente**, **inclusive passado e futuro**.

Por esse motivo, o Instituto Ecofuturo **promove a educação ambiental e trabalha com uma proposta para o presente**. Seus projetos expressam o compromisso de semear hoje o futuro que sonhamos. Os **Concursos de Redação Ler é Preciso**, as **Bibliotecas Comunitárias**, o **Parque das Neblinas** e o projeto **Movimento de Catadores de Material Reciclável** surgiram desse compromisso, incentivando a concretização de ações de cidadania e de responsabilidade empresarial.

Afirmar que vivemos um momento de importância crucial pode parecer lugar comum, mas chegamos ao ponto em que precisamos **ouvir todas as vozes e dar as mãos** em busca de soluções: empresários, governo, sociedade civil — todos na mesma sintonia. Afinal, as pesquisas comprovam que **o planeta está sob forte e inédito estresse** causado pela ação do homem, **colocando em risco o próprio homem**. O Ecofuturo decidiu ir ainda mais fundo nessa questão, elegendo a **sustentabilidade do planeta** como assunto principal da sexta edição do Concurso de Redação Ler é Preciso, com o tema ***O melhor lugar do mundo***.

Para tanto, o Ecofuturo abraçou a idéia de ampliar a divulgação e o conhecimento sobre as **8 Metas do Milênio**, definidas em documento da ONU que sela o acordo de várias nações para, até 2015, garantir a sustentabilidade do planeta .

O livro ***A vida que a gente quer depende do que a gente faz***, da série Leituras do Brasil, é uma publicação inédita do Ecofuturo que traz textos escritos por renomados pesquisadores e literatos, **apontando caminhos e propostas para construirmos o melhor lugar do mundo**. Uma conclusão podemos antecipar: devemos ser mais efetivos e amorosos com o planeta azul, conjugando **ciência com gentileza**.

Fazer vingar o que ainda parece ser uma vaga noção de consciência planetária, de cidadania do mundo, é viabilizar um processo educacional e cultural que permita **que os sonhos de uns não custem os sonhos de muitos**.

Mais do que um objetivo, ***O Melhor Lugar do Mundo*** é um caminho.

Estamos nesse caminho desde que o Instituto Ecofuturo foi criado, em 1999. De lá para cá, preciosas descobertas aumentam nossa certeza de que um mundo melhor é possível.

É o que constatamos, por exemplo, ao saber das pesquisas sobre a biodiversidade da Mata Atlântica restaurada no Parque das Neblinas, revelando a menor

orquídea do mundo, uma nova espécie de formiga e o retorno do mono-carvoeiro, maior primata da América Latina, uma espécie em sério risco de extinção.

Ou então quando identificamos que 85% dos alunos participantes do Concurso de Redação passaram a ler e escrever com mais freqüência, e seus pais vêm acompanhando mais a vida criativa e escolar de seus filhos. A propósito, as 58 Bibliotecas Comunitárias implantadas em seis estados hoje alimentam de leituras 30.500 usuários por mês.

O Ecofuturo acredita no conceito de educação ambiental[1] postulado pela Unesco. Por isso investe fortemente em projetos que contribuam para que mais e mais pessoas leiam e escrevam com competência, tenham acesso ao conhecimento humano produzido e disponível nos livros, **conheçam e vivenciem o poder de restauração da natureza, promovam a pesquisa científica como meio para ações sustentáveis e descubram na reeducação do consumo, na reciclagem e na exigência de produtos ecológicos a possibilidade cotidiana de cada um aproximar-se do melhor lugar do mundo.**[2]

Nenhuma semente acorda árvore no dia seguinte. A boa notícia é que hoje é apenas o primeiro dia do resto de nossas vidas. Hoje pode ser o dia em que uma criança descobre o gosto pela leitura, e isso afetará positivamente o amanhã de todos. É assim que o Ecofuturo investe no futuro: fazendo acontecer aqui e agora o caminho do desenvolvimento sustentável no Brasil. Letra por letra, **em grande escala.**

---

[1] "Educação ambiental é um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornam aptos a agir — individual e coletivamente — e resolver problemas ambientais presentes e futuros."

[2] Saiba mais sobre os projetos do Instituto Ecofuturo no site *www.ecofuturo.org.br*; sobre o Concurso Ler é Preciso 6, em *www.omelhorlugardomundo.org.br* e pelo telefone 0800 772 0099.

Conversa pra boi dormir

Chega uma hora que não dá mais pra ouvir certas cantilenas:

Faz parte... **É assim mesmo... Pelo menos...**

Dói no ouvido; mas antes dói mesmo é na alma.

Para quem concorda que chega de ouvir isso, e para que mais gente pense assim, é que existe este livro.

Este livro é para tecer uma rede e enredar — no melhor sentido da palavra — mais gente.

Para unir vontade com ação, romper a barreira do desconhecimento e embarcar mais gente rumo à vida que todos **merecem**.

Este livro nasceu quando o medo brotou nas 21 mil redações que recebemos no quinto Concurso de Redação Ler é Preciso, quando o **sonho** cedeu lugar ao **desencanto** , e quando algumas gentes disseram que "era assim mesmo!!", "fazer o quê?".

A gente achou que **não**, que tinha muito o que fazer, muito pra muita gente fazer, mas muita gente ainda não sabe como e nem por onde começar.

Foi aí que começamos a falar com gente que sabe **do que está falando**, que sabe que há caminhos **para que nada continue como está**.

Gente que generosamente concordou em expor seu conhecimento a serviço do pensar de gente que está aprendendo a pensar, de gente que tem uma vaga noção, **de gente que até sabe, mas..., de gente que nunca tinha ouvido falar "disso", de gente que sabe um pouco, de gente que já ouviu dizer que a gente tem direito e que há meios para que exista qualidade de vida para todas as vidas...**

Tudo está bem descritinho nas Metas do Milênio. Mas é preciso que mais gente saiba.[!]

Como a mudança não é filha de decretos, este livro nasceu **para que mais gente seja "pelo mais" e transforme verbos em ação**.

E chega de conversa pra boi dormir. Até porque não há como dormir com tanto barulho!

Christine Castilho Fontelles

Diretora de Educação e Cultura

[!] Tem metas já atingidas em alguns lugares, tem outras longe do alcance – ver os dados na página oo.

A Ecofuturo é uma entidade que vem realizando excelente trabalho no campo da difusão cultural. Além de procurar ampliar o campo da leitura no Brasil, considerou importante atrair a atenção da infância e da juventude para a necessidade de se escrever bem.

Já há alguns anos, estabeleceu um concurso no plano nacional de redação entre estudantes de vários níveis. A iniciativa tem despertado grande interesse e milhares de textos são submetidos a julgamento nesse concurso. Os textos considerados os melhores são publicados, o que representa, obviamente, um poderoso estímulo.

Este livro resultou da interessante idéia de se pedir comentários a um grupo de pessoas altamente qualificadas, dando ao conjunto o polêmico título de *A vida que a gente quer depende do que a gente faz*, o que, a meu ver, foi uma certa imprudência, pois sabemos todos que o destino de cada um não é uniforme e não depende apenas da vontade individual.

Trata-se de um conjunto de idéias muito diversas entre si, mas nem por isto deixa de ser uma leitura atraente e interessante. Seria difícil, aliás, que da reunião de colaboradores tão distintos resultasse um pensamento homogêneo. Isto, que poderia ser um fator negativo, acabou sendo uma vantagem.

O propósito de seus organizadores foi colher opiniões sobre a importância de um processo educativo, capaz de levar a uma sociedade mais consciente da desigualdade existente, e, portanto, mais eqüitativa e justa.

Isto a meu ver foi conseguido.

José Mindlin

6,2 bilhões de pessoas vivem no planeta Terra, atualmente.

1,2 bilhão de pessoas sobrevivem com menos do que o equivalente a $ 1,00 dólar.

A cada **10 segundos**, nascem cerca de **45** pessoas no planeta Terra... e **16** morrem.

Mais de **75%** da população vive em centros urbanos.

Em 2005, os **10** países mais ricos do planeta eram **50** vezes mais ricos que os **10** países mais pobres.

1 bilhão de pessoas ainda não têm acesso a água potável. Há **15** anos atrás, eram quase **2 bilhões** de pessoas sem acesso a água potável e saneamento.

2/3 dos analfabetos do mundo são mulheres.

80% dos refugiados são mulheres e crianças.

11 milhões de bebês morrem a cada ano, de causas diversas – um número que vem caindo (em 1980, eram **15 milhões**!).

110 milhões é o número aproximado de crianças fora da escola no mundo. No Brasil, **800 mil** crianças entre 7 e 14 anos estão fora da escola.

207 mil é o número aproximado de escolas de ensino básico no Brasil. Destas, mais de **26 mil** não têm energia elétrica.

1968 é o ano em que apareceu o primeiro documento relacionando **crescimento** e **questões ambientais** (*Os limites do Crescimento*, organizado por Dennis L. Meadows, publicado em Roma). A nova escola de pensamento ecológico (chamada Clube de Roma) reunia cientistas, economistas e altos funcionários de governos. Sua idéia: o planeta é um sistema finito de recursos, pressionado pelo grande aumento de população e da produção econômica, e é preciso buscar equilíbrio.

1972 Começou o diálogo entre países industrializados e países em desenvolvimento sobre a relação que existe entre **crescimento econômico**, **poluição** e **bem-estar dos povos**, na Primeira Conferência Mundial sobre Meio Ambiente Humano e Desenvolvimento, na Suécia. (Resultado: proposta de adoção de um conjunto de princípios para o manejo ecologicamente racional do meio ambiente.)

1977 A Unesco define educação ambiental, seguindo recomendação da Conferência Mundial de meio Ambiente: "Educação ambiental é um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornam aptos a agir — individual e coletivamente — e resolver problemas ambientais presentes e futuros."

1980 Primeira vez que se usou a expressão *desenvolvimento sustentável*.

1981 O governo brasileiro estabeleceu a Política Nacional do Meio Ambiente, na Lei 6.938, onde se define *meio ambiente como sendo o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas*.

1987 Publicação pelas Nações Unidas de Nosso futuro comum, também chamado relatório Brundtland, da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Ali se define desenvolvimento sustentável: "aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas necessidades".

1990 Estatuto da Criança e do Adolescente: uma forma completamente nova de ver a criança e o adolescente. Tinha-se, até então, no Brasil, duas categorias distintas de crianças e adolescentes. As crianças brasileiras, sem distinção de raça, classe social, ou qualquer outra forma de discriminação, passaram a ser "sujeitos de direitos", considerados como "pessoas em desenvolvimento" a quem se deve assegurar "prioridade absoluta" na formulação de políticas públicas e destinação privilegiada de recursos nos orçamentos do País.

Rio-92 A Terra é uma só nação, e os seres humanos, os seus cidadãos. Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que reuniu 175 países e mostrou as possibilidades de compreensão e entendimento entre países. Nesse encontro, entre outros temas, se discutiram as mudanças de clima, a perda de biodiversidade e o desmatamento. Veio daí, também, a "Agenda 21", que é um programa de ação para

que todos os países possam adotar o desenvolvimento sustentável e ambientalmente racional.

1997 Protocolo de Quioto — o mais importante instrumento na luta contra as alterações climáticas. É um compromisso assumido pela maioria dos países desenvolvidos, para, até 2012, reduzir em cerca de 5% suas emissões de gases que provocam efeito estufa. O único Estado que se recusou a firmar a versão revisada do Protocolo de Kyoto foi os Estados Unidos.

1997 pesquisa nacional para saber o que o brasileiro pensa sobre desenvolvimento, meio ambiente e sustentabilidade[I]. Quase **2/3** dos brasileiros (65%) não aceitam a poluição como preço para a garantia de empregos.

47% dos brasileiros concorda com a idéia de que o meio ambiente deve ter prioridade sobre o crescimento econômico.

95% dos brasileiros acham que a educação ambiental deve ser obrigatória nas escolas.

1999 Educação ambiental definida em lei, no Brasil: "Processo por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade".

191 países aprovaram **8** Metas para o Milênio, no ano **2000**, na maior reunião de chefes de nações já realizada:

1. Acabar com a fome e a miséria
2. Educação básica e de qualidade para todos
3. Igualdade entre sexos e valorização da mulher
4. Reduzir a mortalidade infantil
5. Melhorar a saúde das gestantes
6. Combater a Aids, a malária e outras doenças
7. Qualidade de vida e respeito ao meio ambiente
8. Todo mundo trabalhando pelo desenvolvimento

Mais detalhes sobre as Metas do Milênio na página 00.

[I] http://www.mec.gov.br/seb/ambiental/eabra004.shtm

Sustentabilidade: um trabalho **pantagruélico**

De que este livro nos fala

Respeito à Terra
Proteção e restauração da diversidade
Produção sustentável
Consumo sustentável
Respeito aos direitos humanos
Dignidade
Erradicação da probreza
Paz
Solução não-violenta para os conflitos
Distribuição justa dos recursos do planeta
Participação democrática nos processos de decisão
Igualdade de gênero
Responsabilidade e transparência na administração
Conhecimentos e tecnologias que facilitam cuidar da Terra
Educação para todos
Responsabilidade compartilhada pelo bem-estar da humanidade (hoje e no futuro)

Era uma vez um gigante sábio, chamado Gargantua, que tinha um filho, Pantagruel.

Há quase 500 anos, quando os livros ainda eram objetos raros, e o Brasil recém tinha sido descoberto pelos portugueses, o escritor francês Rabelais publicava as aventuras do gigante Gargantua e de seu filho Pantagruel.

No capítulo 8 de *Pantagruel*, Gargantua, que está num país chamado Utopia, escreve uma carta a seu filho, que viajou para estudar. Nessa carta, ele aconselha Pantagruel a se dedicar ao estudo de várias coisas, para entender o mundo e seu tempo.

Para que nada lhe seja desconhecido.

São tantas as coisas que ele deve aprender que, até hoje, chama-se de **trabalho pantagruélico** uma tarefa complicada e vasta.

E mais: o gigante Gargantua dizia a Pantagruel que não bastava saber, não bastava receber e guardar as informações: era preciso **agir com consciência**.

"Ciência sem consciência é a ruína da alma", escreveu o gigante a seu filho.

Este livro tem um pouco esse espírito de um trabalho pantagruélico, porque entender SUSTENTABILIDADE e torná-la possível requer conhecimentos muito variados.

Tão variados quanto os dos especialistas que aqui escrevem.

Requer sensibilidades múltiplas.

Tão múltiplas quanto as dos escritores aqui presentes.

Requer deixar de lado a vaidade e aceitar pensamentos diferentes, porque isso é diversidade, e diversidade tem potencial criador.

© Keystone

Epistémon, tutor de Pantagruel. Para retratar as grandes mudanças que estavam acontecendo em seu tempo, Rabelais dava a seus personagens nomes e características que representavam valores bem definidos do Renascimento. Este é Epistémon, palavra que vem do grego *episteme* (ciência), e significa "aquele que sabe tudo o que se pode aprender numa escola". Outro exemplo é Panurgo, um personagem muito hábil e esperto, cujo nome é a combinação do grego pan (tudo) + ergon (ação).

O que Pantagruel precisava saber

Línguas Grego Caldeu Latim Hebraico Árabe **História** Cosmografia **Geometria** Aritmética **Música** Astronomia **Direito civil** Filosofia **Toda a fauna** Toda a flora **Todos os rios** Mares **Fontes** Florestas **Todos os metais e pedras** Medicina grega, árabe e latina **Anatomia humana** A Bíblia **O Talmud** A cabala **Cavalaria** Armas para defender-se **Amar e servir ao próximo** Ser piedoso e caridoso **Deixar de lado a vaidade** Andar com gente com quem gostaria de se parecer…

Do grego *eu-kuklios paideia*, que quer dizer círculo (*kuklios*) perfeito (*eu*) da educação (*paideia*), vem a palavra **enciclopédia**.

Este livro não é completo, de jeito nenhum. Para começar, nele falta você. Para que se feche o círculo perfeito da educação, é preciso que você, leitor, entre no livro, converse com ele, receba as idéias e informações que ele traz e decida o que fazer com elas.

Se este livro mudar alguma coisa no seu modo de ver e entender os acontecimentos, se ele despertar em você curiosidade para saber mais, se ele ecoar em seus sentimentos, é bem possível que você se sinta, como Pantagruel, diante de uma tarefa **que parece enorme e sem fim**.

Mas você não está sozinho para enfrentar a tarefa.

Ao virar a página, você vai encontrar a Carta da Terra, elaborada num trabalho conjunto que envolveu mais de 100 mil pessoas de todo o mundo, nos últimos 15 anos (a idéia começou no Rio de Janeiro, em 1992).

É um código de conduta planetário, para que as pessoas, as instituições e os Estados cuidem do planeta e da humanidade, garantindo, assim, a Sustentabilidade.

A carta **da Terra**

Preâmbulo

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.

Terra, nosso lar

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra são um dever sagrado.

A situação global

Os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos eqüitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.

Desafios para o futuro

A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano será primariamente voltado a ser mais, não a ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos impactos ao meio ambiente. O surgimento de uma sociedade civil global está criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano. Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos forjar soluções includentes.

Responsabilidade Universal

Para realizar estas aspirações, devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com nossa comunidade local. Somos, ao mesmo tempo, cidadãos de nações diferentes e de

um mundo no qual as dimensões locais e globais estão ligadas. Cada um compartilha da responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e de todo o mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo dom da vida, e com humildade considerando em relação ao lugar que ocupa o ser humano na natureza.

Necessitamos com urgência de uma visão compartilhada de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à comunidade mundial emergente. Portanto, juntos na esperança, afirmamos os seguintes princípios, todos interdependentes, visando um modo de vida sustentável como critério comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas, governos, e instituições transnacionais será guiada e avaliada.

Princípios

I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DA VIDA

1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.

a. Reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente de sua utilidade para os seres humanos.
b. Afirmar a fé na dignidade inerente de todos os seres humanos e no potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade.

2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.

a. Aceitar que, com o direito de possuir, administrar e usar os recursos naturais vem o dever de impedir o dano causado ao meio ambiente e de proteger os direitos das pessoas.
b. Assumir que o aumento da liberdade, dos conhecimentos e do poder implica responsabilidade na promoção do bem comum.

3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.

a. Assegurar que as comunidades em todos níveis garantam os direitos humanos e as liberdades fundamentais e proporcionem a cada um a oportunidade de realizar seu pleno potencial.
b. Promover a justiça econômica e social, propiciando a todos a consecução de uma subsistência significativa e segura, que seja ecologicamente responsável.

4. Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.

a. Reconhecer que a liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras.
b. Transmitir às futuras gerações valores, tradições e instituições que apóiem, em longo prazo, a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra. Para poder cumprir estes quatro amplos compromissos, é necessário:

II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA

5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.

a. Adotar planos e regulamentações de desenvolvimento sustentável em todos os níveis que façam com que a conservação ambiental e a reabilitação sejam parte integral de todas as iniciativas de desenvolvimento.
b. Estabelecer e proteger as reservas com uma natureza viável e da biosfera, incluindo terras selvagens e áreas marinhas, para proteger os sistemas de sustento à vida da Terra, manter a biodiversidade e preservar nossa herança natural.
c. Promover a recuperação de espécies e ecossistemas ameaçados.
d. Controlar e erradicar organismos não-nativos ou modificados geneticamente que causem dano às espécies nativas, ao meio ambiente, e prevenir a introdução desses organismos daninhos.
e. Manejar o uso de recursos renováveis como água, solo, produtos florestais e vida marinha de forma que não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas.
f. Manejar a extração e o uso de recursos não-renováveis, como minerais e combustíveis fósseis de forma que diminuam a exaustão e não causem dano ambiental grave.

6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução.

a. Orientar ações para evitar a possibilidade de sérios ou irreversíveis danos ambientais mesmo quando a informação científica for incompleta ou não conclusiva.
b. Impor o ônus da prova àqueles que afirmarem que a atividade proposta não causará dano significativo e fazer com que os grupos sejam responsabilizados pelo dano ambiental.
c. Garantir que a decisão a ser tomada se oriente pelas conseqüências humanas globais, cumulativas, de longo prazo, indiretas e de longo alcance.
d. Impedir a poluição de qualquer parte do meio ambiente e não permitir o aumento de substâncias radioativas, tóxicas ou outras substâncias perigosas.
e. Evitar que atividades militares causem dano ao meio ambiente.

7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.

a. Reduzir, reutilizar e reciclar materiais usados nos sistemas de produção e consumo e garantir que os resíduos possam ser assimilados pelos sistemas ecológicos.
b. Atuar com restrição e eficiência no uso de energia e recorrer cada vez mais aos recursos energéticos renováveis, como a energia solar e do vento.
c. Promover o desenvolvimento, a adoção e a transferência eqüitativa de tecnologias ambientais saudáveis.
d. Incluir totalmente os custos ambientais e sociais de bens e serviços no preço de venda e habilitar os consumidores a identificar produtos que satisfaçam as mais altas normas sociais e ambientais.
e. Garantir acesso universal à assistência de saúde que fomente a saúde reprodutiva e a reprodução responsável.
f. Adotar estilos de vida que acentuem a qualidade de vida e subsistência material num mundo finito.

8. Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido.

a. Apoiar a cooperação científica e técnica internacional relacionada à sustentabilidade, com especial atenção às necessidades das nações em desenvolvimento.
b. Reconhecer e preservar os conhecimentos tradicionais e a sabedoria espiritual em todas as culturas que contribuam para a proteção ambiental e o bem-estar humano.
c. Garantir que informações de vital importância para a saúde humana e para a proteção ambiental, incluindo informação genética, estejam disponíveis ao domínio público.

III. JUSTIÇA SOCIAL E ECONÔMICA

9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental.

a. Garantir o direito à água potável, ao ar puro, à segurança alimentar, aos solos não-contaminados, ao abrigo e saneamento seguro, distribuindo os recursos nacionais e internacionais requeridos.
b. Prover cada ser humano de educação e recursos para assegurar uma subsistência sustentável, e proporcionar seguro social e segurança coletiva a todos aqueles que não são capazes de manter-se por conta própria.
c. Reconhecer os ignorados, proteger os vulneráveis, servir àqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver suas capacidades e alcançar suas aspirações.

10. Garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma eqüitativa e sustentável.

a. Promover a distribuição eqüitativa da riqueza dentro das e entre as nações.
b. Incrementar os recursos intelectuais, financeiros, técnicos e sociais das nações em desenvolvimento e isentá-las de dívidas internacionais onerosas.
c. Garantir que todas as transações comerciais apóiem o uso de recursos sustentáveis, a proteção ambiental e normas trabalhistas progressistas.
d. Exigir que corporações multinacionais e organizações financeiras internacionais atuem com transparência em benefício do bem comum e responsabilizá-las pelas conseqüências de suas atividades.

11. Afirmar a igualdade e a eqüidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas.

a. Assegurar os direitos humanos das mulheres e das meninas e acabar com toda violência contra elas.
b. Promover a participação ativa das mulheres em todos os aspectos da vida econômica, política, civil, social e cultural como parceiras plenas e paritárias, tomadoras de decisão, líderes e beneficiárias.
c. Fortalecer as famílias e garantir a segurança e a educação amorosa de todos os membros da família.

12. Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, concedendo especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias.

a. Eliminar a discriminação em todas suas formas, como as baseadas em raça, cor, gênero, orientação sexual, religião, idioma e origem nacional, étnica ou social.
b. Afirmar o direito dos povos indígenas à sua espiritualidade, conhecimentos, terras e recursos, assim como às suas práticas relacionadas a formas sustentáveis de vida.
c. Honrar e apoiar os jovens das nossas comunidades, habilitando-os a cumprir seu papel essencial na criação de sociedades sustentáveis.
d. Proteger e restaurar lugares notáveis pelo significado cultural e espiritual.

IV. DEMOCRACIA, NÃO VIOLÊNCIA E PAZ

13. Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões, e acesso à justiça.

a. Defender o direito de todas as pessoas no sentido de receber informação clara e oportuna sobre assuntos ambientais e todos os planos de desenvolvimento e atividades que poderiam afetá-las ou nos quais tenham interesse.
b. Apoiar sociedades civis locais, regionais e globais e promover a participação significativa de todos os indivíduos e organizações na tomada de decisões.
c. Proteger os direitos à liberdade de opinião, de expressão, de assembléia pacífica, de associação e de oposição.
d. Instituir o acesso efetivo e eficiente a procedimentos administrativos e judiciais independentes, incluindo retificação e compensação por danos ambientais e pela ameaça de tais danos.
e. Eliminar a corrupção em todas as instituições públicas e privadas.
f. Fortalecer as comunidades locais, habilitando-as a cuidar dos seus próprios ambientes, e atribuir responsabilidades ambientais aos níveis governamentais onde possam ser cumpridas mais efetivamente.

14. Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.

a. Oferecer a todos, especialmente a crianças e jovens, oportunidades educativas que lhes permitam contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável.
b. Promover a contribuição das artes e humanidades, assim como das ciências, na educação para sustentabilidade.
c. Intensificar o papel dos meios de comunicação de massa no sentido de aumentar a sensibilização para os desafios ecológicos e sociais.
d. Reconhecer a importância da educação moral e espiritual para uma subsistência sustentável.

15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.

a. Impedir crueldades aos animais mantidos em sociedades humanas e protegê-los de sofrimentos.
b. Proteger animais selvagens de métodos de caça, armadilhas e pesca que causem sofrimento extremo, prolongado ou evitável.
c. Evitar ou eliminar ao máximo possível a captura ou destruição de espécies não visadas.

16. Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.

a. Estimular e apoiar o entendimento mútuo, a solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro das e entre as nações.

b. Implementar estratégias amplas para prevenir conflitos violentos e usar a colaboração na resolução de problemas para manejar e resolver conflitos ambientais e outras disputas.

c. Desmilitarizar os sistemas de segurança nacional até chegar ao nível de uma postura não-provocativa da defesa e converter os recursos militares em propósitos pacíficos, incluindo restauração ecológica.

d. Eliminar armas nucleares, biológicas e tóxicas e outras armas de destruição em massa.

e. Assegurar que o uso do espaço orbital e cósmico mantenha a proteção ambiental e a paz.

f. Reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte.

O Caminho adiante

Como nunca antes na história, o destino comum nos conclama a buscar um novo começo. Tal renovação é a promessa dos princípios da Carta da Terra. Para cumprir esta promessa, temos que nos comprometer a adotar e promover os valores e objetivos da Carta.

Isto requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Devemos desenvolver e aplicar com imaginação a visão de um modo de vida sustentável nos níveis local, nacional, regional e global. Nossa **diversidade cultural** é uma herança preciosa, e diferentes culturas encontrarão suas próprias e distintas formas de realizar esta visão. Devemos aprofundar e expandir o diálogo global gerado pela Carta da Terra, porque temos muito que aprender a partir da busca iminente e conjunta por verdade e sabedoria.

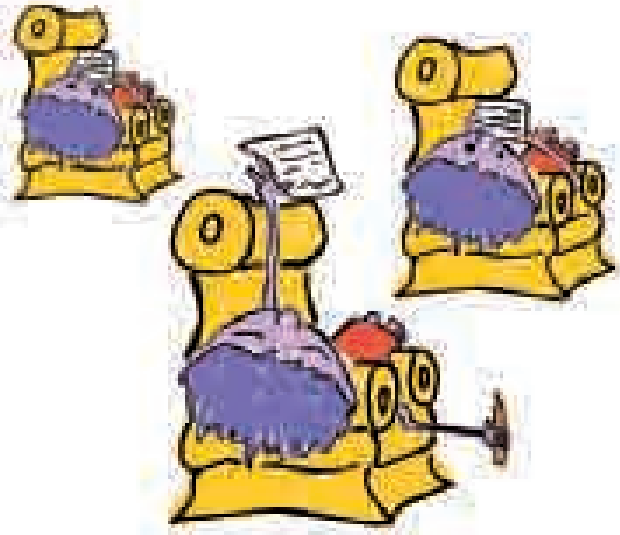
A vida muitas vezes envolve tensões entre valores importantes. Isto pode significar escolhas difíceis. Porém, necessitamos encontrar caminhos para **harmonizar a diversidade com a unidade**, o exercício da **liberdade com o bem comum**, **objetivos de curto prazo com metas de longo prazo**. Todo indivíduo, família, organização e comunidade têm um papel vital a desempenhar. As artes, as ciências, as religiões, as instituições educativas, os meios de comunicação, as empresas, as organizações não-governamentais e os governos são todos chamados a oferecer uma liderança criativa. A parceria entre governo, sociedade civil e empresas é essencial para uma governabilidade efetiva.

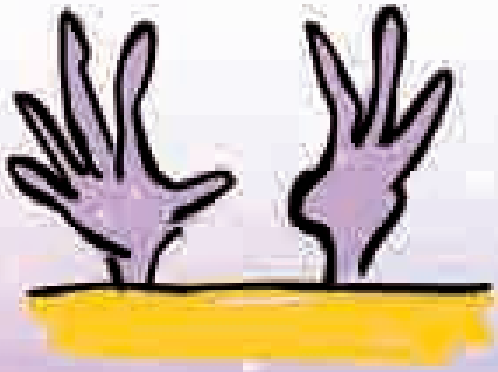
Para construir uma comunidade global sustentável, as nações do mundo devem renovar seu compromisso com as Nações Unidas, cumprir com suas obrigações respeitando os acordos internacionais existentes e apoiar a implementação dos princípios da Carta da Terra com um instrumento internacional legalmente unificador quanto ao ambiente e ao desenvolvimento.

Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, **pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação da luta pela justiça e pela paz, e a alegre celebração da vida.**

OITO METAS DO MILÊNIO

191 países se comprometeram a conquistar as metas até 2015.
Mais informações acesse: www.omelhorlugardomundo.org.br





© 2007 Instituto Ecofuturo/www.barbarastercia.net

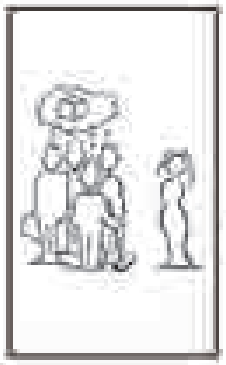
1

ACABAR COM A FOME E A MISÉRIA.

2

EDUCAÇÃO BÁSICA DE QUALIDADE PARA TODOS.

3



IGUALDADE ENTRE SEXOS E VALORIZAÇÃO DA MULHER.

4

REDUZIR A MORTALIDADE INFANTIL.

© 2007 Instituto Ecofuturo/www.barbarastercia.net

5

MELHORAR A SAÚDE DAS GESTANTES.

6

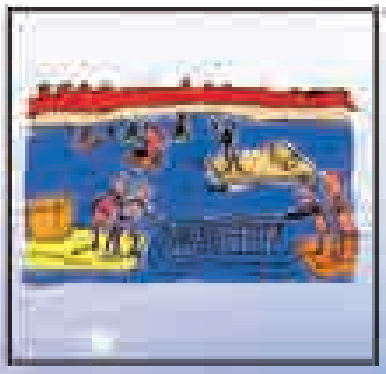
COMBATER A AIDS, A MALÁRIA E OUTRAS DOENÇAS.

7

QUALIDADE DE VIDA E RESPEITO AO MEIO AMBIENTE.

8

TODO MUNDO TRABALHANDO PELO DESENVOLVIMENTO.



© 2007 Instituto Ecofuturo/www.barbarateccia.net

UAU, MAS COMO É POSSÍVEL CONQUISTAR TODAS AS 8 METAS DO MILÊNIO?
GOVERNOS DE 191 PAÍSES SE COMPROMETERAM A DESENVOLVER AÇÕES PARA CONQUISTÁ-LAS ATÉ 2015.
NOSSA! VOCÊ ME AJUDOU A ACREDITAR E ENTENDER QUE É POSSÍVEL CONSTRUIR O MELHOR LUGAR DO MUNDO!
FICO MUITO FELIZ, AFINAL A VIDA QUE A GENTE QUER DEPENDE DO QUE A GENTE FAZ.
© 2007 Instituto Ecofuturo/www.barbaratercia.net

A carta **da leitura**

Em 2007, sétimo ano do século 21...

...cada manhã, bilhões de seres humanos despertam para a possibilidade de reiterar sua pertinência a um mundo em que a vida social e a vida profissional têm como centro, basicamente, **a palavra – fonte de florescimento pessoal, instrumento de ação cooperativa**, matriz de relações mais justas e alternativa à violência.

Analfabetismo Absoluto: 113 milhões sem escola

Para 861 milhões de seres humanos, o sentimento de pertinência vai ser fortemente reduzido pelo não-exercício da palavra escrita: **de cada cinco pessoas de mais de 15 anos, uma não pode se integrar no ambiente alfabetizado em que vive, porque não sabe ler nem escrever**. A educação de base para todos, direito humano reconhecido há mais de 50 anos, não faz parte da vida deles. Formalmente, eles não contam com ajuda de ninguém para compreender a si mesmos, entender o mundo e nele encontrar um lugar.

Analfabetismo Funcional: exercício limitado da palavra escrita

Para um número incalculável de seres humanos que aprenderam a ler e a escrever, a exclusão será um pouco diferente, mas igualmente real e dolorosa, resultado do uso limitado da palavra escrita. **A cada momento, em cada canto do planeta, a cena se repete: alguém se imobiliza diante de um texto escrito numa língua que é a sua, em sinais que lhe foram ensinados, e tudo o que consegue pensar é isto: "Não entendi nada".**

Pode ser um formulário para obtenção de um documento, de um direito, de um emprego. A bula de um produto químico que pode causar bem ou mal.. O assunto de uma prova.

As instruções para estar em segurança em algum lugar ou circunstância. As informações para o uso de um aparelho. A lição de casa de um filho.

O prefácio pomposo de um livro que antes parecia interessante e agora parece inacessível. Um jornal ou uma revista.

As contas de água, luz e telefone que precisam ser entendidas. As instruções de um certificado de garantia.

O levantamento de saldo em um talão de cheques. A determinação do total de juros em anúncio de empréstimo. Cálculo e entendimento de impostos (inúmeros e exorbitantes) a pagar.

Um poema cujo tema se deve inferir. As opiniões expressas em editoriais que requerem confrontação.

Cada manhã, bilhões de seres humanos despertam para mais um dia sem pleno acesso ao conhecimento, premissa da ética democrática contemporânea.

Cada manhã, para bilhões de seres humanos, aprofundam-se o mistério e o segredo sobre o que os seres humanos do passado pensaram, fizeram e produziram, e o que os homens do presente observam, experimentam e calculam para descobrir.

Para bilhões de seres humanos, um novo dia acarreta sentir-se cada vez mais estrangeiro no mundo da era da informação, na qual só entrou uma pequena parte da

humanidade; ser espoliado da herança científica e cultural fixada por meio da palavra escrita, que pertence a toda humanidade e que nos permite conhecer tanto os valores e certezas adquiridos por nossa comunidade planetária quanto os efeitos dos grandes fracassos coletivos resultantes da intolerância, da crueldade e do fanatismo.

O conceito de analfabetismo funcional

A Unesco falou pela primeira vez de analfabetismo funcional em 1958:

"É funcionalmente analfabeta uma pessoa incapaz de ler e de escrever, entendendo, uma exposição breve de fatos relacionados à sua vida quotidiana".

Em 1978, o conceito de analfabetismo funcional foi ampliado, passando a incluir o desenvolvimento pessoal e a participação na vida da comunidade:

"São funcionalmente analfabetas as pessoas que não são capazes de exercer todas as atividades para as quais a alfabetização é necessária no interesse do bom funcionamento de seu grupo e de sua comunidade, nem de continuar a ler, escrever e calcular com vistas a seu próprio desenvolvimento e ao da comunidade".

Em documentos da ONU, um analfabeto funcional é aquele que não domina a sua língua o suficiente para (1) entender as instruções de funcionamento das ferramentas de seu ofício, para poder atuar como **trabalhador produtivo**, e (2) entender seu direitos e deveres na sociedade em que vive, para poder viver plenamente como **cidadão**.

O impacto do analfabetismo funcional na vida individual

É preciso pôr o pé no chão do território do humano, e dar uma boa olhada atrás da cortina dos números, lá onde estão os seres humanos cujas respostas produziram esses números, cujos quotidianos produziram esses números, cujas dificuldades produziram esses números.

O que temos que melhorar não são as estatísticas, **mas a vida pobre de cultura e de auto-estima**.

Por trás da cortina de números e estatísticas, tem gente sofrendo de tristeza, de marginalização, de frustração, de exclusão, de vergonha, de abandono, de perda de auto-estima, de dependência, de vulnerabilidade, de **carência de palavra**.

As causas? A principal delas continua sendo, em todo o mundo, a pobreza, que distancia o sujeito de **duas saídas importantes para reduzir as desigualdades sociais: a aprendizagem da leitura e da escrita e o desenvolvimento da habilidade de analisar mensagens** – ingredientes indissociáveis de cidadania e de democracia.

Por trás da cortina de números e estatísticas, tem gente de todas as idades que não consegue transpor sua palavra interior para o mundo em que vive por meio da escrita, nem assimilar palavras interiores alheias por meio da leitura. Gente que tem dificuldade para ler, mas que é "lida" (e avaliada) em tempo integral pela sociedade de informação/desinformação, de acordo com a maneira como se posiciona em relação ao que essa sociedade oferece. Gente inteligente que segue pela vida acreditando que tem dificuldade para aprender, quando, na verdade, apenas carece do acesso à leitura.

Num ambiente preenchido por palavras multiplicadas por suportes cada vez mais numerosos nascidos de novas tecnologias, o analfabeto funcional está em clara desvantagem para o desafio diário de debater-se com a complexidade da vida e tentar encontrar um jeito de viver melhor no mundo.

Quem não lê (ou lê mais ou menos, ou lê mal) não consegue se expressar, nem argumentar, nem se informar, nem executar, nem responder à necessidade de interação como poderia e deveria. Falta-lhe uma das ferramentas mais essenciais para interagir com os outros e agir sobre o mundo.

Num ambiente saturado de mensagens, o analfabeto funcional, carente de habilidade para decodificar e analisar, fica à mercê das tentativas de manipulação. Num ambiente de gente perplexa diante de novas intermediações, o analfabeto funcional fica privado do refinamento da comunicação que permite identificar a distorção.

Sem possibilidade de escolha de fontes de informação, sua visão do mundo tende a reproduzir aquela construída pelos meios que se interpõem entre sua vida e o mundo, muitas vezes de maneira invasiva, e freqüentemente a serviço da desinformação.

E como resolver o problema?

Estamos todos, letrados e iletrados, mergulhados em perplexidade e dúvida.

UM MODELO DE AÇÃO

O conjunto das relações humanas no planeta, o modo de vida, de atividade, de produção e de intercâmbio entram numa nova fase histórica. A história nos mostra que a humanidade sempre descobre fora de si mesma aquilo que está prestes a tornar-se. O modelo de universo descoberto pela ciência – e hoje aceito – é o de um universo de campos de energia onde tudo se interpenetra e impacta, onde a interdependência é a norma, e a consciência de que um fato é algo feito por pessoas nos torna coletiva e solidariamente responsáveis pelo futuro da comunidade que habita o planeta.

Existe vontade coletiva da comunidade internacional para resolver o problema do analfabetismo em todos os níveis: a iniciativa da Década da Alfabetização foi adotada por unanimidade pela Assembléia Geral da ONU em dezembro de 2001.

Existe a vontade coletiva de que as pessoas possam ler, leiam mais e leiam melhor. Existem infra-estruturas, projetos, programas, bases de dados, estudos, teorias, materiais de leitura, instituições que estocam e transmitem o conhecimento.

E existem indicadores e números que nos provam que tudo isso precisa ser urgentemente posto a serviço da leitura.

A ação é coletiva. Na dúvida e na perplexidade, a proposta é intensificar algumas práticas humanas que sobreviveram às diferentes mudanças de modelos de universo ao longo da história, e que trazem a possibilidade de criarmos juntos novos fatos para reduzir o enorme fosso que hoje separa quem sabe de quem não sabe. São práticas despretensiosas e acessíveis, que dispensam formação especial para entrar imediatamente em ação. São práticas tão naturais que raramente são mencionadas em nossos planejamentos. Contamos com elas implicitamente. Pressupomos que elas vão entrar em ação. Entretanto, basta circular alguns momentos pelos "lugares de saber" – escolas, universidades, bibliotecas, centro de estudo, centrais de informações – para perceber que elas estão ausentes ou debilitadas. E elas são simples, e implicam sensibilização para **ver, ouvir, compartilhar, ler junto, ler em voz alta, conversar**.

Intensificar essas práticas pode nos ajudar a ultrapassar a inércia da tradição cultural do passado, do conhecimento congelado em teorias rígidas, classificado em disciplinas estanques, identificado com elites intelectuais, cuidadosamente armazenado e protegido do acesso daqueles a quem deveria servir.

Para que as pessoas possam ler, leiam mais e leiam melhor, é necessário oferecer condições para "ler" este mundo complexo e nele agir de maneira conseqüente.

OS DOMÍNIOS DA AÇÃO

1. Mudança do foco das políticas, promovendo participação local na alfabetização, integrando educação multilíngüe e garantindo liberdade de expressão; os estados devem

integrar a promoção da alfabetização nas estratégias dos programas nacionais de qualquer natureza.

2. Flexibilidade quanto a métodos de aprendizagem e formação, integrando-se à cultura local e às necessidades de quem aprende, respeitando a paridade de gênero, formando alfabetizadores informais, aplicando programas que permitam continuidade do aprendiz no ensino formal, se ele assim o desejar.
3. Criação de capacidades, formando gente, desenvolvendo materiais de formação, programas de ensino e mais atividade de pesquisa.
4. Educação para a alteridade e a fraternidade (coisa que não se faz por escrito!) como condição para ir além da liberdade individual como valor; renunciando ao "auto-centramento" (etnocentrismo, universalismo abstrato) e reconhecendo devidamente o mundo não-ocidental no diálogo entre os diferentes valores como motor da civilização do conhecimento.
5. Pesquisa sobre o impacto da alfabetização no longo prazo, meios de melhorar a participação das coletividades locais, o engajamento da sociedade civil, com ampla divulgação dos resultados em estudos e bases de dados.
6. Participação das coletividades locais, cuja apropriação dos objetivos de letramento é condição para o sucesso, o que exige boa comunicação entre governo e comunidades, rede inter-comunidades, centros de aprendizagem, para que se garantam políticas de alfabetização apropriadas, aceitas e adotadas pelas pessoas, com efeitos sensíveis no dia-a-dia.
7. Acompanhamento e avaliação: conceber indicadores de alfabetização claros e eficientes (tarefa para a Unesco e seus parceiros).

OS PRINCÍPIOS NORTEADORES DA AÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS

1. Direito humano ao acesso pleno ao conhecimento como premissa da ética democrática contemporânea.

O problema é de todos. As soluções dependem de mobilização ampla para uma ação coletiva, em caráter de prioridade nacional, para identificar maneiras de prevenir e reduzir o analfabetismo funcional.

a) Identificar maneiras de prevenir e reduzir o analfabetismo funcional. A quem competem essas ações transformadoras? Não há uma resposta única. A leitura do mundo é hoje fortemente condicionada: a da sociedade, pela idéia de consumo; a da educação, pelas ideologias; a do intelectual, pela noção de valor cultural; a do mercado, pela relação custo-benefício; a do professor, pela falta de tempo e qualificação contínua; a da pessoa carente, pela falta de recursos; a dos pais, pela falta de preparo.

2. Educar para a alteridade e a cidadania intercultural.

a) Reconhecer que o diálogo, a integração das diferenças positivas, a ultrapassagem dos limites de tolerância levam a sair do egocentrismo e a redescobrir hierarquia de valores, neutralizar as lógicas de dominação – e isto é parte da educação ética.
b) Reconhecer que o diálogo é condição de síntese pessoal, de mestiçagem cultural criadora, fundamentada na escolha consciente de valores positivos das culturas e gerações diferentes – e isto é parte da educação lógica.
c) Educar em casa e na escola para que cada um se torne mestre do próprio olhar sobre o mundo e as imagens: o olhar instruído consegue ler o que se constrói com palavras e imagens.

Além do símbolo,
o significado.
A palavra carrega afeto.
Na ausência dela
entram o silêncio,
a submissão,
a violência.

3. Que a palavra seja matriz de relações mais justas entre os homens.

a) Evidenciar no "comércio da palavra" a ação sem violência.

b) Considerar que nosso próprio pensamento nasce, forma-se e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com o pensamento alheio, com uma assimilação mais ou menos criativa das palavras dos outros.

c) Priorizar a tomada da palavra. É no enunciado que diferentes pontos de vista, visões de mundo e tendências se cruzam e se separam. É daí que tomamos a nossa palavra e a tornamos própria. Não perder de vista que a finalidade da comunicação é ter/dar a palavra.

d) Reconhecer que a linguagem (língua nacional) é plural, com multiplicidade de vozes sociais, pontos de vista, valores filosóficos e morais, sistemas de crenças, origens... E que a diversidade que daí decorre é RIQUEZA.

e) Tornar presente que o discurso é vivo, deve ser visto de formas contraditórias e suas múltiplas linguagens sempre têm pontos comuns.

f) Educação é um processo de aquisição de cultura, resulta de uma rede de conversações, e isso valze tanto para a ação da família quanto para a das escolas e também das empresas, nesta sociedade que espera educação ao longo de toda a vida.

g) O escrito não pode pretender mais do que o status de complemento ou de substituto do encontro direto e da palavra face-a-face. Devolver à conversação face-à-face o lugar que ela perdeu para a palavra escrita nos "lugares do saber". (O médico que se comunica por escrito com a farmácia, prescrevendo sem comentar e utilizando o paciente como portador; o professor que registra no papel a avaliação e a orientação, sem intercâmbio face-a-face com o aluno; os exemplos se multiplicam geometricamente na rede de relações do indivíduo com as instituições onde estão as informações.)

h) Propor a reflexão sobre o uso indiscriminado de mensagens eletrônicas, que podem, em algumas situações, reforçar a violência das comunicações, na medida em que privam os interlocutores das regulações que o encontro face-a-face possibilita.

i) Propor práticas da palavra mais pacífica, mais moral e, principalmente, do ideal normativo de uma palavra mais justa, mais simétrica, mais igualitária e mais autêntica, que se preste a avaliar a palavra pública (da mídia que mente, da propaganda que abusa, do político demagogo...).

"...palavras escritas...essas
coisas misteriosas que se
escondiam nos livros,
em todas essas páginas
que ela não compreendia,
suas eternas inimigas".
Ruth Rendell,
A judgement in stone

j) Apontar e reconhecer o peso das dificuldades que as pessoas experimentam por causa da ausência da palavra oral e escrita.

l) Apontar o uso manipulador, violento ou dominador da palavra.

m) Considerar que o acesso à leitura e à escrita eleva a auto-estima, e que existe uma relação direta entre o conceito que um ser humano tem de si mesmo e sua tendência a recorrer a respostas agressivas.

4. Democratizar o acesso à leitura em todos os espaços da sociedade

a) Promover Políticas Nacionais da Leitura, visto que o leitor é um sujeito, e não apenas do Livro, que é um objeto.

b) Ter a leitura das obras-primas como um direito, e não como um dever imposto aos leitores.

c) Não restringir a leitura à literatura. Multiplicar a quantidade e a variedade de

Observar como as pessoas se apropriam dos serviços propostos, e que lógicas seguem: uso ou não de catálogo informatizado, solicitação de intermediação, movimentação no espaço, critérios de busca. Encontrar ajuda para ler – intermediários entre a informação (o conteúdo dos livros) e as pessoas (bons leitores para quem não lê bem). Orientação clara, direta e pessoal. O livro é para ser buscado e não imposto.

Pesquisas mostram que 41% consideram que as mães influenciam mais o gosto pela leitura, 36%, os professores e 24% os pais.

entidades que participam desta discussão. Disseminar a idéia de que ler bem não é somente meio para desfrutar das obras literárias, mas principalmente para saber extrair a informação diretamente da fonte - da imprensa, dos textos técnicos, dos documentos, da correspondência...

d) Ouvir as vozes das comunidades, respeitar seus interesses e ajustar as propostas às especificidades locais e culturais.

e) Esclarecer o papel das bibliotecas públicas e incentivar sua utilização pela população não-escolar.

f) Reconhecer esse espaço organizado para convivência de leitura que é a biblioteca.

g) Superar a lógica de um modelo urbano antigo para a biblioteca: considerar a circulação, as condições de vida e o tempo das pessoas no espaço urbano atual. Os usuários das bibliotecas são movidos por lógicas muitas vezes distantes das regras da biblioteconomia, e não seguem os princípios que presidem a organização da oferta. Não existe um usuário típico, e sim uma multiplicidade de atores agindo em nome de valores, hábitos e expectativas variáveis.

h) Envolver a família nas comunidades e associações e incentivar sua ação pela leitura. Difundir a leitura em voz alta para os filhos e alunos (que tem efeitos positivos comprovados no rendimento escolar, além do compartilhamento da literatura).

i) Envolver diretamente as mulheres nos projetos de leitura, aproveitando a importância que têm como mediadoras.

j) Identificar e rever as análises de valor sobre os materiais de leitura que as pessoas normalmente têm em casa: álbuns de família, calendários, almanaques, agendas, livros de receita, livros religiosos, livros de auto-ajuda, jornais de bairro, revistas...

5. Conceber a escola como um meio, e não como um fim.

a) Não restringir o ensino à demanda do mercado de trabalho e da economia, mas transcender o curto prazo e a mentalidade custo-benefício e voltar-se para uma formação de humanidade – a cultura humana em perspectiva.

b) Promover políticas de leitura e escrita verdadeiras, evitando o modelo muitas vezes artificial da leitura/escrita dita "escolar", cujo reducionismo não faz justiça à multidimensionalidade da língua viva.

c) ver o professor como interlocutor, intermediário entre as pessoas e a herança cultural e científica, facilitador e agente de mudança.

d) Ampliar a viisão de que muitas das dificuldades dos alunos em diferentes matérias resultam, na verdade, de dificuldades de leitura.

e) Fazer com que todos os programas de leitura, com qualquer viés, venham se colocar como parceiros da escola.

f) Promover nas escolas a visão de que o mundo da leitura extrapola o ambiente da escolarização, e cada escola tem potencial para se tornar um centro de aprimoramento cultural para a comunidade em que se insere.

g) Facilitar e apoiar a ação da escola como mediadora do contato da comunidade com ambientes culturais mais amplos, mostrando concretamente no dia-a-dia que cada indivíduo pode se libertar das limitações do seu grupo social de origem.

h) Promover a leitura em voz alta para todos os públicos, inclusive analfabetos: a boa expressão oral, com suas pausas, entonação e ênfases, faz do texto compartilhado uma propriedade comum.

6. Ampliar os círculos de atores num grande movimento pela leitura

a) Os meios de comunicação:

- para assumir a responsabilidade de sensibilização pública;
- para considerar criticamente...
  ...a tagarelice cotidiana de idéias duvidosas e imagens equívocas,
  ...a dupla mensagem da violência como tema de lazer para os jovens,
  ...a influência da propaganda e da tevê,
  ...a poluição visual e auditiva dos espaços públicos;
- promover modelos de sensibilização pela arte, em contraposição às imagens pobres que sobrevivem graças à sua subordinação, efemeridade e rapidez.

b) O setor livreiro: ação conjunta de escritores, agentes, editores, tradutores, revisores, críticos, gráficos e todos os demais envolvidos pela democratização do acesso a materiais de leitura e pela multiplicação dos eventos de letramento em todos os ambientes.

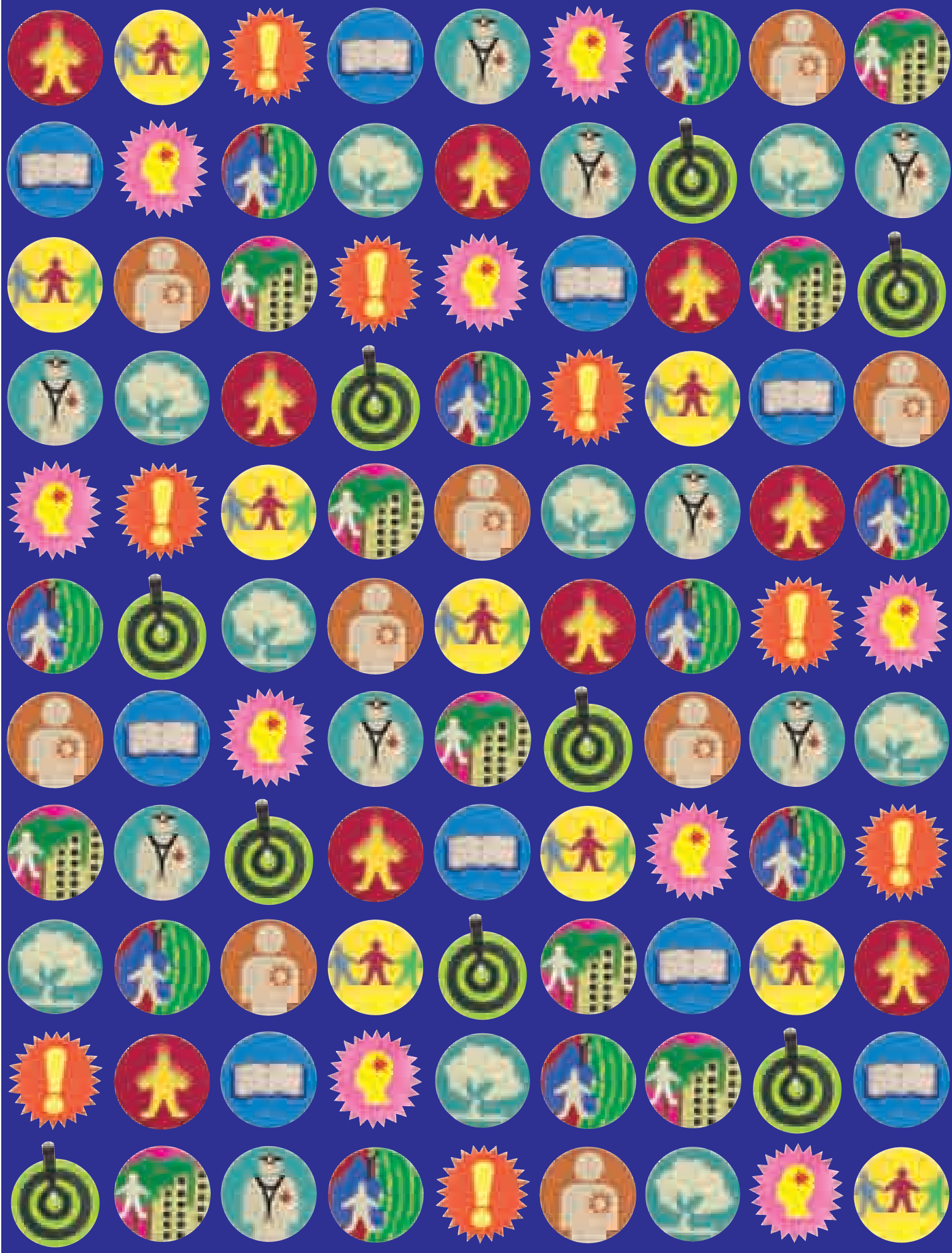
c) A elite cultural:

- para ultrapassar a superficialidade do incensamento mútuo e recuperar o real valor do conhecimento: compreender a si mesmo, entender o mundo e encontrar nele um lugar para si mesmo e para os outros;
- para intermediar a tomada de consciência pública sobre as questões decisivas, no esforço de ultrapassar as fronteiras de suas especialidades.

d) As instituições públicas e privadas de caráter social, comercial e industrial: para multiplicar os eventos de letramento no maior número possível de espaços de circulação e freqüência de público (centros comerciais, estações, parques, fábricas, escritórios, clínicas, clubes etc.) .

e) As novas tecnologias de comunicação e informação, que colocam mais uma vez a palavra escrita no centro da comunicação:

- para facilitar às comunidades mais carentes e isoladas os meios de estocar informação e disponibilizar de modo ético e equitativo os conhecimentos que constituem patrimônio comum da humanidade;
- para trabalhar pela superação do analfabetismo funcional, tendo em vista que um baixo nível de leitura reduz consideravelmente a capacidade crítica que permite separar a informação da desinformação e da tentativa de manipulação.



Instruções **de leitura**

Receba, agora, **« todo o universo que vem cifrado nesses sinaizinhos chamados letras »**. E faça com ele o exercício de liberdade que começa com um livro na mão.

Convidados a escrever:

- 30 autores, que leram ***Somos e Queremos***! e deixaram aqui suas idéias relacionadas à sustentabilidade;
- 2 leitores, que percorreram esses textos e anotaram seus comentários na margem;
- você, que vai viajar nestas páginas e pode escrever, nos espaços previstos para isso ou onde mais lhe parecer bom: leia conversando com os autores e enriqueça o livro com suas próprias experiências e idéias. Um livro só fica pronto de verdade com um leitor.

Sumário:

A seguir, duas páginas adiante, para você saber quem e o que vai encontrar pela frente.

Ícones espalhados pelas páginas:

Anotações

Dados alarmantes

Desenvolvimento humano

Desenvolvimento sustentável

! Livro com as redações premiadas no 5° Concurso de Redação Ler é Preciso, do Instituto Ecofuturo.

Esta expressão deliciosa que aparece ao lado entre os sinaizinhos « e » é de Lygia Bojunga. Em *Livro: um encontro*, é assim que ela conta como sua imaginação acordou e ela se tornou leitora com *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato:

"Eu, leitora, crio com minha imaginação todo o universo que vem cifrado nesses sinaizinhos chamados letras. Eu percorro cada página no meu ritmo de leitora. *Allegro. Andante. Allegro vivace.* Sou eu que determino o ritmo que eu quero."

Lygia Bojunga também é uma das autoras presentes neste livro – na página oo.

Direitos humanos

Diversidade

Educação

Erradicação da pobreza

Idéias luminosas

Meio ambiente

Saúde

Pérolas musicais que "cantam" o assunto do texto

Frases de crianças e jovens participantes do 5º Concurso de Redação Ler é Preciso

Palavras sublinhadas:

Todas as palavras que você encontrar sublinhadas estão explicadas no **glossário**, na página 00.

44 Abrindo caminho
Ana María Machado
Fim do caminho / caminho novo?

48 Desigualdade no Brasil:
Só seremos menos desiguais quando nossa riqueza estiver nas crianças
Ricardo Paes de Barros
País rico, povo pobre **Desigualdade de distribuição de riquezas** Valor da diversidade
Alguns com muitas oportunidades, muitos sem oportunidades Duas vidas comparadas

58 Não somos donos da teia da vida
Daniel Munduruku
Tudo está relacionado (teia da vida) **Necessidade de se harmonizar com o Todo**
Espiritualidade **Valor da diversidade**

62 Educar para uma cultura de sustentabilidade
Moacir Gadotti
Educar para a utopia **Carta da Terra** Educar para a rebeldia
Cidadania planetária Paz **Direitos humanos**

68 *Lya Luft* *Do livro* Perdas & Ganhos, *Ed. Record*
Capacidade de intervenção do ser humano **Responsabilidade pela bagagem de cada um**
Jardinagem de si mesmo (auto-desenvolvimento)

70 O bebê: um novo mundo que muda o nosso mundo
Carlos Eduardo de Carvalho Corrêa
Parto como ritual de passagem **Relação mãe-filho**
Presença e permanência da mãe junto da criança (importância)

76 A vida que a gente quer depende do que a gente faz
— mas quem é que faz o quê?
Luiz Percival Leme Britto
"Gente" é abstração: as ideologias por trás das palavras **Homem racional agindo irracionalmente**
Novo X Velho como valores e a valorização do Novo levando ao consumo exacerbado
Fazer a vida que a gente quer depende da mobilização dos 98% que detêm 50% da riqueza

82 Saúde da Modernidade
Eugênio Scannavino
Saúde como bem estar físico, mental, social e ambiental **Responsabilidade individual nas contaminações**
Sistema de saúde x sistema de doenças **Propagar saúde**

90 A menina que ganhou um rio
Manoel de Barros
Um presente de aniversário para sempre

Água no século 21 92

José Galizia Tundisi

Usos e abusos da água **Retrato da crise** Água e exclusão social **Reuso da água**
Gestão da água **Perspectivas e desafios** Nova ética da água

Pra não dizer que só falei dos ratos 112

Ferréz

Coisa boa também vem de graça

Um saber sustentável: o livro e a voz 116

Betty Mindlin

Leitura para ampliação do mundo **Leitura como semente de escolhas**
História do povo brasileiro e história pessoal (relação entre as duas) **Tradição oral e saber oral**
Responsabilidade da mídia no desenvolvimento da leitura **Concurso de Redação Ler é Preciso 5**

Do livro *Tchau*, Casa Lygia Bojunga *Lygia Bojunga* 124

Inspiração e estímulo **A arte como elemento "detonador" de criatividade**

Porque sim não é resposta: 7 bons motivos para ler para crianças pequenas 128

Lucila Pastorello

Ser alfabetizado e ser leitor **Letramento** Leitura como técnica / leitura como prática social
Contar / ler Vantagens de ler em voz alta para crianças

A formiga e o lixo 140

Ivan Angelo

Lixo e reciclagem **O catador e o consumidor urbanos**
O simbolismo social do catador **Lixo diário produzido por pessoa**

Até quando esperar dos mortos o alimento de cada dia? 144

Valdênia Aparecida Paulino

História de Solange **Direitos humanos**

Por ser criança 152

Bartolomeu Campos de Queirós

Por que não é fácil ser criança
Por que não é fácil ser grande Vocação para felicidade
Aprender com o que as crianças escrevem (Concurso de Redação Ler é Preciso 5)
O planeta que as crianças vão refazer

A paz é possível? 156

Julita Lemgruber

Violência e medo **Concurso de Redação Ler é Preciso 5**
Taxas de mortes violentas entre os jovens **Programas de inclusão de jovens**
Programas de redução de violência

163 *Adélia Prado* *Do livro* Solte os Cachorros, *Ed. Record*
Se eu fosse o governo, o que faria **Amor pelas coisas simples**

166 **OS YAWALAPITI. Cultura e sustentabilidade revivem no canto de uma mulher**
Célio Turino
Grupos indígenas brasileiros **Diferentes etnias e línguas**
Extinção cultural e étnica **Kuarup**
A cultura dos yawalapiti

176 **Educação para o futuro**
Gustavo Ioschpe
Analfabetismo funcional **Falhas da educação brasileira**
Necessidade de crescimento econômico para acabar com as desigualdades
Educação para inserção na Era do Conhecimento

180 **Inclusão social pelo trabalho decente:**
Brasil pode se tornar uma "fábrica de empregos decentes"
Ignacy Sachs
Inclusão social pelo trabalho decente **Geração de emprego e auto-emprego possível em cada setor**
Planejar um desenvolvimento ambientalmente sustentável, economicamente sustentado e socialmente includente

188 **Inquilinos**
Luis Fernando Verissimo
O que aconteceria se a humanidade se comportasse como inquilina da Terra

190 **pum de vaca**
O Manifesto da Cozinheira do século 21: *Sustentabilidade e alimentação responsável*
CARLA PERNAMBUCO
Consumismo e fantasia de modernidade **Consumo responsável** Reciclagem de lixo
Agronegócios e destruição florestal **Efeito estufa e aquecimento climático**
Reeducação alimentar **Energias renováveis** Bioconstruções

200 **Investir é preciso**
Luiz Alberto Mendes
Custo do livro no Brasil – o que encarece? **Relação entre escrita e leitura**
Uso do marketing para promover leitura **Concurso de Redação Ler é Preciso 5**

204 **Fernando Pessoa, entre livros e leitores**
Marisa Lajolo
A liberdade do leitor

210 **As lições de Kilimanjaro**
Daniel Piza
Meio-ambiente na literatura **Aquecimento global**
Ambivalência americana (pensamento ambientalista avançado e campeões nos estragos climáticos)
Difícil relação do Brasil com a natureza Ecofanáticos e ecochatos **Natureza intocável** x **natureza inesgotável**

Violência e Orgulho 218
Yves de La Taille
Violência e orgulho (prepotência)
Importância de "desmontar" a valorização da violência na formação dos jovens
Trocar valor da violência por valores como generosidade e lealdade

Se você quiser ganhar um presente... 226
Heloisa Prieto
Estar plenamente presente em cada minuto

Mulher e sustentabilidade 230
Rose Marie Muraro
Mulheres no poder: menos corrupção
IDH, desenvolvimento de gênero, índices internacionais de transparência
Relação entre poder feminino e desenvolvimento humano **Indicadores de crise ecológica iminente**

Os Estatutos do Homem 240
(Ato Institucional Permanente)
Thiago de Mello
Decretos para um mundo feliz, claro e justo

Ética numa sociedade que se repensa 244
Claudia Costin
Indignar-se não basta **Construção coletiva da ética**
Compromisso pessoal com a ética **Liberdade na comunidade**

glossário 250

O pacto **pela Terra** 271

A Convenção dos Direitos da Criança para criança entender 274

A Família e a Escola dos meus sonhos 278

para ir além 284

Abrindo caminho

Ana María Machado

Editora Ática

No meio do caminho de Dante tinha uma selva escura.

No meio do caminho de Carlos tinha uma pedra.

No meio do caminho de Tom tinha um rio.

Era pau.
Era pedra.
Era o fim do caminho?

Cada um no seu canto
com seu canto
nos chamou.
E nenhum de nós,
nunca mais, ficou sozinho.

No meio do caminho de Dante teve uma estrada.
No meio do caminho de Carlos teve um túnel.
No meio do caminho de Tom teve uma ponte.

No meio do caminho de Cris tinha um oceano.

No meio do caminho de Marco tinha inimigo e deserto.

E tinha muita lonjura pelo caminho de Alberto.

Era pau.
Era pedra.
Era o fim do caminho?

Pedra que faz fortaleza faz também mercado, bazar.
— Se eu conversar contigo, disso estou muito certo, consigo me aproximar...
Com muito encontro e negócio, inimigo vira amigo, quem está longe fica perto.
A caravana de Marco se encarregou de provar.

Pau, toco, tábua, madeira?...
— Faz navio de navegar!
Mastro firme, branca vela, tronco agora é caravela para distância encurtar.
Com coragem, sobre as ondas, Cris atravessou o mar.

Não há distância para os pássaros nem para quem cisma de ousar.
Alberto pôs na cabeça que ia conseguir voar.
Voou, dirigiu seu vôo, era isso o avião!
E desde então a lonjura não atrapalhou mais, não.

No meio do caminho de Marco teve um mapa bem melhor.
No meio do caminho de Cris teve um mundo bem maior.
E com o vôo de Alberto, esse mundo ficou menor.

Água que nasce

No meio do meu caminho
tem coisa de que não gosto.
Cerca, muro, grade tem.
No meio do seu, aposto,
tem muita pedra também.
Pedra? Ou ovo?
Fim do caminho?
Ou caminho novo?

Porta, ponte, túnel, estrada,
mapa, vôo, navegação.
Quem disse que o fim da picada
não se abre para a imensidão?

Beco que vira avenida.
Muro que cai para o irmão.
Esperança renascida
escancarando a prisão.

É promessa de vida
no meu coração.

na fonte serena do mundo e que abre um profundo grotão. Água que faz inocente riacho e deságua na corrente do ribeirão.

planeta água
Guilherme Arantes

Desigualdade no Brasil:

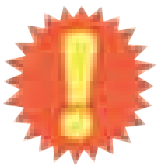
Só seremos menos desiguais quando nossa

Ricardo Paes de Barros

O BRASIL NÃO É UM PAÍS POBRE. Para se ter uma idéia, de cada quatro habitantes do nosso planeta, três vivem em países mais pobres que o Brasil.

Se a renda que existe hoje em nosso país fosse igualmente dividida, todas as famílias teriam três vezes mais o que precisam para satisfazer suas necessidades básicas, como se alimentar, se vestir etc. Ou seja, ninguém no Brasil seria pobre.

Apesar de nosso país ser rico, de cada três famílias brasileiras ao menos uma é pobre. Por quê? A razão está na grande desigualdade que divide nossa sociedade. Enquanto alguns vivem com muito, outros têm bem pouco. De fato, o que os mais ricos gastam durante um fim de semana é igual ao que mais pobres gastam para se alimentar durante todo o ano. Isso faz com que o Brasil esteja situado entre os campeões mundiais da desigualdade: **de uma lista de quase 200 países membros da Organização das Nações Unidas (ONU), menos de 10 têm um grau de desigualdade tão alto quanto o do Brasil**.



Diante disso, a pergunta que tem que ser feita é: **de onde vem tanta desigualdade?**

É verdade que as crianças ao nascerem não são idênticas.
Algumas são meninos, outras meninas.
Algumas nascem brancas e outras negras.
Algumas nascem com aptidão para escrever; outras, para fazer contas.

Mas ser diferente não significa ser pior nem melhor. Toda esta diversidade é o que faz os seres humanos interessantes. Não seria muito chato se todas as pessoas fossem exatamente iguais, tivessem as mesmas idéias, usassem a mesma roupa e quisessem ir ao mesmo cinema na mesma hora?

Diferenças não geram desigualdade. O que gera desigualdade não é ser diferente: **é ser pior ou melhor ou ser tratado como se fosse**

riqueza estiver nas crianças

É indiscutível que poucos têm o talento de um Pelé. Mas que parcela da desigualdade de renda existente decorre dessas diferenças inatas?

melhor ou pior. É inegável que algumas crianças nascem mais talentosas que outras e que, em parte por isso, talvez venham a ser mais ricas quando crescerem.

Todos os estudos disponíveis são unânimes em indicar que apenas uma mínima parcela da desigualdade de renda decorre de diferenças de talento. A desigualdade vem do fato de que a algumas crianças são dadas **amplas** oportunidades, e a outras, oportunidades muito limitadas. Seja porque algumas vêm de famílias pobres ou das regiões mais remotas do país, seja porque são tratadas de forma distinta por serem brancas ou negras, meninas ou meninos. **Essa é a grande fonte de desigualdade no Brasil.** A sociedade brasileira é culpada de sistematicamente permitir que algumas crianças sejam melhor tratadas que outras, tenham melhores oportunidades e condições para aproveitar essas oportunidades.

A grande maioria das desigualdades é desigualdade entre pessoas igualmente talentosas, gerada ao longo de suas vidas.

Em geral, o que acontece no Brasil é que as crianças brancas em famílias ricas recebem maior atenção, são mais estimuladas, mais ouvidas, vão a melhores escolas, recebem maior apoio para estudar e, quando entram no mercado de trabalho, têm acesso aos melhores empregos. Portanto, não é nada surpreendente que essas crianças, ao crescerem, tornem-se adultos melhor remunerados que aqueles que enfrentaram uma infância mais difícil; que, devido à cor da pele ou à pobreza da família, foram pouco estimulados e ouvidos, freqüentaram escolas piores e nelas foram discriminados, não receberam apoio para estudar, e, quando entraram no mercado de trabalho, foram ocupar os piores postos.

Vejamos os números de nosso país.

Vamos acompanhar e comparar o que acontece tipicamente com duas crianças brasileiras igualmente talentosas.

Uma delas é uma menina negra, nascida no interior do Nordeste em uma família pobre e cujos pais são analfabetos.

A outra é um menino branco, nascido numa próspera cidade da região Sul, de uma família rica, e cujos pais foram à universidade.

Embora estas duas crianças tenham o mesmo potencial, apenas uma delas terá as oportunidades e condições para desenvolvê-lo plenamente. **Qual delas você acha que será a 'escolhida'?**

Aos 15 anos, as diferenças entre essas duas crianças já são marcantes.

A menina negra nordestina de família pobre ainda estará frequentando a 4ª série de uma precária escola pública rural, pois ela entrou tarde na escola e repetiu de série pelo menos uma vez.

Enquanto isso, o menino branco sulista e de família rica já completou a 8ª série numa boa escola e agora freqüenta a 1ª série do ensino médio numa excelente escola particular.

Aos 18 anos, a menina já é mãe e tem que trabalhar em casa e fora de casa para sustentar sua família.

Enquanto isso, o menino acaba de entrar numa boa universidade pública. Sua família lhe garante plenas condições para que possa dedicar-se aos estudos em tempo integral e com todo o material (livros, cadernos, computador) que necessita para aproveitar ao máximo o aprendizado.

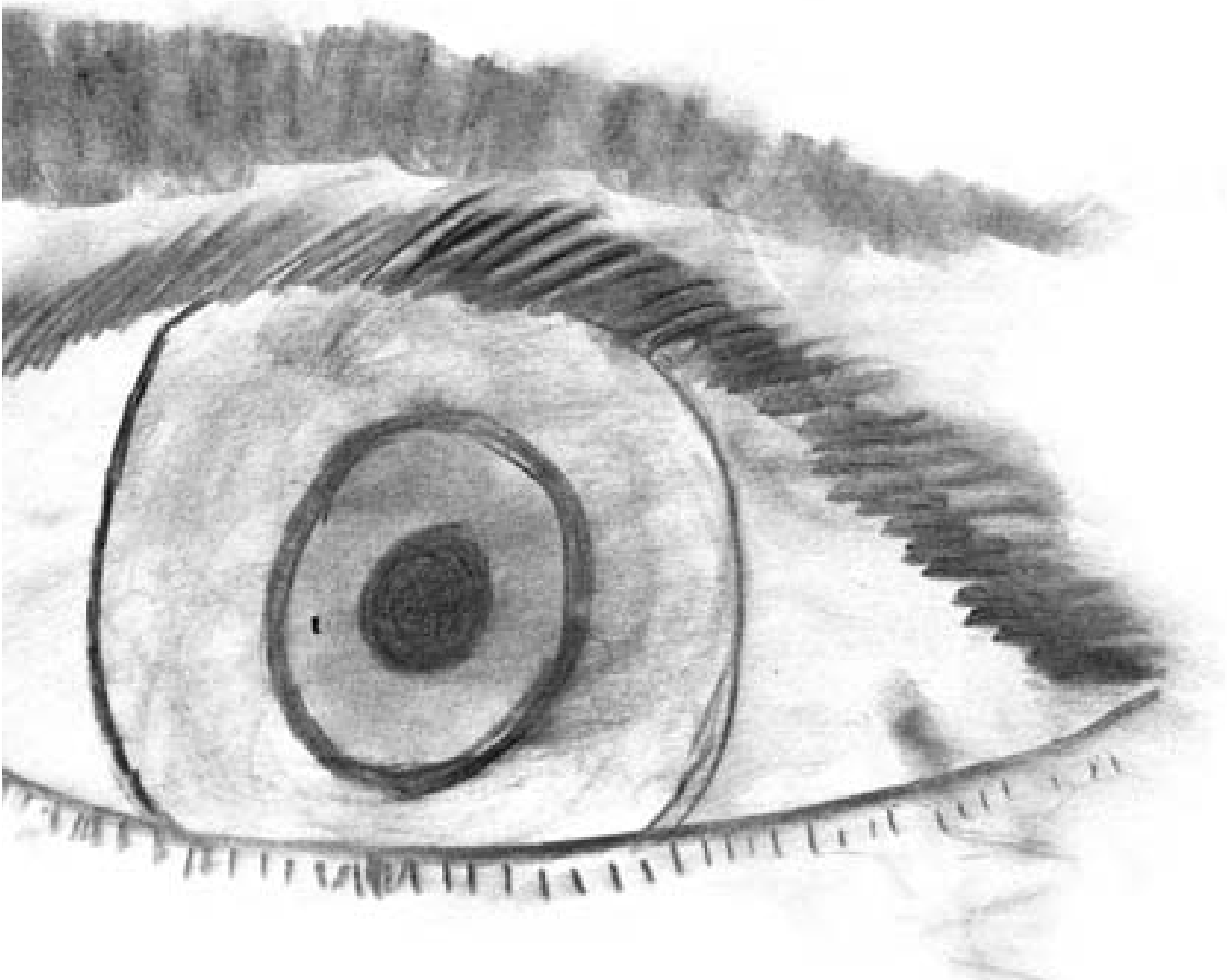
Aos 25 anos, o menino já terminou a universidade e começa a trabalhar em um excelente emprego onde recebe um salário inicial superior a R$2.000 por mês.

Enquanto isso, a menina permanece em um trabalho precário e recebe R$50 por mês.

Aos 40 anos, a menina já tem três filhos. Ela pode ter parado de trabalhar para cuidar dos filhos. Seu marido é um trabalhador do campo, que teve que sair da escola na 4a série e recebe só R$150 por mês.

Queria poder ver crianças brincando, sem preocupações, mas o que vejo é criança trabalhando. Quero vencer sem ter que passar por cima de ninguém.

Verônia Marcolino da Silva, 15 anos



Nesse momento, o menino estará casado, terá um filho e sua esposa terá também ido à universidade. Ele deverá receber cerca de R$3.000, e sua esposa, R$ 1.500 por mês.

Assim, aos 40 anos, a menina e o menino que tinham o mesmo talento e potencial quando nasceram, agora vivem em mundos totalmente diferentes.

O menino cresceu e agora é chefe de uma família que vive com R$4.500 por mês e tem apenas três pessoas (ele, sua esposa e filho). Enquanto isso, a menina vive em uma família que só pode contar com R$250 por mês para atender a todas necessidades de seus cinco membros (ela, seu marido e três filhos).

A desigualdade brasileira foi gerada. O que o menino gasta com sua família em um fim de semana dá para cobrir todas as despesas que a família da menina tem em um mês.

Essa elevada desigualdade não foi gerada por diferenças de talento entre as crianças. Ela foi gerada por **diferenças** na **atenção** e no **tratamento** que elas receberam. Foi gerada por gigantescas diferenças nas oportunidades oferecidas e também nas condições dadas a essas crianças para que elas pudessem aproveitar as oportunidades disponíveis.

De forma resumida: o menino – por ser branco, vir de família rica e ter nascido em uma área próspera – teve todas as oportunidades e condições de que precisou para desenvolver e aproveitar seus talentos. Ao contrário, grande parte dos talentos da menina não foram explorados e desenvolvidos – uma perda irreparável para ela, sua família e a sociedade brasileira.

É fácil entender como a desigualdade é gerada no Brasil, como fica claro a partir desse pequeno exemplo. Difícil é compreender por que deixamos que ela continue a ser gerada todos os dias. Muito do sucesso do menino deve-se ao esforço e recursos de seus pais e da comunidade em que nasceu. Será que as famílias e comunidades ricas do Sul e Sudeste não se importam com o desenvolvimento das crianças pobres do Norte e Nordeste?

Eu acho que elas se importam, e muito, com o futuro de todas as crianças. Afinal, quem gostaria de viver num país onde milhões de crianças não têm a oportunidade para desenvolver seus belos talentos? O problema talvez seja que as pessoas não sabem muito bem como ajudar.

É aí que entra o governo. Uma das principais funções do governo, talvez a principal delas, é exatamente dar às crianças pobres todas as oportunidades e condições de que elas necessitam para aproveitar seus talentos da mesma forma como o fazem as crianças em famílias ricas, graças ao esforço e recursos de seus pais. É sempre bom lembrar que o governo não tem seus próprios recursos. Todos os recursos do governo vêm dos impostos que a população paga. Assim, em boa medida o que fazem as famílias ricas ao pagarem seus impostos é delegar ao governo a importantíssima missão de dar as crianças pobres a atenção e as oportunidades que merecem e necessitam.

Por que, então, não funciona?

Por que o governo permite que a desigualdade no Brasil continue, geração após geração?

Existem duas opções:

ou o governo não tem recursos suficientes para atender adequadamente todas as crianças pobres,

Quando é que um Voz do Brasil ou polícia, ou mendigo, ou pivete será cidadão?

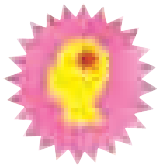
Caetano Veloso

"Como" Comer

ou ele gasta mal os recursos que tem.

Se o governo tem poucos recursos, então a solução seria arrecadar mais, cobrando mais impostos das famílias mais ricas. O problema brasileiro, entretanto, não parece ser de falta de recursos. No Brasil, mais de 1/3 da renda gerada pelos brasileiros vai para o governo, são cerca de R$700 bilhões por ano para o governo gastar.

É bem verdade que cuidar das crianças não é a única coisa que o governo tem que fazer. Deve construir estradas, garantir atendimento médico a todos, entre muitas outras coisas. Entretanto, como as crianças e jovens pobres representam mais da metade da população pobre do país, não seria nada de mais requerer que pelo menos 1/4 dos recursos do governo fossem dedicados para garantir atenção, oportunidades e condições a esse grupo.



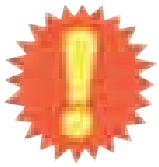
Neste caso, teríamos R$175 bilhões para as crianças e jovens pobres, o que daria cerca de R$6 mil por ano para ser gasto com cada um. Seguramente o suficiente para garantir atenção e oportunidades de qualidade a todas as crianças e jovens pobres no país.

Ou seja: há recursos, mas eles não são usados no lugar certo.

Se há recursos, então qual o problema? O problema é que nossa política social simplesmente não dá às crianças e jovens pobres a atenção que eles merecem.

Falta o foco nesse grupo.

Nos estados mais pobres do Nordeste, o gasto com educação por aluno no fundamental não chega a R$50 por mês. Como dizia Ayrton Senna: "Se a gente quiser modificar alguma coisa, é pelas crianças que se deve começar, através da sua educação".



A desigualdade no Brasil é, portanto, nada mais do que uma dramática conseqüência de não darmos prioridade a nossas crianças. Enquanto as crianças de famílias ricas têm o que precisam, graças ao esforço de seus pais, as mais pobres vêem seu talento ser sub-desenvolvido e sub-utilizado. Não é surpreendente que o grau de desigualdade no país seja e permaneça monstruoso.

Nem todas as sociedades são como a brasileira. Em algumas, as crianças são superprotegidas e têm acesso a tudo de que necessitam para desenvolver seus talentos e potencial.

É o caso de países como Luxemburgo, Suécia, Noruega, Dinamarca... Nesses países, o investimento por aluno chega a ser mais de 15 vezes superior ao nosso.

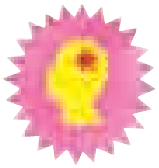
Um amigo meu, José Marcio Camargo, uma vez me contou uma história sobre a Costa Rica, um país da América Central pequeno e ecologicamente rico. Pelo que me lembro da estória, ele caminhava pela capital, São José, e, sabendo que o país era relativamente rico, estava perplexo pela ausência de grandes obras, edifícios altos e modernos e fantásticos monumentos. Decidiu, então, arriscar uma pergunta. Dirigiu-se ao representante do governo que o acompanhava e questionou: Onde está toda a riqueza? O representante não hesitou. Apontou para um grupo de crianças que saíam da escola e simplesmente disse:

Trabalhando o sal pra ver a mulher se vestir e ao chegar em casa encontrar a família a sorrir. Filho vir da escola, problema maior, estudar, que é pra não ter meu trabalho e vida de gente levar.

Canção do sal

Milton Nascimento

Aí está nossa riqueza.



Quando será que poderemos dizer o mesmo?
Quando pudermos, tenho certeza que nosso problema de desigualdade estará definitivamente resolvido.

Não somos donos da teia da vida

Daniel Munduruku

Meu avô costumava dizer que tudo está interligado entre si, e que nada escapa da trama da vida.

Ele costumava me levar para uma abertura da floresta, deitava-se sob o céu, apontava para os pássaros em pleno vôo e nos dizia que eles escreviam uma mensagem para nós. "Nenhum pássaro voa em vão. Eles trazem sempre uma mensagem do lugar onde todos nos encontraremos", dizia ele num tom de simplicidade, a simplicidade dos sábios.

Outras vezes nos punha em contato com as estrelas e nos contava a origem delas, suas histórias. Fazia isso apontando para elas como um maestro que comanda uma orquestra. Seu olhar estava sempre direcionado para o infinito, como se contemplasse a infinitude inquieta do universo que tinha diante de si.

Em dias inspirados, o velho avô nos lembrava algo sobre o tempo: se o momento atual não fosse bom, não se chamaria presente. Lembrava-nos com isso que **o único tempo que temos é o agora**, e que devemos encará-lo como um presente da divindade. Viver o hoje, usufruí-lo sem pressa, sem desejo de dominá-lo e sem querer congelá-lo com a doentia mania ocidental de tudo planejar, desejo insano de dominar o futuro. E para quê? Para acumular e distrair-se da real necessidade de vivermos a vida como um presente do Criador.

Em outros dias, nos ensinava que, para sermos felizes, é preciso lembrar sempre duas verdades:

1. **Nunca se preocupar com coisas pequenas;**
2. **todas as coisas são pequenas.**

Não se preocupar com nada, vô? — alguém do grupo perguntava. O velho apenas sorria, compreendendo nossa dificuldade. *Não foi isso que eu disse, meus netos. Eu disse que é preciso que se dê, a cada coisa, sua importância devida. Nossos problemas não devem ser maiores do que cada um de nós.*

Confesso que não entendia direito o que ele queria nos dizer, mas o acompanhava a todos os lugares só para ouvir a poesia presente em sua maneira simples de nos falar da vida.

Numa certa ocasião, ele disse que cada coisa criada está em sintonia com o criador, e que cada ser da natureza, inclusive o homem, precisa compreender que seu lugar na natureza não é ser o senhor, mas um parceiro, alguém que tem a missão de manter o mundo equilibrado, em perfeita harmonia para que o mundo nunca despenque de seu lugar.

"Enquanto houver um único pajé sacudindo seu maracá, haverá sempre a certeza de que o mundo estará a salvo da destruição". Assim nos falava nosso velho avô, como se fôssemos — eu e meus irmãos, primos e amigos — capazes de entender a força de suas palavras. Só bem mais tarde, homem adulto, conhecedor de muitas outras culturas, pude começar a compreender a enormidade daquele conhecimento saído da boca de um velho que nunca tinha sequer visitado a cidade, ao longo de seus mais de 80 anos.

Fagat a terra, conhecer os desejos da terra, cio da terra propícia estação. E fecundar o chão.

Cio da terra

Noilton Nascimento e Chico Buarque

papagaios, periquitos, cuidavam de suas cores e os peixes cruzando o rio, curumins cheios

Percebi, então, que meu avô era um homem com uma visão muito ampla da realidade, e que nós éramos privilegiados por termos convivido com ele.

Estas lembranças sempre me vêm à mente quando penso na diversidade, na diferença étnica, social e na hoje chamada **sustentabilidade**, uma nova idéia para **necessidade antiga de o homem ocupar seu lugar no universo**.

Penso nisso e me deparo com a **compreensão de mundo dos povos tradicionais**:

Tudo está em harmonia com tudo; tudo está em

É uma concepção que não exclui nada e não dá toda a importância a um único elemento, pois todos são passageiros de uma mesma realidade; são, portanto iguais. No entanto, não se pode pensar que essa igualdade signifique uniformidade. Todos esses elementos são diferentes entre si, têm uma personalidade própria, uma identidade própria.

Com minhas leituras e viagens, fui compreendendo, aos poucos, aquilo que o meu avô dizia sobre a sabedoria que existe em cada um e todos os seres do planeta.

Descobri que não precisa ser xamã ou pajé para chacoalhar o maracá: basta colocar-se na **atitude harmônica com o Todo**, como se estivéssemos seguindo o fluxo do rio, que não tem pressa... Mas sabe onde quer chegar.

Foi assim que descobri os **sábios orientais**;
os monges cristãos;
as freiras de Madre Teresa;
os muçulmanos;
os evangélicos sérios;
os pajés da Sibéria, dos Estados Unidos;
os Ainu do Japão;
os Pigmeus;
os educadores e mestres...

de amores. Sorria o jurupari, o uirapuru, seu porvir, era flora, fauna, frutos e cores.

Saga amazônica
a Vital Farias

Descobri que todas essas pessoas,
em qualquer parte do mundo,
praticando suas ações
em busca do equilíbrio do universo
estão batendo seu maracá.

Entendi, então, **a lógica da teia**.

tudo; e cada um é responsável por essa harmonia.

Entendi que **cada um dos elementos vivos segura uma ponta do fio da vida**, e o que fere, machuca a Terra, machuca também a todos nós, os filhos da Terra.
Foi aí que entendi que a diversidade
dos povos,
das etnias,
das raças,
dos pensamentos,
é imprescindível para colorir a Teia,
do mesmo modo que é preciso sol e água para dar forma ao arco-íris.

Mas nada é melhor que a água, a terra é a mãe de todos. O ar é que toca o homem e o homem maneja o fogo.

Irmãos da Lua

Renato Teixeira

Todos devem realizar seus sonhos
bons, e que:
os presidentes, prefeitos e "até
eleitos" cumpram com o que falam,
os diretores de escolas valorizem
mais os alunos e impeçam injustiças
com todos eles,
as madeireiras cortem menos árvores,
os pais entendam mais seus filhos.

Kaipo G. De Jesus, 12 anos

Educar para uma cultura de sustentabilidade

Ou seja: para entender que nada existe nem acontece isolado, e tudo tem a ver com tudo e com todos.

Moacir Gadotti

Educar para uma cultura da sustentabilidade é educar **para outro mundo possível**, já que **este mundo é insustentável**.

E educar para outro mundo possível é educar preparando para aquilo que ainda não é,

o ainda-não,

a utopia. um mundo ideal, não é?

Assim fazendo, estamos assumindo a história como possibilidade e não como fatalidade. Entendi que é "fazer a história".

Por isso, educar para outro mundo possível é também educar para o rompimento com o estabelecido, para a rebeldia, para a recusa, para dizer "não", para gritar, para sonhar com outros mundos possíveis. A diversidade humana implica a diversidade de modos de produzir e de reproduzir a nossa existência no planeta.

Vai o bicho homem fruto da semente, memória, renascer da própria força, própria luz e fé, memória, entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós, história.

Pedescobrir
Gonzaguinha

Os riscos que corre essa gente morena. O horror de um progresso vazio. Matando os mariscos, os peixes do rio. Enchendo o meu canto. De raiva e de pena.

Purificar o Subaé
Caetano Veloso

A Terra como "Mãe" de todos e todas.

Os educadores não devem se dirigir apenas a alunos ou a educandos, mas a **habitantes do planeta**, considerando a todos e a todas como cidadãos da mesma Mátria, a Pátria-mãe.

A Terra é a nossa primeira grande educadora.

Educar para uma cultura de sustentabilidade é **educar para encontrar nosso lugar na história**, **no universo**.

É educar para a **paz**,
para os **direitos humanos**,
para a **justiça social**,
para a **diversidade cultural**,
contra os preconceitos sexuais,
contra o racismo,
contra o autoritarismo.

É educar para erradicar a fome e a miséria.

É educar para formar uma consciência planetária.

Para ser do planeta, não só de uma cidade.

É educar para que cada um de nós encontre o seu lugar no mundo, educar para pertencer a uma comunidade humana planetária, **para sentir profundamente o universo**.

É educar para a planetarização, e não para a globalização capitalista.

Isso é a sociedade funcionando em busca de lucro.

O capitalismo é essencialmente insustentável.

Vivemos num planeta, e não num globo.

O globo é uma referência à sua superfície, às suas divisões geográficas, aos seus paralelos e meridianos. O **globo** refere-se a aspectos formais; o **planeta** refere-se a uma totalidade em movimento. A Terra é um super-organismo vivo e em evolução. Nosso destino, enquanto seres humanos, está ligado ao destino **desse ser chamado Terra**.

Educar para outros mundos possíveis é educar para ter uma relação sustentável com todos os seres da Terra, sejam eles humanos ou não.

Até com as pedras.

É educar para viver no cosmos — educação planetária e cosmológica —, ampliando nossa compreensão da Terra e do universo.

É educar para ter uma perspectiva cósmica.

Só assim poderemos entender mais amplamente os problemas
da desertificação,
do desflorestamento,
do aquecimento da Terra,
da água,
do lixo
e todos aqueles que atingem humanos e não-humanos.

Paradigma é o mesmo que "modelo".

Os paradigmas clássicos, maneiras de pensar arrogantemente antropocêntricas e industrialistas, não têm suficiente abrangência para explicar essa realidade cósmica.

Por não ter essa visão holística, não conseguiram dar nenhuma resposta **para tirar o planeta da rota do extermínio e do rumo da cruel diferença entre ricos e pobres**.

Os paradigmas clássicos estão levando o planeta ao esgotamento de seus recursos naturais. A crise atual é uma crise de paradigmas civilizatórios.

Por isso, minha proposta para um desenvolvimento socioambiental justo e sustentável é começar por educar para uma cultura da sustentabilidade a partir de um novo paradigma: **um paradigma holístico**.

Já sei: que põem o homem no centro de tudo.

Quer dizer, a gente pensa muito pequeninho, e precisa mudar isso. Precisa pensar em tudo junto, em vez de achar que o ser humano pode fazer o que bem entender com a natureza. Ninguém é dono do planeta!

A gente enxergar o universo como um todo, uma coisa inteira, onde tudo se relaciona, e não como um aglomerado de partes.

Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei, transformai as velhas formas do viver. Ensinai, ó pai, o que eu ainda não sei. Ó Deus, senhor do desejo, socorro!

Tempo rei
Gilberto Gil

O

BURA

SOLIDÃO

VAZIO

AÇO

ROTINA

AGONIA

MEDO

Lya Luft

Do livro Perdas & Ganhos, *Ed. Record*

Tudo se complica porque trazemos nosso equipamento psíquico. *Nascemos do jeito que somos*: algo em nós é imutável, nossa essência são paredes difíceis de escalar, fortes demais para admitir aberturas. Essa batalha será a de toda a nossa existência.

As ferramentas para executarmos a tarefa de viver podem ser precárias. Isso quer dizer: algumas pessoas nascem mais frágeis que outras. Um bebê pode ser mais tristonho do que seu irmão mais vital. Não é uma sentença, mas um aviso da madrasta natureza.

O meu diminuto jardim me ensina diariamente que há plantas que nascem fortes, outras malformadas; algumas são atingidas por doença ou fatalidade em plena juventude; outras na velhice retorcida ainda conseguem dar flor.

Essa mesma condição é a nossa, com diferença dramática: a gente pode pensar. Pode exercer uma relativa liberdade. Dentro de certos limites, podemos intervir.

Por isso, mais uma vez, *somos responsáveis*, também por nós. Somos no mínimo *co-responsáveis* pelo que fazemos com a bagagem que nos deram para esse trajeto entre nascer e morrer.

Carregamos muito peso inútil. Largamos no caminho objetos que poderiam ser preciosos e recolhemos inutilidades. Corremos sem parar até aquele fim temido, raramente nos sentamos para olhar em torno, avaliar o caminho, e modificar ou manter nosso projeto pessoal.

Ou nem tínhamos desejos pessoais. Nos diluímos nas águas da sorte ou da vontade alheia. Ficamos tênues demais para reagir. Somos os que se encolhem nos cantos ou sentam na beirada da poltrona nos salões da vida.

Cada desperdício de um destino, um indivíduo que se proíbe de se desenvolver naturalmente conforme suas capacidades ou até além delas, me parece tão trágico e tão importante como uma guerra. Pois é a derrota de um ser humano — que vale tanto quanto milhares.

Não devíamos escrever artigos e fazer passeatas apenas contra a guerra, a violência, a corrupção e a pobreza, mas proclamar a importância do que semearam em nós, indivíduos. De como o devemos cuidar no tempo que nos foi dado para essa jardinagem singular.

O meu maior sonho é conhecer todas as línguas que existem para adquirir muita sabedoria e ser alguém na vida.

Angelita Oliveira de Souza, sexta série

Nada a temer senão o correr da luta, nada a fazer senão esquecer o medo.

Abrir o peito à força numa procura, fugir das armadilhas da mata escura.

Caçador de mim

Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá

Somos nós que fazemos a vida como dói, ou pulsar, ou quiser.

O que é, o que é

Gonzaguinha

O bebê: um novo mundo que muda o nosso mundo

Carlos Eduardo de Carvalho Corrêa

Quando, seu moço, nasceu meu rebento, não era o momento dele rebentar. Já foi nascendo com cara de fome

O nascimento é um ritual de passagem.

A impressão que o nascimento causa às mães e aos bebês pode variar bastante conforme as condições em que o parto aconteceu.

O nascimento é um ritual de passagem sagrado.

Ao mesmo tempo, **garantiu que continuássemos existindo como sociedade** e **se manteve como uma das mais vivências humanas mais primitivas e animais**.

Como pediatra, tenho a oportunidade rara de acompanhar o nascimento e o início do crescimento e desenvolvimento de muitas crianças.

Fico pensando que elas chegam ao mundo com características das suas famílias.

Mas também com uma infinidade de possibilidades e diferenças que, quando bem exploradas, poderão possibilitar o surgimento de um novo ser com uma forma particular de ver a vida.

Um bebê não nasce "pronto".

E de viver de modo diferente o dia-a-dia, o que tanto já contribuiu para que a sociedade mudasse e se desenvolvesse.

Para refletir: em que somos iguais e em que somos diferentes? Aqui é que se descobre o valor da diversidade!

Nós nos unimos pelas nossas semelhanças, e as nossas diferenças compartilhadas formam o universo que torna tão rico viver em grupo.

Meu trabalho como pediatra se baseia nesse princípio.

Começamos a nossa trajetória completamente diferentes — e a maior lição de humanidade que vamos ter talvez seja esta: nos entregarmos aos cuidados das nossas mães.

Mães que tiveram em algum momento a generosidade de nos permitir habitar seus corpos, tomar seu leite, tirar seu sono e tantas outras coisas.

Pode acontecer que os bebês sejam responsabilidade do grupo, mas são as mães que vão levar a vida diária com seus filhos.

Devemos valorizar o conhecimento interior — chamado animal, intuitivo ou seja lá o que for — para entender como as mães vêem e percebem as necessidades do seu bebê, por mais diversas e sofisticadas que sejam. O que significa também valorizar a mulher nas suas diferenças, que poderão ser reconhecidas nos seus filhos sem que eles se sintam estranhos por pensarem ou sentirem coisas diferentes. Estou falando do indivíduo sério no seu jeito de ser e coletivo na forma de viver seus sentimentos.

O meu guri e não tinha nem nome pra lhe dar.

Chico Buarque

Não há monotonia nesta humanidade que se identifica nos sentimentos grupais e se respeita na forma individual de expressá-los.

Ser NÓS e ser EU é isto!

É assim que o ser humano vai se educando, amadurecendo.

Atingir a maturidade é pura arte. É criar, concluir uma obra, transformar. Conviver com as dúvidas, os medos sagrados, procurar a libertação, o distanciamento crítico e tantas outras questões.

Quando vejo um bebê, me pergunto o que ele estará
vendo,
sentindo,
cheirando,
percebendo,
saboreando.

Sempre o imagino como um ser extremamente sensorial, perspicaz, capaz de se encantar ou se apavorar com um pequeno detalhe.

Um bebê é tão forte no grito quanto delicado nas emoções.

Cheio de inúmeras possibilidades.

Queria tanto poder garantir a possibilidade de ele ser livre e escolher amorosamente como vai viver,
respeitando a si mesmo
e
respeitando os outros,
amando a si mesmo
e
amando os outros.

(O respeito por si próprio se revela e se completa no respeito pelos outros; o amor pode ser dirigido a alguém ou a si mesmo.)

Acho que o mundo se transforma a partir de casos simples.

Facilitar a aproximação incondicional das mães com seus bebês é resgatar o vínculo mais importante e prematuro da humanidade.

Não permitir nem considerar natural o afastamento entre a mãe e o bebê é lutar por uma ordem social que respeita as nossas necessidades de seres humanos.

Mas... e as mães que TÊM que trabalhar e passar o dia longe dos filhos? Seria melhor se todos os locais onde trabalham mulheres tivessem creches

Reconheço nos pais um conhecimento oculto a respeito de seus filhos, que pode se expressar desta forma: garantindo que o nosso mundo possa ser vivido e aceito como correto quando se baseia num sentimento de amor construtivo. É exatamente esse o mundo que eu busco.

Todos nós sonhamos com um mundo sem guerras, sem brigas, sem explorações. Esperamos ou não? Certamente esperar é o melhor. Podemos, enquanto isso, sonhar cada vez mais com esse mundo.

Karla Amaral de Melo, 14 anos

O menino cresceu entre a ronda e a cana, correndo nos becos que nem ratazana.
Entre a punga e o afano, entre a carta e a ficha, subindo em pedreira feito lagartixa.

Tiro de misericórdia

João Bosco e Aldir Blanc

A vida que a gente quer depende do que a gente faz

— mas quem é que faz o quê?

Luiz Percival Leme Britto

Ou seja: refletir e tomar a palavra, em vez de só ir seguindo o rebanho...

Mas, afinal, quem faz a vida? A gente querendo faz? É da gente que ela depende? É, num certo sentido, cada um de nós, com seus anseios e possibilidades, se põe no mundo e na vida e vai levando. Então, diriam, pois é, a gente faz a vida e quer uma vida melhor, mais feliz, possível, tem que decidir e agir. Unida, a gente faz do mundo um mundo diferente.

Mas será assim mesmo? A *gente* é quem, camarada?

Por que a vida real, a vida na História, não se resume a um querer subjetivo nem a um sonho de cinema: os heróis enganam. A vida se faz de conflito, e a gente não é um todo reunido: a idéia de "gente" como um todo reunido não passa de uma abstração, de uma percepção, de um desejo, e — num sentido muito importante — de uma ideologia.

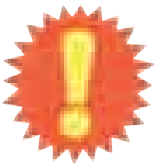
É preciso cuidado com o que se diz e se ouve. "As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todo os domínios", adverte Bakhtin. E é bom perceber desde logo que a ideologia é mais determinante, mais violenta, mais brutal e mais eficiente, exatamente no momento em que não é percebida, porque é nessa situação que não é possível o discurso contra-ideológico.

O que a gente pode fazer, lembrando com o poeta Drummond que "sob a pele das palavras, há cifras e códigos", é buscar a consciência desse processo e dos jogos possíveis e, desmistificando-os, evitar algumas ciladas. "O mundo atual é movido pelo discurso; nosso trabalho é oferecer o contra-discurso", diz Milton Santos.

Então, jogando no contra-discurso, transformo a afirmação em pergunta:

A vida que a gente quer depende do que a gente faz?

Então, dizer "a gente" sem saber exatamente de quem se fala pode ser gente demais numa palavra só!



Então, é aqui, é sobre isso que a educação tem que agir!

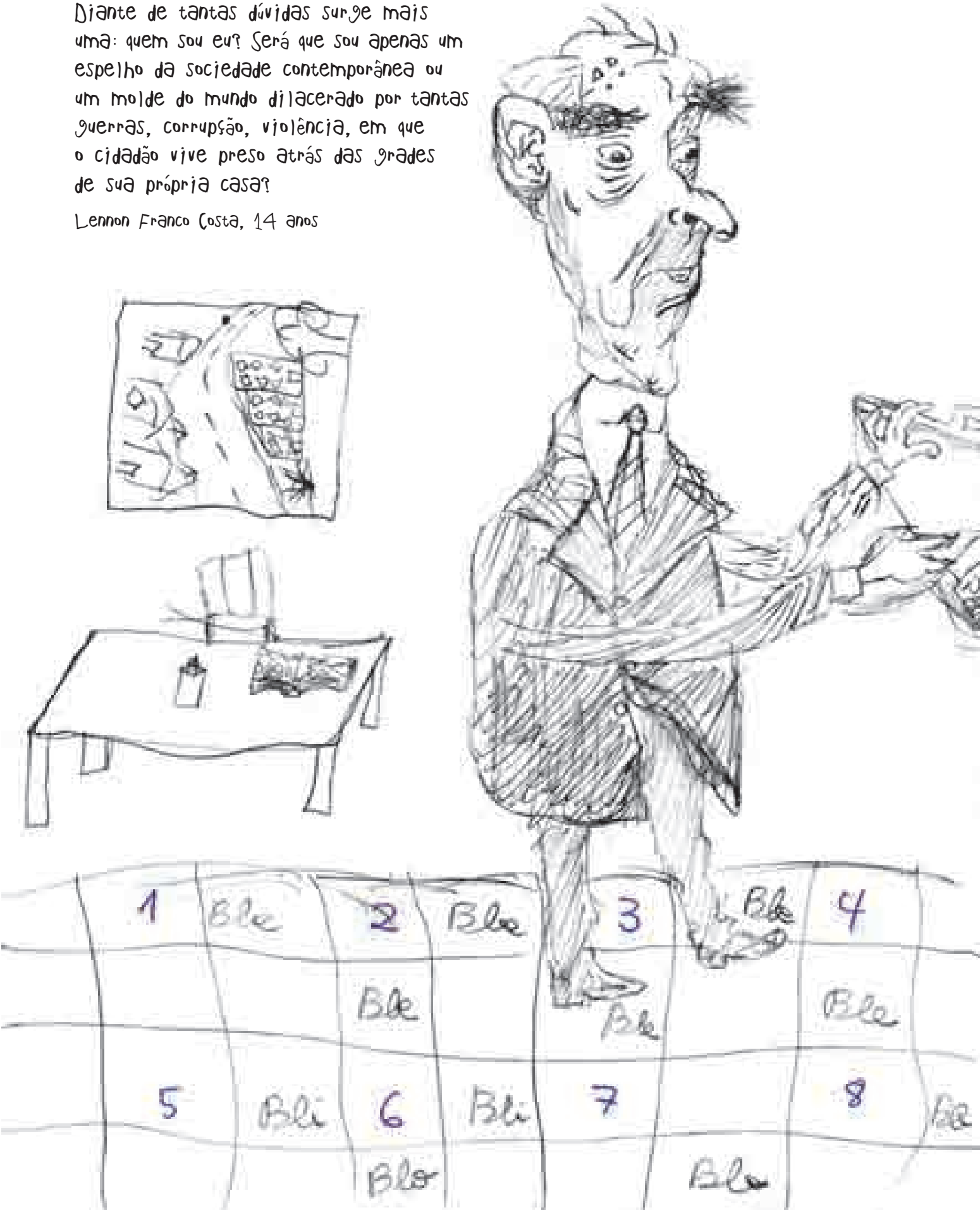
Isto é desvendar a ideologia para não cair na cilada e fazer escolhas de verdade!

BOAS

IDÉIAS

Diante de tantas dúvidas surge mais uma: quem sou eu? Será que sou apenas um espelho da sociedade contemporânea ou um molde do mundo dilacerado por tantas guerras, corrupção, violência, em que o cidadão vive preso atrás das grades de sua própria casa?

Lennon Franco Costa, 14 anos



Ideologia, eu quero uma pra viver. Pois aquele garoto que ia mudar o mundo, mudar o mundo, agora assiste a tudo em cima do muro, em cima do muro.

Ideologia

Cazuza

Vamos ver.

Imaginem a idéia: *o homem é um ser racional*. Que ingenuidade essa de aceitar que a palavra *homem* represente a *espécie humana* e, ao mesmo tempo, um *dos gêneros que compõem essa espécie* (o masculino), sem que isto signifique a supremacia desse gênero em relação ao outro! E como aceitar que essa palavra seja aplicável a qualquer indivíduo que tenha determinada característica — a de ser racional —, ainda que a gente não saiba exatamente o que isso quer dizer?! O conceito de *homem* é uma construção histórica, que passa por uma visão de humanidade constituída numa sociedade machista — a mesma sociedade que insiste, de diferentes formas, na superioridade dos homens sobre as mulheres.

E mesmo entre os membros da espécie humana, nem todos foram sempre tidos como *homens*. Por séculos, os negros africanos puderam ser legalmente escravizados, e explorados, e violentados, porque, afinal, "não eram *homens*"! Dizia-se que não tinham alma e, na essência cristã, que sustentou a legalidade do massacre de índios e negros por vários séculos, o que faz do ser humano um ser humano é a alma, e não os 23 pares de cromossomos. É por isso que, na essência cristã, o aborto é proibido. Pelo raciocínio cristão, a razão de proibir o aborto não são os 23 pares de cromossomos, mas a crença de que o feto tem alma. Já a medicina moderna sustenta que um feto pode ser abortado, porque não se constituiu propriamente num indivíduo humano (o que quer dizer que a condição de *humanidade* suporia um determinado grau de desenvolvimento do organismo).

Ah, os absurdos que "a gente" (!!!) já fez!

Considerem, agora, o segundo elemento do enunciado *o homem é um ser racional*. De imediato surge uma pergunta sorrateira: como pode o ser humano ser racional se é movido pela irracionalidade, se diversas dimensões da psiquê humana atuam fora da zona da racionalidade? O enunciado o *homem é racional* tem sentido apenas dentro de uma visão da racionalidade, do dualismo cartesiano, que postula a separação radical da matéria e do espírito.

Como se um ser humano fosse duas coisas separadas — um corpo e uma mente.

Salve a maravilha eletrônica que já resolveu a fome crônica.
Mares de antenas de tevê pelo país tornam nosso índio mais alegre e mais feliz.
Bié, bié, Brasil
Gonzaguinha

E desde quando o ser humano é *racional*? Desde que veio do macaco? Desde que surgiu o *homo sapiens sapiens*? E como ficou racional? Teria havido um salto mágico do chimpanzé para o humano? E entre o humano e o chimpanzé, haverá que seres? Serão alguns racionais? E os homens e mulheres, excluídos da lógica do capital que se globaliza e se impõe em toda parte, são racionais (de fato e de direito)? Os aborígines que sobrevivem na Austrália são racionais? Os Ianomâmi são racionais? Os Kaigang são racionais? As crianças assassinadas por bombas inteligentes são racionais? E a Bomba? Se racionalidade se define em função dos princípios e necessidades do poder, então todos eles seriam irracionais, menos as bombas!

Vejam um outro caso: alguns sentidos adicionais do adjetivo *novo/nova*.

Uma das características da sociedade capitalista tem a ver com a concepção de que o que é *novo* é bom. Há uma oposição constante entre futuro como valor positivo e passado como valor negativo. O velho é gasto, o velho é puído, o velho é estragado, o velho é ruim. O novo é revolucionário, intacto, melhor, mais bonito, mais elegante, mais confortável, mais.

Armadilha de ideologia que é preciso desmontar. Se eu achar que o novo é sempre o melhor, vou achar que preciso dele o tempo todo, e vou CONSUMIR CONSUMIR CONSUMIR!

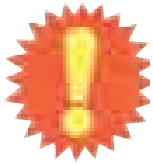
Vejo contradições muito fortes nessa maneira de pensar que o velho é ruim e que a novidade é um valor positivo.

Observem como o conceito de *novo* e *velho* obriga a gente a consumir mais roupas, mais carros, mais móveis, mais tudo; o conceito de novo valoriza as invenções mercadológicas e constrói novas e novas necessidades de consumo. O conceito de novo faz com que o velho não possa ser chamado de velho, precise ser chamado de pessoa experiente. Neste jogo ideológico, ser velho é ser ruim, ser velho é ser doente.

Depende de nós se este mundo ainda tem jeito, apesar do que o homem tem feito, se a vida sobreviverá.

Depende de nós

Ivan Lins e Victor Martins



Isso tem tudo a ver com o que se fala na página 00 sobre a valorização da pessoa violenta! Competir o tempo todo dá nisso! (texto de Yves de La Taille, "Violência e orgulho")

Ver o que se diz na página 00 sobre gente como "matéria prima". (texto de Gustavo Ioschpe, "Educação para o futuro")

Por isso é que um país crescer economicamente e seu povo viver mal não faz sentido.

Buscar lucro e lucro e lucro está acabando com o mundo. Seria possível imaginar um mundo em que se buscasse lucro sem a exploração e a destruição?

Essa idéia de progresso e de novidade se articula com outra idéia perversa: a idéia de que liberdade implica individualidade, espírito novidadeiro, empreendedorismo, disputa e competição. Nessa lógica, ser jovem é ser novo, ser moderno, ser competitivo. Isso é um elogio: *Você é muito competitiva*. Ser competitivo! Queremos um Brasil competitivo. Queremos uma universidade competitiva. Queremos uma empresa competitiva. Queremos pessoas competitivas.

E a imagem de solidariedade se combina com a de competição: sou competitivo e solidário. Apoio uma série de instituições de caridade; subscrevo vários projetos; no Natal, viro Papai Noel e dou mil carrinhos pros "pobrinhos"; mas sou um empresário competitivo. E essa imagem de competitividade rege as propostas de educação voltadas para a empregabilidade num tempo de desemprego. Você já imaginou que apenas 2% das pessoas do mundo, **só 2%**, detêm 50% da toda a riqueza produzida pelas mãos humanas (por que são os seres humanos, com seu trabalho, que produzem a riqueza)? E por que, então, **os outros 98%** não tratam de se unir e mudar esse estado de coisas? Porque a ideologia faz com que as coisas pareçam tão naturais que pouca gente se dá conta de que o capitalismo, com sua ganância e egoísmo, está destruindo o mundo e a vida reais e possíveis.

Agora, podemos responder ao que era afirmação e virou pergunta: **a gente** não faz a vida que a gente quer. Mas **uma certa gente**, se se indignar com essa lógica excludente e destruidora (que também é feita por *gente*, ainda que não **a** gente), se insubordinar contra a ordem instituída, aí, sim, **a gente** tem a chance de dizer que **a vida que a gente quer depende do que a gente faz**.

E isso é MUITA, mas MUITA gente!

Quando eu crescer gostaria muito de continuar a ser criança, pois é isso que falta no mundo. Se os adultos fossem crianças, não teria violência, destruição da natureza e falta de amor pelo ser humano.

Adriano Rodrigo do Valle Junior, quarta série

Saúde da Modernidade

Eugênio Scannavino

Aqui fora de perigo, agora, dentro de instantes, depois de tudo que eu digo, muito embora, muito antes... O melhor lugar do mundo é aqui e agora.

Aqui e agora
Gilberto Gil

Saúde se define como **bem estar físico**,

mental

e **social**.

Eu ainda acrescentaria

bem estar ambiental.

Eu diria que é estar em harmonia com o ambiente interno e externo de cada um.

Estar com saúde é isto: bem estar físico, mental, social e ambiental!

Quando paramos para pensar o que significa isso, logo vemos que é muito diferente daquilo que consideramos saúde no dia a dia, que é a ausência de doenças físicas.

Saúde é um conceito bem mais amplo e profundo!

Podemos individualmente estar nos sentindo bem, sem dores, mas...

Estamos felizes afetivamente?

Nossa mente está calma e pacífica?

E nosso entorno, o ambiente e nossos semelhantes, com os quais interagimos e participamos, interferindo — querendo ou não?

Estamos saudáveis, enquanto sociedade?

Mesmo em relação às doenças físicas **somos totalmente interdependentes das atitudes de cada um**.

Se uma pessoa não usa o sanitário e defeca no mato ou na água, ela está contaminando todos os seus vizinhos ou habitantes daquele ambiente.

Se um portador de HIV não usa camisinha, acaba por contaminar outras pessoas.

Assim, a **Saúde é necessariamente um conceito coletivo** e pode ser vista como o resultado final do trabalho de toda uma sociedade!

Mais uma vez: TUDO tem a ver com TUDO, tudo está relacionado.

A Saúde é definida na constituição como

um "Direito de Todos e um Dever do Estado",

e eu então ainda acrescentaria:

co-responsabilidade de cada cidadão.

A nossa sociedade está pensando de maneira saudável?

Nós individualmente estamos pensando de maneira coletiva, ou na nossa capacidade de participar e influenciar?

Sem uma coisa, a outra não muda, e vice versa.

Na grande maioria dos países, nas escolas de medicina, nos hospitais, não temos sistemas de Saúde, mas sim de Doenças: enfatiza-se mais o combate às enfermidades de cada indivíduo, um órgão ou sintoma específico, sem olhar para **o paciente como um todo**.

sistema de doença X sistema de saúde

Quantas dessas enfermidades se originaram nas **duras condições de vida, moradia, alimentação e também de sofrimento afetivo e emocional** pelo individualismo e competição insana de nosso modelo de vida?

Que tipo de sociedade estamos construindo para nós mesmos?

Trabalho na Amazônia, com os **povos da floresta**, caboclos e indígenas, que vivem em completa **harmonia com seu ambiente** e em comunidades onde há um grande senso de **solidariedade** e **construção conjunta**.

Nessas comunidades, cada indivíduo se sente como parte do todo.

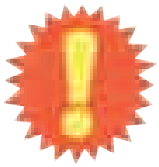
Na falta disso, a pessoa se sente PERDIDA.

Isso não só traz uma sensação de compartilhamento nos desafios da vida, pertencimento e reconhecimento de cada um com seus semelhantes, mas também traz um grande senso de responsabilidade individual em relação ao coletivo.

Apesar de todas as pequenas brigas, disputas e problemas cotidianos inerentes a todos os seres vivos agrupados, eles tem uma visão mais ampla e uma incrível paz interior (que eu acho que vêm dessa sensação de segurança de estar acolhido).

E como ter paz interior numa cidade grande?

Nosso mundo atual tem cerca de 6 bilhões de pessoas convivendo em espaços limitados, e é modelado no individualismo e na competição desigual.



Pensemos na quantidade de lixo, doenças e destruição ambiental que estamos produzindo.

Isto é ser homem civilizado?

Isto é modernidade e tecnologia?

Muitas vezes com trabalho escravo, trabalho infantil, condições de trabalho que causam doenças...

Consumir, consumir e consumir o máximo que for capaz, (mais que seus vizinhos, para ter *status*),

Seja qual for a origem dos produtos, sejam quais forem as condições em que foram produzidos. Qual o preço social e ambiental de cada produto que consumimos no dia a dia? Alguém se preocupa com isto?

Consumir muito acaba com a saúde do planeta!

Será que consumir por consumir, acumular poder e dinheiro pelo dinheiro, fará com que as pessoas estejam realmente vivendo melhor?

Será que as pessoas vão ser saudáveis?

Será que serão felizes?

Os avanços tecnológicos são uma grande dádiva da criatividade e capacidade de evolução humana, mas também estamos cada vez mais afastados da **natureza**, do **planeta** que nos abriga, e também dos nossos **semelhantes**.

Freqüentemente fico imaginando como seremos no futuro.

Não aquele futuro longe, daqui a muitas décadas nem centenas de anos, mas apenas **daqui a alguns anos**.

O trabalho que faço me leva a muitos lugares do Brasil e do mundo.

Lugares muito diferentes, com pessoas muito diferentes, **mas todas com mesmos direitos e com necessidades também parecidas**.

Todas precisam garantir sua comida, sua água, seu lugar na escola, precisam ter amigos, desejam amar e ser amadas, desejam um trabalho que permita realizar seus sonhos e todas estas coisas que a modernidade promete.

As pessoas que vivem na floresta também esperam alcançar as promessas da modernidade, para viver melhor.

Tanta comunicação, tanta gente estudando e criando coisas novas. Gosto desse progresso. Acredito nele. Pode trazer muitos benefícios para a humanidade. Me faz ao mesmo tempo experimentar momentos de otimismo e satisfação e momentos de desilusão e preocupação com as coisas que vejo. Acho que todos nós somos assim.

Só não podemos ficar parados, criticando tudo e não fazendo nada! Isso, em vez de ajudar, gera mais doença na própria pessoa e no mundo. A infelicidade, a raiva e a frustração se propagam bem mais rápido do que as coisas boas. Esse é um veneno que temos que evitar sempre. E o remédio é AGIR!

Criticar sem fazer nada gera mais doença.

Cada um de nós é imprescindível para mudar o mundo.

Não importa como ou onde, mas é preciso acreditar que podemos ajudar a melhorar as coisas, e se engajar naquilo com que mais nos identificamos.

E começar a fazer.

Aproveitar nossas forças criativas, transformando a revolta em energia construtiva de coisas positivas, que possa gerar benefícios não só para você, mas para todos. Esse é o sentido de trabalhar com Saúde, e não com Doença.

Quando fazemos isso, a Saúde se propaga.

Meu lado otimista vê que hoje há muitas pessoas preocupadas com isso, e o mundo quer respostas, e valoriza quem está tentando desenvolvê-las.

Só penso que **ainda há muito por fazer** e **podemos ir fazendo**, e é fácil já conseguir resultados práticos.

Todo mundo pode ajudar a construir um mundo mais saudável:

Ter **atitudes saudáveis** aplica-se a todos os lugares e situações.

Podemos...

lavar as mãos ao sair do banheiro para não contaminar nossos amigos quando os cumprimentarmos,

escovar os dentes para não sofrermos de dor de dente nós mesmos,

cuidar das crianças à nossa volta para que não adquiram doenças e possam crescer saudáveis,

nos alimentarmos bem

e só bebermos água limpa.

Isto tudo parece simples e óbvio, mas por incrível que pareça, na grande maioria dos paises pobres ou em desenvolvimento as pessoas morrem de doenças causadas pela falta destes cuidados simples.

Assim, podemos começar por nós mesmos, no dia a dia. Se já praticamos essas atitudes individuais, ainda existem muitos e muitos que não sabem — então, podemos orientá-los, e isso já é **multiplicação** de benefício.

Se o problema é no **hospital** ou **Posto de Saúde do seu bairro**, no Brasil o Sistema Único de Saúde (SUS) prevê **a participação e o controle social de qualquer cidadão que se interessar**, você pode tentar...

Em qualquer lugar sempre tem uma associação, um grupo de criatividade ou alguma entidade de apoio presente, desenvolvendo projetos em vários temas. Isso pode ser perto de onde você mora ou estuda, ou também em qualquer outro lugar.

Ecologia, cultura, programas sociais, e as mais variadas causas: existem muitas pessoas trabalhando hoje. **Você pode se aproximar, analisar suas idéias e ver se tem interesse em participar**.

Até mesmo no dia a dia do nosso relacionamento com as pessoas próximas, podemos **ter atitudes mais calmas**, **mais amigáveis** e **amorosas**. Isso também se transmite.

Transmitindo saúde.

Na urgência da situação atual, se conseguiremos ou não salvar o mundo não interessa: não temos mais nenhum minuto a perder, pois ainda resta em cada um de nós a força trasformadora de **gerar benefícios onde e como pudermos** e, para mim, é isso que ainda dá sentido à nossa existência e nos faz mais fortes e saudáveis.

O Brazil não conhece o Brasil, o Brasil nunca foi ao Brazil. Capi, jabuti, liana,

Hoje falamos em Sustentabilidade.

O mundo só será sustentado se **cada um de nós** segurar um pedacinho.

Mesmo que os outros não estejam ajudando a carregar.

Não importa!

alamandra, alialaúde, piau, ururau, aquiataúde...

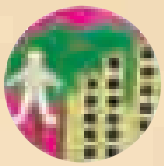
Querelas do Brasil

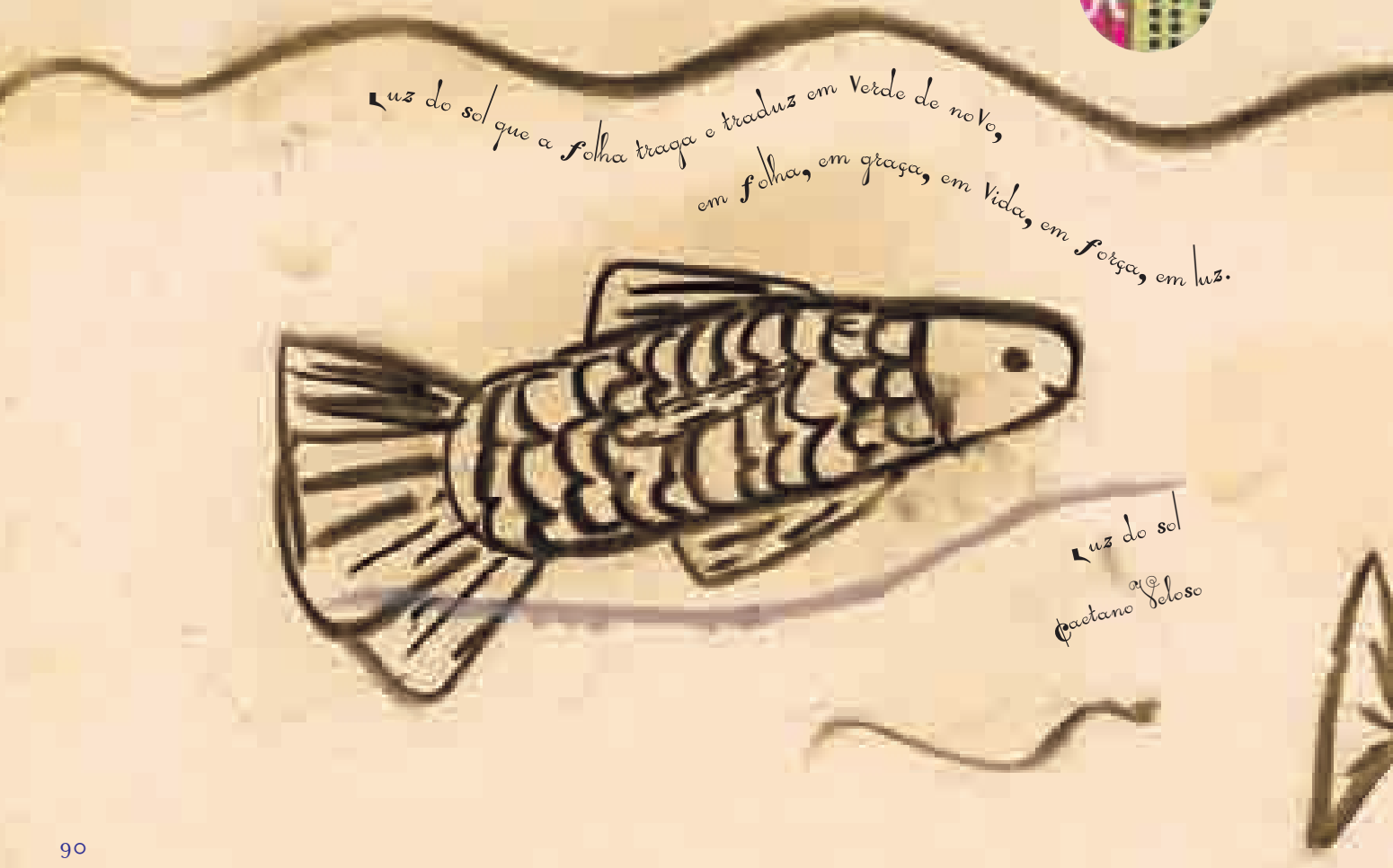
Maurício Carvalho e Aldir Blanc

A menina que ganhou um rio

Manoel de Barros

Minha mãe me deu um rio.
Era dia do meu aniversário e ela não sabia o que me presentear.
Fazia tempo que o mascate não passava naquele lugar esquecido.
Se o mascate passasse a minha mãe compraria alguma rapadura
ou bolachinhas para me presentear.
Mas, como não passava o mascate, minha mãe me deu um rio.
Era o mesmo rio que passava atrás de nossa casa.
Eu estimei o presente mais do que fosse uma rapadura do mascate.
Meu irmão ficou sentido porque ele gostava do rio igual aos outros.
A mãe prometeu que no aniversário do meu irmão ela iria dar uma
árvore para ele.
Uma árvore que fosse coberta de pássaros.
Eu bem ouvi a promessa que a mãe fizera para meu irmão.
E achei legal.



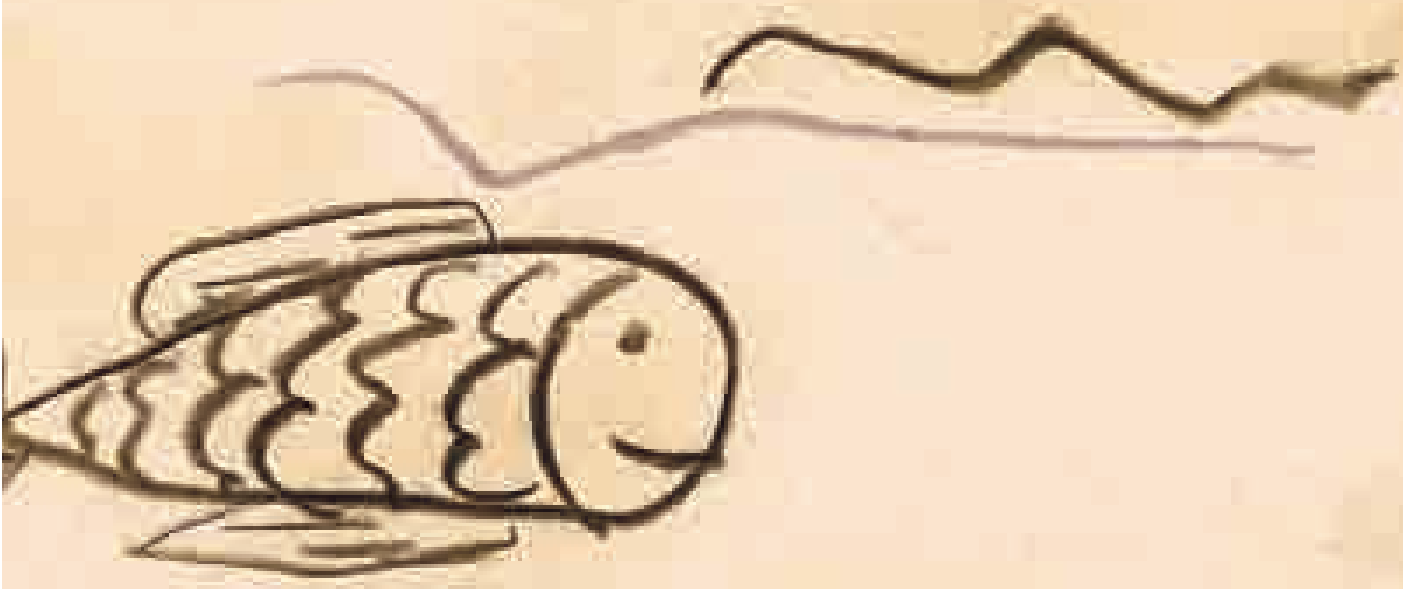


Os pássaros ficariam durante o dia nas margens do meu rio,
e à noite eles iriam dormir na árvore do meu irmão.
Meu irmão me provocava assim: minha árvore
dava flores lindas em setembro
e o seu rio nunca dá flores.
Mas eu gozava que a árvore dele não dava peixes.
E na verdade o que nos unia de verdade eram
os banhos no rio nus entre pássaros!
Nesse ponto a nossa vida era um afago.

Quando brotarem as folhas, quando crescerem as matas,
quando colherem os frutos, digam o gosto pra mim...

Aos nossos filhos

Ivan Lins e Victor Martins



Água no século 21

José Galizia Tundisi

Adaptado do livro
Água no Século XXI: Enfrentando a Escassez
Editora Rima

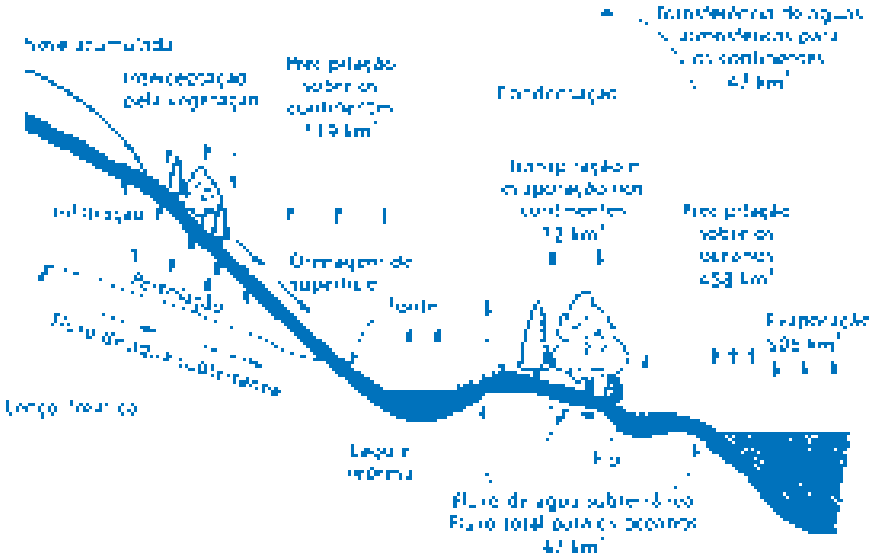
A Terra é o planeta da água. Este é o único planeta do sistema solar em que se encontra água nos diferentes estados: sólido, líquido e gasoso.

Apenas 3% da água do planeta é disponível como água doce. Destes 3%, cerca de 75% estão congelados nas calotas polares e cerca de 10% estão reservados nos aqüíferos. Portanto, somente 15% dos 3% de água doce do planeta estão disponíveis.

Onde não há água não há vida. 60% a 70% do peso de nosso próprio corpo deve-se às moléculas de água, que trabalham duro para dissolver os nutrientes e manter o corpo funcionando bem.

Água ao redor do mundo

Toda a água do planeta, seja na forma sólida, líquida ou gasosa, está sempre em movimento. Esse movimento contínuo e interdependente das fases sólida, líquida e gasosa é chamado de **ciclo hidrológico** ou **ciclo da água**.



O ciclo hidrológico. Os números em Km^3 ($x10^3$) indicam os fluxos de evaporação, precipitação e drenagem para os oceanos. *(Modificado de várias fontes.)*

Acontece que o ser humano interfere na ordem natural desse ciclo. Usa e abusa das águas subterrâneas, constrói reservatórios e faz transposições de águas entre bacias hidrográficas.

As águas se distribuem pelo planeta de maneira desigual e **o Brasil** pode se considerar privilegiado, pois **possui 53% da água doce do continente sul-americano** (334.000m³/s) **e 12% do total mundial** (1.488.000m³/s).

E **80%** de toda essa vem das bacias hidrográficas do **Amazonas**, **São Francisco** e **Paraná**.

Você sabe o que é sistema hidroestratigráfico Mesozóico constituído por depósitos de origem fluviolacustre/eólicos do Triássico e por depósitos de origem eólica do Jurássico? Você já ouviu falar no Aqüífero Guarani?

O Aqüífero Guarani é a principal reserva subterrânea de água doce da América do Sul e um dos maiores sistemas aqüíferos do mundo. Ocupa uma área total de quase **1,2 milhões de km²** na Bacia do Paraná e parte da Bacia do Chaco-Paraná. **Estende-se pelo Brasil (840.000 Km²)**, Paraguai (58.500 Km²), Uruguai (58.500 Km²) e Argentina, (255.000 Km²), numa área equivalente aos territórios de Inglaterra, França e Espanha juntas. **Sua maior ocorrência se dá em território brasileiro (2/3 da área total)**, abrangendo os Estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Agora, você sabe o que é "sistema hidroestratigráfico Mesozóico constituído por depósitos de origem fluviolacustre/eólicos do Triássico e por depósitos de origem eólica do Jurássico": é o Aqüífero Guarani!

Fonte: http://www.ambiente.sp.gov.br/aquifero/principal_aquifero.htm

Usos e abusos da água

O homem, em sua corrida pelo desenvolvimento, acabou inventando as mais diferentes formas de usar a água do planeta.

Agricultura (irrigação e outras atividades relacionadas)
Abastecimento público (usos domésticos)
Hidroeletricidade (no Brasil supre 85% da energia necessária)
1kW de eletricidade requer 16.000 litros de água
Usos industriais diversificados
Recreação
Turismo

Pesca (produção pesqueira comercial ou esportiva)
Aquacultura (cultivo de peixes, moluscos, crustáceos de água doce. Reserva de água doce para futuros empreendimentos e conseqüente uso múltiplo)
Transporte e navegação
Mineração
Usos estéticos (recreação, turismo, paisagem)

Assim é o consumo diário de água por pessoa para uma família de classe média em país desenvolvido

Uso diário *per capita* 560 litros
Consumo no interior da casa (280 litros): 45% Toaletes (126 litros); 30% banho e uso pessoal (84 litros); 20% lavanderia e cozinha/lavagem (56 litros); 5% água para beber e cozinhar (14 litros).
Consumo fora de casa (280 litros): lavagem e irrigação de quintal, piscina e lavagem de carro.

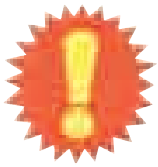
Usos múltiplos da água por continente (km^3) (1995)

América do Sul
62,7 (Irrigação) / 24,4 (Indústria) / 19,1 (Doméstico-municipal)

Américas do Norte e Central
248,1(Irrigação) / 235,5(Indústria) / 54,8(Doméstico-municipal)

África
127,7 (Irrigação) / 7,3 (Indústria) / 10,2 (Doméstico-municipal)

Europa
141,1 (Irrigação) / 250,4 (Indústria) / 63,7 (Doméstico-municipal)



Água em números

- Cerca de 70% do corpo humano é água
- Aproximadamente 34.000 pessoas morrem diariamente em conseqüência de doenças relacionadas com a água.
- 65% das internações hospitalares no Brasil se devem a doenças transmitidas por água contaminada.
- Uma pessoa necessita de no mínimo cinco litros de água por dia para beber e cozinhar e 25 litros para higiene pessoal.
- Uma família média consome cerca de 350 litros de água por dia no Canadá, 20 litros na África, 165 litros na Europa e 200 litros no Brasil.

- Para a imprensa mundial produzir um dia de papel é preciso 1,4 bilhão de litros de água.
- Um tomate contém 95% de água.
- 9.400 litros de água são necessários para produzir 4 pneus de carro.
- Metade das crianças que morrem poderiam sobreviver se tivessem abastecimento e saneamento adequados.
- Uma pessoa sobrevive apenas uma semana sem água.
- Mulheres e crianças em muitos países em desenvolvimento **viajam** em média de **10 a 15 km** todos os dias **para obter água.**

Fonte: McGill University, CTHidro (2001)

Um retrato da crise

- De acordo com a última avaliação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), **80 países** estão com sérias dificuldades para manter a disponibilidade de água. Esses 80 países representam **40% da população mundial**.
- Mais de **1 bilhão** de pessoas têm problemas de acesso a água potável; 2,4 bilhões não têm acesso a saneamento básico.
- Estima-se que entre 10.000 e 20.000 crianças morrem todo dia vítimas de doenças trazidas pela água contaminada.
- Mais de 20% de todas as espécies de água doce estão ameaçadas ou em perigo em razão da construção de barragens, diminuição do volume de água e danos causados por poluição e contaminação.
- Uma das principais fontes de poluição, contaminação e degradação das águas tem um nome que assusta. E com razão, pois é a causa da morte de peixes, moluscos e toda espécie vida de rios, lagos e mares. A palavra é eutrofização.
- 120 mil km^3 de água estão contaminados e no ritmo em que vamos a previsão para 2050 é uma contaminação de 180 mil m^3.

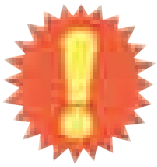
Sabe aquele córrego que tem um cheirinho desagradável e ficou cheio de algas? Ele pode ter sido eutrofizado por lixo químico das indústrias. Vale a pena perguntar mais para alguém que entende de Biologia.

Biodiversidade aquática

A exploração de peixes de rios e lagos é muito importante na economia e na vida de milhares de pessoas na Amazônia. É uma atividade que mobiliza 70.000 trabalhadores e mantém no total 250.000 pessoas. **A pesca artesanal movimenta de U$ 100 milhões a U$ 200 milhões por ano.**

O problema da eutrofização

A eutrofização é um fenômeno mundial que afeta rios, lagos, represas e tanques de abastecimento, na superfície, águas subterrâneas e águas costeiras. A eutrofização tem provocado a deterioração dos ecossistemas aquáticos e produzido impactos ecológicos, econômicos, sociais e na saúde pública.



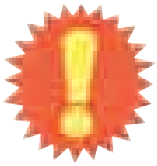
Oito principais problemas ambientais ou oito temas centrais para o futuro do planeta

1. mudanças globais;
2. perda de diversidade biológica;
3. depleção estratosférica de ozônio;
4. degradação de recursos hídricos;
5. desertificação e degradação do solo;
6. desmatamento e uso não sustentável de florestas;
7. degradação de recursos do mar e do ambiente marinho;
8. poluentes orgânicos persistentes (POPs).

Tendências atuais

- Um terço da população mundial habita áreas com estresse de água
- **1,3 bilhão de pessoas não têm água boa de beber e 2 bilhões não têm acesso a saneamento adequado.**
- 70% das retiradas de água são utilizadas para irrigação.
- Aumento dos aterros, eliminando a função ecológica natural de áreas alagadas.
- Aumentam os custos para tratamento de águas poluídas
- Mau uso do solo

Projeções para o futuro



- **Em 2025, dois terços da população humana estará vivendo em regiões com estresse de água.** Em muitos países em desenvolvimento, a pouca disponibilidade de água afetará o crescimento e a economia local e regional.
- A poluição continuará afetando as águas continentais e costeiras.
- Uso inadequado do solo afetará bacias hidrográficas nos continentes, águas costeiras e estuários.

Tecnologias, políticas públicas e outras medidas mitigadoras e de impactos no gerenciamento

O que podemos fazer em nível de política pública?

- Gerenciar de forma integrada, adaptativa e capaz de prever conseqüências em todos os tipos de uso da água.
- Considerar a água em valor qualitativo e quantitativo.
- Reconhecer a água como fator econômico.
- Melhorar o gerenciamento, treinando pessoas, com especial chamado de participação das mulheres.
- Dar apoio às novas idéias que estão dando certo em comunidades pelo país a fora.
- Integrar gerenciamento do solo e atividades agrícolas com o gerenciamento da água.
- Estimular o uso de tecnologias de baixo custo, especialmente sobre como melhor conservar a água na agricultura.

Água e exclusão social

O acesso à água tratada e de qualidade é um direito de todo cidadão que o Estado deve garantir. Além de ser uma questão de saúde e qualidade de vida, ter acesso à boa água para viver é uma questão de cidadania.

Portanto, vamos fazer com que nossos representantes políticos apóiem os projetos e iniciativas que façam chegar água de qualidade às zonas periurbanas e rurais, especialmente para populações de baixa renda. Isso é inclusão social.

Usando a cabeça

Novos desafios para o gerenciamento da água em nível municipal

- Grande parte dos municípios do Brasil tem entre 20.000 e 50.000 habitantes.
- Proteção dos mananciais e das bacias hidrográficas.
- Tratamento de esgotos e de águas rejeitadas por indústrias.
- Tratamento e disposição do lixo doméstico, industrial e de construção civil.
- Controle da poluição difusa.
- Treinamento de gerentes, técnicos ambientais e de recursos hídricos.
- Educação sanitária da população.
- Programas de mobilização comunitária e institucional.

- Campanhas e introdução de tecnologia para diminuir o desperdício da água tratada*
- Estímulo e apoio às práticas coletivas de organização dos usos da água por associações ou grupos de pessoas.

O reuso da água: novas oportunidades

Parece mais que evidente o desperdício absurdo que é usar água pura para lavar carro, ruas ou irrigar jardins. Para esses chamados usos não-potáveis da água basta investir em tratamento das águas de esgoto deixando-as livres de organismos patogênicos e reutilizá-las ao invés de jogar de volta aos rios. **Reutilizar as águas de esgotos tratados** para fins não potáveis é uma excelente forma de aproveitar melhor o precioso líquido.

Gestão: quem deve fazer o quê?

As gerações futuras só terão sustentabilidade se os gerentes de qualidade da água de hoje souberem **gerenciar com inteligência, criatividade e cooperação**. São necessárias mudanças de atitudes, tanto de gerentes como do público. As seguintes atividades devem ser consideradas pelos gerentes como aplicáveis à interação bacias hidrográficas, rios, lagos e represas:

- Introduzir tecnologias simples com métodos não agressores ao meio ambiente, como ecotecnologia e engenharia ecológica.
- Integrar gerentes com engenheiros, cientistas e a comunidade local.
- Prevenir ao invés de remediar, fazendo o possível para evitar a poluição e a deterioração das águas, em vez de utilizar purificação ou outros métodos corretivos. Focar em **"tecnologias limpas"** e prevenção de poluição em vez de na dispendiosa extração de matéria diluída por meio de purificação. Trocar o método de "ao final da tubulação" por "no início da tubulação".
- Implementar programas para reciclagem de materiais, visando à redução da poluição das águas.
- Apoiar redução no uso e medidas conservacionistas de água.

* De todas as tecnologias existentes, aquelas que recirculam água em residências e utilizam "toaletes econômicas" para evitar gastos excessivos de água são as mais eficientes. A reutilização de águas aquecidas também é efetiva. Igualmente importante é o controle automático da distribuição de águas para evitar desperdícios. Tubulações antigas e danificadas são comuns em muitos municípios e metrópoles, produzindo perda de até 40% na rede de água tratada.

- Avaliar diversas possibilidades de gerenciamento, inclusive abordagens inovadoras, no sentido de determinar a escolha com maiores perspectivas. Os objetivos devem ser **contemplar horizontes de longo prazo**.
- Dar maior atenção aos métodos que reduzam os efeitos da poluição difusa.
- Introduzir métodos para o monitoramento intensivo das "alterações globais", sob a ótica hidrológica, química e biológica. Sistemas confiáveis e baratos de monitoramento devem ser fabricados e instalados.
- Apoiar o **gerenciamento descentralizado** atuando em conjunto com **ações centralizadas** de gerenciamento. Em outras palavras, **ninguém é uma ilha ou ainda, a união faz a força**.
- Avaliar os processos ecológicos de várzeas e florestas sob a ótica econômica.
- Proteger e recuperar florestas tendo em vista preservar **a biodiversidade terrestre e aquática** das bacias hidrográficas. As diferentes espécies vegetais e animais garantem a riqueza da diversidade e mantêm o mosaico dos habitats.
- Treinar os gerentes e técnicos em métodos e abordagens inovadores de gerenciamento
- Incentivar a educação ambiental na região.
- Demonstrar aos gerentes industriais e membros da comunidade quais as conseqüências de suas decisões e/ou atividades sobre a disponibilidade quanti e qualitativa de água.

Contribuem para a A origem da poluição difusa: a abrasão e o desgaste das ruas pelos veículos, lixo acumulado nas ruas e calçadas, resíduos orgânicos de pássaros e animais domésticos, atividades de construção, resíduos de combustível, óleos e graxas deixados por veículos, poluentes do ar etc.

Gerenciamento preditivo

O papel do monitoramento em tempo real ou por que cuidar da água aqui e agora

Os problemas dificilmente aparecem sem avisar.

Rios não secam ou se poluem de um dia para outro.

Mesmo se, na calada da noite, uma indústria despeja seu lixo tóxico no riacho de sua cidade, terá havido sempre um momento anterior, quando essa empresa obteve autorização para ser construída e funcionar.

Estar atento aos processos é monitorar, acompanhar.

O monitoramento em tempo real pode ser uma das melhores maneiras de controlar a qualidade da água dos mananciais. Saber como está o pH da água, quanto existe de oxigênio dissolvido, qual a condutividade, a temperatura, o total de sólidos em suspensão ou dissolvidos, quanto de clorofila... Esses são dados que fornecem aos gerentes de recursos

hídricos e aos operadores das estações de tratamento de água uma série de informações preditivas sobre a situação de lagos e represas de abastecimento.

Utilização consciente de água em residências

- Ver com freqüência como está a tubulação da casa e prevenir vazamentos.
- Instalar sistemas capazes de controlar a quantidade de água nos chuveiros.
- Fechar o registro geral durante as férias ou quando a casa estiver vazia.
- Isolar as tubulações de água quente.
- Não deixar consertos e trocas de peças para depois
- Diminuir a quantidade de água nas descargas.
- Não utilizar pias como cestos de lixo.
- Esperar encher completamente a máquina de lavar roupas antes de acioná-la.
- Tomar uma "chuveirada" em vez de um "banho".
- Desligar a água do chuveiro enquanto estiver se ensaboando.
- Para ter água quente, ligar esse registro primeiro e depois misturar a água fria.
- Ao lavar pratos, utilizar uma esponja só para detergente e outra só para água fria.
- Planejar as atividades de jardinagem, no sentido de economizar água.
- Durante a construção ou reforma:

  a) instalar tubulações de diâmetro menor que as convencionais;

  b) posicionar o aquecedor o mais próximo possível do local de consumo de água quente.

Princípios básicos para o gerenciamento da água

A água é essencial à vida

a) A água doce é um recurso finito e vulnerável, essencial para a vida, o desenvolvimento e o meio ambiente.

Gerenciamento integrado dos recursos hídricos

b) O gerenciamento integrado vê a água como elemento integral do ecossistema, recurso natural e **bem social e econômico.** Deve ser dada prioridade à satisfação das

necessidades básicas e à proteção dos ecossistemas. Entretanto, além dessas demandas, os usuários devem ser adequadamente cobrados.

c) O gerenciamento integrado dos recursos hídricos, incluindo a integração de aspectos relacionados à terra e às águas, deve ser feito em nível de manancial ou submanancial (bacia hidrográfica).

d) Os governos são responsáveis pela criação de um gerenciamento hídrico integrado e por assegurar a conservação dos recursos e o papel social das águas.

Valor da água

e) para cada pessoa deve ser destinada uma quantidade mínima de água, considerando-a como bem social e econômico.

f) A água tem valor econômico em todos os seus tipos de uso

g) Deve haver uma contabilidade do **valor social, ambiental e econômico da água.**

h) A água deve ser vista como um **recurso finito** com valor econômico e com significativas implicações sociais e econômicas, que refletem a importância de atender às necessidades básicas.

i) Durante a avaliação do valor econômico da água, além do valor de mercado, devem ser incluídos fatores externos associados à conservação ambiental e à sustentabilidade dos recursos naturais.

A água deve ser protegida

j) A terra e a água devem ser protegidas contra a degradação a longo prazo que ameaça a produção de alimentos, os sistemas aquáticos, a saúde humana e a biodiversidade.

k) Os recursos naturais da bacia devem ser protegidos a fim de conservar os recursos hídricos.

l) É responsabilidade do estado estabelecer parâmetros quantitativos e qualitativos para as águas.

m) Todos os danos ao meio ambiente devem ser compensados e remediados pelo poluidor, o que, no entanto, não pode ser interpretado como direito de poluir (poluidor por princípio).

Participação dos interessados

n) As decisões devem ser tomadas no nível mais baixo indiciado, mediante consulta pública e envolvimento de usuários

no planejamento e na implementação dos projetos sobre a água.

o) O desenvolvimento e o gerenciamento do uso da água devem basear-se em uma abordagem participativa que envolva usuários, planejadores e políticos em todos os níveis.

p) As **mulheres** desempenham **papel central na provisão**, no gerenciamento e na proteção das águas.

Fontes: Conferência Internacional sobre Desenvolvimento das Águas e do Meio Ambiente, 1992; Conferência das Nações Unidas, 1992; Conferência sobre Avaliação e Gerenciamento de Recursos Hídricos, 1996; OEA, 1996; Estudo Detalhado sobre os Recursos de Água Doce do Mundo, 1997; PNUMA/IETC, 2001.

A agenda 21: 5 pontos principais na gestão da água

a) Desenvolvimento e gerenciamento integrado de recursos hídricos

b) Provisão de água potável de qualidade adequada e saneamento básico para toda a população.

c) Água para produção de alimento sustentável e desenvolvimento rural.

d) Proteção dos recursos hídricos, dos ecossistemas aquáticos continentais e da qualidade da água.

e) Promoção de tecnologias e ações que integrem setores público e privado no desenvolvimento e na inovação tecnológica.

Água e Economia

A água e as economias local, regional e global estão diretamente relacionadas, uma vez que o desenvolvimento econômico, a produção agrícola e todas as atividades humanas dependem da disponibilidade e acesso à água de qualidade adequada.

Como alertar sua comunidade sobre os problemas ambientais?

Ferramentas, mecanismos e metodologia para alertar a população para os problemas ambientais

- Entrevistas com a comunidade, encontros e seminários
- Reuniões informais
- Palestras

- Mesas de trabalho
- Audiências públicas
- Painel de discussão
- Mala direta
- Notícias ao público
- Questionários
- Contatos telefônicos
- Linha quente (telefone)
- Pesquisa de porta em porta
- Quadros de aviso
- Cartazes
- Excursões por instalações
- Viagens a campo
- Locais de preservação ambiental (visitas e seminários)
- Eventos especiais, ritos tradicionais
- Rádio
- Televisão
- Filmes e vídeos
- Videogames
- Internet (por exemplo "Água na Web")
- Cartas informativas e inserções em jornais
- Divulgação de notícias
- Notas para a imprensa

Modificado do PNUMA/IETC(2001)

Para quem gosta da idéia de aprender tudo que diz respeito à água existe a **Limnologia**, ciência interdisciplinar que integra **estudos biológicos, químicos, físicos e geológicos para compreensão científica dos mecanismos de funcionamento de águas continentais** (lagos, rios, represas, áreas alagadas, pequenos tanques, águas temporárias e lagos salinos no interior dos continentes).

Água no terceiro milênio: perspectivas e desafios

"A água é a mãe de todas as coisas".

Píndaro

"A magia do mundo está na água: a água guarda o passado e prepara o futuro".

Provérbio indígena

Características essenciais da água

(Fontes: Speidel et al., 1988; Postel, 1997; Tundisi, 2001)

Está em toda parte.

- A água é ubíqua
- A água é um recurso **heterogêneo** (não se distribui igualmente pelo planeta, nem quantitativamente, nem qualitativamente)

- A água é um **recurso renovável**
- A água é uma **propriedade comum**
- A água é **usada em grandes volumes**
- A água doce é muito **barata**

As questões relacionadas à hidroeconomia são:

a) Suprimento e retirada de água
b) Distribuição
c) Usos da água
d) Usos do solo
e) Tratamento de esgotos e efluentes
f) A regulamentação dos setores privados e dos monopólios

As missões mais importantes relativas à gestão das águas e à política de gerenciamento das águas devem ser:

i) Fornecer água adequada e com qualidade e quantidades suficientes para uso doméstico, indústrias e agricultura.
ii) Promover e proporcionar suprimentos adequados a todos.
iii) Gerenciar adequadamente a água, seu uso e seu suprimento.
iv) Proteger a periódica capacidade de renovação da água superficial e subterrânea.
v) Conservar a biodiversidade dos sistemas aquáticos.
vi) Reduzir conflitos internacionais, locais e regionais sobre o uso das águas.
vii) Purificar e tratar água de esgoto e de efluentes.
ix) Proteger os mananciais.

Os princípios de sustentabilidade para o uso da água e sua permanente renovação no planeta são:

- Proteção do hidrociclo e dos mananciais.
- Purificação e tratamento da água.
- Conservação da biodiversidade e dos habitats. Manutenção dos *hotspots*.*
- Gerenciamento da quantidade e da qualidade.
- Suprimento eficiente de água doce a todas as pessoas independentemente de classe e posição econômica.

* *hotspots* de biodiversidade — regiões com alta biodiversidade aquática ou terrestre ou ambas. (N.A.)

- Proteção do solo e prevenção da contaminação e poluição da eutrofização.
- Gerenciar os usos múltiplos e adequá-los à economia regional.
- Promover orientações estratégicas para a prospecção.
- Promover avaliações adequadas da distribuição e tratamento de águas e esgotos por sistemas públicos ou privados.

Estratégias de sobrevivência para escassez da água

a) Estratégia para **obter mais água**: aumentar as reservas, proteger os aqüíferos subterrâneos e desenvolver sistemas de transporte de água para onde há escassez. A **dessalinização** pode ser um instrumento para a obtenção da água doce no futuro. Também a **transposição** em regiões metropolitanas, em larga escala e com monitoramento é essencial.

b) Estratégias para **diminuir o consumo** e **reciclar** água

c) Estratégias para o **gerenciamento** integrado

d) Estratégias para a **conservação** da água em nível internacional e entre fronteiras estaduais

Uma estratégia adicional muito importante, para enfrentar a escassez de água, é **reduzir o desperdício**. Há enormes desperdícios no uso de água e as **perdas no transporte podem ser de até 40% em muitas áreas urbanas de todo o planeta.**

Uma nova ética para a água

O desafio para a sociedade do futuro é justamente gerenciar os conflitos e a capacidade de acomodar os usos múltiplos cada vez com mais eficiência. Uma **nova ética para a água** deve ser considerada. Nessa ética da água, as **articulações institucionais** são fundamentais. A **participação da comunidade** de usuários associada à tecnologia disponível pode mudar substancialmente a situação atual. Se o gerenciamento contar com a participação ativa da comunidade, as perdas poderão ser significativamente reduzidas.

De acordo com Klessig (2001), a sociedade tem um **conjunto de requerimentos para ser sustentável** que, no caso da água, **envolve valores estéticos, segurança coletiva, oportunidade cultural, oportunidade educacional, segurança emocional, segurança ambiental, liberdade individual, oportunidade recreacional e espiritualidade**.

Desafios diante da Vida e Bem-Estar

DESAFIO 1 - SATISFAZER AS NECESSIDADES HUMANAS BÁSICAS

DESAFIO 2 - PROTEGER OS ECOSSISTEMAS PARA BENEFÍCIO DAS POPULAÇÕES E DO PLANETA

DESAFIO 3 – ÁGUA NAS CIDADES E REGIÕES URBANAS

DESAFIO 4 – ASSEGURAR A DISPONIBILIDADE DE ALIMENTOS PARA A POPULAÇÃO MUNDIAL CRESCENTE

DESAFIO 5 – PROMOVER UMA INDÚSTRIA MAIS LIMPA EM BENEFÍCIO DE TODOS

DESAFIO 6 – UTILIZAR ENERGIA PARA COBRIR AS NECESSIDADES DE DESENVOLVIMENTO

DESAFIO 7 – REDUZIR OS RISCOS E FAZER FRENTE À INCERTEZA

DESAFIO 8 – COMPARTILHAR A ÁGUA: DEFINIR O INTERESSE COMUM

DESAFIO 9 – IDENTIFICAR E VALORIZAR AS MÚLTIPLAS FACETAS DA ÁGUA

DESAFIO 10 – ASSEGURAR A DIFUSÃO DOS CONHECIMENTOS BÁSICOS: UMA RESPONSABILIDADE COLETIVA

DESAFIO 11 – ADMINISTRAR A ÁGUA DE MODO RESPONSÁVEL PARA ASSEGURAR O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

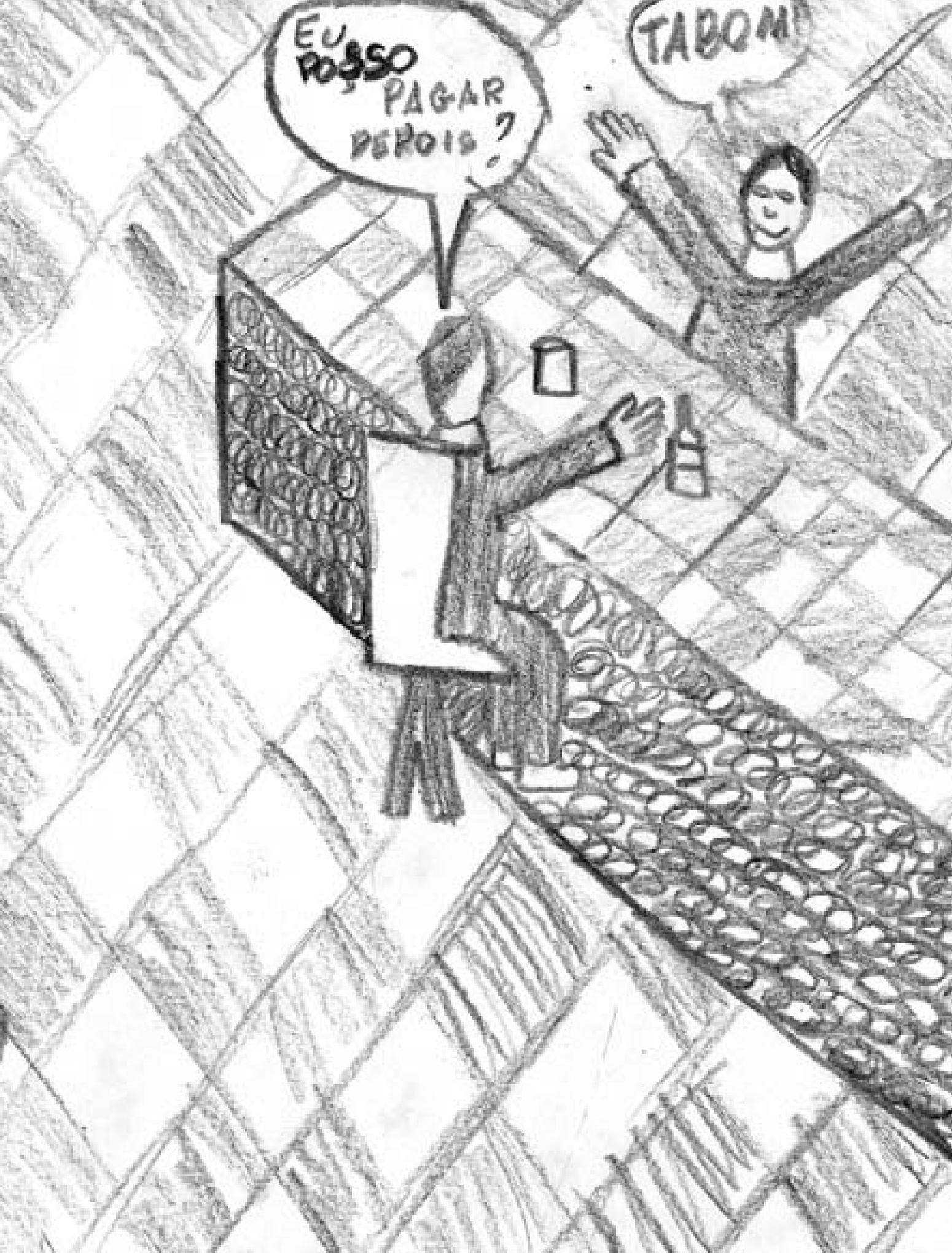
Fonte: Nações Unidas (2003)

E, finalmente, como um dos **objetivos do Desenvolvimento do Milênio**, todos os Estados membros das Nações Unidas concordaram que até 2015 devem:

"Reduzir pela metade a proporção de pessoas que não têm acesso à água potável de qualidade".

E na reunião de Johannesburgo (Earth Sunmit) concordou-se que até 2015:

"Deverá ser reduzido à metade o número de pessoas sem acesso ao saneamento básico".


EU POSSO PAGAR DEPOIS?
TABOM!

Voa, bicudo, voa, sanhaço, vai, juriti.
Bico calado, muito cuidado que o homem vem aí...
Passaredo

Chico Buarque e Francis Hime

Pra não dizer que só falei dos ratos

Ferréz

Tem uma pequena árvore no quintal de casa, esses dias vi um tufo de mato no chão, era um ninho, olhei dentro, talvez encontrasse ovos, mas me surpreendi e vi pequenos pássaros.

Tinha um amigo meu aqui no escritório e o chamei, mostrei e ele se encantou, o bicho gosta de tudo que é animal, e ficou bobo, resolvemos colocar o ninho na árvore, pegamos a escada e demos um jeito, mas à noite eu lhe perguntei:

— Será que você pôs o ninho certo? Ou você virou o buraco pra cima?

— Mas num é não?

— Acho que não, acho que é do lado.

No outro dia fui ver o ninho, e estava no chão, tinha outro buraco do lado, chamei minha mãe.

— Veja, mãe, nem só de rato vive a favela.

Ela olhou e gostou muito, adora pássaros e cria periquitos, eu lhe mostrei dois pássaros filhotes que estavam no muro, peguei o ninho e vi um lá dentro, de repente o ninho balançou e um saiu voando, e depois saiu outro, ela correu e conseguiu pegar um e colocamos dentro do ninho, os bicho tava tudo doido, olhando o mundo pela primeira vez.

Um deles fugiu, mas vi outro pássaro o seguindo, talvez fosse sua mãe, pegamos a escada e colocamos o ninho na árvore de novo.

Esses dias encontrei o ninho no chão novamente, estava todo aberto, como algo que já foi usado o suficiente. No mesmo dia vi a mãe dos pequenos, pousou no portão durante alguns segundos, olhou em direção ao ninho e saiu, fiquei como os meus botões, será que avisaram onde foram?

As coisas tendem a ser assim, às vezes quando me deparo devorando um livro, porque no fim tenho que ler, paro, olho e me sinto muito mal.

Queria voltar ao tempo em que lia suavemente, devorando palavra por palavra, mas obedecendo as vírgulas para que elas fizessem um sentido maior.

Fui para o jardim, sentei no banco branco que o ex-dono da casa me deixou e li Hesse novamente, como fazia aos meus 15 anos, a sensação veio, nada de desgosto e frustração, e apesar de toda a batalha da vida, eu lia sobre o sol, sobre o céu que não é mais tão preto, sobre historias contadas como devem ser, calmamente, levemente como uma caminhada em boa companhia.

O sol bateu de um lado do banco, eu recuei para o outro, e de repente voltei para onde estava, senti o calor, o livro também, as páginas se iluminaram, a história continuou, um vento veio ao meu encontro e me fez o favor de aliviar uma mente às vezes tão cansada.

Crianças passavam na rua, minhas mãos de datilógrafo não doíam mais, segurava o livro e olhava para as árvores, suas raízes e seus detalhes que, vistos com atenção, deixam à mostra a diferença que todos nós temos.

Voltei para dentro de casa, pensei em alguns discos, e me desculpem o Zeca Baleiro e o Chico, mas nesse dia nenhum som se casava com aquilo, vieram frases, pedaços de vidas, restos de fotos, mas após pegar um simples copo de café, e ver ainda sobre o sofá discos de Paulo Sérgio, eu fui para o banco branco e esperei somente pelos pássaros, talvez os pequenos pássaros que eu por muita sorte segurei ainda dentro do ninho.

Isso eu não comprei, isso eu não paguei, não achei num shopping, nem tive que roubar, isso veio de graça, e acho que isso que é a vida.

Passarim quis pousar, não deu, Voou, porque o tiro feriu mas não matou...

Passarim

Tom Jobim

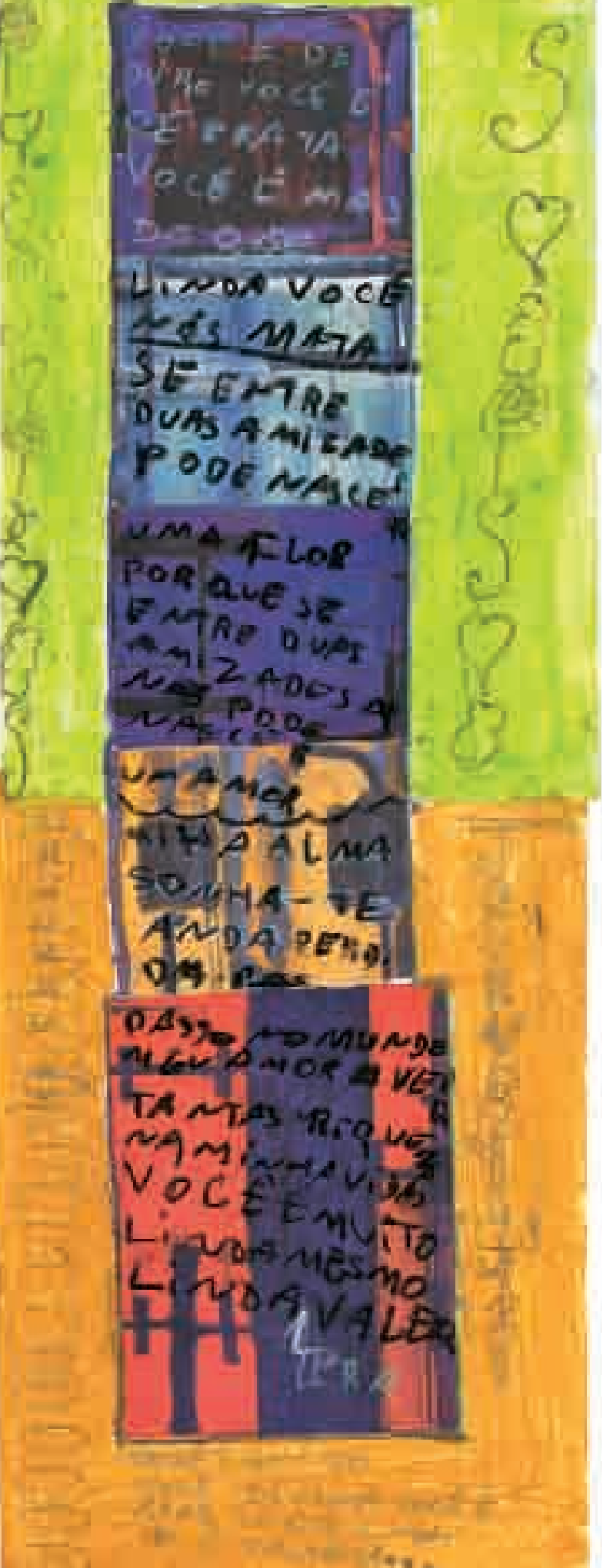
Vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Pra não dizer que falei de flores

Geraldo Vandré

O mundo em que vivo não é o que sonhei para mim; quero algo melhor que viver em uma favela com dificuldades e muitos perigos, você vive pensando se amanhã estará vivo para recomeçar a luta do dia-a dia e fazer tudo de novo.

Sandra Alves Siqueira Santos, 16 anos



Um saber

Marmelada de banana,
bananada de goiaba,
goiabada de marmelo,
Sítio do pica-pau amarelo.

Sítio do pica-pau amarelo

Gilberto Gil

Queridos autores de Somos e queremos, crianças, jovens e adultos:

Escolho para escrever a vocês a forma de carta, a dos redatores caçulas, os mais jovens, de sete anos, pois foi com essa idade que aprendi a ler, e o meu mundo se alargou.

Um dos primeiros livros que li foi *A jangada*, de Júlio Verne, história de um pai de família injustamente acusado de um crime, que se refugia na Amazônia.

É o Marco de que fala a Ana Maria Machado na página 00! Este eu também já li!

Logo depois, li *As viagens de Marco Pólo*, do viajante italiano que nos descreve a China, as maravilhas orientais, os povos extraordinários e desconhecidos, a corte de Kublai Khan. Trinta anos depois, tornei-me antropóloga e fui conhecer os povos indígenas brasileiros — creio que aqueles dois livros foram a semente do meu destino.

sustentável: o livro e a voz

Betty Mindlin

Ao longo dos anos, li centenas de outros livros que se incorporaram ao meu ser, ao meu modo de viver e de sentir. Tenho um amor tão grande por eles que gostaria de compartilhá-los com vocês, recomendar os melhores, dizer o que me toca em cada um.

Com os meus grandes amigos, falar de livros sempre foi uma busca de identidade, de gostos e características comuns, a descoberta de que falávamos a mesma língua e podíamos nos entender.

No curto espaço que tenho aqui, eu poderia mencionar só um ou outro livro amado: alguns que marcaram minha infância:

Que saudade da minha coleção inteira do Sítio do Picapau Amarelo...

O guarani, de José de Alencar

Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato

David Copperfield, de Charles Dickens

Ivanhoé, de Walter Scott

E outros que marcaram a idade adulta:

Grande sertão veredas, de João Guimarães Rosa — li pelo menos dez vezes!

Guerra e paz, de Leon Tolstoi

A Princesa de Clèves, de Madame de La Fayette

O vermelho e o negro, de Stendhal

E muita poesia, em muitas línguas!

Pelo que vocês escrevem, vejo que alguns poetas e escritores brasileiros tornaram-se guias para vocês, leituras que fazem e apreciam.

É o mesmo Carlos da pedra, de que fala a Ana Maria Machado na página 00!

Sobretudo Carlos Drummond de Andrade, mas talvez também Cecília Meireles e Clarice Lispector, belas madrinhas para quem sonha em escrever.

Mas, além dos livros, eu gostaria de conversar para saber muito mais sobre vocês:

Quem são? Como são suas vidas? Em que famílias nasceram? Em qual lugar? Que avôs ou avós lhes contavam histórias? Deram exemplos? (Há algumas redações que os mencionam.) Quem consideram heróis? Qual a luta dos seus pais, mães ou outras pessoas com quem vocês se criaram? Quais são suas raízes? Como dão conta da sobrevivência? Do que vocês gostam, de que têm medo, quais as suas artes, o que inventam? Que língua falam? Que forma de português? Há índios entre vocês, agora ou entre os antepassados? Ciganos? Parentes que vieram do Japão? Da Itália? Da África, antes da Abolição? Do Líbano ou da Ásia? Da Europa na época do nazismo?

Certamente, pois o Brasil é o país dos imigrantes de muitas regiões, dos ex-escravos, dos índios.

Há toda uma história de como se constituiu o povo brasileiro, e essa é a história de nós todos.

Eu gosto muito de histórias, de narrativas, e não só em livros. Aquelas que as pessoas falam, quando contam suas vidas, os mitos e lendas que ouvem desde a infância, os episódios e experiências fortes.

Entre os índios, a tradição oral predomina, passada de uma geração a outra, e até pouco tempo atrás não era escrita.

Quando os ouço, sinto que contam histórias que são livros falados, belíssimos. Mas não apenas os índios têm a arte da fala e de criar pela voz uma trama de ficção, conto, narrativa.

Um dos meus livros preferidos, a *Odisséia*, de Homero, era contada oralmente antes de ser escrita, e continuou a ser narrada de cor durante muito tempo.

E é impressionante como bardos de muitos lugares são capazes de recitar textos longuíssimos, que dariam centenas de páginas escritas, sem se esquecer de nada.

É o caso de famosas epopéias e gestas da Bósnia e da Europa Central, que contam façanhas de heróis lendários.

Em 2003, eu gravei a fala de um chefe indígena do povo Arara-Karo, de Rondônia.

Quando criança, ele havia sido expulso de suas terras por seringalistas, com a mãe e dois irmãos, depois da morte do pai.

Cresceu como seringueiro, quase escravo, trabalhando em regime de barracão. Nem sabia mais que era índio: a mãe e os irmãos mais velhos não queriam falar sua língua, com medo de serem perseguidos e mortos.

Anos depois, meu amigo descobriu sua origem e voltou para seu povo.

É um líder.

Seu irmão mais velho é pajé, e não esqueceu a língua.

A narrativa do chefe, falada e transcriada pela escrita, virou um conto que muitos professores indígenas, de vários povos, leram com imensa curiosidade — ficando mais fascinados por essa leitura do que por muitos contos da literatura brasileira.

Vocês estão entrando no reino dos livros, mas podem e devem valorizar o saber oral, que é uma preciosa forma de expressão.

Os iletrados não são inferiores, nem menos artistas. *Nunca esquecer isto!!!*

Que a escrita e a escola não sejam instrumentos de dominação dessas pessoas, e que elas sejam acolhidas mesmo enquanto não tiverem o domínio total do alfabeto.

Uma escritora portuguesa, Teolinda Gersão, escreveu o belo romance *A árvore das palavras*, sobre uma moça pobre de Moçambique, apaixonada por um rapaz rico, grávida e em luta por sua independência como mulher.

Se eu não me engano, o título é uma homenagem a uma tradição do Mali: **a comunidade se reúne em torno de uma árvore para contar histórias**.

Em muitos países africanos, diz-se que as árvores têm espíritos, são vivas, têm alma. As palavras são o seu sopro, relacionam-se com os seres humanos. São a vereda que leva às profundezas dos ancestrais, a um sentido amplo transmitido de pais para filhos de uma geração a outra.

Em volta da árvore, narradores e público estão unidos num só corpo: os ouvintes precisam de quem conte, o contador precisa de quem queira ouvir.

É assim que um leitor deve ficar com o livro.

A relação dos leitores com o livro não é mais assim.

Nossa comunidade de leitores está espalhada pelo mundo, e o livro editado multiplica-se aos milhares. Quem lê está ao mesmo tempo, e de certa forma, escrevendo, como lembra Milton Hatoum: identifica-se com o escritor, compara as próprias experiências com as das personagens, analisa estilos e busca o seu. A literatura é um tecido, constituído de uma tradição escrita e oral, fonte na qual os escritores bebem ao criar, pois aprenderam com quem leram e ouviram — com quem veio antes.

É o que a Lucila Pastorello explica na página 00: "O livro abre uma porta para novas possibilidades de língua e linguagem".

E quem escreve está lendo (dentro de si mesmo, nas suas experiências).

O Concurso de Redação do Ecofuturo é parte desse todo, no esforço de propagar o amor ao livro. Nosso desejo — nós, da família dos livros — é fazer chegar a qualquer pessoa, desde a infância, uma grande variedade e um grande número de obras. Com bibliotecas, criadas pelo poder público e pela iniciativa privada, pelas escolas, pelas comunidades. E, para que jorre o impulso de ler, é preciso haver um chão comum, seguir exemplos, poder debater e falar sobre os livros.

Por exemplo: talvez um dia vocês tenham a curiosidade de procurar os livros que citei ao acaso, agorinha.

Na sociedade de consumo, a imprensa, os programas de tevê e de rádio, o cinema, têm a responsabilidade de fazer crescer a leitura.

E por que será que fazem tão pouco?

Vou ficando por aqui, meus queridos colegas de letras e voz. E que eu possa um dia ouvir vocês contando suas histórias e, quem sabe, ler os livros que irão escrever!

A natureza, uma verdadeira mistura mágica
de animais e plantas.
Sem a água, o homem não iria viver,
pois ela é uma jóia brilhante
que brota da nascente para nos dar vida.
Uma fórmula mágica
para conhecermos o mundo da imaginação
são os livros:
assim podemos sonhar, imaginar e nos informar

Lucas Marcos Faria da Silva, 12 anos

Lygia Bojunga

Do livro *Tchau*, Casa Lygia Bojunga

Muitas vezes meus leitores perguntam o que me inspirou pra escrever tal livro ou para criar tal personagem.

Quantas vezes já se disse, não é mesmo, que inspiração é sinônimo de trabalho, e mais trabalho, e mais trabalho? Eu concordo. Mas, pra começar o meu trabalho, eu preciso de um estímulo que, feito um palito de fósforo, risque a minha imaginação, produzindo a faísca e, em seguida, a chama que vai clarear o caminho. É a partir desse risco que eu crio, que eu procuro dar vida aos meus personagens e, se consigo, eles passam a dar vida aos meus livros.

*Várias vezes, artistas plásticos já riscaram a minha imaginação, incendiando meu pensamento. Às vezes, brasileiros; às vezes, pertencentes a outras culturas. Estou me lembrando agora que pelo menos três de meus livros (*A Casa da Madrinha, Corda Bamba *e* Retratos de Carolina*) tiveram, como ponto de partida, o estímulo criado por uma determinada imagem. Outras vezes, o que estimula a minha imaginação vem de um sonho-sonhado, um som-escutado, um encontro-acontecido, uma lembrança-revivida. Mas acho que não importa quem ou o que vai riscar nossa imaginação — desde que o risco nos ajude a criar.*

A capacidade de criar mora dentro de cada um de nós. Quanto mais uso a gente faz dela, mais ela nos surpreende, por nos mostrar o quanto dependemos de criar pra poder crescer.

(...) Aí a voz se confundiu com o barulho do mar. Eu acordei. A noite já ia virando dia; o céu era meio vermelho e a praia estava muito bonita. Dentro de mim tinha uma curiosidade nascendo: será que eu ia conseguir fazer uma história da dor que eu estava sentindo?

Voltei pro internato.

Cada hora de recreio, cada domingo inteiro, cada hora-de-fazer-dever eu escrevia a história da minha vontade de morrer. E fui achando tão difícil de fazer que, em vez de sentir vontade de morrer, eu só pensava como é que se fazia a história de uma vontade de morrer; em vez de sentir a dor do amor, eu só sentia a força que eu fazia pra contar a dor.

Então, quando um dia a história ficou pronta, a vontade de morrer tinha sumido; o amor pelo Omar também: no lugar deles, agora só tinha a história deles.

Fiz que nem na poesia: transformei o Omar no mar. Um mar tão bom de olhar. E inventei uma ilha pra botar nele: uma ilha pra eu ir lá morar: de praia de areia fininha, onde o mar chegava a toda hora. E fui inventando uma porção de coisas pra acontecerem na ilha.

A história ficou tão grande. Acabou virando um livro. Foi o meu primeiro livro. Se chamou *Do outro lado da ilha*.

Minha irmã tinha se casado. Mas a minha mãe, o meu pai, todo mundo não parava de falar nela; e se fazia alguma bobagem tinha sempre alguém me dizendo: tua irmã não faz assim. Bastava isso e pronto: o Ciúme já aparecia outra vez.

Então um dia eu pensei: quem sabe a troca que eu sonhei no sonho serve pro Ciúme também? E revolvi transformar o Ciúme em história. Só pra ver se acontecia a mesma coisa: se fazendo a história do Ciúme eu me livrava dele e só ficava com a história.

O Omar eu tinha transformado em mar.

E o Ciúme? No que que eu ia virar?

Eu achava ele tão feio. Resolvi virar ele numa coisa pra gostar de olhar. Transformei ele num pássaro lindo, bem grande, de peito amarelo e de penacho vermelho na cabeça. E para ele não poder mais entrar na minha vida eu prendi ele numa gaiola.

Tudo que o Ciúme tinha feito eu sofrer eu transformei em aventuras que aconteciam com aquele pássaro.

Quando um dia eu cheguei no fim da história, a *troca* tinha acontecido de novo: no lugar do Ciúme eu agora tinha um livro. Um livro que eu chamei *A gaiola*.

Achei tão bom poder transformar o que eu sentia em história, que eu resolvi que era assim que eu queria viver: transformando. Foi por isso que eu me virei em escritora.

Vivemos esperando dias melhores, dias de paz, dias a mais, dias que não deixaremos para trás.

Dias melhores

Jota Quest

Os anos foram passando. E eu não parei mais de transformar: tinha me acostumado com aquilo.

Levantava (levanto cedo), tomava café (com leite), escovava os dentes (já pensando o que que eu ia escrever), fechava a porta (não sei transformar de porta aberta) e começava:

pegava a lembrança de uma amiga de infância que eu nunca mais tinha visto, imaginava a vida que ela tinha levado, virava ela num personagem principal; pegava o quarto de um hotel em que eu tinha ficado numa viagem e virava ele num capítulo; pegava a vontade que eu tinha tido aos 10 anos de ser astronauta e transformava ela numa viagem espacial em 200 páginas; pegava a saudade da minha mãe que tinha morrido (ela se chamava Violeta) e transformava a saudade num buquê que o herói do meu último livro ia dar pra namorada.

Fui me sentindo tão poderosa de poder transformar tudo assim!

Quando acabava um livro, mal descansava: já começava outro. Eu não queria mais descansar: eu só queria ficar assim: virando, escrevendo: aqui: na minha mesa de trabalho. Cada ano que passava eu ficava mais e mais horas aqui.

A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte.
A gente não quer só comida, a gente quer saída para qualquer parte...
comida

Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito

para chegar onde quero:
falar certo, saber do assunto
para haver comunicação

Chaiane Moreira de Lima, 15 anos

Porque sim não é resposta:

Lucila Pastorello

Está no rádio, tevê, jornais e revistas: em toda parte se diz que ler é importante e que é preciso que as crianças leiam, sempre. Por quê? Porque sim. Se todo mundo fala a mesma coisa deve ser verdade.

Pois é justamente essa resposta — "porque sim" — que um bom leitor jamais aceita. Ler é importante, sim, ler desde sempre e para sempre. Imagine quantas coisas a gente pode ler e quantas coisas acontecem (e deixam de acontecer) quando lemos.

A primeira é sonhar.

Carta de amor e de demissão. Lista de supermercado e de casamento. Receita de bolo. Gibi e propaganda. E-mail e bilhete escrito no guardanapo de papel. Documento importante e revista de fofoca. Livro sério, divertido, emocionante, maluco. Livro de escola, de faculdade, de trabalho. Notícia daqui, de lá e de outros mundos. Nome de gente, de bicho, de pedra. Poesia que rima, que combina e que se movimenta. Direção a seguir, destino de ônibus. A leitura permite que a gente chegue lá. E o "lá" pode ser um endereço qualquer na cidade ou o futuro com que se sonhou um dia.

Até aqui, tudo bem. Mas você pode estar pensando: por que ler para crianças pequenas? Não é na escola que a criança aprende a ler? É disso que trata este texto e, depois de lê-lo, você poderá descobrir novos significados para a palavra "leitura".

Na-nã-ni-nã-nã!

Leituras

Ser alfabetizado é diferente de **ser leitor**.

Para ler um texto qualquer, é preciso que você domine a técnica de "decifrar" as letras e palavras — e isso depende de um aprendizado que, normalmente, acontece na escola: a alfabetização.

Mas ser alfabetizado não é o mesmo que ser leitor. A leitura é o aprendizado de uma técnica, sim, mas é muito mais do que isso. Ler é também uma prática social, um modo de estar no mundo.

O seu jeito de entender.

Quando lemos qualquer coisa, não estamos apenas decifrando as letras, mas atribuindo sentido àquilo que está escrito.
E...
...cada um lê à sua maneira, pois somos seres singulares.

7 bons motivos para ler para crianças pequenas

Você já reparou como duas pessoas podem ler as mesmas palavras e interpretá-las de modo muito diferente?
Um livro que seu amigo adorou e você detestou?

"Te vejo hoje à noite no lugar de sempre."
Essa frase, escrita num bilhete, pode significar muito para a pessoa certa e absolutamente nada para o destinatário errado.

Letramento: aspectos da leitura que vão além da alfabetização.

Tornar-se leitor depende das relações que estabelecemos com o escrito. Como, quando, onde, por que e para que usamos nossa leitura. Quanto mais lermos coisas diferentes em situações diferentes, melhores leitores nos tornamos. Mais "letrados" nos tornamos.
Assim é fácil perceber que não é da noite para o dia que viramos leitores.

O primeiro livro da vida de uma pessoa pode ser um livro que ela ouviu alguém ler!

É possível começar a tornar-se leitor a qualquer momento e, como veremos, podemos iniciar as crianças desde bebês. Não vamos fazer bebês lerem, naturalmente. Mas seguindo a leitura deste texto você irá descobrir pelo menos 7 bons motivos para ler em voz alta para crianças pequenas.
É provável que você mesmo encontre mais motivos.
Reparta com a gente!

Algumas observações antes de mergulhar nos bons motivos para ler para crianças:

Ler para crianças pequenas (bebês e até barrigas de qualquer idade estão incluídos) não é a mesma coisa que contar histórias para as crianças. São atividades muito diferentes e muito importantes em suas diferenças.

CONTAR é isto: você pode contar histórias que aconteceram com você, com seus amigos e familiares, coisas que você ouviu outras pessoas contarem, "casos" que são contados por seu avô e o avô de seu avô... De boca em boca, coisas que fazem parte do que chamamos de Tradição Oral. Você pode inventar histórias alegres, tristes e engraçadas, ou pode recontar famosas histórias infantis como o *O Chapéuzinho Vermelho* e *Os Três Porquinhos*. E com certeza cada um conta um pouquinho diferente. Ou ainda, você pode montar uma história com as crianças, tornando a criação uma atividade interativa. Toda essa variedade de formas de contar histórias pode ser praticada com total liberdade na sua expressão vocal, facial e corporal. Você pode usar músicas, desenhos, roupas e qualquer acessório que quiser para dar um colorido especial para suas histórias. Certamente, você já notou que algumas pessoas têm mais facilidade do que outras para contar histórias...

Ver o que diz a Betty Mindlin na página 00: "Vocês estão entrando no reino dos livros, mas podem e devem valorizar o saber oral, que é uma preciosa forma de expressão. Os iletrados não são inferiores, nem menos artistas."

Em que todos trocam e participam.

LER é outra coisa: ler em voz alta é servir como ponte entre o livro e a criança. Como a pessoa que lê fica no meio entre dois elementos – o livro e o ouvinte -, muitas vezes chamamos o "ledor" de mediador, exatamente para diferenciá-lo do contador de histórias. Ao ler, é preciso ser fiel ao texto escrito. Não dá para mudar as palavras. Isso não significa que sua leitura deva ser monótona e sem cor. As variações na sua voz, o ritmo da leitura, com sons e silêncios, vão dar cor e temperatura à leitura, fazendo com que o livro fique vivo.

Agora, vamos aos bons motivos!!!

1. Ouvir alguém ler ajuda o desenvolvimento da linguagem falada.

- Quando estamos lendo em voz alta para outras pessoas, várias coisas acontecem ao mesmo tempo:
- Estamos transportando as letras do papel para o ouvido de outra pessoa através do nosso corpo.
- Estamos comprometidos em uma atividade que envolve a atenção ao outro e a todos.
- Ouvimos nossos próprios sons e o texto que estamos lendo.
- A leitura oral assim pensada é um gesto de oferta ao outro.
- Oferecemos nosso corpo e nossa atenção ao livro.
- Oferecemos o livro a quem nos ouve.

Na leitura, oferecemos a linguagem. A criança ouve palavras novas e maneiras ainda não experimentadas de falar, de colocar as palavras em relação. Sons e imagens do livro ocupam espaços que a criança não poderia experimentar sozinha ou nas relações cotidianas.
O livro abre uma porta para novas possibilidades de língua e linguagem.

Mas... E se a criança não entende nem metade das palavras que a gente fala?

Pois é exatamente por isso que devemos ler e ler mais!

Repare como falamos com bebês. As mães, especialmente, falam uma forma "fofa", cheia de melodias. Mas falamos sobre tudo: a comida, a troca de fraldas, o que pode estar acontecendo com o papai que não chega, como o preço das roupas está um absurdo e que cara-de-pau daquela vizinha que mandou um presentinho usado!!! Será que os bebês estão entendendo tudo isso? Mas eles riem, olham, reparam, ouvem e, como por milagre, começam a falar e a falar cada vez mais. E logo, logo, você pode vê-los brincando com bonecos e dizendo "Já falei mais de mil vezes que não é para a senhorita mexer no fogão". De onde será que veio isso senão da oferta que lhes fizeram, desde seu nascimento? Imagine o que seria das crianças (e de todos nós) se as mães só falassem com seus filhos aquilo que eles já sabem?

2. Ler para crianças pequenas facilita a aprendizagem da escrita.

> *Anne-Marie fez-me sentar a sua frente, em minha cadeirinha; inclinou-se, baixou as pálpebras e adormeceu. Daquele rosto de estátua saiu uma voz de gesso. Perdi a cabeça: quem estava contando? O quê? A quem? Minha mãe ausentara-se; nenhum sorriso, nenhum sinal de conivência, eu estava no exílio. Além disso, eu não reconhecia sua linguagem. Onde é que arranjava aquela segurança? Ao cabo de um instante, compreendi: era o livro que falava. Dele saíam frases que me causavam medo; eram verdadeiras centopéias, formigavam de sílabas e letras, estiravam seus ditongos, faziam vibrar as consoantes duplas: cantantes, nasais, entrecortadas de pausas e suspiros, ricas em palavras desconhecidas, encantavam-se por si próprias e com seus meandros, sem se preocupar comigo; ás vezes desapareciam antes que eu pudesse compreendê-las, outras vezes eu compreendia de antemão e elas continuavam a rolar nobremente para o seu fim sem me conceder a graça de uma vírgula.*
>
> Trecho de *As palavras*, de Jean-Paul Sartre

Se a criança que ouve alguém ler pode aprender mais sobre como falar, com certeza pode também aprender muito sobre a própria leitura e escrita. A cada nova leitura, bebês de qualquer idade e crianças bem pequenas vão descobrem mais as relações entre a palavra que sai da boca de quem lê, as letras no papel e a imagem das páginas que são lidas.

Quando lemos respeitando o texto, sem pressa, mas com entusiasmo, deixando que as crianças acompanhem a leitura e vejam as imagens do livro, elas podem aprender que existe um ritmo para a leitura; que é preciso esperar entre uma virada de página e outra, esperar o texto e a imagem.

Crianças bem novas já podem identificar, pela voz do leitor, quando é hora de mudar de página. Deixar que elas ajudem a virar a página pode ser uma ótima idéia para que, desde cedo, elas participem da leitura e percebam seu corpo, ajustem seus movimentos ao livro.

Observando quem lê, a criança pode perceber o que é para ser lido (o texto verbal, as palavras) e o que é para ser visto (as imagens, as ilustrações).
As crianças que são expostas desde cedo e freqüentemente à leitura se arriscam a "ler": identificam no mundo em que vivem o que é possível ser lido, qual é o contexto e o que supostamente pode estar escrito.
Um exemplo: uma criança de 4 anos diante do banheiro feminino, onde estava escrito "Senhoras", apontou o dedo para a palavra e começou a "ler": ba-nhei-ro!!! Repare e encontrará por aí mais crianças fazendo o mesmo. Isso não quer dizer que as crianças se alfabetizem sozinhas!!! Algumas vezes elas até podem acertar, mas na verdade não estão lendo, estão apenas supondo e ensaiando, o que certamente vai ajudar na sua aprendizagem da escrita e da leitura.

Outra coisa bem interessante: a exposição à leitura em voz alta é um evento de letramento. Ao ouvir/ver o livro, a criança vai aos poucos percebendo como a escrita tem suas formas próprias de colocar as palavras em relação: falamos de um jeito diferente do modo como escrevemos. A escrita tem suas regras próprias. Muitas vezes, entender isso é difícil para a criança que está aprendendo a escrever e não tem contato com textos escritos – mas pode ser mais fácil para a criança que ainda não é alfabetizada mas já está mergulhada no mundo letrado.

Então, também é importante que as crianças vejam os adultos lerem!

3. A leitura compartilhada fortalece os laços entre pais e filhos, entre quem lê e quem recebe a leitura.

No início do ítem 1, vimos que a prática da leitura em voz alta coloca em ação diferentes movimentos entre as pessoas.

Há alguém que ouve e que fica atento para ouvir o livro lido pelo outro.

Há alguém que lê e que usa sua mente e corpo para ser uma ponte para o livro.

Esses gestos já dizem muito:

"Você merece ser ouvido!!"

"Você merece receber minha leitura, minha atenção, meu empenho."

Estamos falando de relação entre pessoas que, além de compartilharem o momento, passam juntas pelas emoções, aflições, alegrias e surpresas que o livro vai revelando.

Saber que o outro viveu os mesmos momentos me faz pensar:

Ele sente o mesmo que eu?

Ele pensa o mesmo?

Conhecer o outro faz parte de aprender a conhecer a si mesmo. Conversar com o outro sobre o livro, os personagens, as sensações vividas na leitura, é uma forma de estreitar laços entre as pessoas. Comece a ler para as crianças e veja como elas vão pedir cada vez mais leitura e cada vez mais livros, mais tempo com quem lê, mais tempo com os livros. Aliás, não é só para crianças que podemos ler, não é mesmo?

Isto não é ótimo?

Ler para pessoas idosas, ler para pessoas doentes, ler para quem não sabe ler...

Vivendo e aprendendo a jogar.
Com sonhos sempre perdendo, mas aprendendo a jogar.
Aprendendo a jogar
Guilherme Arantes

4. O contato com diferentes textos dinamiza emoções e contribui para o desenvolvimento emocional das crianças.

Toda vez que a mamãe sai é a mesma história.
Ela me diz o que é para fazer durante o dia e depois me dá um beijo.
Ela só quer meu bem, a mamãe.
Mas esta manhã ela se esqueceu de me dar um beijo.
Mamãe, e o meu beijo?
Mas mamãe já está longe, nem pode me ouvir...

Trecho inicial de *O beijo*, de Valerie D'Heur

Não confunda
Gorila gigante
Com mochila chocante
Não confunda
Velhota nariguda
Com gaivota bigoduda

Trechos de *Não confunda*, de Eva Furnari

...
E Chapeuzinho Amarelo,
De tanto pensar no LOBO,
De tanto sonhar com o LOBO,
De tanto esperar o LOBO,
Um dia topou com ele
Que era assim:
Carão de LOBO
Olhão de LOBO
Jeitão de LOBO
E principalmente um bocão
tão grande que era capaz

de comer duas avós,
um caçador,
rei, princesa,
sete panelas de arroz
e um chapéu
de sobremesa.

Trecho de *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque

O que acontece quando lemos estes três textos diferentes?
Cada um de nós sente de uma forma: tristeza, solidão, abandono, surpresa, medo, expectativa.
O livro permite que se viva, pois deixar-se emocionar é estar vivo.

As crianças em geral pedem que se leia várias vezes o mesmo livro.
Em cada audição, nova leitura, ela pode exercitar-se na percepção e controle das emoções, na previsão dos caminhos narrativos, na certeza do mesmo fim.
A cada nova leitura todos nós evocamos diferentes monstros, princesas e bruxos. A cada nova leitura enxergamos diferentes soluções, um detalhe desapercebido aqui, uma novidade acolá.
Ler de novo nunca é ler a mesma coisa.

5. O contato com os livros estimula a curiosidade, a criatividade, o interesse em conhecer novos livros e o mundo.

Se você ainda não está convencido da importância de ler para crianças pequenas, temos ainda mais motivos...

No item 1, vimos que as crianças usam o material que ouvem e que vêem para construir suas próprias obras, lembra-se? A criança que é exposta com freqüência aos livros e leituras desenvolve naturalmente a curiosidade em saber o que se esconde por trás das páginas de um novo livro, já que sua experiência mostra quanta riqueza pode estar lhe esperando.

A criança que não está habituada à leitura pode ver o livro apenas como um objeto pedagógico, um instrumento de instrução e controle. Muitas vezes esse é o motivo do desinteresse das crianças pelos livros. Elas acabam achando que a leitura é chata, que os livros são enfadonhos, difíceis, impossíveis... Assim, elas vão ler (e mal) por obrigação. Sem prazer.

O livro não é uma prisão, é exatamente o contrário!

Por outro lado, para a criança que é introduzida no mundo letrado com livros cuidados, de boa qualidade, sem que se tente usar os livros como instrumentos de padronização e controle, o resultado pode ser bem diferente.

Isto é base de cidadania!

A criança pode ver o livro como fonte criativa, possibilidade de transformação.

As crianças pequenas às vezes usam trechos de histórias, de livros, para arranjar e re-arranjar soluções das suas dificuldades. Dos fragmentos de textos ouvidos, a criança poderá construir seus próprios textos.

A criança que gosta de ouvir os livros tem sede de livros.
E lembre-se: livros podem ser comprados, trocados, emprestados. Procure bibliotecas, exija-as; não abra mão de variedade e qualidade. Dê esta oportunidade às crianças: elas saberão aproveitar!!!

6. Ler para crianças pode ser uma atividade relaxante para quem lê e um momento para conhecer melhor sua voz e seu corpo.

Voltando à idéia de leitura como gesto: uma ação dirigida ao outro. Quem lê usa seus olhos, seu cérebro, seus pulmões, sua laringe, sua boca e também o resto do corpo. Se ler é prazer, deixe que o livro leve seu corpo, que as palavras entrem e saiam de você.

Saboreie as letras.

No início, pode ser estranho emprestar sua voz ao texto.

Leia muitas vezes o mesmo texto, sozinho e acompanhado.
Grave sua leitura.
Ouça a gravação e anote suas impressões.
Conviver de maneira insistente e pacífica com diferentes formas de usar a voz e o corpo pode fazer você descobrir novas formas de expressão.

Procure assinar sua leitura. Deixar sua marca, sem caricaturas ou "fazer tipo". Não esqueça: se quer fazer da leitura um momento agradável, você deve estar confortável.
Sente-se e acomode-se.
Mude sua posição, se for necessário. Perceba e elimine incômodos e tensões no seu corpo que possam atrapalhar.
Finalmente, ajuste sua voz, para não se cansar e poder modular com facilidade.
Respire sempre sem esforço e sem dificuldade.
Você vai ver como o livro pode fazer bem ao seu corpo!!!

7. A leitura de bons livros é interessante e contribui para o desenvolvimento cultural também dos adultos.

Livros para crianças só servem para crianças?
Determinar uma idade limite para um livro é diminuir a sua possibilidade de sempre ter um significado, e de modo diferente.
É certo que existem temas e linguagens mais ou menos interessantes para crianças de diferentes idades.

Eu tinha apenas dezessete anos no dia em que saí de casa e não faz mais de quatro semanas que eu estou na estrada. Mas encontrei tantas pessoas tristes, desapontadas que parece que eu estou carregando os pecados do mundo...

Primeira canção da estrada

Sá, Rodrix e Guarabira

Mas quem estabelece idades para um livro são as escolas e as editoras – não os autores de livros.

Agora, uma última pergunta:

Um adulto sabe tudo?

Claro que não, e ler livro de criança é coisa de gente grande também. Veja estes trechos:

> ...
> *Chegou no igapó, onde encontrou um pescador desconhecido que tinha a seu lado um grande cesto trançado, cheio de peixes. Ele estava usando o timbó, aquele cipó que solta um líquido que deixa a água branca e os peixes tontos, fáceis de pegar.*
>
> Trecho de *O menino e o jacaré*, de Maté

> ...
> *Para a India a vovó ia viajar:*
> *- O que você quer ganhar?*
> *- Uma coisa diferente: curry e arroz bem quente, ao som da cítara envolvente.*
>
> Trecho de *Lembrancinhas*, de Jo Ellen Bogart e Barbara Reid

Parece que você está se convencendo de que é muito importante ler para crianças pequenas. Será? Ou encontrou mais alguns bons motivos? Se você não tiver crianças pequenas por perto, não faz mal. Escolha um livro e leia para esta que está dentro de você!!!

Boas leituras!

Para ler mais sobre a leitura e a criança

BRENMAM, I. *Através da vidraça da escola. Formando novos leitores.* São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo.* São Paulo, Ática, 2004.

PAULINO, VERSIANI (Orgs.). *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces, o jogo do livro infantil.* Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira.* Rio de Janeiro, Objetiva, 2004.

Dahoma

O mundo tem dinheiro
mas não tem amor.
O que compensa?
Me entristece saber que tem gente pedindo esmola,
me alegra saber que tem criança aprendendo na escola

Everton Danilo Lustosa Ribeiro, 12 anos

A formiga e o lixo

Ivan Angelo

No sinal fechado, ele transa chiclete e se chama pivete e pinta na janela...

Pivete

Chico Buarque

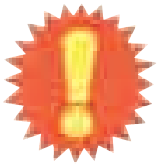
e Francis Hime

Paciência, motorista, com o pobre do carroceiro. Cala a tua buzina irritada, que o homem que ali vai, puxando sua carga enorme e desequilibrada, trabalha para o teu bem. Não é muito o que ele pode fazer, ele não é mais do que uma formiga na paisagem, um nada, mas faz sua parte mínima com a força e a teimosia das formigas, leva para o seu buraco os restos que espalhamos pelos caminhos.

Não o apresses. Ele não consegue ir mais depressa; não é ele que vai devagar, somos nós, o país. O atraso é nosso.

O homem da carroça, o burro sem rabo, meu caro motorista, está aí por um conjunto de circunstâncias: para ele existir, tem de haver pobreza, tem de faltar trabalho, tem de sobrar lixo nas ruas, tem de faltar educação, respeito, planejamento, desenvolvimento sustentado.

Considera que ele nas ruas é mais verde — mais limpo — do que tu: seu carro não emite gases, não buzina, ele não é um consumidor de artigos descartáveis, não produz esse lixo, antes o leva para reciclagem. Vê que curiosa contradição: quanto a isso ele é atual (inconsciente, porém), uma pecinha na grande engrenagem do avanço, enquanto que tu, participante da poderosa cadeia de consumo e visualmente moderno, estás com um pé nos séculos passados (inconsciente, também), ligado àquela descuidada atitude que formou a sociedade atual: pegar, usar e largar.

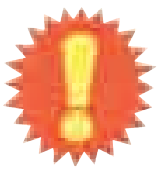


Pensa, senhor cidadão de primeira categoria: que homem é esse? Um descartado – como as sobras que transporta. Ele não conta, não usa CD, DVD, celular, ipod, cinema, universidade, casa, transporte, televisão, roupa nova, geladeira, video game, sapatos – na grande cidade, é um resto. Um rejeito levando rejeitos.

É justo haver carroceiros? É preciso haver?

Ele é apenas um personagem-símbolo do grande problema, da pobreza, da exclusão, da carência. E também da resistência. Tome-o como símbolo de uma idéia. A idéia da reciclagem.

Calcula-se que cada brasileiro produz 1 kg de lixo por dia. (Três vezes menos do que produz um povo rico como o americano, 3,2 kg.) Assustador: 190.000 toneladas por dia! 71,5% do lixo recolhido nas cidades indo para depósitos a céu aberto! Infiltrações do caldo fétido dos lixões contaminando mananciais e aqüíferos! Gás metano dos lixões e aterros sanitários aquecendo mais o planeta do que o CO^2 dos combustíveis! Despojos jogados em rios, barrancos, buracos, alagados, baías, mangues, baixadas, córregos! Ratos, insetos e bactérias multiplicando-se em berço esplêndido!



Quero viver, conhecer pessoas e ótimos lugares onde eu esteja em eterna comunhão com a natureza e o mundo.
Vitor Hugo Pereira Freitas, 15 anos

Lixo é o sintoma — não a doença. Não sejamos ingênuos: o medo do lixo não vai mudar a produção. Seria preciso que lá atrás tivessem sido tomadas precauções obrigatórias das quais houvesse nascido um costume, uma tradição, uma interdição cultural ou educadora. Tipo "não matarás".

Alguma coisa está sendo feita. Com a ajuda pequenina daquele carroceiro ali, meu caro motorista, prezado cidadão contribuinte, com a ajuda dessa formiguinha aí, 9 bilhões de latinhas são levadas para reciclagem, 87% de toda a produção de latinhas de cervejas e refrigerantes, e mais papéis, papelões, e latas de flandres de embalagens, de leites diversos, de óleos e conservas, de tintas e vernizes, e sucata de tudo quanto é eletrodoméstico, portões, grades, bicicletas, skates, carros velhos e restos das demolições são levados para os fornos — o Brasil recicla 70% de todo o aço que produz!

Isso te surpreende, cidadão motorista? É o que diz o *Cempre*, Compromisso Empresarial para Reciclagem. São recordes mundiais, mas que não expõem o lado da pobreza. Centenas de milhares de miseráveis vivem de catar o aproveitável nos lixões e aterros. Quanto maior é o número de pobres em um país, mais podre é o seu lixo, nele predominam materiais orgânicos. E plástico, muito plástico.

Um modelo diferente, sem pobreza, seria construir usinas de incineração verdes, como a que existe no Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão, particular. Tóquio tem 20 plantas dessas. É um esquema industrial limpo, que gera energia elétrica utilizável e toneladas de bens reciclados, gera empregos, poderia transformar catadores de lixões em pessoal de triagem, com carteira assinada e plano de saúde. Não custaria tanto assim para o Ministério das Cidades, em parceria com os estados, municípios e particulares: R$ 19 milhões é o custo de uma usina, algo como 10 dossiês de sanguessugas. Vinte usinas, 200 dossiês. Não é muito para quem quer fazer alguma coisa, e ajudaria bastante. Vinte usinas por ano, mixaria para um poder que gasta R$ 1 bilhão com publicidade, não é verdade, meu caro motorista?

Acordo, não tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar.
O cara me pede diploma, não tenho diploma, não pude estudar.
E querem que eu seja educado, que eu ande arrumado, que eu saiba falar.
Aquilo que o mundo me pede não é o que o mundo me dá.
Até quando?

Gabriel, o Pensador

Tenho um amigo autoritário cheio de idéias. Já dei muita risada com ele, mas é sério, como todo maluco-beleza. Uma das idéias dele é proibir saquinhos de plástico nas feiras livres, ressuscitar o velho embrulho de jornal e as sacolas de lona. Para os mercados, sugere a volta dos sacos de papel reciclado. Reduzir garrafas pet, voltar o óleo de cozinha para as latas. Solventes e combustíveis, só em latas. A idéia mais original é o que fazer para acabar com os saquinhos de plástico: tornar obrigatório enfiar todos eles nos buracos dos tijolos furados e dos blocos de cimento de todas as construções do país, pequenas e grandes. "Vão sumir para sempre da paisagem", diz. E outra, para reduzir drasticamente o lixo orgânico de milhões de residências: passar no liquidificador todas as cascas de frutas e restos de alimentos, todo dia, jogar no vaso sanitário e dar descarga. Redução de 70%, garante. Se eu rio, ele diz: "É por isso que ninguém faz nada. Dão risada". Abaixo a cabeça, consternado.

Penso: que coisa macro poderia ser feita? As religiões, antigamente, tinham um grande poder educador, havia certa noção de pecado proibindo desperdícios, bater na mãe, roubar, mentir, matar, fazer covardia. Lá atrás, deveriam ter pregado não a salvação da humanidade, apenas, mas da vida na Terra. É tarde? E se todos os bispos, padres, aiatolás, cheques, rabinos, pastores, pregassem essa nova idéia em todos os templos, haveria uma nova consciência mundial? Faltam santos, faltam pregadores globais, mas o fato é que sem a religião da vida vamos todos mais cedo para o beleléu.

É por isso, meu já paciente motorista, que levo a sério todo mundo que faz alguma coisinha para ajudar. Os que não levam saquinho de plástico para casa. Os que não compram produtos de empresas poluidoras. Os que repreendem quem joga até palito de picolé no chão. Os que levam saquinho para apanhar cocô de seu cachorro na calçada. E os que levam lixo das ruas para a reciclagem, como esse nosso carroceiro, mesmo que ele faça isso apenas para ganhar um dinheirinho.

Tenho passado tão mal, a minha cama é uma folha de jornal

O orvalho vem caindo

Noel Rosa e Vadico

Bom dia, passageiros, é o que lhes deseja a Miséria S.A. que acabou de chegar.

Miséria S.A.

Pedro Luís (O Rappa)

[...] roubos, fome, desemprego e tantas coisas que a minha cabeça não entende.

Felipe dos Santos, 10 anos

Até quando esperar dos mortos o alimento de cada dia?

Valdênia Aparecida Paulino

Alagados, Trenchtown, Favela da Maré, a esperança não vem do mar, vem das antenas de tevê.
A arte de viver da fé, só não se sabe fé em que.

Alagados

Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone

Um exemplo perfeito de trabalho ambiental importante, economicamente sustentado, mas faltando ser socialmente includente, como Ignacy Sachs explica lá na página 00, quando fala que o Brasil pode se tornar uma "fábrica de empregos decentes".

Era uma manhã de novembro. Fazia sol. Eu descia o morro da favela para chegar ao barraco da Sula para ter notícias de sua saúde. Sula ficou viúva quando o mais novo dos cinco filhos ainda era amamentado no peito. Morando em um pequeno barraco, cujas paredes eram uma mistura de papelão e madeiras velhas, criava seus filhos recolhendo e vendendo sucatas.

Eu descia para buscar notícias, pois na tarde do dia anterior Sula havia caído na rua, empurrando seu carrinho, quando teve mais um ataque de epilepsia. Estava já entrando na viela que dá acesso à sua casa quando encontrei Solange.

Solange, naquela época, era uma garota franzina, com 11 anos de idade, filha de mãe portadora de doença mental. Era a penúltima de seis filhos. Estava sempre alegre!

Radiante, me convidou para ir à sua casa, porque lá tinha coisas gostosas para comer. Assim, antes mesmo que eu respondesse, saiu me puxando pelo braço.

Enquanto atravessava um largo esgoto a céu aberto para chegar naquele barraco tão miserável, pensava no que ela me daria para comer, já que não era dia de feira e eles se alimentavam do que recolhiam quando os feirantes desmontavam as barracas.

Para minha surpresa, a mesa era farta. Tinha farofa, frango assado, doces e pãezinhos frescos.

Os irmãos brincavam de casinha com a mãe. Penteavam seus cabelos, davam pedaços de doce na sua boca... Era uma festa.

Quanto a mim, não tinha outra opção senão participar daquela festa. O pequeno barraco, ainda com chão de barro, contagiado com a alegria das crianças e da mãe que mais parecia uma delas na alegria, se transformara num salão de festas.

Sem poder recusar, comi a coxa, pois se tratava da melhor parte do frango e Solange fazia questão que fosse para mim. Enquanto comia, curiosa como estava, perguntei quem havia dado todos aqueles alimentos e os pães frescos.

Foi aí que Solange disse:

— Tia, todo sábado e domingo vai ter comida gostosa na nossa casa.

— Que bom! — respondi, ainda querendo saber quem seria aquela pessoa tão generosa e solidária.

Então perguntei se poderia conhecer a pessoa que estava sendo tão "boa".

Um tanto desapontada, Solange respondeu que ainda não conhecia, pois lhe haviam dito que ela só poderia chegar depois que as pessoas já tivessem ido embora. Após um rápido momento de silêncio e pensamento fixo, Solange me disse: "Você pode ir com a gente." Contudo, advertiu: "Mas a gente sai bem cedinho."

No outro sábado, cheguei às 7h no pequeno barraco para acompanhar Solange e dois de seus irmãos, mas eles já haviam saído. O cedo era mesmo bem cedo. Então resolvi ficar um pouco com a mãe.

Não eram ainda 8h quando Solange e os irmãos retornaram com uma sacola cheia de comida e uma garrafa de pinga na mão.

Antes mesmo de dar bom dia, perguntei: — O que é essa garrafa de pinga??!!

Solange respondeu: "Calma, tia! Meu irmão já vai levar pro moço da padaria, pra trocar por pão."

Eu, atônita com o que estava vendo, continuava inquieta e querendo entender.

Foi aí que Solange revelou que a solidariedade não vinha dos vivos, mas dos mortos.

Vila Formosa é um bairro da zona Leste da cidade de São Paulo,

E eu que não creio peço a Deus por minha gente, é gente humilde, que vontade de chorar.

Gente humilde

Garoto, Chico Buarque e Vinicius de Moraes

onde fica um cemitério público. Para lá vão sobretudo os defuntos cuja família não tem dinheiro para pagar os serviços funerários. Mal cuidado e com muitas entradas, é um dos locais mais usados para ritos religiosos da umbanda e candomblé.

São muito comuns as oferendas nas sextas feiras à noite.

Foi aí que entendi de onde vinha toda aquela comida e os pães frescos.

Naquele momento me faltou ar para respirar.

Enquanto isso, Solange, alegre, me dizia que, naquela manhã, havia sido fácil pegar o ônibus, porque o motorista era bonzinho e deixou que ela e os irmãos entrassem sem pagar a passagem.

Uma avalanche de pensamentos me passava pela cabeça.

Entre eles, a certeza de que aquela realidade precisava mudar.

A certeza de que Solange e sua família eram meus semelhantes.

A certeza de que não poderia continuar seguindo sem considerar que crianças sobrevivem de alimentos deixados nos despachos de cultos religiosos.

A certeza de que aquela mistura de indignação, tristeza e admiração me levaria a tomar atitudes que pudessem ajudar a tornar os vivos mais solidários.

Obrigada, Solange, por me dar a melhor aula de direitos humanos.

Essa vivência se deu em novembro de 1991.

Quais seriam as lições dessa "aula de direitos humanos", pra gente entender melhor ? Seria muito legal, Valdênia, se você falasse um pouco de direitos humanos, para complementar essa bela experiência! Principalmente dos direitos humanos ausentes nos tipos de situação que você vive no seu dia-a-dia profissional admirável. Você está de acordo? Está faltando, no nosso livro, esse "holofote" sobre direitos humanos.

Olá pessoal! É com alegria que volto a dialogar com os(as) leitores(as) sobre **direitos humanos**.

Quando fui convidada a escrever um texto sobre os direitos humanos direcionado a todas as idades, pensei: **Quero escrever algo com rosto, com pele e cheiro de gente! Daí a história de Solange**.

Poderia ter escrito sobre o processo histórico da construção legal dos direitos humanos. Poderia ter escrito sobre o sistema global, regional e nacional dos direitos humanos. Contudo, escolhi partir da vida real das pessoas. De um contexto que não fosse abstrato teórico, mas que nos fosse possível tocar e transformar.

Entretanto, confesso que, mesmo sem saber o quê, também achei que faltava algo para que ficasse mais completo. Por isso, agradeço a você, leitor(a), que me possibilita dizer por que a história de Solange dialoga com os direitos humanos.

Quando pensamos em direitos humanos, devemos pensar **a pessoa** e **tudo que envolve um meio ambiente saudável**. Partindo da história

de Solange, devemos pensar que **todas as pessoas nascem com igual potencial**; o que vai diferenciá-las ao longo da vida são as condições culturais, econômicas e sociais para desenvolver esta potencialidade.

Exatamente o que mostra, lá na página 00, o exemplo do Ricardo Paes de Barros, da vida de uma menina e de um menino brasileiros em diferentes condições culturais, econômicas e sociais.

Nossa responsabilidade nesse processo é **nos juntarmos a outros(as)** para que **todas as pessoas tenham condições para desenvolver o que têm de melhor**.

Quando alguém resolve construir uma casa, não precisa ser engenheiro(a) ou pedreiro(a) para saber que tipo de material de construção deve comprar primeiro.

Se eu lhe perguntasse, você, com certeza, responderia que primeiro compraria pedra, cimento, areia, ferro, telhas, para depois comprar torneira, pia, cerâmica, lâmpada, etc.

Em se tratando de direitos humanos, o caminho é o mesmo:

- primeiro vêm os direitos fundamentais, aqueles que são indispensáveis, ou seja, sem os quais não podemos acessar outros. Como no exemplo da casa: sem a estrutura básica, não podemos pensar na lâmpada, porque não haveria parede ou teto. **É a mesma coisa com os direitos fundamentais**. Não podemos pensar se uma criança vai ser melhor esportista no basquete ou no futebol se ela não tiver **boa alimentação**, **boa saúde** e **acesso ao esporte**.

Um bebê, quando nasce, precisa de uma **família**, para que tenha chances de sobrevivência. Essa família precisa de ter uma **moradia**. As pessoas adultas desta família precisam ter **trabalhos** que não agridam o **meio ambiente** e que possam ganhar um salário que permita comprar **alimentos**, **vestuários**, acesso a **energia elétrica**, à **água** e aos serviços de rede de **esgoto**.

Ver como é importante a presença da mãe, no texto do Carlos Eduardo C. Corrêa, na página 00.

Esse bebê precisa de cuidados que exigem **conhecimentos**, precisa crescer em um ambiente **alegre** e **saudável**. Para isso, as pessoas dessa família precisam ter **acesso à educação**, **à cultura**, **ao esporte**, **ao lazer**.

A partir dessas indicações, vamos pensar na história de **Solange**:

Menina, pré-adolescente, já responsável por buscar o alimento para a família, morando em um barraco precário à beira de um córrego (que é um esgoto a céu aberto), tem uma mãe com problemas de saúde e sem os devidos cuidados médicos.

Não obstante as dificuldades, Solange vai à luta e, em meio à pobreza material, tira energia para **sorrir**, para **dar carinho à mãe** e **buscar o sustento dos irmãos**.

Qual seria nossa responsabilidade, diante dessa história que se multiplica em nosso **bairro**, **cidade** e **pelo mundo afora**...

Pertencemos à família humana. Apenas moramos em diferentes endereços, mas somos todos(as) da mesma família. Neste momento, há algum familiar nosso, com potencial igual ao nosso, querendo condições para se desenvolver.

O que podemos fazer...

Buscando cumprir a nossa responsabilidade, na Comunidade de Sapopemba, fizemos nascer várias iniciativas:

- **Cinco por Dois**. Esta iniciativa durou muitos anos. Cada cinco famílias empregadas ajudavam duas desempregadas;
- **Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente**, que trabalha para que os direitos das crianças sejam respeitados, buscando do Poder Público investimentos em políticas de educação, moradia, cultura, etc.;
- **Instituto Daniel Comboni**, age para que os jovens tenham formação para o mercado de trabalho;
- **Cantinho da Esperança**, que atende crianças, adolescentes e jovens com necessidades especiais.

Existem outras iniciativas. O importante é partilhar com você que todas as iniciativas começaram com duas, três pessoas, que, mesmo sem recursos, se juntaram e decidiram fazer alguma coisa. **E as coisas foram acontecendo**.

Procure as Solanges de seu bairro, do bairro vizinho, e saberá que os direitos humanos são concretos, palpáveis, e que você também pode promovê-los.

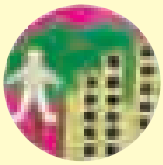
Nos barracos da cidade ninguém mais tem ilusão no poder da autoridade de tomar a decisão.

Nos barracos da cidade

Gilberto Gil e Liminha

Por ser criança

Bartolomeu Campos de Queirós



Por ser ainda criança, também seu olhar é jovem. E por ser criança, ela tem a fantasia como instrumento para explicar o mundo. E com desmedo da liberdade, guiada pela espontaneidade, ela invade tudo que seu olhar alcança sem duvidar de seu entendimento. A fantasia é sua verdade. Mas não é fácil ser criança. O mundo é muito vasto e a vida muito pequena. Há ilimitadas coisas para suspeitar e muitas para adivinhar. As cores trocam de nuances, as nuvens se movem sempre, os sons trocam de tons, o dia se faz noite, as estrelas dormem com a luz do sol, as chuvas caem do nada, a curiosidade pela língua dos animais, o trajeto incontrolável do tempo e o vazio vão até o muito longe.

E o mais difícil em ser criança é desentender o porquê da dor, desconhecer onde a boca busca o sorriso, porque a lágrima é de sal, não saber o percurso do mundo, onde vivia o sonho antes de ser sonhado, e quem deu nome a todas as coisas. E o mais impossível acontece quando ela se pergunta, em silêncio, "por que eu sou eu e o outro é o outro", e o espelho permanece mudo. Sem a posse das palavras, mais penoso se torna escutar o mundo que sai de nossa boca, já adulta e fatigada. Daí as crianças serem tão felizes entre elas sem escutar o nosso "não" para interditar seus desejos.

Sim. Também não é tarefa simples a nossa, pessoas vaidosas de já possuir muito tempo e grávidas de tanto saber: reconhecer as sombrias dúvidas que inauguram a infância. Dúvidas que jamais serão respondidas, pois atrás de cada descoberta nasce um outro mistério. Seremos sempre analfabetos diante dos tantos segredos que o universo camufla. Há sempre um outro mundo depois do mundo. Mas cismamos em determinar o caminho para ser por elas seguido, sem reconhecer que elas pensam, investem, contemplam e poderão traçá-lo.

E assim, aos poucos, a criança fica mais longe do nó inicial e se adentra vida afora. Sem pressa, ela vai revelando o mundo dos seus conflitos. Inconformada com a longa distância existente entre o real e a fantasia, ela anseia ter espaço para dar corpo à sua idéia de mundo.

PAZ
AMOR

H
A
R
R
I
M
N
O

Quando leio os textos que as crianças escrevem sobre suas proposições, me surpreendo com a vocação que elas têm para viver em felicidade. Assusto-me ao perceber seus desencantos com o destino escolhido pela humanidade. Sem reconhecer a nossa fraternidade, nos isolamos em guerras, em fomes, em injustiças, em castas. As diferenças rejeitadas; e a democracia ditada pelo mais rico e mais armado. E, sem reconhecer que os braços foram feitos para os abraços, nos recolhemos em solidão, como se a existência nos fosse dada para vivê-la sob o medo.

E como os textos das crianças nos rejuvenescem pelo que há neles de esperança, de solidariedade, de confiança na possibilidade de um lugar mais humano para nos abrigarmos com mais dignidade! Seus sonhos são escritos em ordem direta, sem rodeios, para falar da branca paz, do vermelho amor, do horizonte da poesia.

Não sei se as crianças, ao crescerem, invejarão o caminho já pisado por nós. Suponho que nossa maneira de exercer o poder as faça buscar outras passagens. Para elas, imagino, todas as mudanças serão operadas, um dia, por meio de uma fada que vai descer das nuvens, por uma estrela que brilhará na luz do dia, por um pássaro que vai nos emprestar suas asas para a liberdade. Como as crianças ignoram nossa validade! Nossa palavra não corresponde ao que vivemos.

E como as crianças nos ensinam lições simples para um mundo melhor! Elas encontram soluções nas asas de uma borboleta, no trabalho das abelhas, na comunidade das formigas, nos desenhos das areias, na grandeza do baixo nível do mar pronto para amparar todas as àguas. E mais, se preocupam com as feridas das serras nas matas, com uma ave sem ninho, com um rio que seca, com um lixo que se acumula, com o sujo ar que nos invade. Sofrem pelo outro que poderia ser elas.

Meu desejo, ao ler os textos dos mais jovens, é de aprender com eles que é possível dar um melhor gosto ao mundo tendo a sensibilidade como nossa estrela-guia. Levantar em cada manhã disposto a inventar um novo dia. Decorar com eles, no livro do mundo, que a nossa marca de passagem pode ser bela como é o milagre do nascimento. Vontade de trocar com elas o meu vivido pelo que elas têm por viver. Susto por não viver o planeta que elas vão refazer usando a vitalidade que caracteriza a infância.

Ler nas letras dos jovens o ímpeto pelas mudanças, encontrado nos pequenos objetos do seu entorno, é alimentar-se de esperança. Mais que nunca, é necessário abrir passagem para que os mais jovens reinventem nosso planeta. Por ser assim, louvo toda proposta que convida as crianças a registrarem o que "Somos e Queremos".

A paz é possível?

Julita Lemgruber

Nesta terra tudo dá — não para o índio.
Para de índio
Djavan

Crianças sonhando mudar o mundo.

Adolescentes imaginando um mundo sem violência.

Meninos infratores determinados a voltar às ruas "de cabeça erguida", provando para a sociedade que não representam mais perigo.

Todos com medo.

Todos lutando muito para manter alguma esperança

Impossível não se emocionar com os depoimentos de crianças e adolescentes na publicação *Somos e Queremos*. Doloroso constatar como a violência tem marcado a vida daqueles que estão apenas começando a viver.

Aline, menina de 8 anos, diz que cresceu vendo a violência de perto e que, até hoje, nada mudou. Mas insiste: "eu queria mudar o mundo hoje".

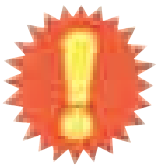
Castrine, com 13 anos, sonha que as balas que saem das armas não matem ninguém. E acrescenta: "meu sonho não será apenas um sonho se você me ajudar".

Gabriel, menino infrator preso na FEBEM de São Paulo, sabe que a sociedade o julga cruel, sem coração, mas ele afirma que gosta de fazer rimas e poesias. Seu desejo é "mudar o pensamento da sociedade, de preconceito e discriminação contra o adolescente ex-interno da FEBEM". Ele afirma: "quando os pensamentos da sociedade mudarem, com certeza a criminalidade no nosso país vai diminuir muito".

Professores e pais também! Está faltando conversa.

Quem trabalha com políticas na área de segurança pública deveria ouvir mais as nossas crianças e jovens. Com meninos e meninas como Aline, Castrine e Gabriel há tanto a aprender! Eles querem viver em paz e, confiantes, poder construir o seu futuro. Ao contrário de muitos adultos, eles ainda não perderam a capacidade de se surpreender com a injustiça, as desigualdades e a violência.

Sonham com um outro mundo e pedem nossa ajuda.



E em que mundo vivem eles? Num mundo de balas perdidas, de violência policial e de taxas insuportáveis de homicídios — aproximadamente **50 mil pessoas** morrem assassinadas a cada ano no país!

E tudo acaba ficando natural.

A gente vai se acostumando com a violência.

Há muito, alguns já estão anestesiados.

Mas a esperança das nossas crianças e jovens deve servir de estímulo para continuarmos a buscar as saídas.

E o caos da segurança pública neste país tem saída.

Basta coragem, determinação e a decisão de transformar a luta contra a violência em prioridade para os estados e para o governo federal.

As taxas de mortes violentas no Brasil superam as de países que vivem conflitos armados — e os jovens são vítimas preferenciais.

Entre 1987 e 2001, só no Rio de Janeiro, 3.937 adolescentes foram mortos à bala.

No mesmo período, nos combates entre Israel e Palestina, 467 adolescentes morreram como resultado de armas de fogo!

De maneira geral, os índices de homicídios na faixa etária dos 15 aos 24 anos são quatro a cinco vezes maiores do que no total da população. Alguns especialistas já falam em genocídio de jovens nos grandes centros urbanos do país, como resultado dos acentuados níveis de vítimas da violência letal com essa idade.

Mais ainda:

as mortes se concentram não somente entre jovens, mas entre jovens pobres e, sobretudo, negros.

Os dados revelam que a distribuição desigual de riquezas e recursos sociais (educação, saúde e saneamento) entre brancos e negros no Brasil acaba por provocar outro tipo de desigualdade:

a desigualdade na distribuição da morte violenta.

Pesquisas também já demonstraram que as maiores vítimas da violência policial são jovens. Novamente jovens pobres e negros. A faixa de 15 a 24 anos é a mais vitimada.

Só no ano de 2005, no Rio, São Paulo e Minas Gerais, a polícia matou aproximadamente **1.500** pessoas. A maioria, **jovens**.

Os números da violência são tão dramáticos que não é possível mais adiar o enfrentamento deste problema.

Falando em números, gostaria de lembrar outra menina da tocante publicação *Somos e Queremos*. É Jéssica, de 14 anos, que se surpreende com tantos números que aparecem nos telejornais ("número de mortalidade, de natalidade, de desemprego, de analfabetismo, de trabalhos infantis..."). E se julga mais um número, embora um número que sabe escrever, que tem oportunidades, freqüenta uma escola e não

Há tempos são os jovens que adoecem.

Há tempos

Dado Villa-Lobos,

Renato Russo e

Marcelo Bonfá

precisa trabalhar. Jéssica se pergunta: "por que o pequeno número de políticos, com o grande número de votos, não pode ver que as pessoas... esse número... têm fome, necessidades e um coração?"

Jéssica tem toda razão. Os políticos precisam ver que as pessoas têm fome, necessidades e um coração.

Tão simples, não é mesmo?

Por que, então, não investir mais nos programas de inclusão dos jovens pobres, principalmente das periferias das grandes cidades, para que eles tenham outras alternativas diferentes do crime para garantir seu sustento?

Já existem experiências fantásticas de políticas de redução da violência que estão dando certo em muitos lugares do Brasil. Diadema, em São Paulo, e Belo Horizonte, em Minas Gerais, por exemplo, são cidades que desenvolvem estratégias muito eficazes de combate à violência, inclusive à violência policial.

Em Belo Horizonte, o *Projeto Fica Vivo* reduziu drasticamente os índices de violência letal em áreas pobres da cidade. O Projeto funciona quase como um mutirão social, com ocupação e profissionalização dos jovens, estratégias diversas de geração de renda, atendimento à saúde e ao lazer. Tudo com grande participação comunitária, do empresariado e de organizações não-governamentais.

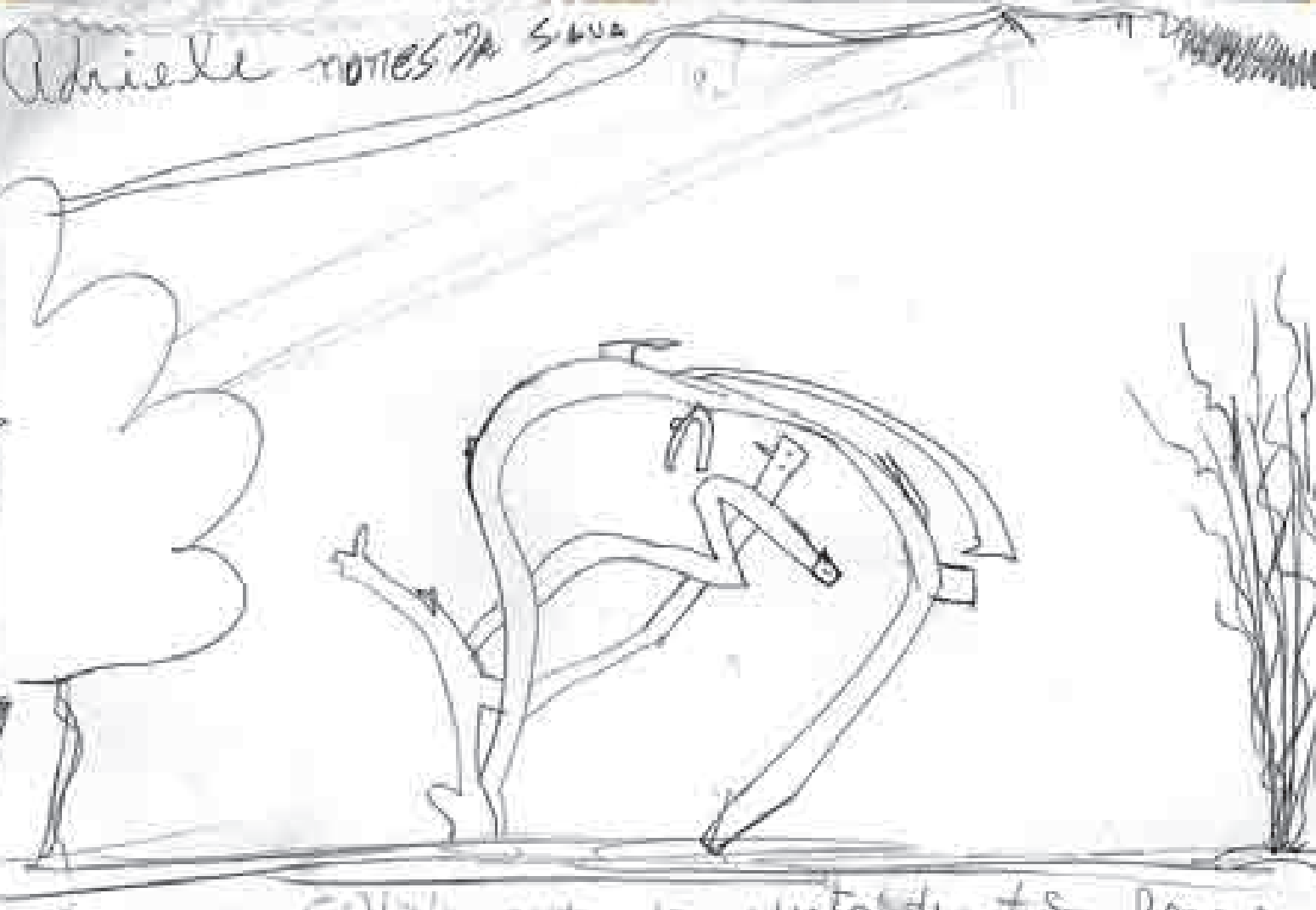
Essa união de forças parece ser a única saída!

Precisamos aprender essas lições. Precisamos estabelecer com nossas crianças e jovens um compromisso: o de não continuar frustrando seus sonhos de viver em paz. Quem sabe nós, adultos, precisamos aprender com nossas crianças e jovens e voltar a sonhar com um mundo onde a paz é possível?

Eu quero estudar, fazer amigos todos os dias, ser cidadã,
abrir minha janela e ver coisas boas e no futuro trabalhar,
como todo cidadão, ser digna do meu esforço,
do meu salário e do meu suor.

Yolanda Matos Leitão da Silva, 14 anos

Adriele MOTTES DA SILVA



A MOSTRA CUBA pede ter uma de ≠S formas

Adélia Prado

Do livro Solte os Cachorros, *Ed. Record*

Eu, se fosse governo, subia num tamborete, batia palma e gritava bem alto pra todo mundo escutar: cala a boca, gente, escuta aqui. Obrigava todo mundo a ficar quieto primeiro e explicava o meu programa administrativo. Governo não é Deus, muito pelo contrário, é o tipo da coisa que precisa de ajuda. Não ia fazer nada sozinho, que eu não sou bobo. Escolhia pra meus ajudantes só gente que tivesse duas coisinhas à-toa: honestidade e competência. Feito isso, falava pra eles: faz um levantamento do nosso país, aí, isto é, varre a casa primeiro. Depois conferia numa assembléia, que não ia ter recesso enquanto não me dessem, por escrito, quantos meninos sem escola, quanto pai de família sem emprego, quanto homem e mulher que fosse amarelo, feio, sem dente, sem saúde, sem alegria. Me aparecesse tudo anotado no papel. Bom, depois dava um descanso de meia hora pras câmaras alta e baixa e ia de novo presidir eles arranjarem um meio de acabar com essa tristeza toda, em primeiro lugar com o problema da comida. Porque vou dizer: passar fome não é coisa pra gente, não; passar fome é de uma desumanidade tão exagerada, que só pensar bole com a bile de quem tiver um grão de consciência. Eu não tenho poder nenhum, de política eu não entendo. Fico falando essas coisas, fico mais ridículo que galinha na chuva, já viu que dó? Aquele passo bobo, aquele pescoço esticado pra frente, olha aqui, olha acolá, encharcada na friagem e na lama, sem resolver nada e, pior que tudo, sem saber de nada. Eu falei de comida, mas tudo tem um nome só: "Procurai antes o Reino de Deus e Sua justiça", está escrito na Bíblia. Pois nosso país assinou a Carta dos Direitos Humanos, não assinou? Nós somos um país rico, cujo tamanho abarca Europa inteira e ainda sobra terra pra leilão. Não é assim? Então, pelo amor de Deus, o que que eu posso fazer pra ter sossego, pra recuperar umas coisas que desenvolvimento nenhum nunca mais vai me dar? Olha, antigamente, quando chovia encarreirado igual tá chovendo

agora, eu gostava de pedir à mãe pra fazer mingau de fubá. A gente bebia e se enfiava debaixo das colchas pra escutar chuva e ser feliz. Enchente era bom porque o Edgar do Zé Romão subia na canoa com o pai dele e vinha navegar quase na nossa porta, pra fazer bonito. Era cobra que aparecia, era gente do centro descendo pra apreciar. Hoje, não. Tá chovendo eu não tenho gosto de aproveitar, fico pensando: ô minha Nossa Senhora, tem gente com os treco tudo molhado, sem uma coisa quente pra forrar o estômago. A situação, entre outras coisas piores, tá estragando com minha vocação de sambista, fazendo tudo pra me tirar o rebolado, o que é me matar da pior das mortes. Tou com medo de apanhar tristeza, encardir de melancolia. Sei que sofrimento neste mundo é fazenda de todos, mas tendo justiça, meu Deus, ao menos miséria some, ao menos ninguém vai ter susto de ser preso à toa, de apanhar sem poder dizer essa boca é minha, explicar, de pé feito um homem, se tem culpa ou não. Culpa eu tenho demais. E medo. Perdi pai, perdi mãe, fiquei grande com muitos filhos nas costas. Tem hora minha vontade é chorar de bezerro desmamado meu fundo desvalimento. Tenho que fazer isso escondido, porque os meninos, quando sofrem o medozinho lá deles, é atrás de mim que correm, pensando que eu sou forte, só porque sou grande. Eu não posso ir pro convento, gente com filhos não pode. Tapar os ouvidos não quero, que é covardia. De morrer eu não gosto. Francamente eu não sei o que fazer, eu não sei mesmo. Se eu fosse o governo ou o chefe dos bispos do Brasil, baixava um decreto pra funcionar desde o mais perdido cruzeiro de roça até a catedral mais chique, desde as prefeituras mais mixas até o palácio dos ministros. Que se estudasse até descobrir o que Deus quis dizer exatamente, quando inspirou o profeta a escrever no Livro Sagrado esta oração mais linda que se reza em vésperas do Natal: "Derramai, ó céus, das alturas o vosso orvalho, e as nuvens façam chover o Justo." Porque Ele veio e virá sempre à palha e ao cocho para ser compassivo. Mas nós o que estamos fazendo pra ajudar?

Um homem se humilha se castram seu sonho. Seu sonho é sua vida e a vida é trabalho. E sem o seu trabalho, um homem não tem honra. E sem a sua honra se morre, se mata.

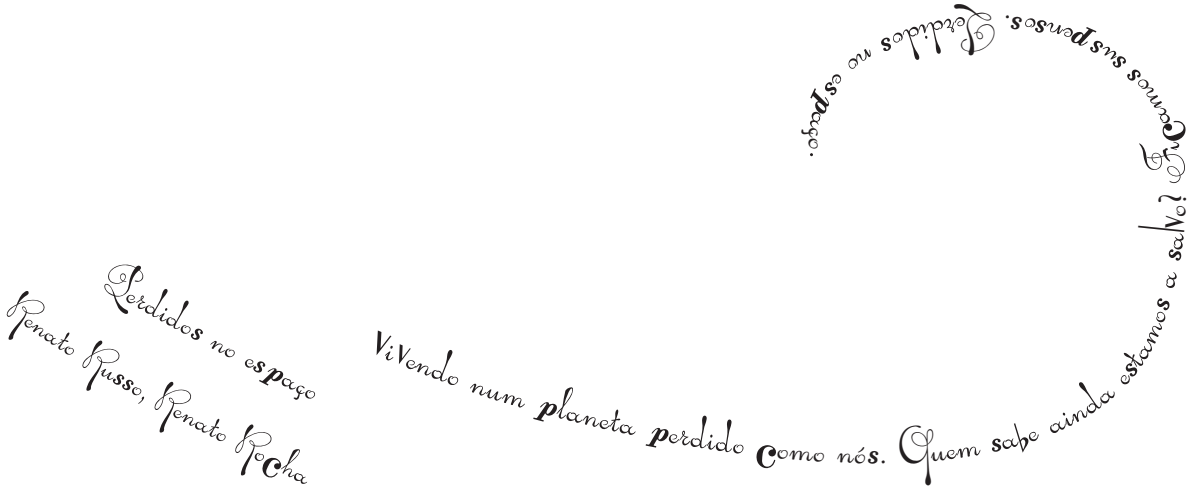
Guerreiro menino

Gonzaguinha

Sim, todo amor é sagrado e o fruto do trabalho é mais que sagrado, meu amor. A massa que faz o pão vale a luz do teu suor...

Amor de índio

Beto Guedes e Ronaldo Bastos



OS YAWALAPITI

Cultura e sustentabilidade revivem no canto de uma mulher

Célio Turino

No princípio as mulheres tocavam *jacuí* (flauta sagrada) e cantavam para toda a aldeia; aos homens, cabia ouvi-las com reverência.

Certo dia, os homens rebelaram-se, não queriam mais as mulheres no centro da aldeia, tomaram-lhes as flautas sagradas e criaram a Casa da Música, construída na *uikúka* (praça, centro). Desde então, as mulheres foram proibidas de tocar a *jacuí* ou mesmo entrar na Casa da Música, que se transformou em um ambiente restrito aos homens. A mulher que se atrevesse a tocar a flauta sagrada, ou adentrar na Casa da Música, teria que ser possuída por todos os homens da aldeia, como punição e ensinamento. Mas se os homens as impediram de tocar, não puderam impedi-las de cantar, pois não havia como roubar-lhes a voz da garganta.

Com o tempo, perceberam que era possível fazer música juntos, e assim as mulheres cantam.

Esta história me foi contada pelo *putaki wikiti* (dono da aldeia, chefe), Aritana, o líder dos Yawalapiti. Aritana, filho de Kenato, o legendário cacique tão citado pelos irmãos Villas-Boas em suas tentativas para criar o **Parque Nacional do Xingu**, é um líder, não apenas de seu povo, mas dos **muitos povos** que habitam aquele imenso território de **2 milhões e seiscentos mil hectares de diversidade biológica e cultural**.

No Parque Nacional do Xingu vivem...
4.000 índios de 14 diferentes etnias.

Nós os chamamos de *índios*, incluindo nessa palavra diferentes povos, porque, quando os europeus aportaram por aqui, pensaram estar chegando nas Índias do Oriente.

Eram muitos os povos que habitavam a terra que viria a ser chamada de Brasil. Vivem no Xingu:
Kalapalo, **Wauja**, **Meniako**, **Kuikuro**, **Kamaiurá**...

várias etnias, troncos lingüísticos, culturas.

Para ser líder no meio de tanta diversidade é preciso
compreender o outro,
ser tolerante,
aprender a ouvir,
falar muitas línguas.

O idioma Kamaiurá é do tronco tupi-guarani, Kuikuro (Karib), Yawalapiti (Arauak). Aritana é poliglota, fala oito idiomas e os exercita no **conselho dos povos do Alto Xingu**.

Os Yawalapiti, desde tempos imemoriais, sempre habitaram a região. Seu território fica entre os rios Tuatuari e Kuluene. O primeiro contato registrado entre eles e o homem branco foi em 1887, com a expedição chefiada pelo alemão Karl von den Steinen. Seus líderes eram Mapukayaka e Moritona (ou Aritana), descendentes diretos do primeiro putaki *wikiti*, Tatiwãlu.

Naquele encontro, ficou registrada a extrema pobreza em que viviam — pobreza no entender do europeu, pois todos eram fortes e saudáveis!

A probreza de verdade veio depois desse encontro: aí, sim, a miséria se abateu sobre os descendentes de Tatiwãlu.

Mas eles também são filhos de *Mavutsinim*, o criador de diversos povos do Alto Xingu, que plantou os troncos do Kuarup, fazendo gente renascer a cada ciclo de morte, brotando do tronco.

O deus yawalapiti que criou os homens.

Renascer a partir das dificuldades, até mesmo da morte, esse foi um dos sábios ensinamentos que o criador *Mavutsinim* deixou como herança.

Ensinamento que de muito valeria quando a presença do homem branco se tornou mais freqüente.

Peste, vírus e bactérias tomaram conta do lugar.
Com eles, gripe, sarampo, diarréia...
Boi, pasto, soja, muita carne criada e comida plantada.
Com eles, fome, sujeira, terra cercada...
Pressão, assédio, sedução,
ataques de todo tipo,
desde aqueles com armas letais
até aqueles com açúcar,
bem doces.
Com eles, mortes, cárie, desespero...

Em 1948, havia apenas 28 Yawalapiti.

Alguns anos depois, nova epidemia de sarampo.

Eram um povo em extinção.

A solução encontrada pelos irmãos Villas-Boas e por Kenato, pai de Aritana, foi **reuni-los em uma única aldeia e realizar casamentos com outros povos do Xingu**.

Povos que antes brigavam entre si, agora se uniam **para brotar de novo**, como no Kuarup.

Em 2002 já são 208 Yawalapiti.

Mas muito poucos, apenas **5**, dominam plenamente o idioma e as histórias de seu povo.

Os povos do Xingu podem não conhecer as leis da física ocidental e o conceito da resiliência, mas conhecem os ensinamentos *Mavutsinim*, e a força do Kuarup.

Tomara que a humanidade aprenda isso...

Mesmo quando submetidos à adversidade, obrigados a recolher-se, encolher-se, dobrar-se e recuar, mesmo assim, eles têm capacidade de recuperação e retornam à forma original, apesar de submetidos a todo tipo de deformações. São resilientes os Yawalapiti; são resilientes porque fazem o Kuarup.

Resistente aos choques, capaz de voltar à forma

Daí a importância da leitura!

Para ser resiliente no mundo de hoje e brotar do tronco do Kuarup, é preciso transitar entre mundos, dominar códigos, ter conhecimento.

Só assim os Yawalapiti se sustentam. O grande desafio para que o povo Yawalapiti brote com força é **recuperar a sua língua**. Apesar de os casamentos entre povos distintos terem sido fundamentais no renascimento da aldeia, **a linha de transmissão de cultura foi quebrada**.

Os efeitos da PROPAGANDA – este é um problema para todos os grupos!

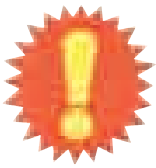
Junto com isso, **a pressão do mundo exterior** ao parque do Xingu, as tentações da televisão, do consumismo.

Recentemente, parte da aldeia pegou fogo.

Aquelas imensas naves xinguanas, catedrais de palha e madeira construídas em círculo, uma a uma, pegando fogo.

E leva seis meses para reconstruir cada casa.

Não tem sido fácil a vida dos Yawalapiti.



"Você sabe como era antes, quando você chegava numa aldeia. Todo mundo pintado, tudo muito bonito. Não era assim como hoje. Antigamente, de tardezinha, o centro da aldeia estava cheio de gente. Velhos, jovens, meninos, todos reunidos, conversando sobre o que tinham feito, o que iam fazer, contando alguma história, conversando sobre o dia... hoje não, só os velhos vão no centro. Parece que aquela alegria acabou."

Ichimã Kamayurá

Mesmo o processo de educação indígena, tão fundamental para que transitem entre mundos, gera dúvidas.

"Estamos confusos. Eu mesmo fui contra a educação do branco. Eu não quero que nosso povo fique sem saber nada, mas não pode perder a cultura..."

Aritana Yawalapiti

O professor indígena, por ser jovem, é visto com desconfiança pelos mais velhos, e a própria relação política interna na aldeia vai sendo subvertida. Mas **são fortes as raízes dos Yawalapiti**; são fortes porque cada vez mais eles buscam conhecer suas histórias e **conhecem suas histórias** porque **fazem o Kuarup**. Por isso cantam: *Awapá*, nosso canto.

"...Então eu estive pensando muita coisa à noite, como é que se pode fazer isso agora. Porque só uma pessoa tem os cantos. Só ele tem? E o resto? Não pode... Ele tem de passar isso já, para os mais jovens. Essa música da jacuí é mais e mais importante, a gente não pode perder isso. Meu pai tinha tanta música, já levou. Não passou para ninguém. Por que não passou para ninguém? Porque ninguém se interessou...É muito importante agora a gente gravar essa música, o rapaz novo aprender, não ficar só ouvindo esse tum tum [ele estava se referindo às batidas eletrônicas que já começam a ser escutadas no Parque Nacional do Xingu]. Pode ter tum tum, mas pouquinho. Isso que eu fiquei pensando à noite. Como é que se pode fazer tudo isso?"

Aritana Yawalapiti

São espertos os Yawalapiti.

Entre eles, há um que ganhou o apelido de McGuiver — o personagem de um seriado americano de televisão que construía engenhocas apenas com um grampo, cola, arame e fósforo.

É o cientista da aldeia, opera aparelho de rádio, conserta o motor do carro, inventa coisas. A cultura também se preserva nos inventos; e se recria.

Assim eles se propuseram a formar um **Ponto de Cultura**.

O QUE É UM PONTO DE CULTURA

Os Pontos de Cultura fazem parte do Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – **Cultura Viva**, do Ministério da Cultura. O programa começou em 2004.

Hoje são **600 Pontos** espalhados por todo o Brasil.

A idéia é **interligação em rede**, **trabalho compartilhado** e **desenvolvimento de atividades culturais** respeitando a autonomia e o protagonismo das comunidades.

Faz o maior sentido, se a gente pensar na sociedade como um organismo vivo formado de indivíduos

O Ponto é um articulador, um espaço que recebe e irradia cultura, liberando energias sociais como se estivesse fazendo uma massagem, um do-in, uma acupuntura social, pois um **Ponto de Cultura** não se cria, nem se inventa: se potencializa.

A partir do que já existe, a cultura se recria, como no Kuarup.

O que o governo faz é disponibilizar um recurso em dinheiro (até R$ 185 mil para um período de 30 meses) que é gasto conforme a necessidade e o plano de trabalho: num **Ponto** podem ser equipamentos, em outro instalações físicas, na maioria oficinas e atividades continuadas de **registro**, **recuperação** e **invenção da cultura**.

O único ponto comum a todos é o estúdio multimídia [pequeno estúdio para gravação de áudio e vídeo e interligação por internet em banda larga], para que cada ponto registre suas expressões e possa trocá-las com soberania e sem hierarquias.

Cada Ponto é um Ponto, cabendo todas as linguagens, representações e expressões:

teatro popular, **teatro experimental**, **circo**, **música popular**, **choro**, **samba**, **jongo**, **música erudita**, **uma mistura de tudo isso**, **um pouco de jazz**, **dança**, **dança de rua**, **coco**, **afoxé**, **maracatu**, **boi**, **cinema**, **cinema de animação**, **contação de estórias**, **registro de memórias**, **rádio**, **cultura digital**, **hip hop**, **repente**...

Os **Pontos** estão espalhados por todos os estados mais o Distrito Federal. De preferência em áreas onde se tem menos acesso aos bens organizados da cultura:

favelas, **pequenos municípios**, **periferia de grandes cidades**, **cortiços**, **quilombos**, **assentamentos rurais**, **sítios do patrimônio histórico**, **aldeias indígenas**...

Um desses **Pontos** é o dos Yawalapiti, no Alto Xingu.

Estas são as atividades do **Ponto de Cultura Yawalapiti**, na terra indígena do Xingu, conforme proposta do IPEAX (Instituto de Pesquisa Etno Ambiental do Xingu, presidido por Aritana):

uma escola de língua, **publicação de cartilha**, **dicionário e gramática em Yawalapiti**, **registro das músicas tradicionais**, **registro de cenas indígenas**, **registro da moda xinguana**, **registro do grafismo corporal**, **artesanato**, **arquitetura tradicional**, **yawalapiti na web**.

Têm memória os índios do Brasil, e eles sabem o que acontece quando transferem para outros o destino de seus povos.

Mesmo que, num primeiro momento, preencher planilhas e documentos pareça difícil para um índio que mora no Xingu, **melhor falarem por si mesmos, sem intermediação**.

Conquistam autonomia os Yawalapiti.

Conquistam autonomia porque fazem o Kuarup.

O trabalho começou antes mesmo que o convênio do Ponto de Cultura fosse assinado com o governo. Os Yawalapiti sabem que **precisam de apoio externo**, mas também sabem que, se quiserem desenvolver ações sustentáveis, é necessário **contar primeiro com eles mesmos**.

Primeiro reconstruíram a *Casa da Jacuí*, a Casa da Música, também conhecida como Casa dos Homens, assim chamada desde quando os homens tiraram a flauta sagrada das mulheres.

Seguindo o exemplo, outros povos do Xingu também refazem a morada tradicional da jacuí bem no centro de suas aldeias circulares.

No Kuarup de 2004, não eram apenas os velhos que cantavam o repertório da festa: o jovem Ianukulá surgia, como um resiliente que é, do tronco do Kuarup, e encantou a todos com a música tradicional dos Yawalapiti.

Mas o repertório dos Yawalapiti é grande e está se perdendo, e cantar uma música não depende apenas de decorar a letra:

é preciso conhecer os contos,
os ritos,
emoções,
tudo isto está contido numa língua.

São poucos os que dominam plenamente o idioma Yawalapiti, a maioria dos moradores da aldeia até fala, mas misturado com idioma kuikuro, kamaiurá, que fazem parte de troncos lingüísticos completamente diferentes.

Por isso, é importante aprimorar o uso da língua, do contrário a raiz fica fraca.

Em 2005, quando já se falava no Ponto de Cultura, *Mavutsinim* deixou mais um ensinamento para o mundo dos homens:

Desde muito tempo, o centro da aldeia cabe aos homens, assim como o direito exclusivo de tocar a *Jacuí*. As mulheres só chegam mais próximo quando chamadas, pois todas conhecem o castigo a que estarão submetidas se infringirem as regras. Mesmo assim, apenas se aproximam do centro para seguir os homens na dança circular, e cantam.

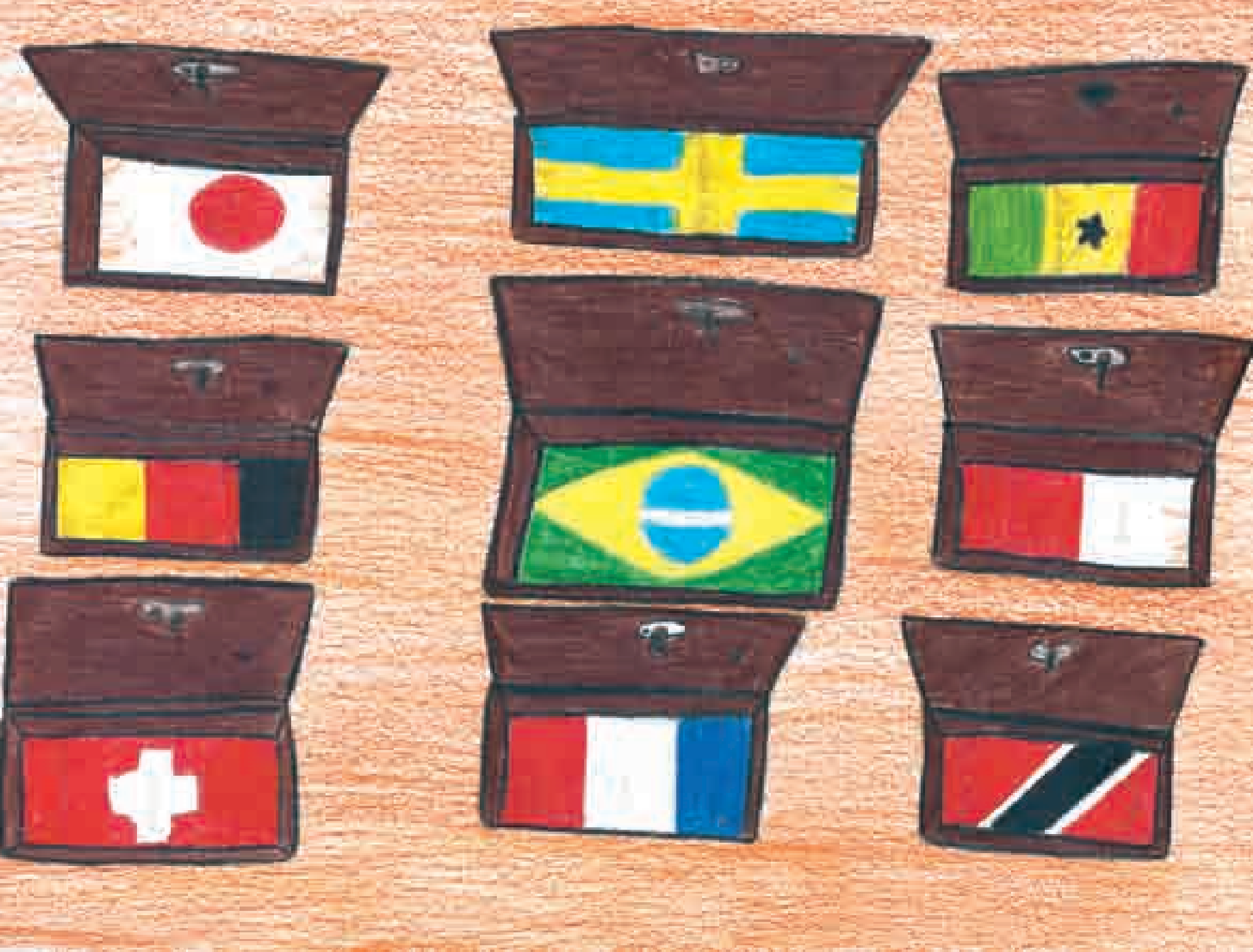
Durante dez dias, uma equipe de gravação e pesquisa acompanhou o repertório de dança e música da aldeia. Foi um grande momento: jovens, adultos e crianças esforçavam-se para que sua língua fosse registrada plenamente. Mas, apesar do esforço, nem todos a dominavam.

De repente, para surpresa de todos, **um canto sai de dentro de uma das casas**; a menor de todas, a mais pobre e esquecida, a menos conservada. O canto saía pela única porta, vinha bem do fundo escuro da casa de palha. Ali morava uma velha, Wantsu, uma das 5 pessoas que têm pleno domínio do idioma e, certamente, a mais velha yawalapiti da aldeia. Para os mais jovens, algumas estrofes pareciam incompreensíveis. **Era Yawalapiti clássico.** Sim, **clássico, porque clássico é tudo aquilo que é fiel à tradição e serve de modelo para o novo**. Wantsu cantou músicas que nem os homens mais velhos se lembravam, tirou do fundo de sua alma, como que vindo do tempo em que as mulheres, além de cantar, tocavam a *Jacuí*. **Como no Kuarup, os Yawalapiti revivem. E revivem pelo canto de uma mulher.**

Quero ver quem paga pra gente ficar assim.
Brasil
Brasil, mostra a tua cara.
Gonzaga, Gabriel e Gilberto Gomeno

Muita gente diz que quer um mundo melhor, mas são exatamente essas pessoas que discriminam os homossexuais, os negros e em vez de apoiar, condenam os outros.

Érica Cristina dos Santos, 13 anos



Educação para o futuro

Gustavo Ioschpe

O Brasil está preso. Há mais de vinte anos o país não cresce.

Assistimos inertes ao avanço de um país depois do outro.

Antes foram os tigres asiáticos, que saíram de uma situação de miséria muito pior do que a brasileira para ingressar no time dos países desenvolvidos.

Nos últimos anos, vimos testemunhando o avanço do Chile e dos países da antiga Europa Oriental, que crescem a passos firmes.

Hoje e no futuro, acompanhamos o salto exponencial de China e Índia, os gigantes adormecidos.

Ficamos discutindo mil e um problemas pontuais —

as taxas de juro,

de câmbio;

estradas e portos;

o volume de impostos

e a corrupção

— e, soterrados pela avalanche de problemas, não conseguimos ver as questões maiores, que influenciam todas as outras.

A principal delas, no nosso caso, é a educação.

Tomara que o Brasil chegue lá sem uso irracional dos recursos naturais e adotando modelos de desenvolvimento que gerem trabalho decente — como diz o professor Ignacy Sachs na página 00!

Para acabar com a pobreza e diminuir as desigualdades sociais, é preciso crescer economicamente.

Para crescer economicamente, a experiência de todos os países aponta que há uma matéria prima fundamental: **gente**.

Não adianta nada termos grandes recursos naturais e minerais.

Algum país já se desenvolveu plantando arroz ou mesmo vendendo petróleo? Não, nenhum.

A faculdade está muito cara.
Mas não faz mal, quando eu chegar lá,
quem sabe, ela já seja de graça.

Tainara Madeiros de Almeida, 8 anos

A riqueza das nações é produzida por suas pessoas.

Por seus cérebros.

E a educação é onde esses cérebros são acolhidos e formados.

Nossa educação tem falhado na tarefa de dar aos nossos cidadãos a chance da liberação de suas potencialidades.

Esta é a função de toda a ação pública, especialmente na área educacional: **remover os entraves do ambiente para que cada pessoa possa se desenvolver no limite máximo de suas capacidades e vontades**.

Mas, segundo os últimos dados do setor, o que nossas escolas fazem é golpear profundamente as possibilidades dos brasileiros:

74% de nossa população não é plenamente alfabetizada.

São pessoas condenadas a viver eternamente à margem desse período histórico fascinante a que assistimos, prenhe de possibilidades infinitas, que é chamado de Era do Conhecimento.

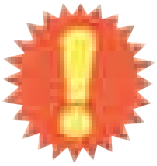
Sem as ferramentas mínimas para absorver o conhecimento produzido, essa pessoa já era. E o que é pior: essa falência não é um dado do passado. Mesmo hoje, depois de todos os esforços a que vimos assistindo, nossas escolas não conseguem nem mesmo alfabetizar satisfatoriamente nossas crianças. À medida que entramos no século 21 e esperamos que ele finalmente faça com que o Brasil chegue ao seu almejado destino histórico, ainda não conseguimos resolver esse problema do século 19.

Segundo o último SAEB, o teste do MEC que mede a qualidade da educação, **55% de nossas crianças de 4ª série estão em situação crítica ou muito crítica na área de leitura**.

Trocando em miúdos: **mal sabem ler**.

Enquanto nossas escolas forem alojamentos em que as crianças passam algumas horas por dia e saem com praticamente os mesmos conhecimentos e competências com que entraram, vamos continuar sendo o país do futuro — um futuro que nunca chega.

Verdadeira riqueza de um país: desenvolvimento econômico sustentado, aquele que traz consigo bem-estar social. Países que não se preocupam com o social têm o seu crescimento abortado. Países que só se preocupam em dividir riquezas não as geram.



Sem educação, ninguém pode ser sujeito de sua própria vida na Sociedade do Conhecimento.

Eu quase não falo, eu quase não sei de nada, sou como rês desgarrada nessa multidão-boiada caminhando a esmo.

Lamento sertanejo

Dominguinhos e Gilberto Gil

Vamos continuar tendo

más estradas

e juro alto,

imposto demais,

sonegação idem.

Porque enquanto não formarmos um volume suficiente de pessoas **com a cabeça necessária para entender e mudar o mundo e o país em que vivemos**, não há desenvolvimento possível.

Os homens e mulheres que decidem sobre nossa política econômica e fiscal, os empresários que geram nossas riquezas, os intelectuais que pesquisam nossas entranhas, o povo que trabalha para colocar o país de pé: a qualidade de suas ações é resultado da qualidade de seu intelecto, e a qualidade de seu pensamento é fruto direto da qualidade de nosso sistema escolar.

E também da qualidade da educação familiar, no que diz respeito principalmente à ética!

Nada cai do céu.

Monteiro Lobato dizia que **um país se faz com homens e livros**.

E os homens nem precisam nascer iluminados: basta que leiam — e entendam — os grandes livros.

Essa é a grande luta com a qual o Brasil se depara agora:

ou conseguimos que nossos cidadãos obtenham as ferramentas necessárias para se inserirem de forma altiva e independente nesta Era do Conhecimento,

ou nos condenamos ao atraso duradouro e às discussões sobre problemas pontuais, que muitas vezes não são causas, mas conseqüência do despreparo a que condenamos a maioria de nossos concidadãos e do descaso com que tratamos sua sorte.

Fa-cul-da-de, faculdade mental, faculdade medicina! Faculdade, eu nunca fiz faculdade.

Faculdade

Arnaldo Antunes

Inclusão social pelo trabalho decente:

Brasil pode se tornar uma "fábrica de empregos decentes"

Ignacy Sachs

Eu acredito é na gente
Da gente que segue em frente e segura o rojão. Eu ponho fé é na fé da moçada que não foge da peia e enfrenta o leão.

E Vamos à luta

Gonzaguinha

O Brasil vende 29% de todo o açúcar, 28,5% do café em grão e 43,6% do café solúvel consumidos no mundo. Assumiu a liderança em vendas de carne bovina em 2003, com 19% de participação no mercado mundial. É o primeiro em vendas de carne de frango, com exportações da ordem de 1,9 bilhão de dólares, detém 38,4% do mercado mundial de soja em grão, vende 23,1% do tabaco consumido no mundo e 81,9% do suco de laranja (*Veja*, 14 jan. 2004).

Brasil entrou no século 21 com uma indústria moderna e diversificada, e liderança mundial em vários setores da agricultura. A fronteira agrícola do Brasil ainda não foi explorada até o fim. Temos a maior biodiversidade do mundo, e climas variados, amenos, favoráveis para produzir.

Mas a estrutura ocupacional mostra o grande atraso social do país. Nos últimos 40 anos, a economia do Brasil cresceu, o país se modernizou rapidamente, mas isso não serviu para que todo o povo brasileiro vivesse melhor. É isto o que precisa mudar: precisamos ter mais empregos, e que neles as pessoas trabalhem em boas condições e com remuneração adequada.

Devemos nos esforçar, agora, para planejar um desenvolvimento que seja ambientalmente sustentável, economicamente sustentado e socialmente includente.

Precisamos de mais 2 milhões a 2 milhões e meio de empregos!

Crescer sem destruir a natureza, usando os recursos que temos e melhorando a vida das pessoas.

Ou seja: melhora a economia e, junto, a vida das pessoas!

Gerar emprego e auto-emprego é a melhor maneira de atender às necessidades sociais, porque é uma solução definitiva para o sistema produtivo e, principalmente, porque promove auto-estima.

Desenvolvimento econômico e desenvolvimento social devem acontecer juntos, ao mesmo tempo: diversificar a estrutura produtiva e diminuir as distâncias sociais.

Produzir de modos variados em frentes variadas

Diminuir as desigualdades

Crescimento, produtividade e emprego

Para haver crescimento é preciso reequilibrar setores de forma a produzir mais serviços sociais (construção de moradias populares e obras públicas); privilegiar mão-de-obra na agricultura, indústria e artesanato e incentivar o uso de tecnologias híbridas.

Um novo ciclo de desenvolvimento rural

O homem do campo pode e deve ter acesso ao crescimento sem deixar de viver no campo, e com o apoio de uma reforma agrária bem conduzida. Para isso, é preciso estimular o empreendedorismo coletivo em cooperativas de produção, venda, poupança, crédito e associativismo; é preciso ampliar a agricultura familiar, gerando empregos a menor custo do que qualquer alternativa urbana; e ajudar os pequenos produtores para que tenham

relações mais justas com as grandes agroindústrias. Ao mesmo tempo incentivar empregos rurais não-agrícolas nas agroindústrias, no artesanato, nas pequenas indústrias descentralizadas, na prestação de serviços técnicos, de manutenção, sociais e pessoais, no transporte, na construção, no desenvolvimento de atividades turísticas, sem esquecer a administração pública.

Trabalho no campo mas fora da agricultura.

Turismo rural, por exemplo — está se desenvolvendo no mundo todo — e já existe um bom começo na Zona da Mata, em Pernambuco.

Empregos e auto-empregos ligados à valorização das biomassas

O Brasil tem tudo para ser "uma nova civilização sustentável dos trópicos". A fórmula para isso: exploração sistemática do trinômio biodiversidade-biomassas-biotecnologias.

As biomassas têm oito usos principais: alimentos, ração animal, bioenergia, fertilizantes, materiais de construção, matérias-primas industriais (fibras, celulose, óleos, resinas etc.), fármacos e cosméticos.

Do Pro-álcool ao Pro-cana

Este segmento permite a criação de empreendimentos de pequeno porte que podem se dedicar a atividades derivadas da produção de cana, como aproveitamento da palhagem, do bagaço, do vinhoto (tratado no biodigestor) e das proteínas recuperadas das águas de lavagem.

Pro-óleo

Estudos com onze óleos vegetais usados como aditivo ao diesel abrem ótimas perspectivas. Existem onze variantes: soja, amendoim, girassol, algodão, milho, canola, mamona, pequi, macaúba, babaçu, dendê, além de óleos de recuperação utilizados para fritura nos restaurantes.

Esse aproveitamento eu nem imaginava!

O uso de óleo para consumo humano, e não só para combustível, é uma possibilidade importante. O dendê, por exemplo, é cada vez mais procurado no mercado mundial e tem sido útil na política de assentamentos rurais na Malásia.

No Nordeste semi-árido, pode-se pensar em plantas que vivem com pouca água; na Amazônia, em plantas que precisam de mais água.

Madeira e fibras

Dar preferência às florestas familiares, integrar plantio de eucaliptos e outras espécies para celulose nos planos de desenvolvimento rural, incentivar aproveitamento de fibras vegetais e madeira na construção e na indústria – fabricação de carros, por exemplo.

O potencial da revolução azul

O Brasil tem muita água doce e um litoral imenso, e a piscicultura pode ser grande fonte de empregos, especialmente se integrada à agricultura familiar.

O litoral do Brasil é um dos maiores do planeta: mais de 9 mil quilômetros.

Ou seja: em vez de crescer economicamente para depois cuidar dos problemas sociais, inverter. Isso gera mais empregos em educação e saúde, por exemplo!

Empregos nos setores não comerciáveis da economia

O desenvolvimento social não deve esperar pelo desenvolvimento econômico: a seqüência histórica seguida pelos países industrializados deve ser invertida.

Os serviços sociais ministrados pelas redes de educação, saúde pública e assistência social.

Serviços, comércio, turismo

É possível expandir serviços técnicos e pessoais em forma de ocupações decentes para trabalhadores por conta própria, cooperativas de serviços e micro e pequenas empresas, tirando da informalidade serviços domésticos, camelôs e sacoleiras, por exemplo.

Valorizar e ampliar atividades que poupam os recursos naturais e contribuem para crescimento do PIB: reciclagem do lixo e de outros materiais, aproveitamento de resíduos agrícolas...

Dar mais atenção para o turismo interno de massas e a organização de férias para trabalhadores e escolares, que pode crescer bastante.

A construção civil com especial destaque para a construção de moradias de maneira a reduzir o déficit calculado em vários milhões de unidades habitacionais

Apoiar programas de mutirão assistido para construção de moradias populares.

As obras públicas

Investir em obras públicas que trazem rápido retorno: construção de cisternas no Nordeste, pequenos áreas de irrigação, estradas vicinais, calçamento de ruas...

Formar cooperativas de trabalho genuínas (que funcionem de acordo com as leis trabalhistas e previdenciárias); as obras públicas podem ser feitas em forma de contratos diretos ou de sub-contratação por empreiteiras.

Indústrias naturalmente intensivas em mão-de-obra e artesanato

A indústria de móveis e de confecção de roupas têm perspectivas muito promissoras para exportação.

Outra ação importante seria fomentar o setor de artesanato artístico com a criação de escolas vocacionais, bolsas para artistas populares e concursos anuais para criar um acervo de peças para museus e exposições itinerantes, intermediação entre os artesãos e os mercados institucionais e promoção do artesanato artístico brasileiro no exterior.

Por que as pessoas estudam tanto para ganhar tão pouco? Todos querem o melhor, mas nem sei o que é melhor para mim, não sei até mesmo quem sou, apenas sei que o mundo gira em volta do sol e nós não percebemos.

Jessyca Layane de Souza Laurindo

Empreendimentos de pequeno porte

Duas prioridades máximas: tirar os empreendimentos de pequeno porte da informalidade e garantir que eles sejam cada vez mais produtivos. Para conseguir isso, eis o que se deve fazer:

- desburocratizar a criação de novos empreendimentos (micro e pequenas empresas, cooperativas, consórcios, associações de produtores...);
- criar um regime fiscal com alíquotas mais baixas;
- criar um Simples previdenciário;
- dar acesso amplo a créditos, aos mercados e às tecnologias apropriadas;
- promover todas as formas empreendedorismo coletivo;
- articular sinergias positivas entre as grandes empresas e os empreendimentos de pequeno porte (sub-contratações, terceirizações, integração nas agroindústrias, franquias etc.).

Desburocratizar para inserir — simplificar as coisas para que as pessoas possam ter trabalho formal, reconhecido, legal.

Menos impostos para os pequenos empreendimentos.

Minha jangada vai sair pro mar, vou trabalhar, meu bem querer. Se Deus quiser, quando voltar do mar um peixe bom eu vou trazer.

Suíte do pescador

Dorival Caymmi

É o mesmo **Céu**, o mesmo **Chão**, o mesmo amor, mesmo **Peito**.

Chega de viver no escuro.

Zambi

Edu Lobo e

Vinicius de Morais

ARIANA
MOEMA
HIGIENO
UNICO

GJA JULIETA
POMPEIA - 4 DTS.
R$ 430.000

Inquilinos

Luis Fernando Verissimo

Ninguém é responsável pelo funcionamento do mundo. Nenhum de nós precisa acordar cedo para acender as caldeiras e checar se a Terra está girando em torno do seu próprio eixo na velocidade apropriada, e em torno do Sol de modo a garantir a correta sucessão das estações. Como num prédio bem administrado, os serviços básicos do planeta são providenciados sem que se enxergue o síndico — e sem taxa de administração. Imagine se coubesse à humanidade, com sua conhecida tendência ao desleixo e à improvisação, manter a Terra na sua órbita e nos seus horários, ou se — coroando o mais delirante dos sonhos liberais — sua gerência fosse entregue a uma empresa privada, com poderes para remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, encurtar ou alongar dias e noites e até mudar de galáxia, conforme as conveniências de mercado, e ainda por cima sujeita a decisões catastróficas, fraudes e falência.

É verdade que, mesmo sob o atual regime impessoal, o mundo apresenta falhas na distribuição dos seus benefícios, favorecendo alguns andares do prédio metafórico e martirizando outros, tudo devido ao que só pode ser chamado de incompetência administrativa. Mas a responsabilidade não é nossa. A infra-estrutura já estava pronta quando nós chegamos. Apesar de tentativas como a construção de grandes obras que afetam o clima e redistribuem as águas, há pouco que podemos fazer para alterar as regras do seu funcionamento.

Podemos, isto sim, é colaborar na manutenção da Terra. Todos os argumentos conservacionistas e ambientalistas teriam mais força se conseguissem nos convencer de que somos inquilinos no mundo. E que temos as mesmas obrigações de qualquer inquilino, inclusive a de prestar contas por cada arranhão no fim do contrato. A escatologia cristã deveria substituir o Salvador que virá pela segunda vez para nos julgar por um Proprietário que chegará para retomar seu imóvel. E o Juízo Final por um cuidadoso inventário em que todos os estragos que fizemos no mundo seriam contabilizados e cobrados.

— Cadê a floresta que estava aqui? — perguntaria o Proprietário. — Valia uma fortuna.

E:

— Este rio não está como eu deixei...

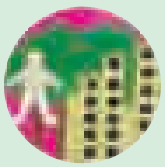
E, depois de uma contagem minuciosa:

— Estão faltando cento e dezessete espécies.

A Humanidade poderia tentar negociar. Apontar as benfeitorias — monumentos, parques, áreas férteis onde outrora existiam desertos — para compensar a devastação. O Proprietário não se impressionaria.

— Para o que eu quero o Taj Mahal? Sete Quedas era muito mais bonita.

— E a catedral de Chartres? Fomos nós que construímos. Aumentou o valor do terreno em...



— Fiquem com todas as sua catedrais, represas, cidades e shoppings, quero o mundo como eu o entreguei.

Não precisamos de uma mentalidade ecológica. Precisamos de uma mentalidade de locatários. E do terror da indenização.

CARLA PERNAMBUCO

O Manifesto da Cozinheira do século 21:

Sustentabilidade e alimentação responsável

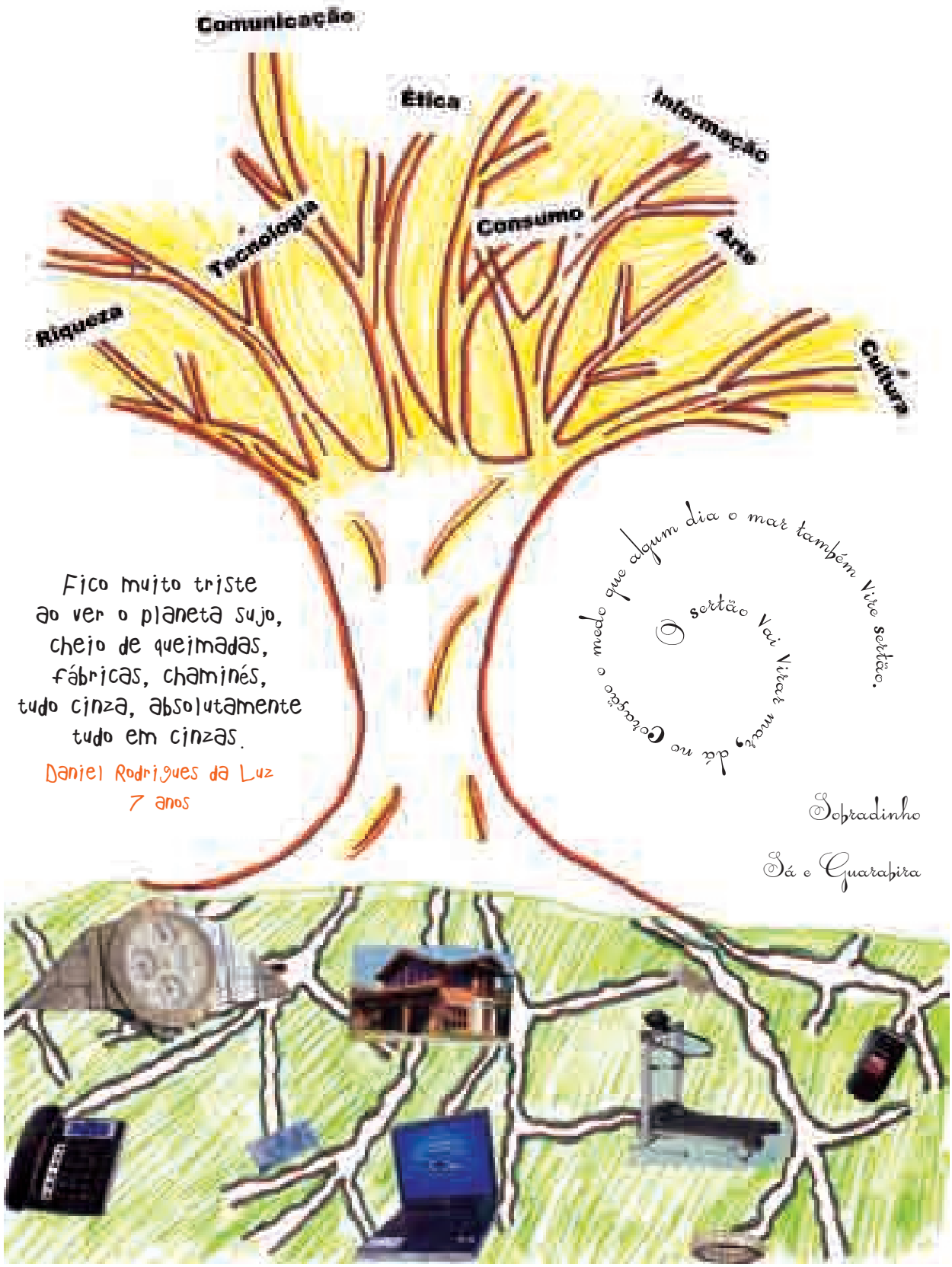
Desde que me tornei uma profissional de alimentação, percebi estar lidando com uma rede de ligações:

fome, **prazer**, **olfato**, **paladar**, **estética**, **memórias**, **satisfação**, **engenhosidade na cozinha**, **bom uso das dádivas da natureza**.

Dez anos depois de abrir o restaurante *Carlota*, minha visão do mundo se transforma cada vez mais.

Busco um **futuro de qualidade**, coerente com as novas mentalidades do século 21.

Me assusta a insensibilidade da maioria das pessoas em relação à importância dos valores ambientais. Pelo menos no Brasil, são raros os que se preocupam com o fato de habitarmos um **planeta ameaçado pelo uso irracional dos recursos naturais**, por causa das avalanches cada vez maiores de consumismo.


Comunicação
Ética
Informação
Tecnologia
Consumo
Arte
Riqueza
Cultura
Fico muito triste
ao ver o planeta sujo,
cheio de queimadas,
fábricas, chaminés,
tudo cinza, absolutamente
tudo em cinzas.
Daniel Rodrigues da Luz
7 anos
O sertão vai virar mar, de no Coração o medo que algum dia o mar também vire sertão.
Sobradinho
Sá e Guarabira

Utopia é a resposta da imaginação a uma carência.

Tudo empurra as sociedades para a alienação e a falta de consciência na preservação da vida.

As cidades se tornaram degradadas,
inchadas,
assustadoras.

Florestas somem, **rios são poluídos**, **indústrias contaminam a atmosfera**, **a violência virou regra na convivência e os alimentos sofrem os efeitos danosos da industrialização**.

É preciso impedir que o CONSUMO tire o lugar das utopias.

Não era esse o futuro que esperávamos.

Minha geração acreditava em utopias, mudanças de valores, paz, amor, **flor**. Pensávamos que o século 21 seria um cenário de harmonia entre os povos, com distribuição justa das riquezas e possibilidades de acesso universal aos recursos da natureza.

A minha também, acho que é coisa de todas as gerações — cada geração tem as suas utopias, e é assim que a humanidade caminha e evolui, de utopia em utopia, de geração a geração.

É triste constatar que nada disso aconteceu. E que muitos daqueles que sonharam com a "Era de Aquário" hoje só pensam em acumular poder.

Não aconteceu tudo isso, mas nunca existiu tanta gente querendo mudar essa situação! Isso já é um bom sinal, né?

Num livro do Eduardo Galeano, ele diz que a utopia é como o horizonte. "Eu me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos; caminho dez passos, o horizonte fica dez passos mais longe; por mais que eu caminhe, nunca vou alcançar. Então, para que serve a utopia? Para isso, para caminhar."

Mas reclamar sem agir só piora a situação.

Nos últimos tempos, matutei sobre situações que enfrentamos a cada dia e os tipos de comportamento que surgem quando muda o século.

Até agora a maioria da humanidade não se libertou (nem se libertará) dos erros do século 20.

A gente pode até se "fantasiar" de moderno, usar *notebook*, ouvir MP-3, exibir tatuagens e curtir todas as baladas. A grande maioria das pessoas, de todas as idades, mantêm posições ultrapassadas e equivocadas. Claro que existem adeptos sinceros de novas mentalidades, os quais considero a verdadeira representação humana da era digital e do preservacionismo, que vai redefinir o conceito de "contemporaneidade".

Eu acredito que ainda não se libertou, mas vai se libertar.

E é cada vez mais gente. Pelo menos, é o que eu espero...

Alô, alô, marciano, a coisa está ficando ruça. Muita patrulha, muita bagunça, o muro começou a pichar. Tem sempre um aiatolá pra atolar Alá.

Alô, alô, marciano

Rita Lee

Vamos por etapas.

Como meu departamento é alimentação, acho essencial começar por aí. E não só pela comida.

O princípio do equilíbrio começa exatamente pela "mesa".

Precisamos estar atentos até na escolha do mobiliário, evitando utilizar ou comprar peças de origem duvidosa, ou que representem usos indevidos da madeira.

Por que não procurar mesas de madeira com certificação florestal, aprovadas pelas normas corretas? Alguns grandes estabelecimentos já oferecem ao consumidor linhas de móveis com "Selo Verde", que equivale à certificação orgânica de alimentos.

Acabar com a mentalidade de querer tudo novo o tempo todo, como explicado no texto do Luiz Percival Britto, na página 00.

Opção: adquirir móveis antigos ou usados. Uma boa restauração deixa tudo bonito novamente.

Essa opção se traduz na manutenção inteligente das florestas, pois sabemos que o uso impróprio da madeira está entre os grandes problemas ambientais do Brasil. Por exemplo:

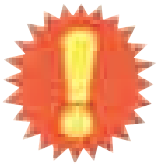
A cidade de São Paulo consome um volume maior de madeira que todo o mercado europeu, que, aliás, praticamente importa apenas madeiras de procedência aprovada.

Assim, boa mesa é aquela que mantém as florestas de pé.

O primeiro passo para entendermos as propostas de sustentabilidade:

usar os recursos da natureza com critério, permitindo preservar, manter e gerar trabalho a partir da exploração não-predatória.

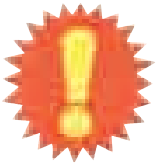
Ainda sobre a mesa: tenho enfatizado em palestras **o absurdo que são os produtos descartáveis utilizados na indústria de alimentação, bares e restaurantes**. Exemplo: a praga das garrafas pet e das embalagens de plástico. O historiador britânico Niall Ferguson publicou há pouco uma análise sobre a massa de vasilhames descartáveis que bóiam nos rios e mares. Tente imaginar isto:



50 mil peças de plástico flutuando em cada 3,5 quilômetros quadrados dos oceanos.

Isso é verdade, e está no texto do Programa Ambiental da ONU. É lixo em proporções catastróficas. E como evitar que a avifauna marinha, gaivotas e tartarugas morram asfixiadas porque engolem sacos plásticos achando que são alimentos?

No Brasil, quase nada do lixo das grandes cidades é reciclado. E mais: o serviço existe em apenas 11 capitais.



Menos de 5% do lixo das grandes cidades é reciclado.

Reciclar o lixo — coisa considerada obrigatória numa administração urbana consciente, continua sendo tratado com descaso por aqui. Será que as empresas fabricantes não deveriam ser obrigadas por leis ambientais a reciclar seus próprios dejetos industriais? Quando olhamos a atitude da classe política brasileira, compreendemos os motivos dessa displicência: muitos são personagens ultrapassados e condenados a jamais entender as mudanças do século 21.

Outra questão explosiva: o incentivo à expansão dos agronegócios no Brasil. Terras originalmente cobertas por vegetação nativa são ocupadas e desmatadas para servir de pasto ou para plantações.

Com a destruição da vegetação original, a decomposição da matéria orgânica do solo é feita por microorganismos que liberam gás carbônico, metano e óxido nitroso, os chamados "gases de estufa" que modificam a atmosfera e os micro-climas das regiões.

Desmatar é fácil. Não exige tecnologia nem planejamento.

Os proprietários rurais, em sua espantosa maioria formada por gente conservadora, avessa a qualquer tema ligado à preservação, retiram as árvores que têm valor comercial e queimam a mata restante, gerando empobrecimento gradativo do solo. Depois plantam algum tipo de capim para servir de forragem ao gado.

Investimentos pequenos, lucros fáceis.

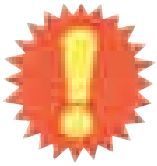
Há pouco tempo, descobri que o efeito estufa adicional não está relacionado apenas à poluição de carros e indústrias. Os técnicos da Embrapa apontam que as principais fontes de emissão de gases no campo vêm do setor agropecuário: cultivo de arroz, queima de resíduos agrícolas, mais os gases liberados pela fermentação da ruminação do gado, emitidos por arrotos e... puns dos animais. Sem contar o gás nitroso que sai dos dejetos.

Alguém imagina quantas cabeças de gado existem no país?

Mais de 170 milhões de cabeças de gado no Brasil. Cada bovino emite 60 quilos de metano por ano!

O metano tem poder de aquecimento global 20 vezes maior que o do gás carbônico.

O Brasil, ao contrário de outros países ambientalmente corretos e que fazem relatórios anuais sobre essa emissão de gases, só conseguiu apresentar um relatório em 2004. O primeiro e único.



Biólogos e ambientalistas sabem que, nessa história, o gado não é o culpado. Quem movimenta a cadeia produtiva são os consumidores. Em dez anos, o mercado brasileiro **aumentou em 40% o consumo de carne**. Do churrasquinho da esquina à picanha consumida nos finais de semana, tudo favorece a quantidade de puns de vaca na atmosfera.

Quem sofre com isso? **O planeta, o futuro, o clima, a natureza.**

Não defendo um planeta absolutamente vegetariano, mas sim o **lançamento de campanhas de reeducação alimentar** que proponham a redução gradativa no consumo da carne e de produtos à base de leite, substituídos por alternativas protéicas menos prejudiciais ao meio ambiente.

Aqui está outro ponto determinante: as novas mentalidades do século 21 compreendem que **animais não são máquinas de gerar lucros**.

Ter ética em relação a esses seres viventes é fundamental para acelerar a adoção de culinárias responsáveis, capazes de evitar ingredientes como vitela (por que sacrificar bovinos jovens para deleite de uma refeição?), palmitos sem certificação (a colheita irregular continua a destruir sem repor nada), ovos e aves de granjas industriais (centenas de milhares mantidas e abatidas em regimes de crueldade), lagostas pescadas em época de reprodução (qualquer restaurante do Nordeste oferece o crustáceo nos 12 meses do ano), caviar do Mar Cáspio (o contrabando e a pesca clandestina dos esturjões já anuncia a extinção da espécie) e bacalhau (outro candidato a sumir de vez dos oceanos, assim como o atum). Em Alagoas, às margens do rio São Francisco, o camarão pitu, de água doce, virou artigo raro devido à sobrepesca: como é uma iguaria disputada, geralmente é vendido bem antes de atingir o tamanho adulto.

Seus netos vão te perguntar em poucos anos pelas baleias que cruzavam oceanos, que eles viram em velhos livros ou nos filmes dos arquivos dos programas vespertinos de televisão.

As baleias

Roberto Carlos e Erasmo Carlos

A sustentabilidade nos oceanos é um tema que aciona cientistas e oceanógrafos da Ásia e da Europa. Surgem estudos para a criação de "fazendas submarinas", com controles de pesca para as espécies, rastreamento de cardumes e multas pesadas para navios que pratiquem sobrepesca.

A implantação de projetos como esses levará anos, **sem contar que o *lobby* das empresas multinacionais de pesca continua a ser um enorme obstáculo. Muitos governos cedem áreas de importância natural porque recebem favores, propinas etc...**

Uma célebre marca de refrigerantes desmatou milhares de hectares da floresta Amazônica **para plantar a cana-de-açúcar que adoça seus produtos. Esse desastre ambiental pode ser visto dos aviões que se aproximam de Manaus.**

No resto do país, a calamidade continua:

Sobram apenas 5% da Mata Atlântica original.

No Paraná e Santa Catarina, resta 0,07 % da imponente floresta de Araucárias.

Imensos parques nacionais são fiscalizados por apenas um ou dois funcionários do Ibama, que tentam controlar a retirada ilegal de madeira ou o contrabando de animais silvestres.

No Pantanal, há pressão contínua para a construção de usinas de álcool.

As nascentes do rio São Francisco, na Serra da Canastra, em Minas Gerais, são disputadas por fazendeiros.

A exploração de água mineral em cidades do sul de Minas conseguiu esgotar várias minas de águas sulfurosas — sem que ninguém proponha manejo das águas.

A cidade de São Paulo não consegue mobilização popular nem expressão política para planejar áreas verdes de lazer.

Apesar de tantos equívocos, **serei a última a deixar de acreditar em mudanças**. Aposto em energias renováveis, vindas da conversão da radiação solar, que é fonte primária e inesgotável de grande parte da energia disponível no planeta. Quando o século 21 começar de verdade, certamente irá trocar o disputado combustível fóssil (petróleo) por...

- energia solar,
- **energia eólica (aerogeradores movidos pelos ventos)**,
- **biomassa (energia produzida pela fotossíntese das plantas)**,
- **hidroenergia (energia cinética de moinhos, rodas de água ou aproveitamento da chuva armazenada)**.

Acredito que as **bioconstruções** serão a arquitetura do futuro. Acredito no **comércio justo**, que não exclui os pequenos produtores dos lucros.

Na investigação da **origem correta das matérias-primas**.

Nas técnicas de sustentabilidade na **agricultura orgânica**.

Na certificação de produtos derivados de **manejos apropriados**.

E, para finalizar meu **manifesto de cozinheira do século 21**, defendo melhor qualidade de vida a partir dos **valores terapêuticos dos alimentos** e de uma **culinária responsável**. Contanto que tudo mantenha sabor, beleza e estilo.

A novidade que tem no Brejo da Cruz é a criançada de carinho de lá!

Brejo da Cruz

Chico Buarque

Investir é preciso

Luiz Alberto Mendes

Há quem pense que avançar significa voltar aos fundamentos. Voltar aos fundamentos aqui se entende por voltar às razões do concurso: "Ler é preciso". O concurso tem por tarefa inicial incentivar leitura e escrita, depois tentar entender o que se passa pela mente de nossas crianças e adolescentes. Mas como, se o livro é tão absurdamente caro? Meu segundo livro, *Tesão e Prazer*, publicado pela Geração Editorial, foi traduzido para o alfabeto cirílico e editado na Rússia. Aqui, seu preço é R$ 32,00. O mesmo livro por lá é cerca de 50 centavos de dólar. Quanto por cento é mais caro aqui? Nem me atrevo a calcular.

Por quê? Os editores falam que a culpa é o preço do papel e principalmente da distribuição. Afirmam que quem distribui leva quase metade do preço do livro. O que acontece na Rússia? Será que por lá não existem distribuidores? Quem é esse distribuidor que não produz, não escreve, não arca com riscos e apenas lucra? Como o papel pode ser tão mais caro aqui do que lá? Temos a maior área do mundo de terras agriculturáveis banhadas pelo sol. E o papel vem daí, ou não? Seria de se pensar que, portanto, podemos produzir mais papel. Se quanto maior a oferta, mais barato o produto, como entender?

O escritor, depois do leitor, creio, é o mais importante personagem dessa história. Disto eu sei com certeza: o contrato padrão é de 10% do preço de cada livro vendido, para o autor. Existem poucos melhor valorizados e, diga-se de passagem, alguns merecidamente. Outros, nem tanto assim. A maioria esmagadora daqueles que escrevem ganha muito pouco com livros ou textos publicados. Tanto que têm outras profissões, e escrever é uma compulsão incontível. Existem até aqueles que pagam para publicar; escrevem muito bem e não encontram espaço, senão pago.

O incentivo à leitura é o propulsor da grandeza literária de um país, porque todo grande escritor é, antes, um grande leitor. Mas como ler, estando o livro a preço proibitivo e se ganhando tão pouco com literatura? É com livros que se aprende a gostar de livros. Será que bibliotecas públicas, sebos e edição de livros populares resolvem a questão? De modo algum: isso não é solução, e sim paliativo. Eu mesmo não tenho

O que vejo no jornal não me deixa feliz. Mas não muda de canal e não muda do país.

Brasil 500 anos

Gabriel, o Pensador

ESCO
RESPIR
AMOR
CONHE
CUL TUR
ARTE
CONHECER
CULTURA
ARTE

condição de ficar comprando livros novos. Leio muito porque tenho muitos amigos leitores que emprestam, e freqüento sebos, apaixonadamente.

Por outro lado, tenho tido notícias que têm me impulsionado e motivado a escrever. Claro, além daquela compulsão natural, que não leva em conta outros valores. Essas notícias me dão conta de que as editoras estimam que, nos próximos dez anos, os livros serão o *boom* do mercado brasileiro. Algumas editoras multinacionais, que têm suas filiais esparramadas por todos os cantos do mundo, já montaram suas pontas de lança no país. Operaram no vermelho até, investindo no futuro. Estão se associando a editoras nacionais ou comprando-as.

Essas empresas internacionais apostam no fato de que nunca houve tanta gente alfabetizada neste país, e no marketing poderoso que, com certeza, trazem junto com os investimentos. É mesmo, não é? Puxa, será que ninguém pensou nisso antes? Por que não usar a potência do marketing, tão eficientemente utilizado para nos tornar consumidores e produtores, para promover a leitura? Talvez livro seja muito caro porque o mercado é reduzido. Mas o mercado é reduzido porque o livro é caro, e aí? Parece coisa daquela propaganda de biscoitos.

Um filme em DVD gasta incalculavelmente mais em sua concepção e arte, direitos de imagem e autorais, tecnologia e produção, e custa muito menos. Só falta agora produzirem livros piratas para acabar de completar a miséria do escritor...

Além do que parece ser uma enorme esperança para o futuro do livro em nosso país, o que mais encheu de sentido minha compulsão por escrever foi a participação na classificação dos textos do concurso "Ler é Preciso". Foi a primeira vez que li textos criativos de crianças e adolescentes. Quando convidado, fiquei ansioso que iniciasse. Tinha uma enorme curiosidade em saber o que as crianças pensavam e como expressavam isso.

Eram muitas redações. Nem sei quantas passaram pelos meus olhos. Trocentas. Foram dias de trabalho intenso. Fiz questão de ler todas do começo ao fim; eles mereciam. Recebia-as em blocos, separadas por tema e idade. Estudando os textos que me couberam, comecei por não saber por que classificar uns e outros não. As crianças são idênticas em suas fases. Mas se tratava de um concurso, e escolher era preciso.

Entendi que aquele era um diálogo das crianças com o mundo. A ordenação das sessenta redações contempladas formou apenas uma pequena amostra, um mural em que aquelas crianças colocaram algumas de suas esperanças, medos, tristezas, alegrias e, principalmente, preocupações.

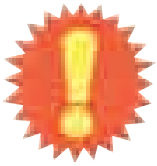
A determinação com que parte expressiva desses pequenos escritores manifesta fé no futuro, é comovente. Como se quisessem nos alertar que ainda é possível construir um mundo melhor. E, lendo-as, dá para

Ontem, um menino que brincava me falou que hoje é semente do amanhã.

Semente do amanhã

Gonzaguinha

acreditar. É uma demonstração da leitura de mundo que fazem, o que estão percebendo do mundo à sua volta. Elas falam, indiretamente, da paz de que necessitam para entender o mundo, demonstram a espessura interior que possuem. E estão preocupadas. Principalmente em saber o que o futuro pode lhes proporcionar.



Pensamentos puros, idéias gentis, sonhos primaveris que a vida vai processar e transformar no quê? Para o que estão sendo formados? Para serem produtores, consumidores, reféns perdidos de nosso tempo? Uma parcela significativa dos textos daqueles mais adolescentes chegou a me assustar. Parecem amadurecidos antes do tempo. Mais realistas que o rei, expressam uma conformidade com impedimentos e diversidades, qual fossem eles inamovíveis. Seus sonhos são restritos, defendem-se excluindo boas possibilidades como impossíveis. Não se permitem ilusões e sonhos. Terrível, porque pessoas aprisionadas pensam assim, defendendo-se das restrições, coações e sofrimento excessivo.

Fica também claro nos textos que, por incrível que possa parecer, eles nos amam. E amam incondicionalmente, com suas pequenas vidas totalmente envolvidas no que sentem. E não só a nós, mas também aos bichos (eles não fazem muitas distinções), aos pássaros, às plantas e a tudo o que vêem. Trazem o coração na ponta de seus olhos. Nos assimilam, mas não copiam; reproduzem nos textos o que lhes foi ensinado, à moda deles.

Escrevem livres, não apenas se expressam, antes se dão a saber. Comunicam de dentro de suas vidas, ainda inteiras e completas, tudo o que são. Mais tarde ampliarão, dividirão e se tornarão incompletos no desenvolvimento de suas complexidades indevassáveis. Por enquanto ainda me parecem compreensíveis, simples, mas de uma simplicidade que significa intensidade, energia pura. O planeta deles é líquido e plástico, a vida é só fluir.

O país precisa de grandes escritores que nos tragam grandes idéias. O que é preciso fazer para facilitar o acesso ao livro, já que temos esse consumidor aí, dentro das escolas, com toda essa esperança ou com toda essa necessidade? Não acredito que se possa fazer muito a curto e médio prazo. O preço do livro, por mais que descontem, cortem preços, ainda assim será inviável para o trabalhador assalariado e seus dependentes. E essa é a condição da maioria dos brasileiros.

A única coisa que posso dizer é que o ser humano é genial e há de superar tais obstáculos. Não há outro caminho, urge inventar. Somos assim; produzimos absurdos para depois humanizá-los. Por isso, penso que investir é preciso. Investir no sentido de atacar, arremeter, e só depois, então, prover de meios.

Fernando Pessoa, entre livros e leitores

Marisa Lajolo

Para Sheila Aparecida de Souza Santos
e Shirley Aparecida de Souza Santos

Vai que, de repente, caiu em suas mãos o poema abaixo de Fernando Pessoa intitulado *Liberdade*.

Você conhece o poeta de nome. Sabe que ele era português e que por vezes assinava seus poemas com outros nomes, os heterônimos.

Pode não saber que os versos de *Liberdade*, por exemplo, são assinados como se tivessem sido escritos por Alberto Caeiro.

Mas isso não importa . Importa que você gostou do título, os versos eram curtos, e começavam de uma forma diferente e desafiadora: **propunham desobediência!**

Você leu o poema até o fim e depois leu mais uma vez, devagarinho.

Na realidade, b e m d e v a g a r i n h o . . .

d e v a g a r i n h o

Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro Campos, Bernardo Soares, Alexandre Search, Antônio Mora, G. Pacheco, Vicente Guedes, e até o Chevalier de Pas, de quem o menino Fernando Pessoa recebia cartas, que ele mesmo escrevia, quando tinha 6 anos de idade! Você já pensou em inventar heterônimos para você mesmo ?

Liberdade*

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer !
Ler é maçada.
Estudar é nada
O sol doira
Sem literatura.

O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa ...

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quando há bruma,
Esperar por D. Sebastião,
Quer venha ou não !

Grande é a poesia, a bondade e as danças ...
Mas o melhor do mundo são as crianças,
Flores, música, o luar, e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
nem consta que tivesse biblioteca ...

* Fernando Pessoa, *Obra poética em um volume*. (Alberto Caeiro) Rio de Janeiro: Ed. Aguilar p. 188.

O texto pega: onde já se viu um poema que diz que é bom não cumprir os deveres, que pode não ler o livro que a escola mandou e que ler é mesmo muito chato (é isso que *maçada* quer dizer)? Poucas vezes você viu isso.

Naquela re-leitura que você fez bem devagarinho você foi percebendo que o texto parece dar muito mais valor à **natureza** do que à **cultura**.

Fala bem das flores, **do sol que fecunda a terra (não do sol que queima e mata), do rio que corre e do vento que sopra quando quer...**

E critica o estudo, reduz livros a meros papéis pintados com tinta e tem um argumento final contra a cultura escolar e letrada absolutamente fulminante: sugere que Jesus Cristo — a quem as religiões cristãs dão extremo valor — não tinha biblioteca!

Este texto de Fernando Pessoa é mesmo surpreendente: parece ir na contramão do que todos dizem. A solidariedade do poeta aos que abandonam os livros e se desinteressam dos estudos e das edições raras é incomum, não é mesmo ?

O poema também adere a um certo misticismo, ao aludir ao *retorno de D. Sebastião*, um rei português que desapareceu numa batalha e que, ao longo da história de Portugal, simboliza — na crença popular de sua volta — a esperança de um tempo melhor, da realização de um futuro cheio de promessas.

Por se tratar de um poema tão surpreendente, talvez seja interessante pôr em prática, a propósito dele, nossa **liberdade máxima de leitores**.

> **Nossa liberdade de leitores permite-nos entender literalmente o poema *Liberdade*, isto é, tomá-lo ao pé da letra, acreditando que ele diz exatamente o que está escrito.**

Mas

> **nossa liberdade de leitores também nos permite entender o texto de outra forma, supondo que o poema pode ter um segundo sentido, que, nas suas entrelinhas, desmancha seu sentido literal.**

Ou seja: podemos imaginar um poeta malicioso, que critica livros, escola e estudo como mera estratégia. E o resultado dessa estratégia pode ser levar seus leitores — talvez estranhando *o que o poeta diz* — a pensarem melhor no assunto.

O que é que você pensa sobre o assunto?

Eu, por mim, fico com os dois sentidos.

Gosto de pensar que quem não gosta de ler, quem acha que ler é das coisas mais chatas do mundo, tem direito a essa sua opinião, tem direito de fechar os livros — este, por exemplo — e ir ao mundo, cuidar da vida.

Mas, outras vezes, também gosto de pensar que a ironia é uma faculdade humana muito fina, e que, muitas vezes, os poemas, dizendo talvez o contrário do que parecem dizer, deixam aos leitores a gratificante sensação de serem *autores* do texto que lêem, na medida em que constroem significados para eles.

Você, por exemplo.

Que significado você constrói para este texto ?

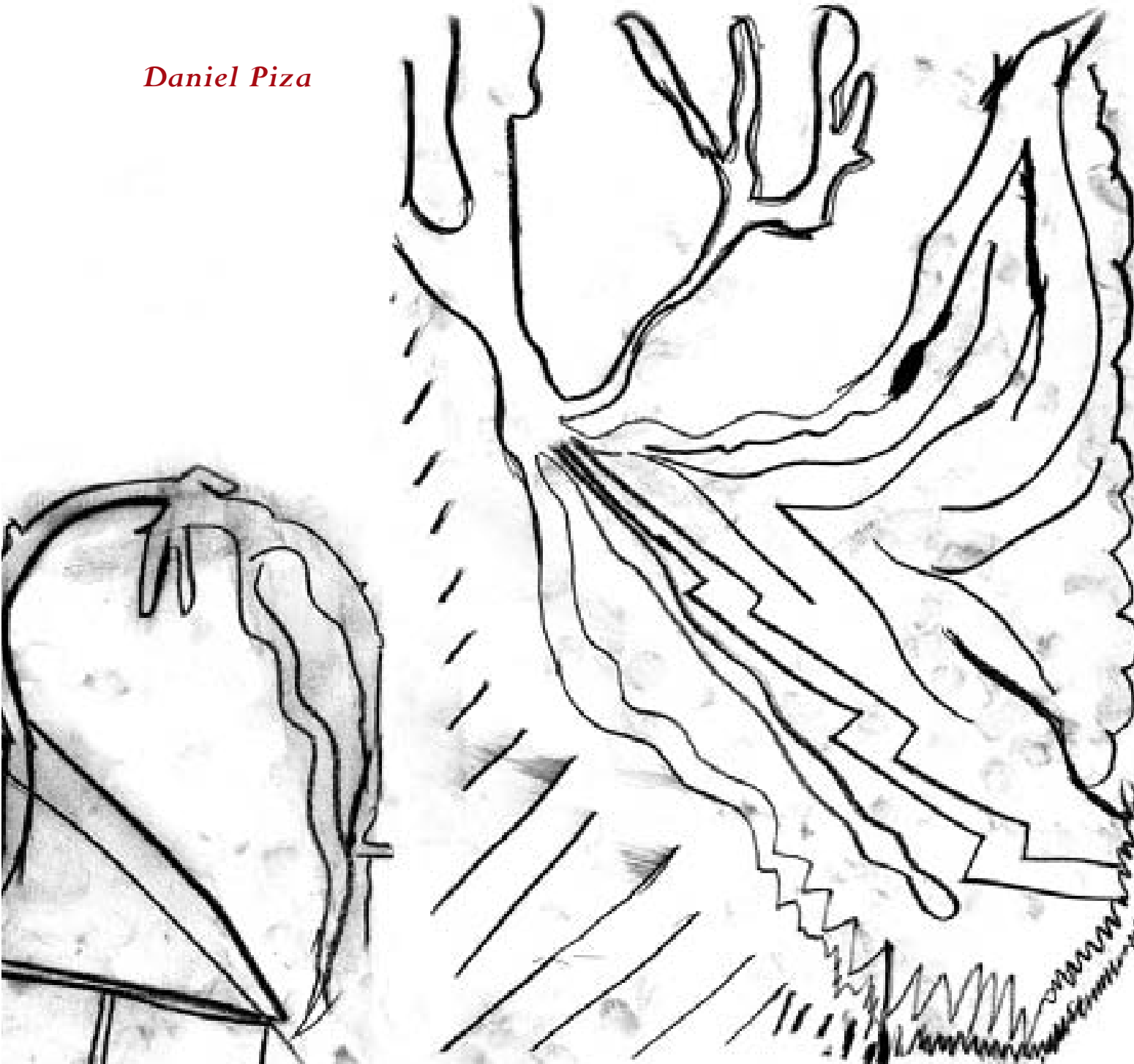
As lições de

Quero que o tóxico não destrua o sonho, que a guerra não destrua a vida, c...o que o homem não arranque a flor e que os professores não desistam da luta.

Adna Pereira da Silva, 12 anos

Kilimanjaro

Daniel Piza



Em março de 2005, a agência Magnum divulgou uma foto do Kilimanjaro em que o topo da montanha aparecia sem neve pela primeira vez. Apesar de sua beleza, imediatamente a cena se revelava trágica. Não foi por acaso que o escritor americano Ernest Hemingway escolheu *As Neves de Kilimanjaro* como símbolo do que há de inalcançável ou incompreensível para o homem, em seu famoso conto sobre um escritor consumido por sua impotência criativa, por sua solidão ininterrupta. Ao ver o cume descoberto da lendária montanha da Tanzânia, **provavelmente por causa do aquecimento global**, senti também que **a humanidade está dando fim ao que nem sequer conhece**, o que seria uma forma de dar fim a si mesma.

A literatura americana é rica em histórias de conforto e confronto entre homem e natureza. Antecessor de Hemingway e de muitos outros, como o contemporâneo Cormac McCarthy, Jack London mostrou o peso da natureza para o indivíduo em histórias como *O Chamado da Floresta* e *Caninos Brancos*. São todos herdeiros de Herman Melville, o autor de *Moby Dick*, em que a obsessão de Ahab pela baleia branca se torna um símbolo do orgulho suicida do homem diante das forças naturais.

Em outra corrente, porém, que vai do poeta Walt Whitman aos *beatniks* e à contracultura, passando com destaque por Thoreau, a natureza foi vista como libertária, como fuga bem-sucedida às restrições da sociedade urbana.

Essa duplicidade marca a tensão central não só da literatura, mas de toda a cultura americana; pode ser vista na pintura, no cinema... Formados como nação no início do século XIX, **os EUA tomaram emprestadas questões que eram centrais no romantismo europeu**. A visão da natureza como comunhão ou turbilhão, como passagem para o êxtase ou convite para a batalha, dominava o imaginário da época. Mesmo hoje, quando o país é apontado como o responsável pelos maiores estragos ao clima global, não se pode minimizar a força dessa ambivalência: não custa lembrar, por exemplo, o quanto o ambientalismo mundial deve ao pensamento californiano.

Contradição dos Estados Unidos: país que causa os maiores estragos ao clima da Terra / país onde o pensamento ecológico é hiper-avançado!

No Brasil a história da cultura também é indissociável de sua relação com a natureza. Descoberto, como a América do Norte, num momento em que o Velho Mundo procurava o Éden para além de suas fronteiras continentais, o Brasil logo encarnou o mito do Paraíso terrestre, e isso já em seu duplo sentido — habitado ora por indivíduos puros, não corrompidos pela sociedade, ora por seres ameaçadores, dotados de primitivismo agressivo. Mas foi a veia rousseauniana que, como demonstraram estudiosos como Sérgio Buarque de Holanda e Afonso Arinos, predominou na própria cultura brasileira nascente. **A exuberância tropical sempre foi mais cantada do que seu reverso, o inferno sufocante.**

O romantismo em versão nacional logo tratou de exaltar **a doçura do cenário natural**:

> Gonçalves Dias musicou sabiás e palmeiras,
>
> José de Alencar inventou Peris e Iracemas.
>
> Deles até Jorge Ben (*"Moro num país tropical / abençoado por Deus / E bonito por natureza"*),
>
> passando por novelas interioranas ou litorâneas da TV Globo,
>
> sem esquecer a suavidade de Ary Barroso (*"Ah, esse coqueiro que dá coco"*)
>
> ou da bossa-nova (*"Um barquinho vai / A tardinha cai"*),
>
> é uma linha só.

Aqueles que destoaram foram exceções:

> Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, de 1902, mostrou **como o sertanejo era obrigado a enfrentar um ambiente hostil**, não o solo onde "em se plantando, tudo dá" — ainda que essa mesma natureza fizesse desse sertanejo um forte.
>
> Em Graciliano Ramos, três décadas mais tarde, **a natureza foi vista como uma amarra, uma limitação, uma imposição que turva a vista e perturba os humores com seu calor e aridez**.

No Brasil, se canta e se maltrata a natureza ao mesmo tempo.

Talvez esteja aí a razão de algumas contradições sérias que assombram a relação da sociedade brasileira com a natureza.

Elogiada em prosa e verso, essa natureza tem sido muito maltratada.

Enquanto outros países começaram a recuperar o tempo perdido e a despoluir rios, reflorestar matas e domar a exploração econômica, **o Brasil continua sob o império do capitalismo selvagem, predador, ignorante de seu próprio potencial**. As cidades

poluem em progressão geométrica; a agricultura avança sobre a floresta à base de queimadas; recursos naturais como madeiras, minérios e alimentos são extraídos sem vigilância, por caminhos ilegais e informais, e sem sustentabilidade; litorais são ocupados sem respeito à mata nativa, aos mananciais, às encostas. No sertão mineiro do escritor Guimarães Rosa, as veredas estão secando, enquanto os eucaliptos se espalham, a serviço das siderurgias.

É também o assunto da página 00, onde Carla Pernambuco mostra que "a calamidade continua".

Tal realidade, no entanto, não deixa de ser um sintoma das polarizações que dominam os argumentos e os sentimentos no mundo todo, quando o meio-ambiente é o tema em pauta. Basta tomar obras de arte recentes como exemplo. Documentários franceses de sucesso como *Microcosmos*, de Marie Perennou e Claude Nuridsany, *Migrações Aladas*, de Jacques Perrin, e *A Marcha dos Pingüins*, de Luc Jacquet, sacrificaram parte de sua alta qualidade a uma redução antropomórfica da natureza: os animais, mesmo microscópicos, se comportam de forma parecida com a do *homo sapiens*; até as atitudes mais cruéis, como deixar morrer de frio ou comer a própria cria, terminam edulcoradas pelo tom geral — pelo uso da trilha sonora, da filmagem em estúdio e/ou da edição sofisticada.

Será que essa maneira de ver tudo como humano já não está na nossa cabeça, de tanto sermos prepotentes e onipotentes, mesmo?

A linguagem da propaganda que a gente já incorporou na cabeça!

Pessoalmente prefiro ainda os grandes programas de Jacques Cousteau. Na adolescência, amigos e eu sonhávamos ser o grande navegador francês, que, a bordo de seu Calypso, percorria os sete mares estudando a fauna, denunciando os crimes ecológicos, mergulhando nas profundezas. Ainda que tenha tido detratores, na maioria invejosos, Cousteau fez mais pelo conhecimento da natureza com seus filmes simples e seus fascículos de banca. Quando esteve na Amazônia, nos anos 80, não foi a fundo nos estudos — optou pela atração fácil, como filmar os botos cor-de-rosa —, mas chamou a atenção de todos e foi ao ponto de declarar que seria lamentável que ela fosse destruída sem ser compreendida, destacando o potencial de remédios, cosméticos e outros usos da biodiversidade que nem sequer poderia imaginar.

Para muitos, afinal, natureza é para não ser tocada.

Não por acaso, ganharam o justo apelido de **ecofanáticos**.

Bisnetos do romantismo, acham que a natureza é uma Xanadu, um mundo à parte, com o qual só é possível se comunicar em clave religiosa. O matemático dinamarquês Bjorn Lomborg, no livro *O Ambientalista Cético*, mostrou como esse movimento manipula estatísticas para criar um quadro apocalíptico, em que a natureza está sempre no limiar da destruição, em que qualquer espécie ameaçada de extinção significa uma hecatombe universal.

Atenção, ele não fez pesquisas ambientais, e é perigoso chamar de alarmista e pessimista o movimento pela ecologia! Pela cabeça dele, podemos continuar a usar energias fósseis e produtos tóxicos! Será que insistir em mudanças para ter um mundo melhor não é OTIMISMO?

Werner Herzog tentou investigar essa mentalidade no filme *O Homem-Urso*, sobre um "showman" ambientalista, Timothy Treadwell, que passava a maior parte de cada ano no Alasca, defendendo os ursos de ameaças humanas — entre as quais obviamente não se incluía, a tal ponto que passou a se sentir um deles. Acontece que aquela região é uma área florestal protegida, extremamente preservada, e era ele o maior intruso. Terminou devorado por um dos ursos a quem vivia enviando beijos e dizendo "Te amo".

Lembro de ter conhecido esse tipo de pensamento quando, também na adolescência, visitei uma dessas primeiras ONGs de meio-ambiente, que propunha defender a Mata Atlântica — esse ecossistema único, belíssimo, que encantou Burle Marx (um dos poucos paisagistas num país que se gaba de tantas paisagens), Tom Jobim e tantos mais, hoje reduzida a cerca de 7% de sua área original e ainda freqüentemente ameaçada por políticos e empresários toscos. Mesmo que este seja um exemplo de que o progresso chegou ao limite, a conversa que tratava a questão como Éden ou morte não me agradou. O que ela costuma esquecer é que, em muitos casos, é nas regiões mais pobres, menos desenvolvidas, que a natureza é mais aviltada. Dessa dicotomia entre "ecochatos" e predadores, que ainda hoje vemos repetida nos jornais, senti desde então que escassos frutos viriam.

Aos poucos, porém, a mentalidade começa a mudar. Um grande exemplo foi o livro do geógrafo e biólogo Jared Diamond, *Colapso*, que mostra como justamente **no auge das civilizações a exploração unilateral de recursos provocou seu declínio precoce** — como na Ilha de Páscoa, onde o culto às estátuas significou o fim da madeira que dava aos habitantes sua principal fonte de sobrevivência. Sem exploração da natureza não há progresso, não há ganhos coletivos para a humanidade. Agora, **se essa exploração for burra e desorganizada, o primeiro a perder é o próprio explorador**. O ideal a ser perseguido pragmaticamente é o de organizar a extração de recursos. O resto são construções morais, seja a do orgulho seja a do deslumbre.

Eu diria "uso" dos recursos. Uso sustentável. Sustentabilidade às vezes exige parar de usar.

Se a China e a India quiserem o mesmo modo de vida dos Estados Unidos e da Europa, nem 6 planetas seriam suficientes!!! Simplesmente não dá!

Como a foto do Kilimanjaro, o livro de Diamond abriu minha mente para uma nova forma de abordar a questão. Tenho muitas dúvidas ainda. Quando vejo o mapa-múndi noturno, com a diferença de iluminação entre as regiões ricas do planeta e as pobres, fico imaginando a imensa dificuldade de combinar a necessidade de desenvolvimento humano com a preservação da natureza. Enquanto novas tecnologias não resolvem o problema da fonte energética do futuro, não podemos

ficar parados. Ao mesmo tempo, cientistas respeitáveis e conscientes como o físico Freeman Dyson, autor de *O Sol, o Genoma e a Internet*, são contra medidas como o Protocolo de Kyoto por impor comportamentos cujo custo não seria compensatório.

Perigo, perigo, perigo!
O Kilimanjaro, lembra?

Mas o maior erro é menosprezar o desafio.

Nos últimos anos, o aquecimento global tem **comprovadamente** afetado não só as neves do Kilimanjaro, mas também as geleiras da Antártida, e tem prejudicado o clima de regiões de monções como o sul da Ásia.

Países como a China, que cresce em ritmo aceleradíssimo, não estão preparados para combater os efeitos desse processo, já visíveis nas taxas de poluição.

Como as obras de arte continuam a comprovar, **ainda não sabemos nos ver como parte integrante e ao mesmo tempo discordante da natureza**.

Todos os esforços de pesquisa para que criemos outra mentalidade e outro instrumental para lidar com tantos problemas — para criar um meio-termo entre os que vêem a natureza como intocável e os que a vêem como inesgotável — devem ser encorajados. Ou as neves nas montanhas serão figuras de uma arte fechada em museus.

Contos da lua Vaga
Beto Guedes

Simples inocentes a nos julgar, perdidos. As iluminadas crianças, herdeiras do Chão, sob pentecoste, não as heranças de um Deus.

Violência e Orgulho

Yves de La Taille

Penso nos malabaristas do sinal vermelho que nos vidros fechados dos carros descobrem quem são.
Uns, justiceiros, reclamam o seu quinhão, outros pagam com a vida sua porção.

Malabaristas do sinal vermelho
João Bosco e Francisco Bosco

A violência é definida habitualmente como ato de coagir alguém física e/ou psicologicamente.

A coação implica que a pessoa que comete o ato violento tem, pelo menos momentaneamente, mais força, mais poder, que sua vítima. Porém, mesmo assim definida, **nem toda coação pode ser interpretada como violência**. Logo, nem toda coação é moralmente condenável.

Por exemplo: pais que obrigam seu filho a ir para a escola, na prática, coagem-no, privam-no da liberdade de ficar em casa brincando.

No caso dos pais que obrigam um filho a ir à escola, eles só podem exercer tal poder porque, de alguma forma, estão numa posição de **maior força** do que ele. Porém, nesse caso, podemos falar em **exercício legítimo da coação**, e não em violência, **porque o beneficiado é a própria pessoa coagida**: é para o bem da criança que alguém a obriga a estudar.

A violência está presente em duas formas de coação:

- A primeira: quando a coação, mesmo se exercida para o suposto benefício da pessoa coagida, se traduz por alguma forma de **desrespeito à dignidade** da vítima. Permanecendo no exemplo da relação pai/filho: se o pai, para fazer seu filho estudar, o espanca ou humilha, há flagrante desrespeito. Logo, **há violência**.
- A segunda: quando a coação é exercida em benefício do agressor. Por exemplo, quando alguém ameaça outrem de ataque físico ou psicológico para roubar-lhe seus pertences.

Vamos refletir sobre o segundo caso de coação violenta, a que se traduz pela instrumentalização de outra pessoa para atingir um fim que interessa apenas ao agressor (ou ao seu grupo).

Devemos então nos perguntar: que fins serão esses que levam alguém a empregar a violência?

Evidentemente, podem ser vários.

Por exemplo: matamos o inimigo para nos apoderarmos de suas terras.

Outro exemplo: batemos em alguém para que nos obedeça.

Outro exemplo ainda: coagimos sexualmente uma pessoa para experimentarmos prazer.

Poderíamos multiplicar os exemplos, porque, infelizmente, os motivos egoístas que levam à instrumentalização de outrem são numerosos.

Eu queria, aqui, deter-me sobre um deles: **o orgulho de ser violento**.

Nesse caso, o objetivo da pessoa violenta é **ver a si própria como pessoa de valor**. Logo, a violência passa a ser um valor em si, e não apenas instrumento para conquistas materiais.

Do ponto de vista psicológico, cada indivíduo tem representações de si próprio que podemos chamar de **'representações de si'**. São imagens por intermédio das quais a pessoa concebe a si mesma. **Concebe e julga a si mesma**. Com efeito, as representações de si são sempre **valores**. Por uma razão bem simples: valores são investimentos afetivos (positivos ou negativos), e é claro que, inevitavelmente, investimos afetividade em nós mesmos. Por isso podemos dizer que **pensar sobre si implica julgar-se** no sentido de **avaliar-se**. E, inevitavelmente também, temos a necessidade psíquica de **procurar nos perceber de maneira positiva**. Nada é mais doloroso do que ter uma avaliação negativa de si: sente-se vergonha, e a vergonha é sentimento penoso, às vezes letal.

Isso faz perder a auto-estima.

No que acaba de ser dito, reconhecemos a importância psicológica do que se tem chamado de 'auto-estima'. Porém, **nada mais perigoso do que pensar que quem tem boa auto-estima é necessariamente uma pessoa 'de bem', uma pessoa pacífica, uma pessoa moral**. Tudo depende dos valores que a pessoa associa às representações de si mesma.

Uma pessoa pode estar satisfeita consigo por achar-se fisicamente bonita; outra, por julgar-se profissional competente; outra, por prezar o fato de ser inspirada por ideais de justiça.

Porém, pode muito bem acontecer de alguém julgar-se pessoa de valor por considerar-se esperto, poderoso, e também por ser violento.

Nesses casos, a vergonha não vem de julgar-se desonesto, tirânico ou brutal, mas, pelo contrário, do **medo de se ver como otário, súdito ou fraco**.

Logo, ser violento pode ser motivo de orgulho para alguns, esses mesmos para quem ser pacífico seria motivo de vergonha. Nesses casos, a pessoa não emprega a violência para atingir certos fins que lhe interessam: ela usa a violência como uma forma de valorizar a si mesma, e, para que tal valorização possa se alimentar, para que essa forma de orgulho possa existir e se manter, torna-se necessário **coagir outrem**, física ou psicologicamente.

Nos dias de hoje, assistimos a essa **valorização narcísica da violência**.

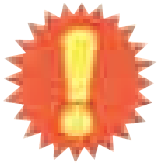
'Ser alguém' depende mais do poder que exercemos sobre os outros do que dos próprios méritos.

'Ser alguém' não é tanto ser inteligente, ser talentoso, ser justo, ser generoso; 'ser alguém' é ser 'mais' que o vizinho, mais forte, mais poderoso.

Trata-se de uma forma de heteronomia, pois o orgulho de ser violento depende da referência assimétrica a outra pessoa, que é vitimizada de várias formas.

O violento transforma o outro no instrumento de sua auto-estima.

Para se sentir forte, investe em fazer o outro pequeno, ao invés de elevar-se de sua condição.



Meu amor, disciplina é liberdade,
compaixão é fortaleza,
ter bondade é ter coragem

Há tempos

Dado Villa-Lobos,

Renato Russo e

Marcelo Bonfá

Se aceitarmos essa interpretação da violência, fica claro que uma ação educacional que vise combatê-la não enfrentará necessariamente a tão lamentada 'falta de limites'.

Existem, sim, pessoas que cometem atos de violência por falta de contenção, de autocontrole, ou de disciplina. Falta de limites. Para essas, aprender a se controlar é imperativo.

Todavia, para o 'violento orgulhoso', não é a disciplina que está em jogo. Aliás, ele pode até ser muito disciplinado, arquitetando lenta e minuciosamente formas de violentar o próximo.

Para se trabalhar com o 'violento orgulhoso', é preciso focar o sentido que ele dá para a sua vida e para si próprio — trabalho mais difícil do que o de lidar com falta de limites. Para que o 'violento orgulhoso' passe a ser, como toda pessoa moral, um 'violento envergonhado', todo um trabalho de **desconstrução** deve ser realizado; desconstrução das representações de si valorizadas, para que outras possam tomar o seu lugar.

Mas como fazer isto?

Como disse, é difícil, pois a construção de representações de si mesmo se dá no contexto cultural amplo, e não apenas na família e na escola. Com efeito, não é fácil enfrentar a ideologia social vigente, que valoriza a glória, a fama, o sucesso, a competitividade, e que pouco fala da honra, **do mérito**, da **cooperação**.

Difícil, porém, não quer dizer impossível.

Se eu fosse dar um conselho eu sugeriria que a escola encontrasse uma forma de trabalhar as chamadas 'virtudes morais'.

Ética no currículo escolar!

Chamam-se **virtudes** algumas qualidades do ser. Logo, as virtudes relacionam-se diretamente com as representações de si.

Algumas virtudes não são necessariamente morais, pois não é a referência ao outro que está sempre em jogo. É o caso, por exemplo, da '**prudência**', essa virtude pragmática que implica calcular ganhos e riscos. **Ao 'violento orgulhoso',** como aos outros tipos de pessoas que empregam a coação para fins egoístas, **não falta necessariamente essa virtude.** Pelo contrário: **é quase sempre o mais fraco que ele escolhe como vítima de seus atos, porque sabe que ele pouco o ameaçará, pouco reagirá. Mas faltam ao 'violento orgulhoso' outras virtudes que implicam a referência ao outro: a justiça, a generosidade, a lealdade. Ele também costuma carecer de virtudes que se relacionam com qualidades** humanas como a humildade, a coragem, a simplicidade.

As virtudes que acabamos de citar — como justiça, lealdade, humildade — são chamadas de virtudes morais.

Capacita posso ensinar. Riquiza posso tirar. Valentia posso emprestar. Mas liberdade só posso esperar.

Upa, neguinho

Edu Lobo e Gianfrancesco Guarnieri

Não se trata, em absoluto, de optar por uma pedagogia que vise 'formatar' pessoas virtuosas: isso equivaleria a um trabalho de lavagem cerebral visando a criar 'bons meninos' e 'boas meninas'.

Trata-se, isso sim, de **dar a oportunidade para os alunos, violentos ou não, de pensar sobre variadas possibilidades de associar valores às suas representações de si**.

Trata-se, portanto, de **abrir o universo de valores para além daqueles que a sociedade contemporânea mais preza** (beleza, força, sucesso, etc.) e, assim, permitir uma reflexão sobre a construção alternativa de identidades.

Em pesquisa recente*, minha mulher e eu pudemos verificar que **a maioria dos jovens do ensino médio valoriza mais a justiça, a humildade e a responsabilidade do que a competência profissional; valoriza mais os amigos que a fama; e acredita ser a moral mais importante para a sociedade do que a ciência e a religião**. Logo, creio que existe um campo fértil para um trabalho sobre virtudes que possa aumentar a probabilidade de o 'violento orgulhoso' começar a sentir vergonha de sua postura ou, pelo menos, aumentar a probabilidade de cessar a admiração que não raramente ele desperta em algumas pessoas.

Esta seria uma virada fantástica!

* Ver o texto 'Valores de Jovens de São Paulo', de Yves de La Taille e Elizabeth Harkot-de-La-Taille, no apêndice do livro *Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas* (Porto Alegre, Atrmed, 2006)

O homem está só, homem em silêncio, homem na prisão, homem no escuro, futuro da nação.

Estado violência

Charles Galvin, Citas

Meu desejo é acordar e ver o mundo como nos meus sonhos: que as crianças brinquem na rua sem que nada aconteça, um mundo sem violência.

Mariane Lima Bizari, 13 anos

O planeta calma será Terra. O planeta sonho será Terra.

Planeta sonho

Guilherme Frantes

Se você quiser ganhar um presente....

Heloisa Prieto

... ao despertar, estique o corpo feito um gato, respire fundo e forte, abra os ouvidos para os sons que passam por sua casa: passos, barulho de geladeira, ruído de porta, sinta os cheiros da cozinha: aroma de café e pão, esqueça a preguiça de sair da cama e, se quiser mesmo ganhar um presente, continue prestando muita atenção.

Escola é lugar de amigo, estudo, esporte, de adultos que se dedicam a você. Repare nos colegas, não só nos seus companheiros fiéis. Observe o rosto e a voz de quem estiver ao seu lado.

Agora, olhe bem para seu professor (a). Siga os gestos, a boca, a voz e o andar, perceba a preocupação em ensinar, o cuidado, mas talvez também o cansaço e esforço.

E quando o professor conferir a lista dos presentes, declare sua presença por inteiro: como criança, como cidadão deste país, do mundo, como ser humano, como parte integrante do cosmos com toda sua infinita amplitude e mistério.

De volta para casa, observe a rua: repare nas pessoas apressadas, preocupadas, atarefadas, nos carrinhos de bebês, nos idosos, cujas mentes conservam a lembrança de outros presentes muito diferentes do seu.

No decorrer da tarde, seja qual for sua atividade, procure prestar atenção em tudo que o cerca, em todos que passam e o vêem, as pessoas com as quais você conversa, também aquelas que apenas ouvem sua voz, preferindo o silêncio, atitude que não deixa de ser uma forma de interagir com você.

Em casa, à noite, desfrute do reencontro com sua família, saboreie seu jantar, o banho antes de dormir, o aconchego de sua cama.

Se você puder, leia antes de adormecer. Lendo você será transportado a outros tempos e lugares, será surpreendido por toda sorte de aventuras, pelo delicado mistério que um bom poema contém, conselhos, fábulas, mensagens especiais, presentes deixados nas obras de escritores cujas épocas antecederam o mundo tal como você o conhece. Mas se você preferir escritores contemporâneos, prepare-se: o presente que eles lhe oferecem é a possibilidade de vivenciar o seu próprio tempo de um jeito que você nunca teria imaginado. Resta falar dos escritores que amam o futuro, ou ainda daqueles capazes de inventar uma terra fantástica e eterna, para que se possa viajar e penetrar nos possíveis futuros de tantas outras crianças depois de você.

E quando você sonhar, após ter estado presente a cada minuto do dia que passou, aproveite do descanso, dos vôos mágicos e de todas as emoções e estranhos ensinamentos que apenas o sonho é capaz de nos oferecer.

Ao despertar, estique o corpo feito um gato, respire forte e fundo, um novo dia começa para que você possa ir descobrindo quantos mundos habitam o seu, quantos presentes se escondem nas pessoas que você conhece e também naquelas que você só vê de longe e com as quais nunca poderá conversar. Descubra a sabedoria da natureza que aparenta ser sempre a mesma, embora nunca repita uma só de suas múltiplas criações.

Se você conseguir manter-se ocupado em viver, plenamente, cada minuto de seu dia, receberá o maior presente de uma vida: a sua.

É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
na verdade não há.

Lais e filhos
Renato Russo

Sim, somos vozes de um só coração. Pedreiros, padeiros, coristas, passistas, malabaristas da sorte. Todos João ou José.

Artistas da Vida

Gonzaguinha

Eu quero descobrir a vida, aprender a viver, quero salvar o mundo, limpar as águas dos grandes mares e dos pequenos rios. Respirar o ar puro do campo e sentir a vida bem de pertinho.

Karina Warumi Kurike, 14 anos

Verdes as matas no olhar ver de perto, ver de novo um lugar,
ver adiante, sede de navegar verdejantes tempos,
mudanças dos ventos no meu coração.

Verde

Costa Netto e Eduardo Gudin

Mulher e sustentabilidade

Rose Marie Muraro

Homem primata, Capitalismo selvagem.

Homem primata

Citas

A mulher

Um estudo publicado pelo Banco Mundial* mostra que **a corrupção tende a cair drasticamente nos países em que a mulher alcança perto de 50% do poder**. Entre esses países, o estudo analisa mais detalhadamente cinco casos: Suécia, Noruega, Dinamarca, Islândia e Finlândia.

Se consultarmos as listas das Nações Unidas sobre...

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH),

Índice de Desenvolvimento de Gênero (IDG),

e o Índice de Transparência Internacional,

veremos que esses mesmos cinco países se encontram entre os primeiros colocados. Isso mostra que **transparência, poder delegado às mulheres e desenvolvimento humano estão intimamente ligados**.

Nesses países — e em mais alguns outros — existe:

- menor desigualdade de renda
- maior grau de instrução da juventude
- suporte governamental a mães e pais para cuidar das crianças pequenas sem perder os respectivos empregos
- treinamento dos homens para as suas funções parentais antes e depois do nascimento da criança
- cuidado com os mais velhos oferecido pelo governo...

e assim por diante.

Tudo vigiado por toda a sociedade civil.

* *Engendering Development*, Oxford University Press, 2000.

IGUALDADE SOCIAL, SEXUAL, POLITICO E ECONOMICO ENTRE HOMENS E MULHERES NO MUNDO.

Além disso, esses países possuem

- economias mais integradas,
- pouca ou nenhuma dívida governamental, inclusive com o FMI,
- e menores taxas de poluição ambiental (porque trabalham mais o desenvolvimento sustentável).

Por outro lado, os países mais ricos do mundo — **Estados Unidos, Japão e Alemanha** — ocupam posições bem inferiores nesses índices, e suas **economias estão entre as mais poluidoras do mundo**.

Por exemplo, quando em 1977 dei um curso nos Estados Unidos, na Universidade de Massachusetts, as mulheres me disseram que, se engravidassem, perderiam imediatamente os empregos, com base no princípio de que as empresas têm direito de não prejudicarem a sua produção. Foi somente em 1978 que as americanas conseguiram uma lei que lhes permitiu ficar três meses em casa e, depois, retornarem aos empregos, mas sem receberem salário durante esse período de licença. E isso acontece até hoje, quando a riqueza americana mais que duplicou!

Mais de 80% das mulheres norte-americanas pertencem à categoria de empregadas mal remuneradas, que tiveram pouco ou nenhum ganho com as "benesses" da globalização.

Assinale-se também que em nenhum desses países mais ricos do mundo as mulheres atingiram 20% da participação nos vários âmbitos do poder.

Comparemos esses exemplos com o resultado de outro estudo importantíssimo, da Unicef — *Relatório da integração da infância e da adolescência brasileiras*, de 2004:

Crianças filhas de mães com baixa ou nenhuma escolaridade têm **7** vezes mais possibilidades de serem pobres, **11** vezes mais possibilidades de não freqüentarem a escola entre 7 e 11 anos de idade e, principalmente, **23** vezes mais possibilidades de serem analfabetas, se a mãe for analfabeta!

E quais são as conclusões a que esses dois tipos de países poderiam nos levar?

No nosso primeiro livro, *A mulher na construção do mundo futuro* (Ed. Vozes, 1966, esgotado), afirmávamos não ser possível um país se desenvolver se não se desenvolvesse a sua metade feminina. Isso porque, quando se educavam os homens, estes tendiam a aplicar os seus conhecimentos construindo pontes e cidades, sistemas políticos

Eu me vejo daqui a dez anos como uma mulher trabalhadora, com seus desejos próprios e sua casa própria.
Mariane Lima Bizari, 13 anos

e econômicos — enquanto as mulheres passavam os seus conhecimentos para os filhos, modificando, assim, a estrutura humana de geração a geração. Educar um homem era educar um indivíduo, ao passo que educar a mulher era educar a sociedade.

Hoje, pensamos um pouco diferente. **Não são as sociedades que mudam. É a própria espécie que evolui quando, além de se educarem, as mulheres partilham o poder com os homens.** Por exemplo: nos países mais ricos, em que a mulher tem pouca influência nas estruturas sociais, a competição desenfreada do livre mercado desequilibra as economias e a ecologia.

Segundo Paul Krugman, nos Estados Unidos **os 20% mais pobres** aumentaram seus rendimentos em apenas 58% durante a década de 1990; o **1% mais rico** quase triplicou seus rendimentos: 282%; e, para **0,01% do topo da pirâmide**, os ganhos cresceram 599%, sem contar os ganhos de capital! Isso torna os Estados Unidos não mais uma sociedade de classes mas, sim, uma sociedade de castas! (*The Nation*, 5/01/2004.)

No Brasil, se o governo e a sociedade juntos se empenharem numa educação para **homens e mulheres**, dando maior importância à educação das meninas com enfoque em gênero, e se os poderes decisórios abrirem **mais oportunidades para as mulheres** nos diversos escalões, certamente o processo de desenvolvimento humano — portanto, incluindo o econômico — será mais ágil e, conseqüentemente, irá contrabalançar décadas de estagnação.

E tudo isso praticamente a custo zero!

Exemplo de um tipo de desenvolvimento que independe de crescimento econômico!

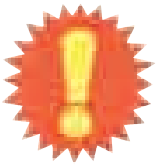
Veja-se o caso de Cuba: há 40 anos massacrada pelo embargo econômico americano — e sem nenhuma ajuda internacional, o que a põe fora do mercado —, cubanos e cubanas exercem igualmente o poder. Os seus Ministros da Defesa, da Fazenda e do Planejamento são mulheres. A pobreza é grande, mas todos comem. A medicina naquela ilha é uma das melhores do mundo. E todas as crianças têm primeiro grau completo.

É isso que nos faz ver que, agindo juntos, **mulher e homem brasileiros**, poderemos implantar essas políticas que podem transformar a qualidade do nosso desenvolvimento. **E isso a um custo muito, muito baixo. É só ter vontade política!**

A sustentabilidade

Como esses dados mostram, a presença da mulher no poder dá condições muito melhores para se conseguir a sustentabilidade da vida humana neste planeta. Antes, porém, de desenvolver esta visão, vamos a alguns dados do PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) sobre a insustentabilidade que o atual sistema competitivo/patriarcal, (em que a mulher é excluída do poder) está trazendo para a permanência da espécie humana sobre este planeta.

Mais mulheres no poder para mais sustentabilidade!

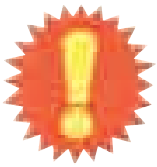


- **Anualmente, são lançadas na atmosfera 20 bilhões de toneladas de dióxido de carbono**, subproduto dos combustíveis fósseis usados para o funcionamento da civilização industrial como um todo.
- **Já existem 440 reatores de fissão nuclear produzindo um lixo atômico que demora 10 mil anos para se decompor.** Ainda não há lugar seguro no planeta para estocar as milhares de toneladas desse lixo que sai dos reatores. Com o correr do tempo, isso pode causar danos irrecuperáveis para a vida humana.
- **No século 21, o nível médio do mar pode aumentar de 88 cm até muito mais, alterando a costa de todos os continentes.**
- **Segundo a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), as reservas mundiais de petróleo devem durar menos de 20 anos.**

Numa entrevista à Rádio Cultura de São Paulo (Programa Supertônica), o Professor Emérito de física e ex-reitor da UNICAMP Rogério Cesar Cerqueira Leite explicou que se a China e a Índia continuarem com uma demanda de 30% a mais de petróleo por ano, como acontece hoje, as reservas atuais não durarão mais que 5 anos.

- As pesquisas para comercialização de fontes renováveis e limpas de energia ainda não estão suficientemente avançadas.
- Se essas pesquisas não se desenvolverem muito rapidamente, o único combustível suficientemente abundante na natureza para suprir as necessidades da civilização industrial é o carvão mineral, que polui muitas vezes mais que o petróleo. Isso acelerará o processo de aquecimento global, alterando o sistema de correntes oceânicas e, conseqüentemente, provocando o degelo de todas as áreas geladas do planeta, incluindo as calotas polares, a Groenlândia, os picos do Himalaia e dos Andes etc.
- Ainda segundo o Prof. Cerqueira Leite, e sustentado pela revista *Scientific American* (edição especial "A Terra na Estufa"), isso pode acarretar um aumento de até 5 metros no nível médio do mar, mostrando que a previsão do PNUMA pode estar muito subestimada.

Há muitos outros dados terríveis provenientes da comunidade científica, que estamos compilando para nosso próximo livro. Todos eles apontam para este fato:



estamos muito próximos do "ponto de não retorno" do desequilíbrio ecológico provocado pelo ser humano. E se esse ponto for alcançado, mesmo que paremos de depredar os recursos naturais, a destruição não poderá mais ser detida. E nossa espécie, como a conhecemos hoje, estará condenada.

Isso mostra que o sistema competitivo/capitalista/neoliberal, cujo princípio básico é o lucro imediato a qualquer preço, está esgotado. Somente se for feita uma reforma dos Estados e dos blocos de nações com base nos **valores de preservação da vida** que, da Pré-história até hoje **vêm sendo trazidos à sociedade pela ação das mulheres***, poderemos ter esperança de reverter este processo.

Algumas idéias para se conseguir uma sustentabilidade política e econômica de Estados e blocos de nações:

As mais poderosas.

CONSENSO – este é um valor de preservação de vida.

- Os blocos de países não devem ser "puxados" por nações hegemônicas, mas governados por um consenso de todos os Estados envolvidos, que leve em consideração as necessidades de todos, e não o interesse dos mais fortes. Isto inclui a queda de barreiras econômicas e de todos os protecionismos, não só dentro dos blocos, mas entre eles, o que é impossível no atual sistema econômico competitivo.
- Os Estados atualmente "privatizados" pelas elites dominantes, que detêm o poder econômico e político pela força do dinheiro e dos meios de comunicação, de sua propriedade, precisam ser reformados.

- A verdadeira democratização consiste num outro tipo de organização popular: o consenso sobre a natureza do Estado deve ser produzido de baixo para cima, não mais verticalmente, mas sim horizontalmente. E isso só poderá ser alcançado com a reformulação do Estado nos níveis municipal, estadual e federal, em todos os países e em tempo hábil.

Na minha opinião, essa mudança vai depender essencialmente da **transformação da cabeça das novas gerações, homens e mulheres**. E do acesso ao poder para mulheres "não-masculinizadas", isto é, "não contaminadas" pelo sistema, com as mesmas responsabilidades e na mesma proporção que os homens.

*Veja-se nosso livro *A Mulher no Terceiro Milênio*, Ed. Rosa dos Tempos, 6ª ed., 1993; e *A Espécie Humana: de onde viemos para onde vamos?* Ed. Moderna, 2006.

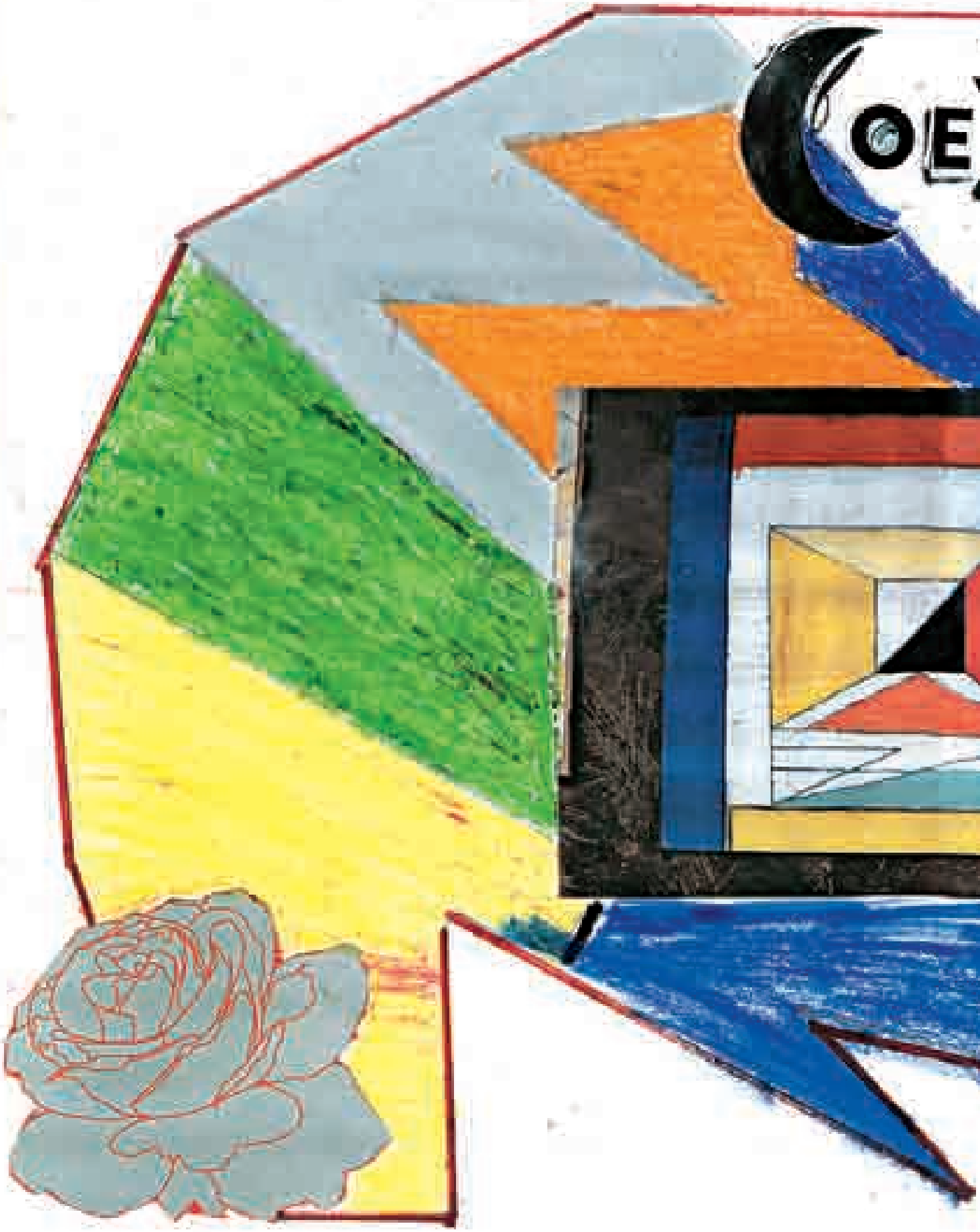
Ainda tenho dúvidas, pois as novas gerações, que nasceram depois do início da cultura de massas e da civilização de consumo, perderam a sua profundidade, o contato consigo mesmas. Vivem só para satisfação imediata dos seus desejos, inclusive os de consumo, como se estivessem no mais perfeito dos mundos. **Mas continuo crendo que, se cada um fizer a sua parte, temos chances de reverter esse processo aplicando as energias do mais profundo do nosso ser. Todos nós.**

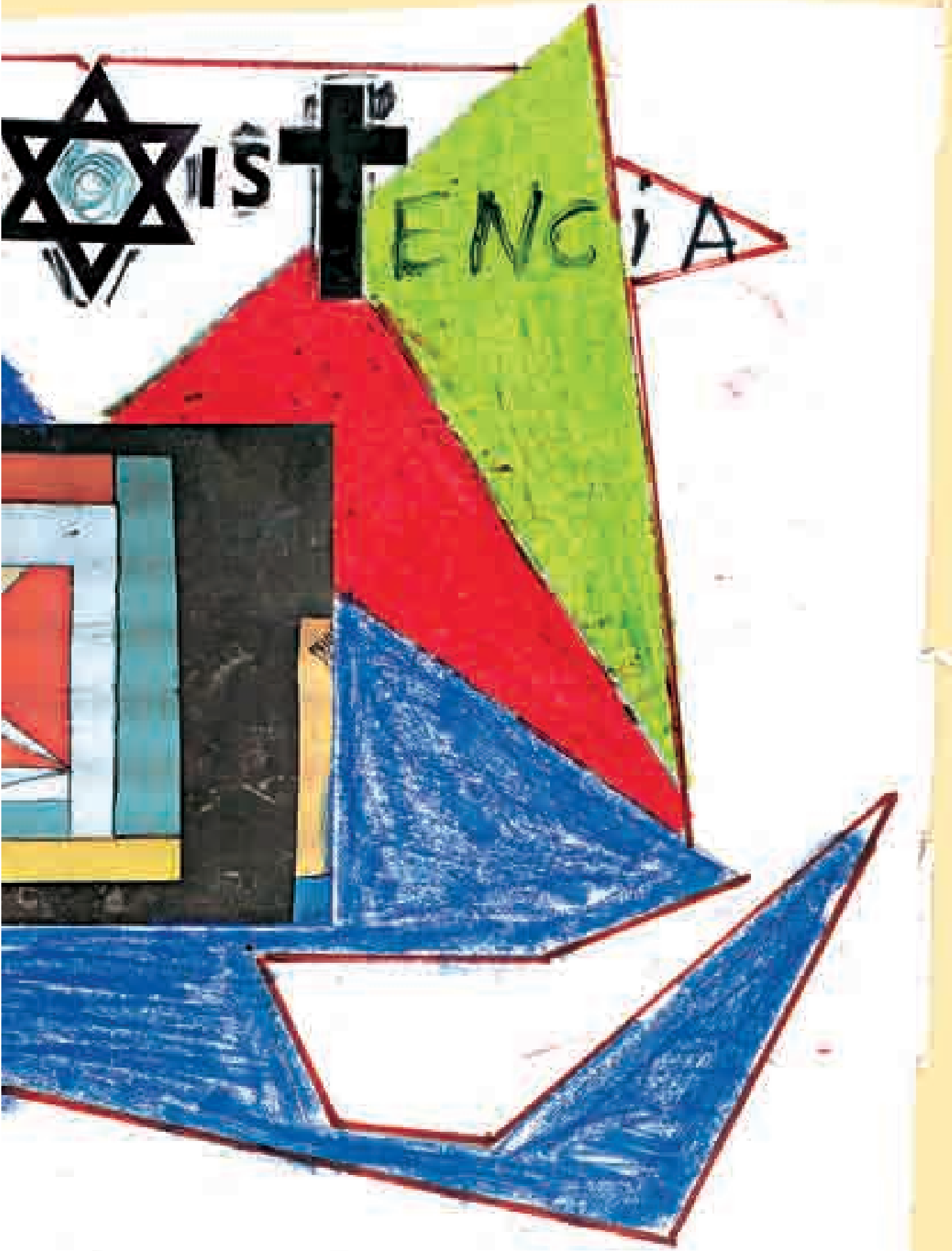
Deve haver algo a ser feito na educação — familiar e escolar — para reverter isso! É urgente descobrir o que e como, para multiplicar a força dos indivíduos!

Insisto em que a competição, guerra e lucro a qualquer preço não são valores apenas "masculinos", nem os valores da preservação da vida (solidariedade, parceria, altruísmo, consenso, o humano antes do lucro etc.) são apenas "femininos". São sim **valores da espécie humana** como um todo.

Gatos e carros voam sobre o canal, farsantes garças esparsas na imundície geral. Tudo legal nas alturas, parece, como parece impossível dar um jeito no lixo. Mulheres querem amor e poder e os homens querem somente aquilo que é irreal.

Marginal Triste
Skank




IS
ENCIA

Os Estatutos do Homem

(Ato Institucional Permanente)

Thiago de Mello

Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade.
Agora vale a vida, e de mãos dadas
marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II

Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo III

Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.

Artigo IV

Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único:

O homem, confiará no homem
como um menino confia em outro menino.

Artigo V

Fica decretado que os homens
estão livres do jugo da mentira.
Nunca mais será preciso usar
a couraça do silêncio nem a armadura de palavras.
O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida
antes da sobremesa.

Artigo VI

Fica estabelecida, durante dez séculos,
a prática sonhada pelo profeta Isaías,
e o lobo e o cordeiro pastarão juntos
e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.

Artigo VII

Por decreto irrevogável fica estabelecido
o reinado permanente da justiça e da claridade,
e a alegria será uma bandeira generosa
para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo VIII

Fica decretado que a maior dor
sempre foi e será sempre
não poder dar-se amor a quem se ama
e saber que é a água
que dá à planta o milagre da flor.

Artigo IX

Fica permitido que o pão de cada dia
tenha no homem o sinal de seu suor.
Mas que sobretudo tenha
sempre o quente sabor da ternura.

Artigo X

Fica permitido a qualquer pessoa,
qualquer hora da vida,
uso do traje branco.

Artigo XI

Fica decretado, por definição,
que o homem é um animal que ama
e que por isso é belo,
muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo XII

Decreta-se que nada será obrigado nem proibido,
tudo será permitido,
inclusive brincar com os rinocerontes
e caminhar pelas tardes
com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo único:

Só uma coisa fica proibida:
amar sem amor.

Artigo XIII

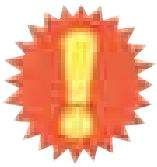
Fica decretado que o dinheiro
não poderá nunca mais comprar
o sol das manhãs vindouras.
Expulso do grande baú do medo,
o dinheiro se transformará em uma espada fraternal
para defender o direito de cantar
e a festa do dia que chegou.

Artigo Final

Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre o coração do homem.

Ética

Claudia Costin



Vivemos um momento, no País, em que se acumulam **indignações** sobre as inegáveis derrapadas éticas cometidas por parlamentares, dirigentes públicos e líderes de diferentes segmentos da vida nacional.

Ao mesmo tempo, imagina-se e procura-se construir uma **educação** de mais **qualidade**, e inúmeras ações são pensadas para diminuir as desigualdades sociais presentes no Brasil.

Como compatibilizar o sonho com a realidade de corrupção e desvios de conduta?

"Não adianta nada", diriam alguns, mais céticos: a corrupção e fisiologismo seriam parte do que poderíamos chamar de "alma brasileira". Assim, não só o sonho se mostraria impossível de ser concretizado, como, mais grave, outros que ocupassem os mesmos lugares de liderança tenderiam a fazer o mesmo.

Pior: em alguns casos a indignação acaba levando a um cinismo paralisante e reprodutor das condutas questionadas: "se eu estivesse no lugar deles faria o mesmo" ou "se todos agem assim, por que não eu?".

numa sociedade que se repensa

A **ética** é resultado de uma construção coletiva inconsciente, que estabelece o que é considerado aceitável nas relações entre o ser humano e seus contemporâneos, na preservação de sua história e na interação com as futuras gerações.

A **ética** define regras gerais de comportamento para garantir paz nas interações que estabelecemos com os habitantes da comunidade em que vivemos — seja ela um lugarejo ou todo o planeta.

Envolve também uma preocupação com o futuro, garantindo-se que não estragaremos as condições de vida dos que virão depois de nós.

**Mas,
apesar de produto de uma
evolução coletiva,
a ética é
e deve ser,
sobretudo,
algo internalizado.
É um compromisso pessoal
com o que se acredita correto.
Envolve a noção de que
somos responsáveis
pelo nosso crescimento pessoal
(autodesenvolvimento)
e,
simultaneamente,
envolve a incorporação
da percepção do outro
na conduta cotidiana.
Traz consigo a presença
de um juiz interior
muito mais poderoso e competente
que fiscais ou investigadores,
que surge de um
projeto de autonomia e liberdade
do ser humano.**

Desvios de conduta do outro, nesse caso, não pacificam nem tornam condescendente nossso juiz interno. Afinal, trata-se do **meu** projeto de vida.

Se não me conduzo de forma que considero apropriada , pelos valores que tenho ou que internalizei, devo satisfações sérias ao meu projeto – devo me levantar e recomeçar.

Essa visão de ética centrada na autonomia do ser humano, resgata a noção de que somos responsáveis por nossas vidas e por suas conseqüências no entorno: **a vida que a gente quer depende do que a gente faz**, nas belas palavras de Max Feffer.

Assisti uma vez, encantada, a uma belíssima apresentação feita por Felipe Gonzalez, ex-primeiro ministro da Espanha, para um grupo de 30 pessoas em São Paulo. Ele nos contou sobre como conduziu a modernização de seu país, relatando algumas conquistas e realizações das quais se orgulhava. Mas, para minha surpresa (e, acredito, de todos os demais), interrompeu aquilo que poderia ser visto como auto-promoção para dizer que algo havia saído muito errado: não conseguira transformar a educação na Espanha.

Ora, pensei, a educação na Espanha é de melhor qualidade que a nossa. Assim, o que poderia preocupá-lo?

Na verdade, a escola espanhola produzia seres humanos que, ao sair da escola, imediatamente se perguntavam sobre o que o Estado ou a sociedade iriam oferecer a eles.

Formava, percebia o ex-dirigente espanhol, pessoas dependentes.

Não existe possibilidade de ética se as pessoas se percebem como não autônomas e, portanto, não responsáveis por seus atos e omissões. A base de uma interação social saudável é a existência de redes de pessoas livres — não só para construir suas vidas com dignidade, mas também para responder por suas escolhas.

Assim, voltando à escola sonhada por Felipe Gonzalez: seria aquela que formasse cidadãos que se perguntam, ao concluir os estudos: **o que posso fazer agora por mim e pelos membros da minha comunidade?**

Mas não parece contraditório dizer que temos que nos preocupar simultaneamente **conosco** e **com o próximo**?

Essa aparente contradição é uma das mais belas da condição humana: só posso ser livre numa comunidade que busca construir a possibilidade da liberdade.

Só posso ser responsável e, portanto, ético, se sou livre.

Mas a pior das amarras é a que colocamos em nós mesmos, como denunciava Étienne de la Boétie em seu fantástico *Discurso da servidão voluntária*, escrito ainda no século XVI.

Nem sempre queremos ser livres e autônomos.

Preferimos por vezes apenas denunciar a falta de ética dos outros e eleger culpados por nossos problemas.

glossário

Abolição
Extinção; ato de terminar com algo, fazer desaparecer.

Aborígene
Que vive na região de que é originário; indígena.

Abstração
Idéia, conceito, imagem mental. Ato de separar mentalmente os elementos de algo (coisa, fato, etc.). Esses elementos só existem separados desse algo na mente, e não no mundo concreto.

Administração urbana
Ação de administrar uma cidade; organização e governo de uma cidade.

Afetivamente
Levando em conta os sentimentos, as emoções: agrado ou desagrado, alegria ou tristeza...

Afonso Arinos
Escritor, jurista, jornalista, político e professor brasileiro (1905 a 1990), propôs em 1951 a lei que proíbe a discriminação racial no Brasil, chamada Lei Afonso Arinos).

Afoxé
Cortejo que desfila no Carnaval cantando e dançando sem se misturar com as outras manifestações.

Agricultura familiar
Pequenas explorações agrícolas de menos de dois hectares cultivados e escassa base de ativos. O trabalho é por conta própria e inclui familiares não remunerados. Existem no mundo 525 milhões de explorações agrícolas, e 85% delas correspondem a terrenos com menos de dois hectares. Na América Latina, a agricultura familiar camponesa representa, em média, 63% do total das explorações agrícolas.

Agronegócio
É a soma de toda uma cadeia produtiva relacionada aos produtos provenientes da agricultura. Envolve desde a origem do produto na fazenda até o seu resultado final para o consumidor, ou seja, inclui empresas rurais, produtores de insumos agrícolas, maquinários, agroindústrias, empresas de comercialização e o próprio consumidor.

Agropecuário (setor)
Relativo à plantação e à criação de gado.

Água mineral
Água natural com grande quantidade de sais minerais.

Água sulfurosa
Água que contém enxofre.

Alagados (substantivo)
Pequenas lagoas temporárias; zonas alagadas em que se constroem palafitas.

Alberto Santos Dumont
Engenheiro, considerado o Pai da Aviação, nasceu em Minas Gerais (1873-1932). Foi o primeiro a fazer voar um aparelho mais pesado que o ar na Europa, e fez, possivelmente, a primeira demonstração pública de um veículo levantando vôo por seus próprios meios, sem ser catapultado. Esse avião chamava-se 14-bis.

Alfabetização
Ato de ensinar/aprender a ler e escrever.

Alienação
Falta de consciência do que se passa.

Alíquota
Percentual de imposto.

Aludir
Mencionar, fazer referência.

Ambivalência
Característica de quem possui dois aspectos opostos.

Ancestrais

As pessoas que vieram antes de nós, os antepassados.

Antropólogo

Quem estuda o homem e sua cultura.

Aquecimento global

Aumento da temperatura média da superfície da Terra que vem acontecendo nos últimos 150 anos.

Aqüífero

Que contém água.

Aritana

Chefe dos Yawalapiti, tribo do Alto Xingu.

Ary Barroso

Compositor brasileiro (1903-1964), autor de "Aquarela do Brasil", uma das canções brasileiras mais conhecidas no exterior.

Assalariado

Trabalhador que recebe um salário.

Assentamento rural

Instalação de uma comunidade para viver no meio rural.

Auto-estima

Valorização de si mesmo; amor-próprio.

Autoritarismo

Regime político baseado na autoridade, que reduz as liberdades individuais.

Avifauna

O conjunto de aves de uma região.

Ayrton Senna

Ayrton Senna da Silva (1960-1994) foi um piloto de automóveis brasileiro, vencedor por três vezes do campeonato mundial de Fórmula 1. Considerado um dos maiores nomes do esporte brasileiro, possuindo renome e respeito internacional.

Baía

Pequeno golfo de boca estreita que se alarga para o interior.

Bakhtin

Mikhail Bakhtin (1895-1975), filósofo e lingüista russo, considerado filósofo da linguagem. Para Bakhtin, não se pode entender a língua isoladamente: é preciso levar em conta outros fatores, como o contexto de fala, a relação da pessoa que fala com o ouvinte, o momento histórico, etc.

Barbara Reid

Autora de livros infantis.

Bardo

Poeta que conta façanhas heróicas, trovador.

Barracão (regime de)

Sistema de abastecimento empregado no comércio com os índios, que trocam seu trabalho ou produtos da floresta por mercadorias trazidas da cidade e oferecidas em barracões dos seringais: óleo, fósforos, querosene, facões, açúcar, sal, ferramentas, pilhas, sabão, munição, etc.

Beatnik

A palavra beatnik foi inspirada do nome do satélite russo Sputnik, e aparece pela primeira vez em 1958. Os Beatniks eram jovens que recusavam os tabus dos "quadrados" (pessoas rígidas que não aproveitam a vida). Recusavam a sociedade que consideravam corrompida e os valores tradicionais, e queriam viver de forma simples e sem preconceitos.

Biodiversidade

A diversidade biológica, a variedade de genes, espécies e ecossistemas que fazem parte da biosfera. A biodiversidade pode ser medida pelo número total de espécies vivas nos ecossistemas terrestres e aquáticos, que os ecologistas chamam de "riqueza total do planeta".

Biomassa

Qualquer matéria de origem vegetal usada como fonte de energia; quantidade total de matéria viva de um ecossistema.

Biotecnologia

Utilização de processos biológicos para a produção de materiais e substâncias para uso industrial.

Bjorn Lomborg

Pesquisador dinamarquês, autor do livro *O ambientalista cético*.

Bomba inteligente

Projétil destrutivo de alta precisão, que atinge o alvo com um desvio máximo de cinco centímetros.

Bósnia

País da região dos Bálcãs, no Sul do continente europeu. Sua capital é Sarajevo.

Burle Marx

Arquiteto-paisagista e artista plástico brasileiro (1909-1994).

Cadeia produtiva

Uma rede de trabalho e processo produtivo cujo resultado é uma mercadoria final.

Camisinha

Preservativo; dispositivo de borracha usado pelo homem, que serve tanto para evitar a gravidez como para proteger de doenças sexualmente transmissíveis.

Candomblé

Religião introduzida no Brasil com a vinda dos escravos africanos, hoje bastante misturada a elementos do espiritismo e de cultos indígenas.

Capitalismo

Sistema econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção, na organização da produção visando ao lucro e empregando trabalho assalariado, e no funcionamento do sistema de preços.

Carlos Drummond de Andrade

Escritor e poeta mineiro (1902-1987) que foi, por muitas décadas, o poeta mais influente da literatura brasileira.

Carta dos Direitos Humanos

Declaração Universal dos Direitos Humanos, documento das Nações Unidas de 1948 (final da Segunda Guerra Mundial), em que os Estados membros se comprometeram a promover, em cooperação com a Organização das Nações Unidas, o respeito universal e efetivo dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais.

Cecília Meireles

Poetisa brasileira (1901-1964) considerada pela crítica inigualável em fluidez, simplicidade e lirismo, e um dos maiores nomes da poesia moderna de língua portuguesa.

Certificação florestal

Documento que atesta que um produto (ou processo de produção) tem determinadas características. Serve de garantia, para quem compra, de que esse produto vem de uma área em que se cuida do meio ambiente e o trabalho é realizado e remunerado de maneira justa.

Certificação orgânica

Documento que garante a origem e a qualidade orgânica de um produto, e que é concedido depois de toda a produção ser acompanhada e avaliada. Serve de garantia, para quem compra, de que esse produto não tem risco de contaminações e resulta de trabalho justo.

Charles Dickens

Escritor inglês (1812-1870) cujos livros até hoje continuam sendo muito apreciados e reeditados. Tinha uma capacidade especial para observar o mundo e daí extrair personagens descritos com enorme riqueza de detalhes. Os temas mais recorrentes em Dickens têm a ver com a vontade de reformar uma sociedade exploradora e desigual.

Chico Buarque

Músico, cantor, compositor, teatrólogo e escritor brasileiro, nascido em 1944. Um dos grandes nomes da Música Popular Brasileira.

Cidadão

Toda pessoa com direitos e deveres civis e políticos em um Estado.

Clarice Lispector

Escritora, nasceu na Ucrânia e veio pequena para o Brasil (1920-1977). Em seus livros, mergulhava fundo nos personagens, e escrevia com tanta precisão como eles eram e sentiam que o enredo passava a segundo plano. É dela esta frase: "Minha liberdade é escrever. A palavra é o meu domínio sobre o mundo".

Claude Nuridsany

Biólogo e cineasta francês, realizador de "Microcosmos", que se propõe a mostrar, com seus filmes, "o planeta sob o planeta".

Coco (música)

Dança de roda de Alagoas, acompanhada de canto e percussão.

Combustíveis fósseis

Substâncias usadas como combustíveis, ou seja, de fácil combustão ou queima, e até mesmo explosão, geradas pela fossilização de animais e plantas, que acontece por causa da ação de pressões e temperaturas muito altas geradas pelo soterramento, há milhões de anos, desse material orgânico. São combustíveis fósseis o carvão mineral, o petróleo e o gás natural.

Comércio justo

Trocas comerciais (compra e venda) feitas com a preocupação de promover a igualdade social, a proteção do ambiente e a segurança econômica.

Complexidade

Qualidade do que é complexo, que tem muitas partes ou elementos; que pode ser visto de várias maneiras; confuso, complicado.

Compulsão

Tendência a repetir alguma ação.

Concidadão

Pessoa que, em relação a outra, é da mesma cidade ou do mesmo país.

Conformidade

Concordância com regras estabelecidas para alguma coisa.

Consciência planetária

Consciência de fazer parte da humanidade que habita o planeta, e não só de pequenos grupos ou de países.

Consenso

Concordância de idéias, de opiniões. Conformidade, acordo.

cultura de massa

Cultura imposta pela indústria cultural, com interesse de lucro e, em muitos casos, voltada para a domesticação dos sujeitos das sociedades contemporâneas.

Conservador

Aquele que é contra reformas, que prefere conservar as coisas como elas são.

Construção histórica

Construção que acontece ao longo do tempo, com os fatos históricos.

Consumismo

Sistema que favorece o consumo exagerado; tendência a comprar exageradamente.

Contemporaneidade

Qualidade do que faz parte da época em que vivemos.

Conto

Narrativa não muito longa, que se concentra em um ponto de interesse principal.

Contracultura

Forma negativa da cultura vigente, para combater os valores culturais do momento; arremedo da cultura.

Contradição

Incoerência entre palavras e ações, ou entre o que se diz agora e o que se disse antes.

Contradiscurso

Discurso em reação a um discurso anterior; resposta, reação falada.

Cooperativa

Associação de pessoas que têm uma atividade em comum, para benefício e fortalecimento de todas elas.

Cormac McCarthy

Escritor americano, nascido em 1933. Em seus livros, mostra-se um grande contador de histórias. É considerado um dos melhores escritores da atualidade.

correntes oceânicas (correntes marítimas)

Deslocamentos de águas oceânicas, decorrentes da inércia da rotação do planeta Terra. Seus movimentos não são bem definidos porque existem continentes e ilhas ao longo da sua movimentação; por isso, as correntes seguem em diversas direções. Influenciam na pesca, na vida marinha e no clima.

Cortiço

Habitação coletiva das classes pobres.

Cosmo

O Universo.

Crédito

Cessão de mercadoria, serviço ou dinheiro para pagamento futuro.

Criminalidade

O conjunto dos crimes.

Cristóvão Colombo

Navegador e explorador italiano (1451-1506) considerado o descobridor da América.

Dante Alighieri

Considerado o maior poeta italiano (1265-1321), foi um grande pensador do seu tempo e autor da *Divina Comédia*, que se tornou a base da língua italiana (naquela época, só se valorizavam os escritos em latim).

Déficit

O que falta para completar uma quantidade necessária; quando as despesas são maiores que as entradas de dinheiro.

Dejeto

Os restos que devem ser eliminados, evacuados.

Desburocratizar

Simplificar; tornar mais rápido e prático; evitar etapas desnecessárias ou inúteis em algum procedimento.

Desenvolvido (país)

País que tem um PIB per capita e um índice de desenvolvimento humano (IDH) elevados.

Desertificação

Transformação de uma região em deserto, causada por atividades humanas ou fatores climáticos.

Desflorestamento

Ato de derrubar as árvores de uma região desfazendo a floresta; desmatamento.

Dicotomia

Separação, divisão em dois.

Dignidade

Respeito a si mesmo, respeitabilidade.

Direitos humanos

Conjunto de faculdades e instituições que, em cada momento histórico, representa o que é necessário para a dignidade, a liberdade e a igualdade humanas, as quais devem ser reconhecidas positivamente pelas leis nacionais e internacionais.

Discriminação

Separação, segregação.

Displicência

Descuido, desleixo, negligência.

Diversidade

Multiplicidade de coisas diversas.

Diversidade cultural

Multiplicidade cultural, com livre circulação de idéias e bens de diferentes culturas.

Dualismo cartesiano

Idéia originária do filósofo francês René Descartes: a alma (razão pura) é independente do corpo e das emoções, e, ao contrário do corpo, não ocupa lugar no espaço.

Efeito estufa / Efeito estufa adicional

Uma camada de gases envolve a Terra como um vidro que impede o calor terrestre de voltar para o espaço, esquentando o planeta. Esse fenômeno, natural, propiciou a vida sobre a Terra. Mas, segundo alguns cientistas, com o acúmulo de dióxido de carbono na atmosfera, provocado pelas emissões das indústrias, dos automóveis e outros tipos de gases poluentes, esse calor passou a ser encurralado dentro de uma "estufa" atmosférica. Os efeitos poderiam ser desastrosos, como o aquecimento das águas e o derretimento das calotas polares, aumentando o nível do mar nos litorais.

Embrapa

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento —, que busca soluções para o desenvolvimento sustentável do espaço rural.

Empreiteira

Empresa que se encarrega de obras públicas; empresa que toma conta de uma obra.

Energias renováveis

A energia renovável é aquela que é obtida de fontes naturais capazes de se regenerar, e que, portanto, não se esgotam: energia solar, energia eólica (do vento), energia hidráulica (dos rios e correntes de água doce), energia mareomotriz (dos mares e oceanos), energia de biomassa (da matéria orgânica), energia geotérmica (do calor da Terra). As energias renováveis são alternativas ao modelo energético tradicional, tanto pela sua disponibilidade garantida (presente e futura) como por causarem menor impacto ambiental. (Os combustíveis fósseis, como o petróleo, precisam de milhares de anos para a sua formação.) Em alguns casos, entretanto, o impacto ambiental envolvido no uso de uma energia renovável pode ser muito grande, como o causado pela Barragem das Três Gargantas, recentemente finalizada na China, que provocou o deslocamento de milhões de pessoas e a inundação de muitos quilômetros quadrados de terras.

Enunciado

Proposição, exposição, apresentação de uma idéia.

Epilepsia

Alteração na atividade elétrica do cérebro, temporária e reversível, que produz manifestações motoras, sensitivas, sensoriais, psíquicas ou neurovegetativas (disritmia cerebral).

Epopéia

Narrativa de uma série de ações heróicas.

Era de Aquário

Período da história da humanidade que deverá começar por volta do ano 2600, pelos cálculos astronômicos. Acredita-se que os efeitos começam a ser sentidos muito antes disso, e já estaríamos começando a viver segundo a influência desse novo tempo. Prediz-se que a Era de Aquário será uma era de fraternidade universal baseada na razão, em que será possível solucionar os problemas sociais de maneira eqüitativa para todos, e com grandiosas oportunidades para o desenvolvimento intelectual e espiritual.

Era digital

Período da história da humanidade em que se desenvolveram as tecnologias de informação e comunicação, passando a ser corrente o uso de computadores e outros equipamentos a eles associados. Estamos, atualmente, na era digital.

Era pau. Era pedra. Era o fim do caminho.

Citação de trecho da música "Águas de março", de Tom Jobim: "É pau, é pedra, é o fim do caminho".

Ernest Hemingway

Escritor americano que viveu muitas experiências de aventura, algumas bastante traumáticas, como as experiências de guerra. Por isso, passou a escrever reduzindo as palavras ao essencial, retirando tudo o que considerava palavra inútil. Seus livros contam histórias de homens corajosos e resistentes. Em 1952 publica O velho e o mar, considerada sua obra-prima. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1954.

Escravo

Ser humano sujeito a outra pessoa, tratado como propriedade de alguém, sem direitos individuais,
estagnação
Falta de movimento, de atividade; situação em que não há crescimento.

Estética

Beleza; estudo do que é belo.

Estúdio multimídia

Lugar onde se produzem, em um único sistema, apresentações de informações em diversos formatos: texto, sons, vídeo, imagens, animações...

Ética

Estudo sobre a conduta humana do ponto de vista do bem e do mal, do correto e do incorreto, do que se considera certo e errado em uma determinada sociedade.

Etnia

População ou grupo social que apresenta relativa semelhança de cultura e de língua, que tem história e origem comuns.

Euclides da Cunha

Escritor (e também sociólogo, repórter e engenheiro) brasileiro (1866-1909), autor da obra-prima *Os sertões*: campanha de Canudos, em que analisa as características geológicas, botânicas, zoológicas e hidrográficas da região, os costumes e a religiosidade sertaneja e narra os fatos ocorridos para acabar com o movimento liderado por Antônio Conselheiro.

Eva Furnari

Artista plástica, autora e ilustradora de livros infantis, nasceu na Itália em 1948 e veio para o Brasil com dois anos.

Excludente

Que exclui; que põe para fora; que expulsa; que abandona.

Fatalidade

Algo inevitável; destino.

Fétido

Que fede; que cheira mal.

Ficção

Criação ou invenção de coisas imaginárias; invenção, fantasia.

FMI — Fundo Monetário Internacional

Organização internacional que pretende garantir o bom funcionamento do sistema financeiro mundial controlando o valor da moeda de cada país e registrando o total de dinheiro que entra e sai de um país, na forma de importações e exportações, através de assistência técnica e financeira. Sua sede é em Washington, Estados Unidos.

Freeman Dyson

Físico teórico inglês naturalizado americano, nascido em 1923, que contribuiu muito para o estudo da eletrodinâmica quântica. Escreveu vários livros que esclarecem questões da física para o público em geral, ou abordam assuntos como os problemas éticos da guerra e da paz e as possibilidades do uso de tecnologia para reduzir as desigualdades entre ricos e pobres.

Gênero

A forma culturalmente elaborada da diferença entre os sexos em cada sociedade, que se manifesta nos papéis e status atribuídos a cada sexo.

Generosidade

Qualidade de quem é generoso, altruísta, capaz de dar.

Genocídio

Crime contra a humanidade que consiste em destruir um grupo de pessoas por causa de sua raça, religião, nacionalidade ou etnia.

Geração

Conjunto de pessoas nascidas na mesma época; espaço de tempo em torno de 25 anos que separa uma geração da seguinte.

Gesta

Canção que narra grandes feitos e acontecimentos históricos.

Globalização capitalista

Globalização é o processo típico da segunda metade do século XX que levou à integração das economias e das sociedades dos vários países, principalmente no que diz respeito à produção de mercadorias e serviços, aos mercados financeiros e à difusão de informações. Globalização capitalista é esse processo sendo feito com finalidade de obter lucro para empresas transnacionais.

Gonçalves Dias

Poeta brasileiro (1823-1864) que se orgulhava de ter no sangue as três raças formadoras do povo brasileiro — negro, índio e branco. Foi ele que consolidou o romantismo no Brasil.

Graciliano Ramos

Escritor alagoense (1892-1953), conhecido mundialmente por seu livro *Vidas secas*, sofreu perseguições políticas e escreveu "à mão" vários outros romances de "asperezas" (como ele mesmo disse, "é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze".

Grafismo corporal

Desenhos decorativos feitos sobre a pele.

Habitat

Lugar característico em que vive uma espécie, e onde ela pode conviver com outras espécies. O *habitat* de uma minhoca, por exemplo, é o solo úmido; o *habitat* dos liquens são as rochas e as árvores. O *habitat* é como o "endereço" de uma determinada comunidade ou indivíduo. Já as suas atividades, interesses e associações fazem parte da definição de nicho ecológico, que determina como essa espécie se distribui e convive nesse espaço.

Hectare

Unidade de medida agrária. Equivale a 100 ares, ou 10 mil metros quadrados. (Para dar uma idéia comparativa: um campo de futebol mede um pouco mais de 8 mil metros quadrados.)

Herman Hesse

Escritor suíço, de origem alemã (1877-1962), foi uma criança turbulenta e revoltada. Seus romances falam da dificuldade das pessoas em busca de si mesmas no mundo moderno, e também de pacifismo, busca de conhecimento e autodesenvolvimento. Recebeu o Prêmio Nobel em 1946. Seus livros voltaram a ser muito lidos nos anos 1960 e 1970, principalmente *Sidarta* e *Demian*.

Herman Melville

Romancista, ensaísta e poeta americano (1819-1891), considerado um dos maiores nomes da literatura mundial, principalmente por seu livro *Moby Dick*, e redescoberto pelos leitores em 1920. Escrevia misturando uma imaginação poderosa com um grande conhecimento de literatura, mitologia, ciência e história.

Heterônimo

Esta palavra vem do grego e significa nomes diferentes. No caso de Fernando Pessoa, os heterônimos funcionam como uma espécie de pseudônimo, um nome falso, sob o qual o poeta se oculta, para escrever poemas de diferentes estilos. Os principais heterônimos de Fernando Pessoa são Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Também podemos pensar em heterônimos como personagens que o poeta cria, aos quais atribui uma biografia e a autoria de alguns textos. Fernando Pessoa, por exemplo, conta que, quando tinha seis anos, inventou um Chevalier de Pas, que lhe escrevia cartas: na verdade, as cartas eram escritas pelo próprio Fernando Pessoa.

Hierarquia

Ordem de autoridade ou de importância.

Hip-hop

Movimento cultural e artístico surgido nos Estados Unidos (nos guetos de Nova York) no início dos anos 1970, e que se difundiu pelo mundo. Mistura aspectos festivos e reivindicativos. Os quatro principais elementos da cultura hip-hop são o rap e a música hip-hop, os grafites, os DJs e a dança chamada break .

HIV

O vírus da AIDS. A sigla é o nome do vírus em inglês: H(uman) I(mmunodeficiency) V(irus), que significa Vírus da Imunodeficiência Humana.

Holístico

Relacionado ao holismo, que é a idéia de que o homem é um todo indivisível, e que não pode ser explicado pelos seus distintos componentes (físico, psicológico ou psíquico) considerados separadamente. Em um sentido ainda mais amplo, visão de que tudo o que existe está relacionado e faz parte de um mesmo TODO.

Homero

Poeta grego que se acredita ter vivido há quase 3 mil anos, cujas obras são as mais antigas que se conhece da Grécia. A Ilíada e a Odisséia foram, durante muitos séculos, transmitidas oralmente.

Homicídio

Assassinato, morte causada por alguém.

Ianomâmi

Povo indígena que habita o extremo norte de Roraima e do Amazonas, e também parte da Venezuela.

Ibama

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Ligado ao Ministério do Meio Ambiente, desenvolve diversas atividades para a preservação do patrimônio natural, fiscaliza e controla o uso dos recursos naturais.

Ideologia

Sistema de idéias dogmaticamente organizado como um instrumento de luta política; conjunto de idéias próprias de um grupo, de uma época, e que traduzem uma situação histórica.

IDG — Índice de Desenvolvimento de Gênero

Índice estatístico que mede a desigualdade entre homens e mulheres em três dimensões básicas: longevidade e saúde, conhecimento e qualidade de vida.

IDH — Índice de Desenvolvimento Humano

Índice estatístico que mede o desenvolvimento qualitativo de uma sociedade, ou seja, informa sobre o bem-estar individual e coletivo, e não apenas sobre a economia, como é o caso do PIB (Produto Interno Bruto).

Imigrante

Quem chega a um outro país diferente daquele em que nasceu, para nele viver.

Inclusão

Ato de integrar, incluir (em um grupo) quem está fora dele.

Incubadora

Aparelho que serve para manter a temperatura certa para o desenvolvimento de ovos, etc. Usa-se a mesma palavra, às vezes, para indicar um núcleo de produção de idéias e pesquisas.

Individualismo

Doutrina segundo a qual a sociedade deve visar, como fim único, ao bem dos indivíduos que a constituem.

Indústria intensiva

Processo de produção que usa muito (intensivamente) de um determinado elemento (técnicas avançadas, trabalho, capital) para produzir mais.

Industrialização (dos alimentos)

Produção industrial, em fábricas.

Inerente

Que faz parte de alguma coisa, que é por natureza ligado inseparavelmente a algo ou alguém.

Informalidade (do trabalho)

Situação de trabalho sem registro de empregados ou recolhimento regular de impostos, abrangendo comércio, produção e prestação de serviços, geralmente em pequena escala (ex.: comércio por camelôs; pequeno artesanato; serviços de vigia de estacionamentos) e atividades ilegais (como o contrabando).

Irmãos Villas-Boas

Orlando, Cláudio e Leonardo Villas-Boas, três irmãos que partiram de São Paulo para os sertões do Brasil Central em 1945, para os primeiros contatos com diversas tribos. Tornaram-se apaixonados conhecedores da cultura indígena brasileira, e Orlando foi quem iniciou a campanha pela criação do Parque Nacional do Xingu, o grande modelo das reservas indígenas do planeta, idealizado para que a vida selvagem — e especialmente as tribos indígenas — pudesse sobreviver. As ameaças são constantes, mas o Xingu sobrevive no coração do território brasileiro.

Irracional (uso)

Impensado; feito de modo descuidado, sem pensar nas conseqüências.

ITI — Índice de Transparência Internacional

Índice estatístico que mede o nível de corrupção nos países.

Jack London

Escritor americano (1876-1916), grande aventureiro, viajante e militante político, nascido em um meio muito pobre. Escreveu mais de 50 livros, entre os quais romances que contam histórias de animais, e que até hoje fazem parte de coleções de literatura juvenil (*Caninos brancos* e *O lobo do mar*, por exemplo).

Jacques Cousteau

Oceanógrafo e navegador francês (1910-1997), percorreu mares e rios de todo o planeta com seu barco *Calipso*, fazendo descobertas e filmagens que mostraram ao mundo como é a vida sob a superfície das águas.

Jacques Perrin

Ator e produtor de cinema francês, nascido em 1941.

Jared Diamond

Biólogo, fisiologista, biogeógrafo e escritor americano, nascido em 1931, e que se dedica atualmente à história ambiental.

Jazz

Música profana, vocal ou instrumental, dos negros americanos, que se tornou progressivamente, depois da Primeira Guerra Mundial,forma de expressão quase universal, e hoje é conhecida e composta em todo o mundo.

Jean-Paul Sartre

Filósofo existencialista e escritor francês (1905-1980). Teve grande influência sobre a cultura de seu tempo. Sua maior contribuição para a cultura mundial foi conseguir inserir a filosofia na vida das pessoas comuns.

Jo Ellen Bogart

Escritora americana nascida em 1945, apaixonada por animais, escreve para crianças e adultos.

João Guimarães Rosa

Escritor mineiro (1908-1967) que tinha uma cultura notável e falava muitas línguas. Perguntava sobre tudo, em suas viagens, e anotava tudo — daí saíram obras-primas. Em 1967 foi indicado para o Prêmio Nobel, mas o processo foi interrompido com sua morte. Com seus experimentos lingüísticos, sua técnica, sua habilidade para a ficção, renovou o romance brasileiro, e sua obra alcançou o mundo.

Jongo

Dança de roda, espécie de samba, com movimento em sentido anti-horário, acompanhado por tambores ditos de jongo, como, p. ex., o candongueiro, o caxambu. A coreografia difere em cada localidade. Só é dançado à noite.

Jorge Ben

Desde 1989 conhecido como Jorge Ben Jor, músico e compositor carioca que inovou a música popular. Nasceu em 1942, em uma favela. É um dos responsáveis pela fixação do funk na cultura carioca e pela injeção da soul music no samba.

José de Alencar

Escritor cearense (1829-1877), um dos maiores escritores do romantismo no Brasil, apaixonado pelas paisagens naturais. Em seus livros, retratava e criticava o modo de vida da burguesia da Corte.

Júlio Verne

Escritor francês (1828-1905), o precursor da literatura de ficção científica. Autor de *Vinte mil léguas submarinas*; *A volta ao mundo em oitenta dias* e *Viagem ao centro da Terra*.

Justiça

Conformidade com o direito; a virtude de dar a cada um aquilo que é seu; a faculdade de julgar segundo o direito e melhor consciência.

Kaigang

Povo indígena do Brasil.

Karl von den Steinen

Etnólogo e explorador alemão do século XIX, visitou o Xingu em 1887. Escreveu sobre várias comunidades de diferentes lugares do planeta, com as quais foi o primeiro europeu a ter contato.

Kenato

Pai de Aritana, cacique da tribo Yawalapiti.

quarup

Ritual dos grupos indígenas do Parque do Xingu para homenagear os mortos. Os troncos feitos da madeira "quarup" são a representação concreta do espírito dos mortos ilustres. Corresponde à cerimônia de finados,

mas é uma festa alegre, afirmadora, animada, em que cada um põe a sua melhor vestimenta na pele. Na visão dos índios, os mortos não querem ver os vivos tristes ou feios.

Leis previdenciárias

Conjunto de normas de proteção e defesa do trabalhador ou do funcionário, mediante aposentadoria, amparo nas doenças, montepios, etc.

Leis trabalhistas

Conjunto de normas que regem as relações de trabalho.

Lenda

Narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, na qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética.

Leon Tolstoi

Escritor russo (1828-1910) muito influente na literatura e na política, grande defensor do pacifismo.

Letal

Que produz a morte, que é mortal.

Letramento

Processo de aprendizado da língua escrita, a partir da convivência dos indíviduos (crianças, adultos), com materiais escritos — livros, revistas, cartazes, rótulos de embalagens e outros —, e com as práticas de leitura e de escrita da sociedade da qual fazem parte. O letramento depende do grau de familiaridade e convívio do indivíduo com materiais escritos em seu meio.

Lixo atômico

"Lixo" radioativo gerado nos reatores nucleares e nas usinas de reprocessamento de elementos combustíveis queimados. Considera-se mais correto o termo "rejeito radioativo", que abrange todos os materiais que não podem ser reaproveitados e que contêm substâncias radioativas em quantidades tais que não podem ser tratados como lixo comum. Um dos grandes problemas ambientais ocasionados pelas usinas nucleares é o lixo atômico produzido pelo funcionamento normal do reator, que "sobra" e não pode ser reutilizado. Normalmente se coloca esse lixo atômico em grossas caixas de concreto e outros materiais, para em seguida jogá-las no mar ou enterrá-las em locais especiais. Isso traz grandes preocupações, pois essas caixas podem se desgastar com o tempo e acabar contaminando o meio ambiente.

Lobby

Grupo de pessoas que procura influenciar as decisões dos poderes políticos em favor de certos interesses privados.

Luc Jacquet

Biólogo e cineasta francês.

Machista

Quem não aceita a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Madame de La Fayette

Escritora francesa (1634-1693), mulher muito ativa e atenta à situação da mulher no seu tempo.

Manancial

Nascente de água; fonte.

Manejo das águas

Conjunto de técnicas empregadas para o uso e o controle da água – escoamento e recuperação da água (chuva, esgotos, etc.), distribuição, etc.

Manejo florestal

Conjunto de técnicas empregadas para colher cuidadosamente parte das árvores grandes, de tal maneira que as menores, a serem colhidas futuramente, sejam protegidas. Com a adoção do manejo florestal, a produção de madeira pode ser contínua ao longo dos anos.

Mangue

Também chamado de mangal ou manguezal, é um ecossistema costeiro, de transição entre os ambientes terrestre e marinho, característico de regiões tropicais e subtropicais. O solo do mangue é uma lama escura e mole.

Mapukayaka

Líder dos Yawalapiti em 1847, quando foi feito o primeiro contato com o homem branco (o explorador alemão Karl von den Steinen).

Maracá

Chocalho indígena.

Maracatu

Manifestação cultural afro-brasileira originária de Pernambuco. É formada por uma orquestra de percussão que acompanha um cortejo real. Como a maioria das manifestações populares do Brasil, é uma mistura das culturas indígena, africana e européia. Surgiu em meados do século XVIII.

Marco Pólo

Viajante veneziano do fim da Idade Média. O relato detalhado que ele fez de suas viagens pelo Oriente, incluindo a China, foi durante muito tempo uma das poucas fontes de informação sobre a Ásia, no Ocidente.

Marie Perennou

Bióloga e cineasta francesa, realizadora de "Microcosmos".

Marketing

Conjunto de estratégias e ações para o desenvolvimento, o lançamento e a sustentação de um produto ou serviço no mercado consumidor.

Mascate

Mercador ambulante que percorre as ruas e estradas vendendo objetos manufaturados, panos, jóias, etc.

Matéria orgânica

Todos os elementos do solo, vivos e não vivos, que contêm compostos de carbono. Os elementos vivos (cerca de 3%) são raízes de plantas, minhocas, formigas, cupins, ácaros, bactérias e fungos. Os elementos não-vivos (97%) são, por exemplo, restos de plantas em diferentes estágios de decomposição e húmus.

Mátria

Palavra criada pelo poeta francês Chateaubriand, usada em substituição a "pátria", para indicar uma terra em que a pessoa se sente acolhida, em casa. O "matriotismo" indica um sentimento alternativo diferente do sentimento patriótico (que se refere aos nativos de países isolados, e não a toda a humanidade).

Mediação

Relação que se estabelece entre duas pessoas ou coisas por meio de uma terceira (o mediador); intervenção de alguém para produzir um acordo ou um resultado em uma situação existente.

Microempresa

Empresa ou firma individual abaixo de determinado tamanho, isenta de certos impostos.

Microrganismo

Organismo que só pode ser visto ao microscópio (bactérias, vírus, fungos e protozoários, por exemplo).

Milton Hatoum

Escritor brasileiro e professor de literatura amazonense nascido em 1952, descendente de libaneses, considerado um dos maiores escritores brasileiros da atualidade.

Milton Santos

Advogado e geógrafo brasileiro (1926-2001). Desenvolveu trabalhos em diversas áreas da geografia, em especial nos estudos de urbanização do Terceiro Mundo. Foi um dos grandes nomes da renovação na geografia brasileira dos anos 1970.

Misticismo

Disposição para crer no sobrenatural.

Mito

Narrativa na qual aparecem seres e acontecimentos imaginários, que simbolizam forças da natureza, aspectos da vida humana, etc.

Moçambique

País da costa leste do Sul da África; sua capital é Maputo.

Modernidade

Qualidade do que é moderno, recente, dos tempos atuais ou mais próximos.

Modulação

Variação de altura ou de intensidade dos sons.

Monteiro Lobato

Foi um dos mais influentes escritores brasileiros do século XX (1882-1948), maior autor da literatura infantil brasileira e promotor de campanhas importantes pela modernidade e pela difusão do livro e da leitura. Criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo e seus personagens.

Moritona

Líder Yawalapiti na época do primeiro contato com o branco (1847).

Mortalidade

Quantidade de mortes de um lugar em um determinado período.

Multinacional (empresa)

Empresa que tem suas fábricas ou usinas em vários países.

Mutirão

Auxílio gratuito que os membros de uma comunidade prestam uns aos outros, reunindo-se todos em benefício de um de seus membros ou do grupo, para, por exemplo, construir casas ou realizar obras de infraestrutura.

narcísico

Excessivamente voltado para si mesmo, para sua imagem, com admiração.

Narrativa

Narração, relato, exposição oral ou escrita de um fato.

Natalidade

Quantidade de nascimentos de um lugar em um determinado período.

Nazismo

Movimento de nacionalismo extremista de direita, alemão, nos moldes do fascismo, imperialista, belicista, e cuja doutrina consiste em uma mistura de dogmas e preconceitos a respeito da pretensa superioridade da raça ariana, sistematizados por Adolf Hitler (1889-1945) em seu livro Minha luta; o fascismo alemão.

Neoliberal

Que segue a doutrina (em voga nas últimas décadas do século XX) que defende uma redução do papel do Estado na esfera econômica e social e um aumento do papel das empresas privadas.

Niall Ferguson

Historiador escocês, um dos mais polêmicos da atualidade, por suas idéias em defesa de uma posição imperialista dos Estados Unidos e contra os serviços sociais públicos.

Ordem instituída

Ordem estabelecida; maneira de funcionar prevista para ser assim por meio de regras estabelecidas.

Paliativo

Que serve para aliviar ou diminuir um mal momentaneamente, mas sem resolver o problema.

Paulo Sérgio

Cantor brasileiro. Surgiu no fim da década de 1960 como imitador de Roberto Carlos. Nos anos 1970 tornou-se um dos nomes mais conhecidos da chamada música brega.

Pediatra

Médico que se ocupa de crianças.

Pequena empresa

Empresa abaixo de determinado tamanho.

Percepção

Faculdade de perceber, de conhecer por meio dos sentidos; entendimento, compreensão.

Perspectiva cósmica

Ponto de vista que abrange todo o cosmo, ou universo, e não apenas uma parte dele.

Perspicaz

Inteligente, talentoso, observador.

PIB — Produto Interno Bruto

É a soma de todas as riquezas produzidas em um país em um determinado momento.

Planetarização

Percepção das coisas e dos acontecimentos de um ponto de vista planetário, e não de regiões ou países isolados.

PNUMA — Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

Programa criado em 1972 para coordenar as ações internacionais de proteção ao meio ambiente e de desenvolvimento sustentável.

Polarização

Estabelecimento de uma diferença entre dois pólos, entre duas coisas consideradas opostas.

Potencial

Conjunto de capacidades, de faculdades que podem ser desenvolvidas.

Potencialidade

Capacidade, possibilidade.

Potencializar

Reforçar, tornar potente.

Poupança

A parte da renda pessoal ou da renda nacional que não é gasta em consumo.

Prática social

Uso, experiência corrente num grupo social.
Técnica Maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer alguma coisa.

Preconceito

Opinião formada sem conhecimento dos fatos; ódio ou suspeita sem razão em relação a outras raças, religiões, etc.

Predatório

Que destrói, que acaba com a fonte de algum recurso.

Preservacionismo

Movimento pela preservação; movimento para garantir a integridade e a perenidade de alguma coisa.

Proibitivo

Que torna impossível adquirir alguma coisa.

Propina

Pagamento ilegal para obter vantagens.

Protagonismo

Participação, tomada de responsabilidade, atitudes e decisões em espaços sociais dos quais a pessoa faz parte.

Protecionismo

Prática de proteção aos produtores de um país ou região, por meio de obstáculos impostos à importação de produtos concorrentes.

Protocolo de Quioto

Tratado discutido em Quioto, no Japão, em 1997, para reduzir a emissão dos gases que provocam o efeito estufa. Segundo o tratado, os países desenvolvidos devem diminuir a emissão de pelo menos 5% dos gases poluentes até 2012. Os outros países que assinaram o tratado devem pôr em prática planos para a redução da emissão desses gases entre 2008 e 2012. Os Estados Unidos não assinaram o tratado.

Psíquico

Que tem relação com a alma, o espírito, a mente.

Quilombo

Povoados formados nos sertões brasileiros por escravos fugidos.

Racional

Que raciocina, que usa a razão; feito de acordo com a razão.

Reator de fissão nuclear

Equipamento em que se produz, de forma controlada, uma reação nuclear em cadeia, para aproveitar os nêutrons libertados ou a energia desprendida.

Reflorestamento

Plantio de árvores para recompor uma floresta que foi devastada. Uma área pode ser reflorestada com espécies nativas, procurando restituir a riqueza e a biodiversidade da floresta original, ou com espécies de crescimento rápido, como eucaliptos e pinheiros.

Reforma agrária

Conjunto de medidas econômicas e políticas, com o objetivo de mudar de forma gradual, ordenada e integral a estrutura de propriedade e produção da terra, em seus aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos, para o desenvolvimento integral.

Regime fiscal

Conjunto de regras para a cobrança e o pagamento de impostos.

Repente

Improviso de versos ou de canção.

Resiliência

Elasticidade, resistência, capacidade de voltar à forma anterior depois de uma deformação.

Restrição

Limitação, proibição.

Rogério Cerqueira Leite

Engenheiro, pesquisador, professor e doutor em Física de Sólidos, tem participação importante no desenvolvimento da ciência brasileira.

Romantismo

Importante movimento de escritores que, no princípio do século XIX, abandonaram as regras de composição e estilo dos autores clássicos e passaram a escrever celebrando o individualismo, o lirismo e o predomínio da sensibilidade e da imaginação sobre a razão.

SAEB

Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, realizado a cada dois anos, para acompanhar a evolução do desempenho dos alunos e de diversos fatores que interferem na qualidade e nos resultados do ensino ministrado nas escolas.

Sensorial (ser)

Que tem sensações, que recebe impressões do mundo exterior por meio dos sentidos.

Sérgio Buarque de Holanda

Historiador (1902 a 1982) considerado um grande "explicador do Brasil", pois, com sua obra, ajudou o povo brasileiro a se conhecer e entender melhor.

Seringalista

Dono do seringal; seringueiro; pessoa que extrai o látex da seringueira para preparar a borracha.

Simples (sistema)

Sistema criado para simplificar o pagamento de impostos e as atividades de pequenos negócios.

Sinergia

Ação em comum; cooperação; associação simultânea de fatores que contribuem para uma ação coordenada.

Soberania

O complexo dos poderes que formam uma nação politicamente organizada.

Sociedade civil

Sociedade civil é o conjunto das organizações e instituições cívicas voluntárias que formam a base de uma sociedade em funcionamento, por oposição às estruturas governamentais (independentemente do sistema político).

Sociedade de consumo

Uma sociedade de consumo é uma sociedade que incentiva a compra contínua de bens e serviços efêmeros como forma de sustentar a produção e o crescimento econômico.

Solidariedade

Sentimento de quem é solidário, de quem se une a outras pessoas e compartilha com elas uma causa, uma opinião, uma posição.

Somos e queremos

Livro de redações vencedoras do 5° Concurso Ler é Preciso (2005-2006)

Stendhal

Escritor francês (1783-1842). Seus romances são escritos em uma linguagem seca, e ele analisa os sentimentos de seus personagens de maneira particularmente rica. Considerado um dos criadores do tipo de herói moderno, isolado da sociedade e em confronto com ela.

Subestimado

Subvalorizado, considerado abaixo do que representa na realidade.

Subproduto

Produto retirado de uma substância da qual se extraiu o produto principal; coisa que resulta secundariamente de outra.

Sucata

Ferro-velho; peças de metal usadas ou enferrujadas que podem ser reutilizadas.

Supremacia

Superioridade, domínio.

Sustentabilidade

Capacidade de se manter mais ou menos constante, ou estável, por longo período.

Talento

Habilidade natural.

Tanzânia

País do Leste da África, cuja capital é Dar es Salaam.

Tatiwãlu

Primeiro líder conhecido dos Yawalapiti.

Tecnologia

Conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam a um determinado ramo de atividade

Teolinda Gersão

Escritora portuguesa, nascida em 1940. Viveu algum tempo no Brasil. Escrevia histórias desde pequena. Em seus livros, são marcantes os temas da dificuldade de comunicação entre as pessoas e da passagem do tempo.

Terapêutico

Que cura ou alivia.

Thoreau

Ensaísta, poeta, naturalista e filósofo americano (1817-1862), passou dois anos isolado da civilização contemplando a natureza e depois voltou à sociedade, tornando-se professor. Era abolicionista, amava intensamente a natureza e detestava notícias (acreditava que poluíam a mente com banalidades, e isso atrapalhava a reflexão).

Tigres Asiáticos

A expressão Tigres Asiáticos refere-se às economias de Hong Kong, Cingapura, Coréia do Sul e Taiwan (Formosa) — territórios e países que apresentaram grandes taxas de crescimento e rápida industrialização entre as décadas de 1960 e 1990, seguindo o exemplo do Japão.

Tom Jobim

Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim (1927-1994), compositor, maestro, pianista, cantor, arranjador e às vezes violonista. Um dos criadores da bossa nova, Tom Jobim é um dos nomes que melhor representa a música brasileira na segunda metade do século XX. É conhecido no mundo todo.

Tradição oral

Cultura, conhecimento ou informação transmitido de viva voz.

Trinômio

Que tem três termos ou partes.

Trópicos

Área do planeta situada entre o trópico de Câncer e o trópico de Capricórnio.

Umbanda

Culto religioso originário do Rio de Janeiro, que reúne elementos de religiões africanas, espiritismo e cristianismo.

Unânime

Que tem a concordância de todos; sem discordância de opinião.

Unicef

Fundo das Nações Unidas para a Infância. Faz parte da ONU e tem por objetivo a defesa dos direitos das crianças no mundo.

Utopia

Descrição de qualquer lugar ou situação ideais regidos por normas políticas muito aperfeiçoadas. É o nome de um país imaginário, criado pelo escritor inglês Thomas Morus (séculos XV e XVI), onde o povo vive feliz e equilibrado, graças às boas condições de vida e à organização justa da sociedade. É assim que o escritor uruguaio Eduardo Galeano explica "utopia": "A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar".

Valérie d'Heur

Escritora e ilustradora de livros infantis, nascida na Bélgica em 1969. Gosta principalmente de desenhar animais.

Veia rousseauniana

Jeito de fazer alguma coisa que lembra as idéias de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), escritor e pensador suíço, precursor do romantismo e inspirador da Revolução Francesa. Denunciava as desigualdades, defendia a liberdade e imaginava, no passado humano, uma era de fraternidade e felicidade que a humanidade deveria tentar recuperar.

Vereda

Caminho estreito, senda.

Virtudes morais

Boas qualidades morais que levam a querer praticar o bem.

Walt Whitman

Poeta americano (1819-1892). Nos seus poemas, elevou a condição do homem moderno, celebrando a natureza humana, a vida e um ideal de unidade cósmica. Profundamente identificado com os ideais da democracia. Seus poemas eram inovadores, com versos livres, que influenciaram toda a poesia moderna.

Walter Scott

Sir Walter Scott (1771-1832) foi um célebre escritor escocês de romances históricos e um poeta muito popular em toda a Europa durante o seu tempo. Seus romances e poemas são lidos até hoje, e obras como *Ivanhoé*, *Rob Roy* e *A senhora do lago* são clássicos da literatura.

Wantsu

Nome da mulher mais velha da aldeia Yawalapiti, única pessoa que lembrava as palavras antigas do canto da tribo.

Werner Herzog

Diretor de cinema alemão nascido em 1942, mais conhecido por seus filmes de ficção, mas também autor de documentários.

Yawalapiti

Tribo indígena brasileira que vive na porção sul do Parque Indígena do Xingu (Alto Xingu), junto com outros grupos de diferentes línguas e modos de vida semelhantes.

Zeca Baleiro

Cantor, músico e compositor brasileiro, nascido no Maranhão em 1966. A origem do seu nome artístico é o seu gosto por balas e doces.

Seja você mesmo a mudança que você gostaria de ver no mundo.

Mahatma Gandhi

Em 1990, surgiu na França uma fundação que se dedica a modificar os comportamentos individuais e coletivos para preservar nosso planeta. É a Fundação Nicolas Hulot para a Natureza e o Homem.

Milhares de pessoas já assinaram o Pacto pela Terra, lançado por essa entidade, e no qual as pessoas se comprometem a reduzir o impacto que provocam sobre o planeta e a compartilhar idéias de gestos de ecocidadania.

O pacto **pela Terra**

Nicolas Hulot,
presidente da Fundação Nicolas Hulot para a Natureza e o Homem

"A Terra vai mal. O Homem exerce uma influência crescente sobre as condições de vida e sobre a própria evolução. O futuro da humanidade poderia ser comprometido. É urgente que a tomada de consciência se traduza em atos, individuais e coletivos. Precisamos, juntos, construir uma sociedade que concilie os imperativos de hoje e as necessidades de amanhã. Trata-se de um desafio sem precedentes, de uma ocasião única de dar novo sentido ao progresso, desenvolvendo novas formas de solidariedade com as gerações futuras e o conjunto dos seres vivos.

Junte-se a nós e assuma o Desafio pela Terra!"

Compartilhando essa constatação, eu tenho consciência de que:

- o futuro e a própria existência da humanidade são indissociáveis do futuro e da existência dos outros seres vivos,
- os recursos da planeta são limitados,
- é necessário respeitar e preservar o patrimônio comum da humanidade,
- eu tenho uma parte da responsabilidade na degradação do meio-ambiente,
- é urgente e possível mudar de rumo.

Os princípios para um mundo sustentável

Princípio de precaução:
não esperar que fique irreparável para agir.

Princípio de prevenção:
melhor prevenir do que remediar.

Princípio de economia e boa gestão:
quem quer chegar longe cuida do seu transporte e reduz o desperdício.

Princípio da responsabilidade:
quem estraga deve consertar.

Princípio da participação:
todos envolvidos, todos tomando decisões, todos agindo.

Princípio da solidariedade:
deixemos às gerações futuras um mundo viável.

Eu me comprometo a:

- limitar os impactos que eu provoco no planeta no meu comportamento cotidiano,
- participar da preservação e da melhoria do meio-ambiente,
- exercer minhas responsabilidades de cidadão num espírito solidário em relação aos outros povos e às gerações futuras,
- incitar os atores públicos e privados a agirem em todas as circunstâncias em favor de um desenvolvimento sustentável,
- tornar-me um embaixador do Pacto pela Terra, incentivando outras pessoas a aderirem a ele.

Gestos pequenos, **grande diferença**

- **Triar o lixo e evitar embalagens inúteis**
- **Preferir produtos que respeitem o meio-ambiente**
- **Evitar produtos descartáveis**
- **Fechar a torneira enquanto escova os dentes ou esfrega a louça e a roupa**
- **Tampar as panelas para consumir menos energia (gás) e cozinhar mais depressa**
- **Consertar todos os vazamentos de água**
- **Recuperar água da chuva**
- **Evitar desperdício de água tratada em lavagem de carros, de calçadas etc.**
- **Não jogar nada nas privadas**
- **Escolher produtos com menos material de embalagem**
- **Usar as folhas de papel dos dois lados**
- **Reutilizar os objetos (pensar bem antes de jogar fora!)**
- **Não jogar produtos tóxicos nem pilhas no lixo**
- **Plantar sempre que possível, principalmente nas cidades**
- **Não cobrir terrenos inteiros com cimento ou lajes**
- **Preferir produtos biológicos**

- Usar sacolas reutilizáveis em lugar de sacos plásticos
- Regar as plantas quando o sol não estiver forte (evita que a água logo se evapore)
- Desligar os aparelhos elétricos em vez de deixá-los em stand-by
- Escolher aparelhos que economizam energia
- Tomar banho de chuveiro sem deixar a água correr inutilmente
- Usar energia solar
- Aproveitar a luz do dia e não acender lâmpadas sem necessidade
- Usar lâmpadas de baixo consumo
- Apagar a luz nas peças em que não há ninguém
- Preferir ventilação natural a ar condicionado
- Usar menos o automóvel
- Usar mais os transportes coletivos
- Deslocar-se a pé ou de bicicleta, sempre que possível
- Não dirigir em alta velocidade
- Consumir menos carne
- Consumir mais frutas e legumes da estação e da região
- Evitar o uso de inseticidas e pesticidas químicos — preferir métodos naturais para controle de insetos e ervas daninhas
- Consertar o que está estragado, em vez de trocar por novo
- Arejar a sala de aula
- Resistir à tentação da propaganda (que leva a consumir exageradamente e sem consciência)
- Fazer campanhas de limpeza na escola, no bairro, na comunidade
- Compartilhar estas e outras idéias de ecocidadania com o maior número possível de pessoas.

A Convenção dos Direitos da Criança para criança entender

Para entender bem: CONVENÇÃO é o texto que a ONU escreveu e 191 países assinaram, para melhorar a vida das crianças e proteger seus direitos. ESTADO é o conjunto das pessoas que vivem num território e que têm o mesmo governo. Quando um Estado ASSINA A CONVENÇÃO, isso quer dizer que ela vai ser apresentada aos deputados e senadores (representantes do povo do Estado). Quando um Estado RATIFICA A CONVENÇÃO, os deputados e senadores votam para que ela passe a valer de verdade no país.

Artigo 1
DEFINIÇÃO DE CRIANÇA

Se você tem menos de 18 anos, a Convenção se aplica a você.

Artigo 2
VOCÊ TEM DIREITO DE NÃO SER DISCRIMINADO

Todos os direitos da Convenção valem para você e para todas as outras crianças, meninas e meninos, de qualquer origem. Os Estados se comprometem a não fazer nada contra os direitos de todas as crianças e a fazer com que eles sejam respeitados por todos.

Artigo 3
VOCÊ TEM DIREITO AO BEM-ESTAR

Todas as decisões que tiverem a ver com você devem levar em conta seu interesse. Se seus pais não tiverem como fazer isso, o Estado deve proteger você e garantir seu bem-estar. O Estado é responsável pelas instituições encarregadas de ajudar e proteger você: escola, polícia, justiça etc.

Artigo 4
VOCÊ TEM DIREITO DE EXERCER SEUS DIREITOS

O Estado deve fazer o que for preciso para que você possa exercer todos os direitos garantidos nesta Convenção.

Artigo 5
VOCÊ TEM DIREITO DE DESENVOLVER SUAS CAPACIDADES

O Estado tem que respeitar o direito e o dever que seus pais têm de dar a você condições para desenvolver suas capacidades.

Artigo 6
VOCÊ TEM DIREITO À VIDA E AO DESENVOLVIMENTO

Você, como todas as outras crianças, tem direito à vida. O Estado deve garantir sua sobrevivência e seu desenvolvimento.

Artigo 7
VOCÊ TEM DIREITO DE TER UM SOBRENOME E UMA NACIONALIDADE

Desde seu nascimento, você tem direito de ter um sobrenome e uma nacionalidade. Você tem direito de conhecer seus pais e de ser criado por eles.
O Estado deve respeitar isso, mesmo se você não tiver uma pátria (país de nascimento).

Artigo 8
VOCÊ TEM DIREITO À PROTEÇÃO DE SUA IDENTIDADE

O Estado deve proteger você e ajudá-lo a conservar sua identidade, sua nacionalidade, seu nome e sobrenome e suas relações familiares.

Artigo 9
VOCÊ TEM DIREITO DE VIVER COM SEUS PAIS

Você tem direito de viver com seus pais, a não ser que isso prejudique você (se seus pais o maltratarem, ou não cuidarem de você, por exemplo). Se seus pais se separarem, você tem direito de dar sua opinião e de participar das decisões que envolvam você. Se tiver que se separar de seus pais, ou de um deles, você tem direito de se encontrar com eles, se isso não for prejudicial a você. Você tem direito de saber onde estão seus pais, se eles estiverem presos ou exilados (vivendo em outro país), se isso não contrariar seus interesses.

ARTIGO 10

VOCÊ TEM DIREITO DE REENCONTRAR SUA FAMÍLIA

Você tem direito de ir de um país para outro para encontrar sua família, e seus pais também. Se você e seus pais vivem em países diferentes, você tem direito de ir ao encontro deles regularmente.

ARTIGO 11

VOCÊ TEM DIREITO À LIBERDADE DE DESLOCAMENTO

Ninguém pode levar você embora de seu país ou se opor a que você volte para ele.

ARTIGO 12

VOCÊ TEM DIREITO À LIBERDADE DE OPINIÃO

A partir do momento em que você é capaz de opinar, você tem direito de fazer isso nos assuntos relacionados com sua vida. Os Estados devem garantir seu direito de opinar.

ARTIGO 13

VOCÊ TEM DIREITO DE SE EXPRESSAR LIVREMENTE

Você tem direito de se manifestar, de receber e de divulgar informações. Existem limites à sua liberdade de expressão — você deve respeitar os direitos e a reputação das outras pessoas — ; você não pode pôr a sociedade em perigo.

ARTIGO 14

VOCÊ TEM DIREITO À LIBERDADE DE PENSAMENTO, DE CONSCIÊNCIA E DE RELIGIÃO

Você pode pensar livremente, e praticar uma religião. Seus pais podem e devem orientar você para exercer esse direito. Sua liberdade de praticar uma religião e de manifestar suas convicções tem limites — você deve respeitar os direitos e a reputação das outras pessoas — ; você não pode pôr a sociedade em perigo.

ARTIGO 15

VOCÊ TEM DIREITO DE SE ASSOCIAR A OUTRAS PESSOAS

Você também pode participar de reuniões. Existem limites para essa liberdade: você não pode pôr a sociedade em perigo, e deve respeitar as liberdades e direitos dos outros.

ARTIGO 16

VOCÊ TEM DIREITO À PROTEÇÃO DE SUA VIDA PRIVADA

Ninguém pode interferir ilegalmente na sua vida ou na vida de sua família. Isso va le também para o lugar em que você mora e para sua correspondência (cartas). E ainda vale para sua honra e sua reputação (aquilo que as pessoas pensam a seu respeito).

ARTIGO 17

VOCÊ TEM DIREITO À INFORMAÇÃO

Você tem direito de receber informações variadas e verdadeiras. As informações devem servir para aumentar sua cultura (seus conhecimentos) e para sua saúde física e mental. Os Estados devem cuidar para que as rádios, os jornais e as emissoras de TV apresentem a você informações úteis, que ajudem a entender as outras culturas. Os Estados devem incentivar a produção de livros para crianças e jovens. As informações devem ser dadas no mesmo idioma que você fala, mesmo se for uma língua falada por uma minoria. O Estado deve proteger você contra info rmações que possam fazer mal.

ARTIGO 18

SEUS PAIS SÃO RESPONSÁVEIS POR VOCÊ

Seus pais (ou os representantes deles) são as pessoas responsáveis por educar você e garantir seu desenvolvimento. O Estado deve ajudar seus pais a fazer isso, criando instituições e serviços para cuidar do seu bem-estar. Se seu pai e sua mãe trabalham fora, o Estado deve ajudar ainda mais.

ARTIGO 19

VOCÊ TEM DIREITO DE SER PROTEGIDO PARA NÃO SER MALTRATADO

O Estado deve proteger você de todas as formas de violência e brutalidade física ou mental. O Estado deve proteger você contra o abandono, a negligência, os maus tratos, a exploração e a violência sexual. O Estado deve cuidar de você, se alguma dessas coisas lhe acontecer.

ARTIGO 20

VOCÊ TEM DIREITO DE SER PROTEGIDO, MESMO SE NÃO TIVER FAMÍLIA

Se você não tiver mais família, o Estado deve proteger e ajudar você. O Estado deve dar a você uma proteção que substitua a da família. Essa proteção deve levar em conta seu passado e sua cultura.

ARTIGO 21

VOCÊ TEM DIREITO DE SER ADOTADO

A adoção só pode ser autorizada se isso for bom para você, e se as pessoas que são responsáveis por você estiverem de acordo. Você pode ser adotado em outro país, se for a melhor solução para você, e com os mesmos direitos que teria no seu país de nascimento. Quem

adotar você não pode ter nenhum ganho material com isso (dinheiro, por exemplo). Os Estados devem cuidar para que a adoção seja feita de maneira correta e legal.

ARTIGO 22
A CRIANÇA REFUGIADA

Você tem direito de ser considerado como refugiado. Você será protegido pelas leis internacionais (as que valem para todos os países), estando sozinho ou com adultos. Os Estados e outras organizações devem ajudar você a reencontrar sua família. Se isso não for possível, devem proteger você e reconhecer seus direitos.

ARTIGO 23
A CRIANÇA DEFICIENTE

Se você tem uma deficiência física ou mental, tem direito de levar uma vida decente e digna, para chegar a ter o máximo possível de autonomia. Você deve poder participar da vida de sua comunidade (por exemplo, quem precisa de uma cadeira de rodas deve poder se deslocar com ela sem problemas). Você tem direito a cuidados especiais. Se for necessário, sua família deve receber uma ajuda suplementar do Estado. Você tem direito a educação e formação, saúde, reeducação, emprego, lazer. Você tem direito de não ficar isolado. Os Estados devem trocar informações uns com os outros para ajudar as crianças deficientes.

ARTIGO 24
VOCÊ TEM DIREITO À SAÚDE E AOS SERVIÇOS MÉDICOS

Os Estados devem fazer tudo o que for possível para evitar e prevenir mortalidade infantil e fome. Os Estados devem orientar e ajudar as mães, antes e depois do nascimento dos bebês, para que eles sejam bem cuidados e alimentados. Os Estados devem acabar com as práticas tradicionais que forem perigosas para a saúde das crianças.

ARTIGO 25
VOCÊ TEM DIREITO À REVISÃO DE SUA INTERNAÇÃO

Quando você estiver numa instituição, você tem direito de ser examinado periodicamente, para que se saiba como você está.

ARTIGO 26
VOCÊ TEM DIREITO À PREVIDÊNCIA SOCIAL

O Estado deve ajudar você, de acordo com a situação das pessoas que são responsáveis por você.

ARTIGO 27
VOCÊ TEM DIREITO A UMA VIDA DECENTE

Você deve poder se desenvolver normalmente em todos os sentidos. Seus pais são os primeiros responsáveis pelo seu desenvolvimento. Se for preciso, o Estado deve ajudar seus pais ou responsáveis, para que você tenha o que comer, o que vestir e onde morar. O Estado garante a você o direito a uma pensão alimentícia.

ARTIGO 28
VOCÊ TEM DIREITO DE ESTUDAR

Você tem o mesmo direito que as outras pessoas às oportunidades de educação: o escola primária gratuita e obrigatória o ensino secundário gratuito ou pago com ajuda do Estado o universidade acessível o orientação escolar e profissional o disciplina na escola que respeite a dignidade dos alunoso Os Estados devem trabalhar juntos para acabar com o analfabetismo no mundo e para facilitar a todos o acesso aos conhecimentos científicos e técnicos.

ARTIGO 29
EDUCAÇÃO PARA QUÊ?

É para isto que você deve ser educado:o desenvolver sua personalidade e suas capacidades;o respeitar os direitos e a liberdade das outras pessoas;o respeitar sua cultura;o ser um cidadão responsável numa sociedade livre;o viver num clima de compreensão, paz, tolerância, igualdade e amizade;o cuidar da natureza e do meio-ambiente.

ARTIGO 30
AS CRIANÇAS INDÍGENAS OU OUTROS GRUPOS MINORITÁRIOS

Se você faz parte de uma cultura diferente (por exemplo, a de uma tribo indígena), você tem direito de ter sua vida cultural, praticar sua religião, falar a língua do seu povo.

ARTIGO 31
VOCÊ TEM DIREITO DE DESCANSAR E DE SE DIVERTIR

Você tem direito de descansar, brincar, divertir-se e participar de atividades culturais.

ARTIGO 32
PROTEÇÃO CONTRA A EXPLORAÇÃO

Ninguém tem direito de explorar você. Você não pode fazer trabalhos perigosos ou que prejudiquem sua educação, sua saúde ou seu desenvolvimento. O Estado

deve fazer tudo para proteger você contra a exploração. O Estado fixa uma idade mínima a partir da qual o jovem pode trabalhar. No Brasil, a lei diz que quem tem menos de 16 anos não pode trabalhar.

ARTIGO 33
PROTEÇÃO CONTRA AS DROGAS

O Estado deve proteger você de todas as drogas e impedir que você seja usado na produção e no tráfico.

ARTIGO 34
PROTEÇÃO CONTRA A EXPLORAÇÃO SEXUAL

Você tem direito à proteção contra todas as formas de exploração e de violências sexuais. O Estado deve fazer o que for preciso para que você não seja incitado (provocado) nem obrigado a uma atividade sexual ilegal. Você tem direito à proteção para não ser explorado na prostituição nem na produção de fotos e filmes pornográficos.

ARTIGO 35
PROTEÇÃO CONTRA A VENDA

Você não pode ser retirado de seu ambiente, nem vendido.

ARTIGO 36
PROTEÇÃO CONTRA OUTRAS FORMAS DE EXPLORAÇÃO

Você não pode ser explorado de maneira nenhuma (para fins comerciais, por exemplo).

ARTIGO 37
PROTEÇÃO CONTRA A TORTURA E CONFINAMENTO (PERDA DE LIBERDADE)

Ninguém tem direito de torturar você, nem de lhe dar castigos cruéis ou degradantes (que humilhem você) Você não pode ser condenado à morte nem à prisão perpétua (por toda a vida). Você não pode ser preso sem razão. Tirar a liberdade de uma criança deve ser a última solução. Se você for privado da liberdade (preso), tem direito de ser tratado com respeito e humanidade. Se você for preso, deve ficar separado dos adultos e tem direito de continuar em contato com sua família, a não ser que isso possa prejudicar você. Você tem direito a diversos tipos de assistência, se for privado de sua liberdade.

ARTIGO 38
SE HOUVER UMA GUERRA

Em caso de guerra, os Estados devem proteger você conforme as regras dos direitos humanos. Se você tiver menos de 15 anos, não pode ser chamado a participar de uma guerra.

ARTIGO 39
READAPTAÇÃO E INSERÇÃO

Se alguma coisa ruim lhe acontecer, você tem direito à ajuda do Estado, para poder ter uma vida normal.

ARTIGO 40
JUSTIÇA E DIREITOS DOS MENORES

Se você fizer alguma coisa contra a lei, seus direitos fundamentais devem ser respeitados. Você tem direito à assistência de um advogado e de um intérprete, se for preciso. Você tem direito de saber de que é acusado. Você tem direito de ser considerado inocente até que seja provada sua culpa, se for o caso. O Estado deve adotar leis e procedimentos adequados aos menores de idade. Cada Estado deve definir a idade mínima para que alguém seja julgado (maioridade penal — no Brasil, 18 anos). O Estado deve organizar um sistema de educação e apoio para o menor infrator (que tiver feito alguma coisa ilegal).

ARTIGO 41
A PROTEÇÃO MAIS FAVORÁVEL

Se a lei do seu país for mais favorável a você do que a Convenção dos Direitos da Criança, vale o que diz essa lei.

ARTIGO 42
A DIVULGAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA

Os Estados devem informar os adultos e as crianças sobre o que diz esta Convenção.

A Família e a Escola dos meus sonhos

27/10/2006 pedimos a um grupo de crianças entre 7 e 14 anos, que participaram do 5° Concurso de redação Ler é Preciso, que nos contassem qual era sua visão da família que gostariam de formar e da escola em que gostariam de estudar. Estas são as visões:

"Uma família que não tem por que se desmanchar"

Família 1

- Mais ou menos 5 pessoas, incluindo empregada doméstica-babá (depende da condição social)
- Animal de estimação
- Casa com quintal, piscina, uma suíte para cada um (casa de 200 m²)
- Pais em empregos com mais tempo para cuidar dos filhos (exemplo: pai arquiteto, mãe cirurgiã plástica)
- 3 anos de diferença entre filhos
- 2 carros na garagem
- Babá experiente
- Tarefas domésticas divididas
- Diálogos antes de dormir
- Pais trabalham em dias alternados, das 9:00 às 17:30
- Filhos estudam das 9:00 às 13:00 e a babá vai buscar na escola
- Castigo: tirar o que a criança gosta — sem castigo físico
- Pais vão a reuniões na escola
- Filhos têm tarefas na casa para serem mais responsáveis e independentes
- Diversão depois da obrigação

Família 2

- Responsabilidade na decisão de formar família
- Emprego para construir e sustentar família
- Ter casa ou pelo menos condição de comprar uma
- Casa é melhor que apartamento
- Morar longe da família de origem (para não interferirem na educação dos filhos)
- Um animal de estimação
- Casa grande bem localizada
- Pai e mãe trabalham fora
- Tarefas da casa divididas
- Pais vão a reuniões na escola e acompanham o estudo
- Mãe volta ao trabalho quando o bebê tem 4 meses
- Filho fica na creche (melhor que babá, por causa da convivência)
- Número de filhos compatível com a situação financeira da família
- Criação paciente e compreensiva
- Não se faz diferença entre os filhos, são tratados igualmente, mesmo que sejam de outros casamentos
- Punição só em último caso, e nunca violência: conversar antes, e castigar explicando por que, então cortar uma regalia
- Casal que se ama
- Um carro para cada um
- Filhos estudam na rede pública
- Atividades culturais em família
- Fidelidade do casal
- Respeito, amor, educação

"Escola Estadual Expresso dos Sonhos"

Escola 1

- Atende desde o berço até os que trabalham (estudo noturno)
- Precisa ter mais respeito com qualquer tipo de alunos ou professores
- Todos precisam saber a hora certa para fazer alguma coisa, para que não haja confusão
- Alunos precisam ter educação, sinceridade e união
- Professores precisam ter mais conselhos para os alunos, força e coragem para vencer os obstáculos
- Um professor por matéria
- Duas quadras de esporte
- Não tem cantina
- Piscina para aula de natação
- Uma biblioteca para alunos de 5ª série acima, outra para os pequenos
- Uniforme para todos
- Salas com 20 alunos
- Parquinho para as crianças até 1ª série
- Uma sala para conversar com alunos e com pais

Escola 2

- Sem os alunos que usam drogas, que atrapalham os outros e que fazem bagunça (iriam para escolas especiais)
- Atividades extra-curriculares
- Reformar as escolas "detonadas"
- Rondas escolares (para evitar alunos fora de aula)
- Portaria com pelo menos dois seguranças
- Laboratórios de química
- Laboratório de informática
- Biblioteca
- Escola com espaço
- Professores de educação física com boa forma
- Sala de vídeo com slide
- Aulas de línguas
- Excursões
- Áreas de lazer (quadras)
- Cantina
- Merenda de boa qualidade e variada
- Sem uniforme

Escola 3

- Aula de ética
- Aulas 100% interdisciplinares
- Professores pacientes
- Alunos educados e sinceros
- Informatizada
- Intercâmbio com outras escolas
- Grémio estudantil atuante
- Alunos interessados
- Sem grades
- Biblioteca
- Escola bem higiênica
- Todo mês, bate-papo com os pais
- Projetos que incentivem a leitura
- Lugar para o aluno se expressar
- Professores mais dedicados
- Total assistência ao aluno
- Visitas de profissionais da saúde
- Professores compreensivos
- Prédio bem grande, mas não tão grande, para melhor controle
- Segurança
- Sem nenhum tipo de preconceito
- Inclusão de pessoas excepcionais para melhor experiência dos alunos
- Prédio com boa aparência
- Nenhum funcionário mal-humorado
- Alunos conscientes
- Aulas dinâmicas que não fiquem apenas no giz e na lousa

1ª e 2ª séries

Juarez Machado
Emoções
Agir

José Paulo Paes
Poemas para brincar
O menino de olho d'água
Ática

Mariana Massarani
Victor e o jacaré
Studio Nobel

Silvia Orthof
Mudanças no galinheiro mudam as coisas por inteiro
Memórias Futuras

André Neves
Seca
Paulinas

Rubens Matuck
A ararajuba
Biruta

Rubens Matuck
A baleia corcunda
O beija-flor de topete
O lobo guará
A caatinga
Biruta

Almir Correia
Anúncios amorosos dos bichos
Biruta

Anita Jeram
Como eu gosto do meu livro de histórias
Martins Fontes

Roberto Caldas
A menina das borboletas
Paulus

Joel Rufino dos Santos
O curumim que virou gigante
Ática

José Paulo Paes
Olha o bicho
Ática

Mário Vale
Pássarolindo
RHJ

Ziraldo
Além do rio
A bela borboleta
Melhoramentos

Silvia Orthof
Galo, galo não me calo
Formato

Eva Furnari
A menina da árvore
Studio Nobel

3ª e 4ª séries

Ruth Rocha
Procurando Firme
Ática
A menina que aprendeu a voar
Atrás da porta
Salamandra

Roger Mello
Meninos do mangue
Companhia das Letrinhas

Ana Maria Machado
Abrindo caminho
Na praia, e no luar, tartaruga quer o mar
Ática
A jararaca, a perereca e a tiririca
Gente, bicho, planta: o mundo me encanta
Nova Fronteira
Bisa Bia, Bisa Bel
Salamandra

Lygia Bojunga
A casa da madrinha
Casa Lygia Bojunga

Ziraldo
Menino do Rio Doce
Cia das Letras
Uma professora muito maluquinha
Melhoramentos

Odilon Moraes
Pedro e lua
Cosac Naify

Rosa Amanda Strausz
Uólace e João Victor
Objetiva

Bartolomeu Campos de Queirós
Minerações
RHJ

Juca Kfouri
O passe e o gol
Papagaio

Gabriel, o pensador
Um garoto chamado Rorbeto
Cosac Naify

Franziska Biermann
O Sr. Raposo adora livros!
Cosac Naify

Caio Fernando Abreu
Girassóis
Global

Adriana Falcão
Luna Clara & Apolo Onze
Salamandra

Fernanda Lopes de Almeida
A fada que tinha idéias
Ática

Marina Colasanti
A moça tecelã
Global

Wander Piroli
Os rios morrem de sede
Moderna

5ª e 6ª séries

Sulami Katy
participação Heloisa Prieto & Daniel Munduruku
Meu lugar no mundo
Ática

Marina Colasanti
O verde brilha no poço
Global

Carlos Rodrigues Brandão
O jardim de todos
Autores Associados

Lygia Bojunga
A bolsa amarela
Tchau
A casa da madrinha
Casa Lygia Bojunga

Daniel Munduruku
Você lembra, pai?
Global

Eliane Ganem
Do outro lado do tabuleiro
Record

Mirna Pinsky
Nó na garganta
Geração

Jostein Gaarder & Klaus Hagereps
A biblioteca mágica de Bibbi Bokken
Cia. das Letras

Rogério Andrade Barbosa
O filho do vento
DCL

Angela Lago & Gisele Lotufo
A raça perfeita
Projeto

Márcia Kupstas
É preciso lutar
FTD

Bartolomeu Campos de Queirós
Ler, escrever e fazer conta de cabeça
Global

William Shakespeare
Romeo e Julieta
Otelo
Contos de Inverno
Editora Dimensão

7ª e 8ª séries

Nilma Lacerda
Pena de Ganso
DCL

Lygia Bojunga
Sapato de salto
Casa Lygia Bojunga

Prosper Merimée
Francisco Balthar Peixoto (tradução)
Carmem
FTD

Jorge Miguel Marinho
Lis no peito
Biruta

Bartolomeu Campos de Queirós
O olho de vidro de meu avô
Moderna

Jostein Gaarder
O mundo de Sofia
Cia das Letras

Marina Colasanti
Doze reis e a moça no labirinto do vento
Global

Ronald Claver
Histórias de um professor de História
Lê

Katherine Paterson
Ponte para Terabítia
Salamandra

Jorge Amado
Capitães de areia
Record

Clarice Lispector
Felicidade clandestina
Rocco

Fanny Abramovich
Que raio de professora sou eu?
Scipione

Ensino Médio

Ivan Sant'anna
Bicho solto
Ed. Objetiva

Nilma Lacerda
Pena de Ganso
DCL

Florência Ferrari
Palavra cigana: seis contos nômades
Cosac Naify

Alcione Araújo
Urgente é a vida
Record

Este livro é resultado do encontro de textos de crianças e jovens que não sonham alto por medo, falta de expectativas, desconhecimento ou carência de coisas a que, por lei e por direito, deveriam ter acesso em textos de gente que tem coisas a dizer e a compartilhar, textos que merecem a atenção de muitos olhos e ouvidos: são inspiração, conhecimento e ações propositivas que podem levar mais gente a ver e a promover em menos tempo um mundo mais bonito, mais limpo, mais justo, mais feliz.

Essa idéia de mundo tem o nome de sustentabilidade e este é o conceito básico deste livro: sustentabilidade da natureza, das interações, da educação, dos direitos humanos, como disciplina escolar... enfim, sustentabilidade da Vida para os habitantes do planeta — agora, e depois, e depois...

REALIZAÇÃO

INSTITUTO ECOFUTURO